



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS  
LINGUÍSTICOS**



**STEPHANNE DA CRUZ SANTIAGO**

**MEU CARO EUDALDO: EDIÇÃO DOS RASCUNHOS DE CARTAS DO CADERNO  
*FARMÁCIA SÃO JOSÉ*, DE EULÁLIO MOTTA**

O presente trabalho foi realizado com apoio da  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal  
de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código  
de Financiamento 001.

**STEPHANNE DA CRUZ SANTIAGO**

**MEU CARO EUDALDO: EDIÇÃO DOS RASCUNHOS DE CARTAS DO CADERNO  
*FARMÁCIA SÃO JOSÉ*, DE EULÁLIO MOTTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

**Orientadora:** Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros.

Feira de Santana  
2021

### **Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado**

S226m Santiago, Stephanie da Cruz

Meu caro Eudaldo: edição dos rascunhos de cartas do caderno  
*Farmácia São José*, de Eulálio da Motta / Stephanie da Cruz  
Santiago. –, 2021.  
294f.: il.

Orientadora: Liliane Lemos Santana Barreiros  
Dissertação(mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana,  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2021.

1. Eulálio Motta – Crítica e interpretação. 2. Linguística – Crítica  
textual. 3. Epistolografia. I. Barreiros, Liliane Lemos Santana, orient.  
II. Universidade Estadual de Feira de Santana. IV. Título.

CDU: 801

## TERMO DE APROVAÇÃO

### DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

STEPHANNE DA CRUZ SANTIAGO

### MEU CARO EUDALDO: EDIÇÃO DOS RASCUNHOS DE CARTAS DO CADERNO *FARMÁCIA SÃO JOSÉ, DE EULÁLIO MOTTA*

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, área de concentração Linguagem e Sociedade, Linha de Pesquisa Variação e Mudança Linguística no Português, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 18 de fevereiro de 2021.

### BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros – Orientadora  
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)



---

Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros – Membro interno  
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)



---

Prof. Dr. Arivaldo Sacramento de Souza – Membro externo  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me sustentar durante todo o ano de 2020 e na escrita desta dissertação;

Ao meu esposo, Iago Gusmão Santiago, por ser a *minha pessoa* e sempre estar ao meu lado, em qualquer circunstância, com apoio e amor incondicional;

À CAPES, pelo incentivo financeiro tão importante que proporcionou dedicar-me exclusivamente a este trabalho;

À minha (grande) família que me apoiou durante todo o percurso de escrita e prezou por meu bem-estar de todas as formas possíveis. Em especial, agradeço à minha avó, Elizete Silva Pimentel, por todas as orações, por ter me criado com amor e insistido em meus estudos; aos meus pais, Itamar Pimentel da Cruz e Alexandra Maria Oliveira, por todo afeto e suporte e aos meus irmãos, tios e primos que são sempre o motivo de meu riso;

À minha orientadora, Liliane Lemos Santana Barreiros, por todos os conselhos e por sanar as questões que lhe apresentava, sendo sempre presente e orientando com zelo;

Ao meu eterno orientador, Patrício Nunes Barreiros, por acreditar em mim e me instigar a voos sempre mais altos;

A Arivaldo Sacramento, por acompanhar todo o processo de escrita deste trabalho de perto, sempre solícito a ajudar. Lhe sou muito grata;

Aos professores e funcionários da Universidade Estadual de Feira de Santana, pois fizeram com que ela se tornasse a minha segunda casa e me receberam de braços abertos desde a graduação;

A todos os meus colegas e amigos que fazem parte do *Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais*, por me auxiliarem sempre em minha trajetória de pesquisa. A nossa união eulaliana faz a força;

Aos meus amigos, também chamados de alívio cômico da série de minha vida, por todos as risadas e conselhos, por todos os empréstimos de livros e leituras amigas. Em especial, agradeço a Lara Cardoso, Juliana Rocha, Sabrina Santana, Liz Mota, Sheila Cardoso, Kate Rayanny, Pâmella Cintra, Conceição de Jesus, Luciane Soares, Dayane de Cássia, Bruna Oliveira, Nathalia Dantas e Vanessa Barrêto, por sempre estarem lá por mim, seja para puxar minha orelha ou dar risada junto comigo (ou de mim, depende). A Judie Kristie e Fabiana Léo por todo apoio paleográfico dado, não sei como agradecer. São muitos amigos e ainda faltam, sou abençoada;

Ao meu caro Eulálio Motta (*in memoriam*), com todas as polêmicas e os argumentos bem elaborados que fizeram com que este trabalho fosse feito com mais leveza e divertimento. Obrigada por guardar parte de sua vida para nós.

Escrevo estas palavras, para gravar este estado de espírito, esta inquietude afetiva em que estou e da qual partirei para a Morte ou para a Vida (MOTTA, 1943, p. 156).

## RESUMO

*Meu caro Eudaldo: edição dos rascunhos de cartas do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta* é um trabalho realizado com base no acervo de Eulálio de Miranda Motta, escritor de Mundo Novo–BA, que arquivou, dentre outros documentos variados, 15 cadernos manuscritos. Entre eles, o caderno *Farmácia São José*, que tem 132 textos de temáticas diversas, predominando a religiosa, sendo 53 destes rascunhos de cartas. Dezenove desses rascunhos foram destinados a um amigo de infância de Motta, Eudaldo Silva Lima, escritos durante o período de 1941 e 1942, e serviram de palco para um debate religioso sobre o catolicismo e o protestantismo que transcendeu o âmbito privado. A partir desse *corpus*, discutiu-se, com base nos pressupostos da crítica textual brasileira (CAMBRAIA, 2005; BORGES e SOUZA, 2012; BARREIROS, 2015), portuguesa (DUARTE, [1997-]), norte-americana (WILLIAMS e ABBOTT, 1999; SHILLINGSBURG, 2004) e francesa (CERQUIGLINI, 2000); da crítica genética brasileira (PINO e ZULAR, 2007) e francesa (HAY, 2007; BIASI, 2010) acerca algumas questões que envolvem a edição e a transcrição de documentos que apresentam marcas de processo de escrita, como rasuras e emendas. Para fundamentar a edição, utilizou-se também as discussões de McKenzie (2005) e Moreira (2012) que tratam da importância de explorar além do código linguístico dos documentos em virtude de atender as suas necessidades contextuais e materiais em uma edição. Além disso, é apresentada uma descrição geral do epistolário presente no acervo de Eulálio Motta, revelando sua produção de rascunhos de cartas nos cadernos de trabalho, os destinatários e os diferentes usos do gênero, correlacionando-o com os rascunhos de cartas no caderno *Farmácia São José*. Para mais, têm-se a edição documental com a descrição material (MILEVSKI, 2001; PAGLIONE, 2017), a apresentação da estrutura interna do caderno, a contextualização do perfil religioso de Motta e a descrição temática do *corpus* editado, bem como as transcrições genéticas e a preparação destas para o processamento no *software AntConc*, para estudo linguístico, com base nas discussões da linguística de corpus e da preparação de *corpora* para estudos lexicais (BERBER SARDINHA, 2004; OTHERO, 2016; BARREIROS, L., 2017). Este trabalho demonstra relevância ao tratar sobre edições de documentos com marcas de processo de escrita, apresentar uma edição de documentos que revelam uma discussão religiosa sobre catolicismo e protestantismo entre um escritor do interior da Bahia e um pastor presbiteriano, também natural de Mundo Novo–BA, editar documentos que podem proporcionar estudos sobre o cenário modernista da Bahia e por preparar *corpora* para o estudo lexical utilizando o *software AntConc*. Todos esses elementos sobre os quais este trabalho buscou contemplar são de interesse dos projetos *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta* e *Estudos lexicais no Acervo de Eulálio Motta*.

**Palavras-chave:** Crítica Textual. Crítica Genética. Epistolografia. Rascunho de carta. Eulálio Motta.



## ABSTRACT

*Meu caro Eudaldo: edição dos rascunhos de cartas do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta* is a work based on the personal holdings of Eulálio de Miranda Motta, writer from Mundo Novo–BA, who kept, among other varied documents, 15 handwritten notebooks. Among them, the *Farmácia São José* draftbook, that has 132 texts presenting different subject-matters, predominantly religious, which 53 of them are drafts of letters. Nineteen of these drafts were written to be sent to a Motta's childhood friend named Eudaldo Silva Lima, were written between 1941 and 1942, and served as a stage for a religious debate about Catholicism and Protestantism that transcended the private sphere. Taking this corpus as base, it was discussed, using texts of Scholarly Edition from Brazil (CAMBRAIA, 2005; BORGES e SOUZA, 2012; BARREIROS, 2015), Portugal (DUARTE, [1997-]), USA (WILLIAMS and ABBOTT, 1999; SHILLINGSBURG, 2004) and France (CERQUIGLINI, 2000), and also texts of Genetic Criticism from Brazil (PINO and ZULAR, 2007) and France (HAY, 2007; BIASI, 2010) some issues involving the editing and transcription of documents that present marks of the writing process, such as erasures and amendments. To support theoretically the edition, it was also used the discussions of McKenzie (2005) and Moreira (2012), which deal with the importance of exploring beyond the linguistic code of the documents in order to meet the contextual and material needs of a document in an edition. It is also presented a general contextualization of the epistolary kept in the holdings of Eulálio Motta, revealing his production of drafts of letters in his work notebooks, his addressees and the different uses of the genre, correlating with the production of drafts of letters in the *Farmácia São José* draftbook. Furthermore, a documentary edition with the material description is presented (MILEVSKI, 2001; PAGLIONE, 2017), the internal structuring of the notebook, the contextualization of Motta's religious profile and the thematic description of the edited corpus, as well as the genetic transcriptions and their preparation for processing in the AntConc software, due to linguistic study, based on the discussions of the Corpus Linguistics and the preparation of corpora for lexical studies (BERBER SARDINHA, 2004; OTHERO, 2016; BARREIROS, L., 2017). This work shows relevance for dealing with editions of documents with marks of writing process, presenting an edition of documents that reveal a religious discussion about Catholicism and Protestantism between a writer from the interior of Bahia and a Presbyterian pastor, also born in Mundo Novo–BA, for editing documentation that can provide studies about the Bahian modernist scenario and for preparing corpora for the lexical study using the AntConc software. All these elements that this work aimed to contemplate are in the interest of the projects *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta* and *Estudos lexicais no Acervo de Eulálio Motta*.

**Keywords:** Scholarly Edition. Genetic Criticism. Epistolography. Drafts of letters. Eulálio Motta.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Critérios adotados para a edição de <i>Billy Budd</i> , de Herman Melville	44
Figura 02	Continuação dos critérios adotados para a transcrição do texto genético de <i>Billy Budd</i> , de Herman Melville	45
Figura 03	Texto genético do estágio de escrita A de <i>Billy Budd</i> , de Herman Melville	46
Figura 04	Fac-símile da página 89 do caderno <i>Farmácia São José</i> , de Eulálio Motta	50
Figura 05	Anotação sobre correspondências na caderneta <i>Anotações</i>	75
Figura 06	Endereço de Edy na caderneta <i>Anotações</i>	77
Figura 07	Última anotação de envio de correspondência para Edy na caderneta <i>Anotações</i>	78
Figura 08	Anotação do endereço e do telefone de Eudaldo Lima na caderneta <i>Anotações</i>	79
Figura 09	Carta para Jairo Almeida	81
Figura 10	Cartão postal de aniversário para Ailda Motta (frente e verso)	83
Figura 11	Fotografia postal de Eulálio Motta para Eremita Motta (frente e verso)	84
Figura 12	Fotografia postal de Naidir para Zenita e Edith Motta (frente e verso)	84
Figura 13	Fotografias de Eulálio Motta soldado com dedicatórias (frente e verso)	85
Figura 14	Fotografia da casa de Eudaldo Lima em Brasília-DF (frente e verso)	86
Figura 15	Fotografia de Eudaldo Lima e Eudaldo Lima Junior (frente e verso)	86
Figura 16	Cartão de natal e ano novo, de Amando e família para Ailda Motta	88
Figura 17	Santinho da primeira comunhão de Arnou Lima de Miranda	89
Figura 18	Santinho de feliz ano novo, de Zenita Motta para sua mãe	89
Figura 19	Cartão fúnebre de Waldomiro Antonio de Souza, dado a Eulálio Motta	90
Figura 20	Cartão postal de Mita para Rita Motta e Zeca, datado de 1990	91
Figura 21	Cartão fúnebre de Rita Motta de Almeida, datado de 2005	92
Figura 22	Capa frontal e capa de fechamento do caderno <i>Farmácia São José</i>	96
Figura 23	Canaleta externa, meia lombada, ponteira e lombada do caderno FSJ	97

Figura 24	Cortes superior, anterior e inferior do caderno <i>Farmácia São José</i>	97
Figura 25	Seixas, contraguarda, guarda-volante e miolo do caderno <i>Farmácia São José</i>	98
Figura 26	Coifa inferior e cadernos do caderno <i>Farmácia São José</i>	98
Figura 27	Abrasão no caderno <i>Farmácia São José</i>	99
Figura 28	Delaminação no caderno <i>Farmácia São José</i>	99
Figura 29	Miolo parcialmente rompido no caderno <i>Farmácia São José</i>	100
Figura 30	Capa frontal e capa de fechamento do caderno <i>Bahia Humorística</i>	101
Figura 31	Coifa, corte inferior e lombada do caderno <i>Bahia Humorística</i>	102
Figura 32	Parte interna da encadernação do caderno <i>Bahia Humorística</i>	102
Figura 33	Capa frontal e capa de fechamento do caderno <i>Lágrimas</i>	103
Figura 34	Coifas superior e inferior e lombada do caderno <i>Lágrimas</i>	103
Figura 35	Índice do caderno <i>Farmácia São José</i> (guarda-volante superior, reto)	105
Figura 36	Página 157 escrita a lápis e inteiramente apagada por borracha, no caderno FSJ	107
Figura 37	Folhas arrancadas do caderno <i>Farmácia São José</i>	108
Figura 38	Enumeração do caderno FSJ, atribuída por Eulálio Motta	109
Figura 39	Testemunho impresso e manuscrito do poema <i>Prece...</i> , caderno FSJ	110
Figura 40	Rascunho de carta <i>Reverendissimo Padre D. Francisco Leite: Louvado seja N. S. Jesus Cristo</i> , caderno FSJ	113
Figura 41	Estruturação do rascunho do poema <i>Sombras</i> , caderno FSJ	122
Figura 42	Estruturação do rascunho de crônica <i>Deuses</i> , caderno FSJ	123
Figura 43	Estruturação do rascunho de carta <i>Preciso lhe falar</i> , caderno FSJ	124
Figura 44	Estruturação do rascunho da carta aberta <i>Refutações a um livro protestante, a pedido de uma “amiga catolica, evangelica, de Maine.”</i> , caderno FSJ	125
Figura 45	Apêndices do rascunho da carta aberta <i>Refutações a um livro protestante, a pedido de uma “amiga catolica, evangelica, de Maine.”</i> , caderno FSJ	126
Figura 46	Anotações cotidianas de Eulálio Motta, <i>Junho [1942]</i> e <i>Julho [1942]</i> , caderno FSJ	128
Figura 47	A primeira e a última anotação diária de Eulálio Motta na 2ª seção do caderno FSJ	129

Figura 48	Rasura de substituição por sobreposição, na página 15 do caderno <i>Farmácia São José</i>	247
Figura 49	Ditongo nasal <ão> escrito como <aõ>, na página 34 do caderno <i>Farmácia São José</i>	247
Figura 50	Transcrição sem adaptação no <i>AntConc</i> , na ferramenta <i>Word List</i>	248
Figura 51	Transcrição com adaptação no <i>AntConc</i> , na ferramenta <i>Word List</i>	251
Figura 52	Transcrição com adaptação no <i>AntConc</i> , na ferramenta <i>Concordance</i>	252

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01	As cartas de Eulálio Motta no Caderno <i>Monitor</i>	66
Quadro 02	Rascunhos de cartas nos cadernos de trabalho de Eulálio Motta	68
Quadro 03	Correspondência de Eulálio Motta	70
Quadro 04	Descrição dos textos do caderno <i>Farmácia São José</i>	115
Quadro 05	Rascunhos de cartas destinados a Eudaldo Lima, no caderno FSJ	137
Quadro 06	Critérios de transcrição do projeto <i>Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta</i> ampliados e adaptados	157
Quadro 07	Operadores genéticos utilizados nas transcrições do projeto <i>Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta</i> ampliados e adaptados	159

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 -	Projetos de obras inéditas de Eulálio Motta	59
Tabela 02 -	Outras edições realizadas no acervo	60
Tabela 03 -	Documentos dispersos no caderno <i>Farmácia São José</i>	130

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Gêneros textuais do caderno *Farmácia São José*

112

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACB -	Ação Católica Brasileira
AIB -	Ação Integralista Brasileira
E.g. -	Exempli gratia
FSJ -	Farmácia São José
Snr -	Senhor
P.C. do B -	Partido Comunista do Brasil
PC do Brasil -	Partido Comunista do Brasil
Pe. -	Padre
PL -	Partido Libertador
PMDB -	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PSD -	Partido Social Democrático
UDN -	União Democrática Nacional



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	18
<b>2 O RASCUNHO NA CRÍTICA TEXTUAL</b>	22
2.1 CRÍTICA TEXTUAL E CRÍTICA GENÉTICA	22
2.2 A CRÍTICA TEXTUAL E A EDIÇÃO DE RASCUNHOS	31
<b>3 O EPISTOLÁRIO DO ACERVO DE EULÁLIO MOTTA</b>	54
3.1 O ACERVO E O ESCRITOR	54
3.2 O GÊNERO EPISTOLAR NO ACERVO DE EULÁLIO MOTTA	61
<b>3.2.1 Rascunhos de carta nos cadernos</b>	65
<b>3.2.2 Cartas avulsas</b>	80
<b>3.2.3 Cartões e fotografias</b>	82
<b>4 EDIÇÃO DOS RASCUNHOS DE CARTA DESTINADOS A EUDALDO LIMA, NO CADERNO <i>FARMÁCIA SÃO JOSÉ</i></b>	93
4.1 O CADERNO <i>FARMÁCIA SÃO JOSÉ</i> , DE EULÁLIO MOTTA	93
4.2 “MEU CARO EUDALDO”: DISCUSSÃO RELIGIOSA NO CADERNO <i>FARMÁCIA SÃO JOSÉ</i>	131
4.3 TRANSCRIÇÕES DOS RASCUNHOS DE CARTAS	156
<b>Rascunho de carta 1 - <i>Meu caro Eudaldo: <u>Saudações</u></i></b>	167
<b>Rascunho de carta 2 - <i>Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)</i></b>	170
<b>Rascunhos de carta 3 e 4 - <i>a) Meu amigo:   Você, protestante convicto e Meu amigo:   Promessa é dívida</i></b>	182
<b>Rascunho de carta 5 - <i>Eudaldo amigo: Saudações   Na minha primeira cronica sobre o livro do Snr. Basilio</i></b>	189
<b>Rascunho de carta 6 - <i>Eudaldo amigo <u>Salutem!</u>   Ausente, em trabalhos na Fazenda</i></b>	193
<b>Rascunho de carta 7 - <i>Eudaldo: <u>Salutem!</u>   Em mãos a sua carta de 20 do corrente</i></b>	196
<b>Rascunho de carta 8 - <i>Eudaldo: <u>Salutem</u>   Em mãos a sua carta de 31 de</i></b>	198

<i>dezembro</i>	
<b>Rascunho de carta 9</b> - <i>Eudaldo amigo: <u>Salutem!</u>   Por intermedio de um amigo</i>	205
<i>Frei Felix</i>	
<b>Rascunho de carta 10</b> - <i>Eudaldo amigo: <u>Salutem!</u>   Acabo de ler “O Papado e a</i>	206
<i>Infalibilidade”</i>	
<b>Rascunho de carta 11</b> - <i>Eudaldo amigo: Respondendo... I</i>	208
<b>Rascunho de carta 12</b> - <i>Respondendo II   Eudaldo: <u>Há ou não há</u></i>	210
<i>intermediario?</i>	
<b>Rascunho de carta 13</b> - <i>Respondendo... III</i>	213
<b>Rascunhos de carta 14 e 15</b> - <i>Eudaldo amigo: <u>Salutem!</u> 5-2-942 e Eudaldo:</i>	219
<i>Saudação   Em mãos a sua carta de 2 do corrente</i>	
<b>Rascunho de carta 16</b> - <i>Eudaldo: <u>Saudações</u>   Em mãos a sua carta de 27 de</i>	231
<i>fevereiro</i>	
<b>Rascunho de carta 17</b> - <i><u>Eudaldo Saudações</u>   Em mãos o jornalzinho com a sua</i>	232
<i>“Declaração Oportuna”</i>	
<b>Rascunho de carta 18</b> - <i>Eudaldo: Resposta oportuna</i>	233
<b>Rascunho de carta 19</b> - <i>Ponto final</i>	238
4.4 FILOGIA E LINGUÍSTICA COMPUTACIONAL	240
4.4.1 Adaptação do <i>corpus</i> para o processamento no <i>software AntConc</i>	245
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	284
<b>REFERÊNCIAS</b>	287

## 1 INTRODUÇÃO

Conhecido por muitos como o ‘poeta da cidade’ de Mundo Novo–BA, Eulálio de Miranda Motta foi uma figura de destaque e relevância em sua terra natal, onde uma rua e uma biblioteca levam seu nome como forma de homenagem. Sendo um ávido escritor, produziu e manteve próximo de si diversos documentos ao longo de sua vida, inclusive documentação de terceiros. Tal prática de arquivamento documental resultou em um amplo acervo pessoal que hoje é objeto de estudo de várias pesquisas nas áreas de crítica textual, história, literatura e linguística. Além da sua formação acadêmica em farmácia e de sua atuação profissional na área, Eulálio Motta foi fazendeiro e representante de associações em seu município. Inclinou-se para a escrita com bastante atenção e dedicação, atuando como jornalista, publicando diversas críticas sobre suas leituras de cunho político, religioso, social, literário; comentando notícias e, além de tudo, publicando suas produções literárias, como poemas, causos, crônicas e cordéis. Atuou também como pasquineiro, publicando panfletos contendo propagandas políticas, assuntos religiosos e poemas.

Muitas informações sobre o autor em sua vida pessoal e profissional foram trazidas à luz graças ao seu acervo, por meio de textos autorais que foram mantidos em cadernos ou em avulso. No acervo, destacam-se 15 cadernos que foram guardados pelo autor e que abrigam uma vasta documentação inédita manuscrita. Por conta disso, os cadernos têm um valor inestimável para as pesquisas, tanto para conhecer mais sobre a história do escritor e sua comunidade, quanto para compreender e difundir sua obra, por meio da publicação dos inéditos e do estudo da sua produção, contribuindo para a compreensão acerca da literatura produzida no interior da Bahia, especialmente, do cenário modernista.

Por meio de seu acervo, foi possível saber que Motta era um empenhado escritor de correspondências que mantinha guardados cadernos e outros documentos, como cartas e livros, para revisitá-los em diferentes momentos de sua vida, servindo de fonte para a escrita de novos textos. Seu acervo também revela o apreço que tinha pela memória ao guardar cartões de eventos familiares e fotografias de parentes e de pessoas próximas. Revela que era bastante organizado em assuntos do dia-a-dia e questões administrativas, há copiosas anotações sobre transações financeiras e assuntos da fazenda, bem como anotações de atividades diárias, como o envio de cartas, viagens, idas à fazenda, acontecimentos da cidade - falecimentos, velórios, enfermidades. Além disso, nos documentos do acervo, Motta se mostra engajado em movimentos locais, de cunho político e religioso e em questões administrativas agrárias, sendo participante de assembleias, reuniões e associações que

envolvem estes assuntos. Há também, nesse sentido, rascunhos de discursos e cartas no caderno *Farmácia São José*, que se caracteriza como uma rica fonte de informações acerca da vida do escritor.

Ao levar em conta o valor do acervo de Eulálio Motta, o projeto de pesquisa *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta* (UEFS/CONSEPE, Resolução N° 128/2008 e N° 070/2016), coordenado pelo Professor Dr. Patrício Nunes Barreiros, tem como proposta fundamental editar e publicar a obra do escritor em meio impresso e digital, para que, enfim, sua obra seja difundida. O projeto visa dar continuidade aos projetos de publicação que foram idealizados por Eulálio Motta, que, por diversos motivos, não foram viabilizados durante sua vida. As edições feitas no projeto seguem critérios filológicos, buscando sempre manter confiáveis os aspectos linguísticos do documento, além de dar atenção ao movimento da escrita, aspectos de sua materialidade e contexto, que constituem parte da sócio-história do documento. Buscando representar a movimentação da escrita, foi elaborado por Barreiros (2013; 2015) um conjunto de operadores genéticos para ser utilizado na transcrição dos textos que permite realizar uma transcrição registrando as alterações nos processos de escrita (rasuras, interpolações, emendas, etc.).

Em meio aos 15 cadernos arquivados pelo autor em seu acervo, encontra-se o caderno *Farmácia São José*, que tem 296 páginas e apresenta uma grande quantidade de rascunhos de textos de gêneros e temáticas variadas. O gênero que mais se destaca no caderno é o epistolar, que conta com 53 textos ao todo, sendo a temática religiosa a mais recorrente, ocupando 41 rascunhos de cartas. Desses rascunhos de cartas, 19 foram destinados a Eudaldo Silva Lima, pastor presbiteriano e seu amigo de infância, tornando-se o principal destinatário do caderno.

Nesta dissertação, buscou-se realizar a edição e a preparação de *corpus* para estudo lexical dos 19 rascunhos de cartas religiosas destinadas a Eudaldo Lima que se encontram no caderno *Farmácia São José*, também referido neste trabalho como FSJ. Observou-se no *corpus* da pesquisa a necessidade de discutir a natureza da transcrição e da edição realizada, considerando a especificidade dos documentos, por se tratarem de rascunhos que apresentam marcas físicas que demarcam processos de escrita, além de discutir a adaptação das transcrições do *corpus* para o seu processamento no *AntConc*, *software* de análise e levantamento lexical. Para tal, foi necessário voltar-se para as discussões da Crítica Textual e da Crítica Genética em virtude de pensar a natureza do objeto e o tipo de transcrição e edição que explorasse e evidenciasse as características do *corpus* em questão. Por parte do trabalho se tratar da preparação de *corpus* para estudo linguístico, foi preciso refletir sobre a manipulação do *corpus* de forma que os dados não fossem ignorados ou perdidos e, por isso,

foi necessário realizar a adaptação dos textos transcritos mediante critérios apresentados na seção 4.

Para a realização do trabalho, fez-se a consulta à documentação do acervo de Eulálio Motta que se encontra disponível no *Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais* (neiHD), situado na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). A presente pesquisa está vinculada a dois projetos desenvolvidos no neiHD, ambos cadastrados no Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) da UEFS: *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta* (UEFS/CONSEPE, Resolução N° 128/2008 e N° 070/2016) e *Estudos lexicais no acervo de Eulálio Motta* (UEFS/CONSEPE, Resolução N° 137/2017). Então, foi feita a edição do *corpus* e, em sequência, a adaptação das transcrições para ser utilizada no *AntConc*, software gratuito de análise linguística.

A edição e a preparação de *corpus* para estudo lexical dos rascunhos de cartas do caderno *Farmácia São José*, direcionados a Eudaldo Silva Lima, proporcionam uma reflexão acerca do objeto rascunho e qual a forma mais apropriada de lidar com ele, com base nas discussões da crítica textual e da crítica genética e também como lidar com a transcrição desse objeto ao inseri-la em programas computacionais de levantamento e análise linguística, constituindo um *corpus* confiável em virtude de proporcionar, futuramente, outros estudos linguísticos, sociais, históricos e literários. Para além disso, o estudo é de grande importância para a preservação da memória do escritor e da comunidade religiosa da qual fez parte, pois revela, aspectos da ideologia e a cultura da comunidade católica de Mundo Novo–BA.

Os rascunhos são amplamente estudados pela crítica genética, tendo seu espaço na crítica textual, por vezes, limitado. Há edições na crítica textual feitas a partir de rascunhos, com finalidade de estudos estilísticos ou em virtude do estabelecimento de textos críticos, porém, edições que considerem o movimento de escrita do rascunho como elemento fundamental na transcrição, em busca de representar o objeto como o mais próximo possível de sua realidade e utilizar esta transcrição como base da edição, não são comuns. Neste sentido, buscou-se discutir questões editoriais, na crítica textual, com a finalidade de explorar a movimentação da escrita como um elemento do tipo documental rascunho.

Devido a complexidade da transcrição codificada, houve a necessidade de realizar a adaptação do *corpus* devido a natureza da transcrição empreendida, visto que conta com diversos operadores genéticos no corpo do texto e outros elementos que a caracterizam, o que impossibilita o processamento no *software* em questão e, devido a isso, foram elaborados critérios para a adaptação das transcrições com o intuito de possibilitar a leitura dos textos e, consequentemente, das unidades lexicais.

A dissertação é composta por 4 seções. A primeira é esta introdução e na segunda seção, *O rascunho na Crítica Textual*, buscou-se traçar um paralelo entre a crítica textual e a crítica genética, em virtude de discutir o tratamento e a edição de rascunhos no âmbito da filologia, de forma que contemple as especificidades e a natureza desta categoria documental, observando os modelos de transcrição e edição adequados a esse tipo de *corpus*. Na terceira seção, *O epistolário do acervo de Eulálio Motta*, apresenta-se o acervo de Eulálio Motta, os trabalhos desenvolvidos, os projetos de publicação dentro do acervo; a discussão acerca do gênero epistolar, do gênero carta e de seu desdobramento, o rascunho de carta; os trabalhos já desenvolvidos em torno da produção de cartas por parte de Eulálio Motta, juntamente com a apresentação geral do epistolário presente no acervo do escritor e de documentos que revelem aspectos sobre a sua prática de escrita do gênero, em interseção com comentários acerca do *corpus* desta edição que contribuem para o entendimento da escrita de cartas por Motta.

Na quarta seção, *Edição dos rascunhos de carta destinados a Eudaldo Lima, no caderno Farmácia São José*, apresenta-se a edição do *corpus*, contendo a descrição da materialidade, da estruturação interna e dos textos contidos no caderno; informações sobre o perfil religioso de Eulálio Motta; a descrição temática dos dezenove rascunhos de cartas destinados a Eudaldo Silva Lima e suas transcrições; a ampliação dos critérios e operadores genéticos elaborados por Barreiros (2013; 2015) e utilizados para realizar as transcrições no âmbito de projeto *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta*; a adaptação das transcrições genéticas para o processamento no *software AntConc*, discutindo a interface entre linguística computacional, filologia e estudos lexicais. Por fim, têm-se as *Considerações finais*, evidenciando as contribuições desenvolvidas neste trabalho no que toca à filologia, em especial, o trato com rascunhos e acervo de escritor, e à linguística de corpus, com a preparação de *corpus* para levantamento e análise lexical, seguida das referências.

## 2 O RASCUNHO NA CRÍTICA TEXTUAL

Nesta seção, busca-se discutir, a partir do diálogo entre as áreas da crítica textual e crítica genética, o tipo de transcrição e de edição que proporcione a exploração de aspectos próprios da materialidade dos rascunhos, as “[...] marcas físicas de manipulação [...]” (DUARTE, [1997-], verbete *rascunho*, p. 12), como rasuras, emendas, apagamento etc., e funcionam como índices representativos do processo de escrita. Além disso, debate-se as abordagens da nova filologia francesa, a partir de Cerquiglini (2000), contrastando-a com a crítica genética. Também se discute a natureza do objeto deste trabalho, o rascunho, e sua composição – como os tipos de rasura, com base em Biasi (2010) – bem como a edição documental, com ênfase genética, no âmbito da filologia norte-americana, empregada em objetos similares ao *corpus* deste trabalho. Por fim, apresenta-se um exemplo da transcrição genética feita no âmbito do projeto *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta*.

### 2.1 CRÍTICA TEXTUAL E CRÍTICA GENÉTICA

Buscando tornar acessíveis os textos que, devido a lacuna do tempo de sua escritura, se tornaram pouco compreensíveis para os leitores da época, os filólogos da Biblioteca de Alexandria se empenharam no labor de iluminá-los no sentido de acrescentar informações que facilitassem ou até mesmo possibilitassem sua leitura, por meio da elaboração de glosas, comentários, revisões, catalogações, índices. Desde então, ao longo da tradição filológica, essa necessidade de dar acesso aos textos suscitou a preocupação de prepará-los para publicação, de forma que se tornassem inteligíveis, objetivo este que foi alcançado por meio da elaboração de edições.

Na tentativa de restituir e preservar os textos, as edições seguiram uma tendência higienista, em que se buscava corrigir os ‘desvios’, fosse da língua considerada ideal ou da versão do texto considerada ideal (vontade autoral), que, inevitavelmente, surgiam durante o processo de transmissão textual por meio de cópias. As práticas de edição se mantiveram sem uma base científico-metodológica até meados do século XIX, momento em que surge a crítica textual tradicional (filologia *strictu sensu*), por meio da discussão de Karl Lachmann acerca de um método para elaborar edições críticas de textos bíblicos que consistia em estudar a tradição do texto e estabelecer seu arquétipo.

A filologia, na condição de ciência que se especializou no estudo do texto escrito, devido a sua vasta tradição, pode ser definida de diversas formas, como estudo da cultura, da

literatura ou da história da língua. Neste trabalho, assume-se a acepção de filologia como ciência que tem por objeto o documento histórico, visando o seu estudo e a preparação de edições, atividade da crítica textual. Segundo Marquilhas ([2009-], verbete on-line):

Estudo do texto escrito na perspectiva de sua produção material, da sua transmissão através do tempo e da sua edição. O que é essencial no texto que constitui o objecto da *filologia* é o seu registo em suporte material, ficando os textos orais excluídos das preocupações desta disciplina. O termo evoluiu de uma acepção muito lata, romântica sobretudo, que englobava estudos literários e linguísticos, para o conceito estrito de disciplina concentrada na recriação das coordenadas materiais e culturais que presidiram à fabricação e sobrevivência de um texto escrito. A orientação última é a de preparar a edição do texto, daí que a *filologia* culmine na *crítica textual* (MARQUILHAS, [2009-], verbete on-line, grifo do autor).

A crítica textual tradicional, empreendida por Lachmann, tinha por objetivo reconstituir um original perdido, sendo aplicada a textos cujo o documento original era ausente. Num outro contexto, no século XX, surge a crítica textual moderna, que lida com o texto original presente e objetiva elaborar uma edição que tem como resultado um texto aproximadamente representativo do ânimo autoral. Esses dois contextos da prática filológica são importantes para compreender as diferenças de abordagens e de objetivos.

Muito se discute sobre o objeto da crítica textual, pois é comum encontrar os termos ‘texto’ e ‘documento’ utilizados como equivalentes para designar esse objeto, sem refletir sobre suas diferenças de significado e o que elas implicam. A noção de texto que foi desenvolvida dentro da filologia tradicional é a de um constructo linguístico, constituído e materializado em uma sequência de caracteres alfanuméricos (BARREIROS, 2015). Adotar o uso do termo ‘texto’ para se referir ao objeto, a partir da concepção tradicional – como um conjunto de códigos alfanuméricos em que reside as próprias palavras do escrevente – pode resultar em uma visão reducionista diante da complexidade do objeto de estudo, sendo possível que o aspecto bibliográfico do documento não seja levado em consideração na edição. De acordo com Shillingsburg (2004), o texto é:

[...] a verdadeira ordem de palavras e pontuação contida em qualquer forma física, como por exemplo o manuscrito, prova ou livro. Um texto é o produto do autor, ou do autor e de outros, atividade física na intenção de armazenar em uma forma tangível a versão da intenção atual do autor. Ainda assim, um texto (a *ordem* de palavras e pontuação) não possui existência substancial ou material, uma vez que ele não se restringe a um tempo e espaço. Dessa forma, o mesmo texto pode existir simultaneamente na memória em mais de uma cópia ou em mais de uma forma. O texto é contido e estabilizado pela forma física, mas ele não é a forma física em si. Cada texto representa, mais



ou menos, bem ou completamente a versão de uma obra<sup>1</sup> (SHILLINGSBURG, 2004, p. 46, tradução nossa).

Shillingsburg (2004), em seu glossário, continua sobre a definição de documento como “[o] recipiente físico (como livro, manuscrito, registro fonográfico, fitas de computador) que contém (ou encarna) o *texto*<sup>2</sup> [...]” (SHILLINGSBURG, 2004, p. 174, grifo do autor, tradução nossa). Por outro lado, o texto é apresentado como “[a] sequência de palavras e pausas registradas em um *documento*<sup>3</sup> (SHILLINGSBURG, 2004, p. 174, grifo do autor, tradução nossa). Aqui, percebe-se que a noção de texto para o autor é a que se refere ao código alfanumérico (texto verbal) e não engloba outros aspectos semióticos e materiais (textos não-verbais). Nesse sentido, Moreira (2011, p. 74) comenta o conceito tradicional do termo ‘texto’: “[n]ormalmente, à palavra ‘texto’ tem-se conferido a significação de ‘texto linguístico, o resultado verbal em todos os níveis [...]” e questiona se o termo ‘texto’ seria passível de uma redefinição que englobasse tanto os códigos linguísticos quanto os códigos bibliográficos, o que tem gerado um ruído entre a compreensão do que o termo designa por parte das abordagens atuais e tradicionais.

Shillingsburg (2004) apresenta a relação ‘texto’ e ‘documento’ de forma dissociada, como texto sendo as palavras, pausas e pontuações que são postas em um suporte, o documento. Moreira (2011) assume uma postura contrária à de Shillingsburg (2004), uma vez que busca unir, de forma indissociável, as duas realidades em uma, como ‘documento’, não havendo, assim, um documento sem textos e um registro textual fora de um documento. Para ele, documento significa:

[...] “artefato bibliográfico” – constituído não apenas dos materiais, tinta, papel et cetera – cujas partes componentes e integralizadoras – as marcas grafemáticas seriam um dos elementos da integridade documental – não podem ser dissociadas sob pena de mutilação de sua natureza intrínseca e que só pode ser compreendido quando contextualizado historicamente; portanto, não se atribui ao supramencionado vocábulo uma existência autônoma que se contraporaria à do ‘texto’ – conjunto de signos (palavras e pausas) gravados sobre um suporte (MOREIRA, 2011, p. 91).

---

<sup>1</sup> Texto original: [...] the actual order of words and punctuation as contained in any one physical form, such as manuscript, proof, or book. A text is the product of the author’s, or the author-and-others’, physical activity in the attempt to store in tangible form the version the author currently intends [...] That is, the same text can exist simultaneously in the memory in more than one copy or in more than one form. The text is contained and stabilized by the physical form but is not the physical form itself. Each text represents more or less well or completely a version of the work (SHILLINGSBURG, 2004, p. 46).

<sup>2</sup> The physical vessel (such book, manuscript, phonograph record, computer tape) that contains (or incarnates) the *text* [...] (SHILLINGSBURG, 2004, p. 174, grifo do autor).

<sup>3</sup> The sequence of words and pauses recorded in a *document* (SHILLINGSBURG, 2004, p. 174, grifo do autor).

Moreira (2011, p. 75) afirma que “[...] até meados dos anos 1980, as várias escolas filológicas ocupavam-se, editorialmente, apenas dos ‘códigos linguísticos’, convencionalmente chamados de ‘texto’ [...]”, registrando que a ampliação da visão acerca do objeto de estudo é uma questão recente. Nesse mesmo direcionamento, Barreiros, P. (2017), também comenta a percepção da crítica textual tradicional ao considerar o texto apenas como um conjunto de códigos alfanuméricos – assim como apresenta Shillingsburg (2004, p. 46) – e que esse modo de pensar o objeto acabou por favorecer a produção de edições que, de certa forma, ignoravam os códigos bibliográficos do documento editado e de outros documentos com os quais se relaciona, que muito podem dizer sobre a sua sócio-história. Como código bibliográfico, Barreiros, P. (2017) define:

Os códigos bibliográficos são os elementos materiais que garantem a percepção do texto pela visão, dos quais se podem depreender algum sentido. Integram os códigos bibliográficos as dimensões do papel, a cor da tinta, o tipo de letra, a disposição da mancha sobre a página, as gravuras, o destaque para palavras, a encadernação, os títulos, o *layout* etc. (BARREIROS, P., 2017, p. 404).

Para McKenzie (2005), a linguagem verbal, seja ela escrita ou oral, não é a única de natureza semântica e, por conta disso, a extensão da categoria de texto é necessária, pois cada forma de inscrição de uma linguagem particular produz sentido. No caso de documentos que apresentam processos de construção da escrita, como os rascunhos, muitos deles acabam contendo inúmeros elementos extralinguísticos, como marcas físicas de manipulação, que nem sempre são devidamente considerados em uma edição. Nesse sentido, ao direcionar o olhar para elementos que não sejam puramente linguísticos (textos verbais), a crítica textual necessita revisitar a terminologia que já se encontra estabelecida, bem como seus princípios teórico-metodológicos. Considerar o documento como objeto da crítica textual, abre um precedente para repensar o trato com outros elementos na elaboração de uma edição, principalmente pelo fato de que os aspectos semióticos são importantes para a significação do texto verbal.

Na prática, utilizando como exemplo o caderno *Farmácia São José*, de onde foi retirado o *corpus* deste trabalho, considera-se que este suporte seja um documento composto por outros documentos. Cada folha do caderno é um documento que conta não apenas com um texto verbal, mas com outros textos não verbais a ele integrados, por exemplo, aspectos semióticos (rasuras com diferentes tipos de cancelamento, manchas, borrões, notas remissivas, símbolos/desenhos feitos pelo escrevente), além de marcas de usos, oxidações ou

manchas que não necessariamente estão ligados ao texto alfanumérico. Assim, a afirmação de que a crítica textual tem como objeto o texto escrito, que é continuamente associado à aceção de texto verbal, pode trazer consigo uma ideia reducionista consolidada pela tradição e que não condiz com a realidade atual, em que há também uma preocupação com os demais aspectos que compõem o documento por inteiro. Um documento que possui rasuras, substituições, emendas, cancelamentos, acréscimos, traz em si a sua própria história, seja ela ligada à criação do texto verbal ou às práticas de escrita, já que estes elementos estão sim carregados de sentidos, sentidos estes que recebem a atenção da crítica genética e da *nouvelle philologie* (nova filologia), que serão discutidas mais à frente.

Ao relembrar a história dos manuscritos, Biasi (2010) confronta o manuscrito medieval com o manuscrito moderno no contexto europeu, além das áreas de estudo que se voltavam para eles. O autor diz que a filologia clássica realizava seus estudos e edições com manuscritos medievais, que eram escritos comumente em pergaminhos e traziam consigo a tradição do palimpsesto, enquanto no caso dos manuscritos modernos, já se contava com o advento do papel, que era menos oneroso. Biasi (2010) afirma que o papel trouxe consigo o uso da rasura e que este acontecimento é essencial do ponto de vista genético, contudo, não é possível condicionar a rasura estritamente ao uso do papel, visto que ela já ocorria em outros contextos, mas de forma menos deliberada do que na escrita moderna com o uso deste suporte.

Nesse contexto da escrita moderna, apresentado por Biasi (2010), houve um interesse em buscar refazer, discutir e compreender o processo de escrita, interesse este que impulsionou o surgimento de uma nova área de estudo, a crítica genética. Surge associada aos estudos literários, uma vez que os estudos da gênese da escrita se referiam basicamente a um autor ou uma obra. Contudo, antes dessa área de estudo se delinear, segundo Hay (2007 [2002]), era conferido o *status* de relíquia aos autógrafos dos escritores, já que evocavam a memória do próprio que o escreveu e eles figuravam junto aos documentos preciosos, inclusive os não literários. Mas foi na virada do século XX, conforme ressalta Hay (2007 [2002]), que Wilhelm Dilthey buscou a criação de uma instituição especificamente consagrada aos monumentos da arte escrita, segundo a justificativa de que esses autógrafos da criação serviriam “à história da literatura tanto quanto aos estudos estéticos” (DILTHEY *apud* HAY, 2007 [2002], p. 58) e, então, após sete anos, surgiu a primeira destas fundações, o *Goethe-und Schiller-Archiv* de Weimar. Esse seria, de certa forma, um pontapé inicial para o delineamento da crítica genética, pois Dilthey já considerava alguns aspectos referentes à gênese da criação literária em seus objetivos de estudo. Contudo, eram aspectos mais voltados

para a perspectiva psicológica, o que acabou por não favorecer um trabalho que unisse uma análise material e textual dos manuscritos (HAY, 2007 [2002]).

Na primeira metade do século XX, várias tentativas foram empreendidas nesse sentido, sendo que logo no início do século houve o primeiro encontro dos estudos de gênese com a literatura, em que os escritores refletiam sobre o ato de escrever. Apenas em 1968, na França, de acordo com Pino e Zular (2007), um grupo de germanistas estudiosos dos manuscritos de Heinrich Heine se deram conta da riqueza de documentos que possuíam em mãos e que apresentavam movimento, possibilitando uma nova perspectiva de estudo. Assim, a crítica genética se delimita propondo um material/objeto inédito: manuscritos ou documentos de processos autorais de determinada obra (PINO; ZULAR, 2007). Apesar deste delineamento, a crítica genética surgiu apresentando este nome, de acordo com Hay (2007 [2002]), somente no início da década de 1980, tendo sua inspiração de estudo na literatura.

No que concerne a edição no âmbito dos estudos de gênese, Hay (2007 [2002], p. 343) apresenta um percurso traçado do que ele denomina de “laboratório germânico”. Ao tratar desse laboratório, Hay (2007 [2002]) apresenta as diferentes abordagens de edição tomadas por F. Beißner, H. Zeller e Klopstock, que contam com a separação de quinze anos entre cada uma delas, respectivamente. Em sua edição, F. Beißner buscou apresentar as variantes textuais em função do ‘texto definitivo’, ao passo que H. Zeller desenvolve as variantes em movimento e se limita a ressaltar, em negrito, o estado final de cada redação. Já Klopstock, em sua edição, reproduz o movimento de gênese em sua continuidade e rejeita, para certos volumes, a distingui-la de um ‘texto definitivo’. Ele comenta que “o laboratório germânico mostrou, o caminho aos estudos de gênese” (HAY, 2007 [2002], p. 344), mas que, ainda assim, esse laboratório não chegou a beneficiar plenamente os estudos da área, principalmente porque a crítica de língua alemã se voltava para uma reflexão sociológica e, de acordo com o autor, foi somente na França, depois do início da década de 1990, que o interesse se concentrou nos processos da escritura de uma obra, com ênfase autoral.

Acerca do que se consiste o papel do geneticista, Pino e Zular (2007) apresentam o posicionamento de Grésillon, em que a autora afirma que o trabalho se divide em duas partes: dar a ver e construir hipóteses sobre o caminho percorrido pela escritura. Na primeira, é preciso reunir os manuscritos, classificar, decifrar, transcrever e editar; na segunda, se identifica as rasuras, acréscimos e se elabora conjecturas sobre as operações mentais subjacentes. Pino e Zular (2007) chamam a atenção para o fato de que no contexto do surgimento da crítica genética, a crítica textual tradicional via o manuscrito como referência para a leitura de um texto original, enquanto para a crítica genética eles eram portadores de

um movimento, que pode ser considerado como o processo de criação literária. Esse aspecto é interessante para este trabalho, uma vez que se trata de uma dissertação realizada no âmbito da crítica textual, porém, levando em conta o movimento do texto, como é de caráter prático da crítica genética. Para Pino e Zular (2007), a crítica genética não está interessada em documentos que não apresentam processos, a não ser que este documento ‘limpo’ seja um prototexto que apresente explicações ou respostas acerca do processo de escrita de determinado texto. Os autores também afirmam que, apesar do manuscrito ser de interesse da crítica genética e da filologia, o olhar lançado sobre esse objeto o modifica.

A partir disso, pode-se refletir sobre o olhar que é dado a esse objeto por parte das duas áreas. A filologia vê o manuscrito como um objeto de preservação e estudo, seja no nível material, textual, cultural ou linguístico, buscando explicá-lo e editá-lo, levando em consideração todo seu contexto de produção, circulação e recepção, ao passo que a crítica genética o vê como fonte de informações acerca do processo de construção de um texto/obra, buscando refazer, discutir e entender tal processo. As duas áreas convergem e se distanciam em vários aspectos e interesses, que são apresentados a seguir.

Em *Une Nouvelle Philologie?*, Bernard Cerquiglini (2000) promove a discussão e comparação acerca da mudança de paradigmas da filologia (tradicional e contemporânea). Apesar de as considerações feitas por Cerquiglini (2000) serem voltadas para códices (manuscritos medievais), podem ser aplicadas também aos documentos modernos. O autor apresenta doze abordagens que se diferem em dois paradigmas, sendo que no paradigma I estão os princípios relacionados à filologia clássica, crítica textual tradicional e moderna, e no paradigma II, os princípios referentes nova filologia. Essa comparação é importante para refletir sobre as tomadas de decisões editoriais e sobre o trato com o objeto de estudo da filologia. Serão apresentados aqui apenas cinco abordagens em seus dois paradigmas, pois são as mais pertinentes para esta discussão.

A primeira abordagem a ser discutida é a do ‘herói’. No paradigma I é o autor, cercado da visão romântica da incapacidade de cometer falhas, atribuindo-as todas aos escribas, juntamente com as alterações. No paradigma II, o herói é o escriba, retirando a centralidade e o protagonismo do autor e a noção de univocidade autoral, compreendendo o códice como elemento coletivo. Nesse paradigma, encontramos um ponto de divergência nas filosofias da nova filologia e da crítica genética. Enquanto a primeira área busca descentralizar o autor, a crítica genética ainda tem sua investigação centrada no processo de criação autoral de uma determinada obra. Ainda que considere outros agentes de escrita para o estudo do processo criativo, uma vez que a crítica genética entende o manuscrito como “qualquer documento no

qual seja possível encontrar um traço do processo de criação, e não necessariamente os manuscritos autógrafos (do próprio punho do escritor)” (PINO; ZULAR, 2007, p. 9). Assim, a documentação que não foi produzida pelo próprio punho do escritor, para a crítica genética, ainda que ocasione uma pluralidade autoral, necessita da anuência do autor para ser considerada no estudo do processo criativo da obra, ou seja, precisam ser testemunhos idiógrafos. Nesse sentido, Biasi (2010) diz que “o escrito fica, enquanto o autor está vivo, sempre suscetível de transformações [...]”, evidenciando a condição de ‘estar vivo’ do autor para que o escrito possa ser transformado. Por outro lado, as alterações sem supervisão ou póstumas ao autor em determinada obra são de interesse da crítica textual.

A segunda abordagem é a do ‘amor’, que no paradigma I é apresentada como a exclusividade ou singularidade, em que se despreza, teme e lamenta a variação dos manuscritos medievais, valorizando a sublime versão original. No paradigma II, essa abordagem aparece como a valorização da variação, como o movimento sistemático da letra se tornando o caráter primário, original e representativo da literatura escribal. No contexto da nova filologia e da crítica genética, todas as variações são contempladas, não atribuindo valor hierárquico maior ou menor ao ‘texto final’ ou ‘versão original’, nem tratando as demais versões como subordinadas. Todas as variantes e processos devem ser considerados nos estudos e edições.

A terceira abordagem é a do ‘texto’. No paradigma I se reduz a uma essência verbal, que implica em um princípio de descontextualização, concebendo-o como um simples arranjo de palavras que deve ser comparado a outros arranjos. No paradigma II, o texto não escapa à materialidade, é estudado e editado em contexto, tendo em conta também a semiótica. Pode-se ver que Cerquiglini (2000), em sua nova filologia, atribui grande importância ao que foi anteriormente apresentado como código bibliográfico, aspectos acerca da materialidade que envolvem o texto verbal e seu contexto, não dando valor somente a aspectos linguísticos. A crítica genética, como já dito, também se interessa pelos aspectos semióticos dos documentos de processo, especialmente por rasuras, desenhos, esquemas, planejamentos gráficos, porém não se interessa por aspectos acerca da materialidade e da contextualização sócio-histórica do documento.

A quarta abordagem é a do ‘objetivo’. No paradigma I, o objetivo é a reconstrução do texto, fornecendo a melhor imagem possível do original perfeito, mas perdido, reduzindo as variantes ao status de cópias. No paradigma II, o objetivo é simular a gênese, a circulação, a recepção e o significado de obras medievais. Percebe-se que o objetivo no paradigma II da nova filologia se volta para a simulação da gênese, aspecto este que também é objetivo da

crítica genética. Pode-se considerar que há duas etapas genéticas na construção de um texto, uma sendo referente ao processo de concepção do texto (literário ou não) e a outra referente ao processo linguístico de composição do texto. Ambas as etapas genéticas são de interesse da nova filologia e da crítica genética.

Élida Lois (2001) considera teorias linguísticas para estudar a gênese dos textos e acredita também que a crítica genética tem muito a contribuir com estas teorias:

A crítica genética tem tomado da teoria linguística grande parte das categorias conceituais com que tem tentado dar conta desse material escorregadio que é a escrita no estado nascente. Tanto para classificar rascunhos como para as microtransformações escriturais, os geneticistas se têm valido de categorias tais como ‘similaridade’, sobre o eixo paradigmático, e ‘concatenação’, sobre o eixo sintagmático<sup>4</sup> (LOIS, 2001, p. 22, tradução nossa).

A quinta e última abordagem destacada por Cerquiglioni (2000) é a do ‘método’. No paradigma I é marcada pelo intervencionismo, pois o editor nunca se detém de alterar o texto que lhe parece defeituoso. No paradigma II, o método ainda é comparativo, mas não é hierárquico, considerando cada uma das cópias como uma solução, como uma recepção singular do trabalho. Como já foi discutido, a nova filologia e a crítica genética consideram as variantes de seus objetos como uma unidade, não como etapa para chegar a um texto final. Na crítica genética, todos os processos são igualmente importantes para o entendimento da gênese.

A partir do exposto, cabe um questionamento: o que fazer quando, no âmbito da crítica textual, o filólogo se depara com um objeto muito estudado pela crítica genética, o rascunho que conta com marcas físicas que sinalizam processos de escrita, e necessita realizar uma edição que represente os processos evidenciados por estas marcas (autorais ou não) na transcrição do texto para, assim, contemplar a natureza e as necessidades deste objeto?

---

<sup>4</sup> Texto original: La crítica genética ha tomado de la teoría lingüística gran parte de las categorías conceptuales con que ha intentado dar cuenta de ese material escurridizo que es la escritura en estado naciente. Tanto para clasificar borradores como para las microtransformaciones escriturales, los geneticistas se han valido de categorías tales como ‘similaridad’, sobre el eje paradigmático, y ‘concatenación’, sobre el eje sintagmático<sup>4</sup> (LOIS, 2001, p. 22).

## 2.2 A CRÍTICA TEXTUAL E A EDIÇÃO DE RASCUNHOS

É importante salientar que a perspectiva editorial tomada neste trabalho figura no âmbito da crítica textual e não da crítica genética, uma vez que os objetivos e a metodologia empregada se distanciam da crítica genética. Buscou-se estabelecer uma interrelação entre as áreas no intuito de discutir o objeto rascunho, que é amplamente discutido na crítica genética e escassamente na crítica textual.

O ato de escrever um texto sem atribuir grandes preocupações à economia espacial do suporte e, às vezes, até mesmo à clareza lógica e cronológica do texto são algumas das características do rascunho. Pontua-se que a condição de ‘ser’ um rascunho pode ocorrer a qualquer gênero textual, uma vez que ele se refere a um determinado momento de produção do texto, independente do gênero, sendo importante considerar que os processos de escrita de um texto podem ser diversos e há casos em que pode não ocorrer a fase de elaboração do rascunho, partindo prontamente para um ‘texto finalizado’.

Neste trabalho, não se assume uma categorização hierárquica entre fases de escrita, assim, não é atribuído juízo de valor entre a noção de rascunho e ‘texto final/finalizado’. Essas noções são empregadas para diferenciar as fases de escrita e não para considerar quaisquer delas como melhor ou inferior. Por vezes, há uma certa ‘despreocupação’ na escrita do rascunho devido ao fato de que, aos olhos de quem escreve, ele está inserido em uma fase de escrita que será – ou não, a depender do escrevente – ‘passado a limpo’ para que possa cumprir seu ‘destino’. É comum encontrar nos rascunhos as marcas físicas de manipulação e construção do texto, como as interpolações, rasuras, desenhos, emendas, correções e, em alguns casos, falta de coesão, pois na urgência da escrita de um rascunho pode haver a falta de elementos textuais que serão incorporados ao texto no futuro – ou não – caso ele seja ‘passado a limpo’. Esses elementos em conjunto constituem campanhas de texto, mesmo que ele esteja hospedado em um único suporte, ou seja, num monotestemunhal.

Algumas características devem ser levadas em consideração ao se tentar definir um rascunho. Observando o caso do *corpus* desta pesquisa, os dezenove rascunhos de carta para Eudaldo Lima no caderno *Farmácia São José*, a análise do suporte documental em que eles estão inseridos nos revela muito sobre a sua natureza. No caderno FSJ, há rascunhos de vários gêneros e podem ser considerados assim por muitos deles apresentarem campanhas de escrita, rasuras e apêndices com índices remissivos, além de terem uma escrita pouco monitorada em relação à caligrafia e estarem localizados em folhas costuradas em um suporte único. De fato,



é possível se escrever um texto que não seja rascunho em um caderno e em seguida estiletá-lo, contudo, não há qualquer indício deste tipo de manipulação no caderno FSJ.

É uma característica inerente do gênero carta que haja um destinatário e que o texto seja enviado e lido pelo destinatário, já o rascunho desse gênero é escrito para ser lido pelo próprio escrevente – ou mais alguém com quem queira compartilhar – para que depois disso ele seja ‘passado a limpo’ e enviado (ou não) ao destinatário. Para que seja enviado, é preciso que esteja em um suporte solto, volante, ou anexado a algo que seria enviado juntamente com ele, o que não ocorre a nenhum dos rascunhos do *corpus* desta pesquisa, pois todos se encontram bem preservados e costurados no caderno, levando a crer que as cartas enviadas para Eudaldo Lima foram reescritas a partir dos textos que se encontram em seus rascunhos no caderno FSJ.

Além disso, nesta dissertação, consideram-se rascunhos todos os textos epistolares escritos por Eulálio Motta que não foram enviados, uma vez que não chegaram a cumprir a fase final do seu propósito como gênero. Assim como a crítica genética considera rascunho como uma das fases que figura antes da publicação de uma obra, aqui se faz uma analogia entre a publicação de uma obra e o envio de um documento epistolar, ou a sua publicação – como no caso de cartas abertas – visto que neste momento, o texto sai das mãos do escritor e cumpre seu objetivo.

É claro que nem todo rascunho apresentará as mesmas características, alguns contam com menos marcas físicas de manipulação do que outros, sendo possível até que não apresente nenhuma marca, mas ainda seja um rascunho. Essas diferenças entre os tipos de rascunhos são de grande importância para decidir qual é o tipo de transcrição e de edição capaz de explorar e evidenciar as características deste objeto. O rascunho é de grande interesse da crítica genética, uma vez que foi a área que deu notoriedade a potencialidade do movimento escritural, do processo genético de escritura de um texto, é também a área que mais discute este objeto.

Contudo, é importante pontuar que a crítica textual de tradição italiana também deu lugar ao estudo das variantes autorais de um texto, apresentada por Pérez Priego (2011), mais especificamente a empreendida por Giorgio Pasquali, em que o autor observou que se deveria estudar e diferenciar as tradições dos textos e que os testemunhos individuais não deveriam ser pensados como portadores de erros e variantes, mas sim como produto de uma determinada configuração cultural, sendo muito importante conhecer tais elementos, não apenas para a história literária, mas para a própria crítica textual. Além disso, Pasquali também pensou nas variantes como uma questão autoral, não apenas sendo remetidas aos

copistas, modificando a noção de um original estratificado e sem mobilidade, podendo também ocorrer originais que apresentassem movimentos.

Outros autores, de acordo com Pérez Priego (2011), também consideravam o movimento do texto, o texto em processo, como Dante Isella e Alfredo Stussi com o estudo que denominaram de ‘filologia do autor’ que se voltou para métodos e problemas relativos a edições de obras, principalmente modernas e contemporâneas, mantidas em manuscritos autógrafos ou idiógrafos, em edições que foram monitoradas pelo próprio autor e das que foram elaboradas a partir de materiais documentais dos próprios autores. Tais informações são importantes para compreender que a crítica textual, no contexto apresentado, também voltou seu olhar para documentos com processo com a finalidade de editar e estabelecer um texto.

Para a crítica genética, o rascunho se refere a fase redacional, uma das diversas fases apresentadas por Biasi (2010) do projeto de escritura de um texto/obra. Segundo ele:

O conjunto de documentos que são usualmente chamados de *rascunhos* da obra corresponde ao trabalho ‘redacional’: são os manuscritos, muitas vezes cobertos de rasuras, que foram dedicados ao trabalho de ‘textualização’, isto é, à ‘colocação em frase’, propriamente dita, da obra [...] [p]ortanto, o rascunho designa, no sentido estrito, os documentos relativos à função redacional de textualização; mas esse conjunto de autógrafos fica em constante interação com outros manuscritos de trabalho cujas funções (estruturação, documentação) agem profundamente na textualização (BIASI, 2010, p. 42-43, grifo do autor).

Biasi (2010), ao falar sobre o manuscrito, como objeto de estudo da crítica genética, aponta que ele:

[...] caracteriza-se sobretudo pela presença de uma escritura mais ou menos ‘bem’ formada, muitas vezes caprichosa e cheia de indiossincrasias (ortografias fantasiosas, abreviações, codificações pessoais, paginações específicas, sinais de referências, e outros) ainda mais difícil de ser decifrada porque animada pelo próprio princípio de seu perpetuo questionamento: a rasura (BIASI, 2010, p. 70).

O autor também aponta que se leva um certo tempo para se habituar à escrita de um escrevente, e que, quando surgem fragmentos mais difíceis de ler, o pesquisador acaba não demonstrando muita paciência ou atenção para lidar com eles. De fato, é um desafio realizar a transcrição de um documento que contém muitas rasuras, e estas, por muitas vezes, são deixadas de lado no processo de transcrição e, conseqüentemente, podem ser ignoradas na edição, caso esta não conte com um aparato genético, com um ensaio textual de gênese ou

com uma transcrição que sinalize as marcas físicas de manipulação em sua estrutura, por meio de operadores genéticos, revelando o movimento escritural do texto. Biasi (2010) diz que, para identificar claramente uma rasura, é preciso ir além da sua identidade, de sua função (se é de substituição, supressão, deslocamento), e de seu tipo de traçado (se é feito em barra oblíqua sobre o segmento riscado ou acréscimo substitutivo), pois rasuras com mesma função e a mesma aparência podem ter significados absolutamente distintos.

Por exemplo, para Biasi (2010), uma rasura de palavra é pouco comparável com uma rasura de uma página; elas podem pertencer a diferentes fases da gênese, ou seja, diferentes campanhas de escrita; o sentido da rasura pode variar de acordo com seu suporte ou sua localização espacial; também pode variar de acordo com o elemento rasurado, pode ser lexical, sintático, numeração de páginas etc. As interpretações dos tipos de rasura são de grande interesse da crítica genética, mas não somente dela. A linguística e a filologia, por exemplo, podem se valer desse tipo de análise para trazer explicações diversas acerca do documento e da língua. Biasi (2010) diz que as rasuras servem para corrigir o já escrito, representando diferentes funções, e são utilizadas para registrar que um segmento foi objeto de exploração ou reescritura, ou seja, foi submetido a uma análise e reconsiderado.

Biasi (2010) apresenta cinco tipos de rasura: de supressão, de substituição, de descolamento ou de transferência, de suspensão e de utilização. A rasura de supressão é uma das mais comuns, utilizada para eliminar definitivamente um segmento escrito, sendo uma rasura de substituição em que o elemento substitutivo é nulo. A rasura de substituição também é uma das mais comuns e é apresentada pelo autor como podendo ser decomposta em duas entidades distintas: de um lado, o risco, que representa uma supressão, e do outro, a inscrição de um segmento substitutivo, que foi designado para ocupar o lugar do segmento riscado. É importante salientar que o elemento acrescido não consiste em uma rasura, e sim em um acréscimo que sucede a rasura.

Já no caso da rasura de descolamento ou de transferência, o autor diz que, no contexto de uma formulação ou frase, a rasura de transferência se limita, muitas vezes, a figuras de arrumação ou permutações pontuais de palavras ou sintagmas, mas também, em outra escala, pode figurar como mudanças decisivas na estrutura da obra ou texto. Geralmente, essas rasuras vêm acompanhadas de sinais de referência específicos, como seta, quadro, traço de junção. A rasura de suspensão, de acordo com o autor, é quando o *scriptor* deseja adiar a ação de corrigir um trecho ou deseja inserir um segmento já escrito a uma fase do prototexto que ainda será escrita. Ele poderá marcar, provisoriamente, com um traço os limites do fragmento

que será transferido, indicando que esse trecho desaparecerá do seu contexto original. É o mesmo preceito de supressão ou de substituição, porém com uma prorrogação.

O último tipo de rasura apresentado por Biasi (2010) é a de utilização, que conta com o risco como uma marca, mas não é de supressão, e sim de utilização. Este risco, no decorrer de uma redação, serve para marcar documentos que foram já utilizados no processo de escrita à medida que o trabalho avança, para que o escritor tenha noção distintiva entre os documentos preparatórios da escrita que já foram utilizados, para os quais não precisa mais voltar, e os que ainda permanecem ativos para continuar a redação. Neste caso, o risco assume a função de desativação.

Ao lidar com documentos que contém diversos tipos de rasura e que na transcrição se tem por intenção primária apresentar os processos de escrita, é apropriado elaborar uma transcrição que apresente operadores genéticos que apareçam integrados a ela, marcando e linearizando, por meio de símbolos, formas não verbais que indicam os processos pelos quais passou um determinado texto verbal no corpo da transcrição, que irá, posteriormente, se tornar uma edição, pois assim é respeitada a natureza do objeto e suas necessidades particulares no trabalho editorial.

Nesse contexto, cabe diferenciar transcrição e edição. A transcrição consiste no processo de leitura e decodificação signos verbais e não verbais contidos em um documento, seguido da recodificação destes signos em um novo formato ou suporte. Já a edição é uma somatória de elementos que promovam a compreensão do documento. Esses elementos podem ser diversos e ficam a critério do editor. Normalmente, as edições contam com uma introdução contextualizada, uma descrição material do documento em questão, uma descrição temática ou ensaio textual explicativo de elementos do texto, uma apresentação de critérios utilizados para o estabelecimento do texto, análises em vários níveis, histórica, cultural, linguística, lista de abreviaturas, glossário, etc.

Duarte ([1997-], verbete), em seu *Glossário de Crítica Textual*, define transcrição e edição. Para o autor, a transcrição consiste no:

[...] processo de produção de um novo testemunho de um texto, feito de acordo com critérios previamente definidos, tendo em conta as características do texto e do público a que se destina; aplica-se, geralmente, no âmbito da elaboração de edições críticas (DUARTE, [1997-], verbete, p. 15).

Duarte ([1997-], verbete) apresenta edição como um:

[...] [2] Conjunto de operações filológicas necessárias para escolher, fixar e anotar um texto, inédito ou édito, preparando-o para publicação num determinado circuito de leitura – isto é, para oferecer a um tipo caracterizado de leitor (DUARTE, [1997-], verbete, p. 5)

Pino e Zular (2007) discorrem sobre o ato de transcrever e dizem que este é uma forma “[...] de divulgar um material de acesso restrito. Ao transformar imagens em texto, o material se torna mais fácil de reproduzir, de transportar e de ler” (PINO; ZULAR, 2007, p. 138). Os autores afirmam que “[...] ao transcrever, o pesquisador mimetiza o escritor, passando por obstáculos semelhantes que ele enfrentou, criando o mesmo tipo de soluções e, assim, tendo uma visão mais clara dos movimentos de escritura” (PINO; ZULAR, 2007, p. 138). Além dessas considerações, os autores acrescentam que transcrever não é um trabalho manual, e sim uma leitura tão intelectual quanto outras leituras, em que o entendimento não se dá apenas pelo pensamento, mas também pelas mãos. Ainda salientam que, com os recursos gráficos disponíveis nos dias de hoje, seria absurdo não buscar reproduzir o documento com as mesmas características do original, tais como a cor da tinta, a grossura do traço, a inclinação do texto, as formas pelas quais o texto é rasurado etc. Os autores apresentam esse tipo de reprodução como “transcrição diplomática” (PINO; ZULAR, 2007, p. 138), que busca reproduzir o documento tal qual como está no original, sendo que na crítica genética e na crítica textual, esta transcrição é pouco codificada. Na crítica textual, não pertence tradicionalmente à transcrição diplomática a urgência e o foco em apresentar os processos de criação do texto representando as marcas de manipulação do documento por meio de codificadores (operadores genéticos), atentando, naturalmente, à sua ordem cronológica.

Existem diversos tipos de transcrições e edições no âmbito da crítica textual e os manuais e textos específicos da área abordam as características destes tipos. Dentre os manuais mais conhecidos, destacam-se: *Introdução à Ecdótica*, de Segismundo Spina (1994); *Introdução à Crítica Textual*, de César Nardelli Cambraia (2005); *Fundamentos da Crítica Textual*, de Barbara Spaggiari e Maurizio Perugi (2004); além do texto *Filologia e Edição de Texto*, assinado por Rosa Borges e Arivaldo Sacramento (2012). Borges e Souza (2012) abordam os tipos de edição e comentam, de maneira breve, os diversos tipos de transcrições utilizadas para se realizar edições genéticas elaboradas por geneticistas: transcrição diplomática, linearizada ou mista (semidiplomática). As transcrições abordadas pelos autores são elaboradas no âmbito da crítica genética para dar conta das necessidades dos documentos

que, muitas vezes, apresentam processos. A transcrição linearizada codificada, de acordo com Biasi (2010, p. 85) não respeita a topografia do texto no suporte e utiliza códigos simples, sendo de fácil leitura, para marcar processos como substituição, riscado e acréscimos. Já a transcrição semidiplomática codificada apresenta código complexo e maior dificuldade de leitura, respeitando também a topografia do texto no suporte. A transcrição genética proposta neste trabalho utiliza codificação complexa (operadores genéticos) e não respeita a topografia do texto no suporte, sendo linearizada.

Dentre os vários tipos de edição apresentados em textos da crítica textual, há um que nos interessa nesta discussão, a edição genética, que aparece sempre como feita na crítica genética e figurando no campo das edições politemunhais. Cambraia (2005) apresenta que a edição genética se faz como se faz uma edição crítica, e acrescenta:

Para delinear o percurso criativo de um texto, o crítico genético utiliza uma gama heterogênea de fontes: de acordo com Hay (1991:23), elas podem ser as marcas dos impulsos iniciais (p. ex., notas, cadernos, diários), os documentos das operações preliminares (p. ex., projetos, planos, roteiros) e ainda os instrumentos do trabalho redacional (p. ex., esboços, primeiras redações, rascunhos). Uma edição genética deve, portanto, apresentar a forma final de um dado texto (ou seja, a forma que o autor considerou como definitiva) acompanhada do registro das informações relativas à sua gênese obtidas através das já referidas fontes (CAMBRAIA, 2005, p. 105).

Para Borges e Souza (2012), a edição genética é:

[...] instrumento para ler e conhecer o processo de escritura, com o propósito de **editar** criticamente os textos, e enfoque na gênese textual. A edição genética, proposta no âmbito dos estudos da Crítica Genética não tem a intenção de publicar o texto (produto), mas os manuscritos, pondo em evidência o trabalho do escritor (processo), realizando-se transcrições diversas: diplomática, linearizada ou mista (semidiplomática) (BORGES; SOUZA, 2012, p. 33-34, grifo dos autores).

Como se vê, a edição genética para Borges e Souza (2012) não aparece como realizada no âmbito da crítica textual, e sim da crítica genética, sendo utilizada pela crítica textual como um instrumento para a leitura e conhecimento do processo de escritura do texto em função de uma edição crítica com enfoque genético para estabelecimento do texto crítico.

Duarte ([1997-], verbete) define a edição genética como uma:

[...] edição que apresenta, sob forma impressa e na ordem cronológica do processo de escrita, o conjunto de documentos genéticos conservados de uma obra ou de um projecto, anotados de modo a perceber-se o processo da sua escrita (DUARTE, [1997-], verbete).

Observa-se que o estudo da gênese no âmbito da crítica textual e da crítica genética é feito em diferentes perspectivas, dada a diferença de objetivos de cada área. Enquanto que para a crítica textual, a gênese aparece servindo como um instrumento de compreensão e leitura dos textos em virtude de uma edição, para a crítica genética ela é o próprio estudo, e utiliza-se de transcrições diversas para fazê-lo. A partir das definições apresentadas, percebe-se que as edições genéticas estão inseridas no grupo das edições politemunhais, visto que se faz necessário reunir diversos documentos e testemunhos para se estabelecer esta edição e não há menção de sua feitura no âmbito da crítica textual, sendo bastante atrelada à crítica genética.

Em contrapartida, no âmbito das edições documentais, na tradição da crítica textual norte-americana (*Scholarly Edition*), há a edição genética monotestemunhal da obra *Billy Budd, Sailor*, do autor Herman Melville, elaborada pelos editores Harrison Hayford e Merton M. Sealts Jr. (1962). Williams e Abbott (1999), em *An introduction to bibliographical and textual studies*, discutem sobre o que são edições documentais:

Edição documental (ou diplomática, ou não-crítica) busca reproduzir um texto manuscrito ou impresso como um artefato histórico. Essa edição apresenta o texto como ele estava quando disponível em um tempo específico, em um documento específico. Esse tipo de edição é não-crítica, pois não realiza correções no texto, mesmo naqueles em que não representam com exatidão as palavras do autor. [...] o texto de cartas do autor, diários e outros papéis; de fato, edições documentais é, geralmente, o método escolhido para textos os quais o autor não preparou ou não teve a intenção de preparar para publicação. Edições, tanto documental e crítica, não se limitam a obras literárias<sup>5</sup> (WILLIAMS; ABBOTT, 1999, p. 71, tradução nossa).

Para a edição documental, também chamada na tradição norte-americana de edição diplomática, cada documento é considerado como um documento único e editável, como um

<sup>5</sup> Texto original: Documentary (or diplomatic or noncritical) editing aims to reproduce a manuscript or printed text as a historical artifact. It presents a text as it was available at a particular time in a particular document. Such editing is noncritical in that it does not emend the text, even a text that may not accurately reproduce an author's words. [...] the text of an author's letters, journals, and other papers; in fact, documentary editing is often the method of choice for texts that their authors did not prepare or intend to prepare for publication. Scholarly editing, both documentary and critical, is not limited to literary works (WILLIAMS; ABBOTT, 1999, p. 71):

artefato histórico, não buscando alterá-lo ou compará-lo, sendo apropriada a elaboração a partir de documentos monotestemunhais. Os autores acrescentam que para realizar edições documentais, os editores de utilizam de transcrições diversas, inclusive a genética:

Edições documentais também podem fazer uso de transcrições genéticas ou sinópticas, como quando em um único documento contém diversos estados de um texto. Manuscritos, por exemplo, geralmente contêm cancelamentos riscados, escritos na entrelinha, diversas leituras e coisas do tipo. Esses estados podem ser renderizados em uma transcrição genética, em que se emprega vários símbolos para registrar a variação textual e sua cronologia. Uma edição de *Billy Budd*, de Melville, fornece um exemplo<sup>6</sup> (WILLIAMS; ABBOTT, 1999, p. 73, tradução nossa).

A edição documental, no contexto da filologia norte-americana, se insere na orientação editorial documental, que, para Shillingsburg (2004):

[...] é embasada em um senso de integridade textual de momentos históricos e formas físicas. Sem necessariamente valorizar as primeiras formas em detrimento das posteriores, a orientação documental desaprova a mistura de leituras de textos historicamente distintos. A orientação documental é usada para apoiar diversos princípios editoriais. Alguns editores insistem que a integridade de cada documento histórico seja mantida rigidamente [...] Correções de erros em um documento podem ser toleradas, mas almejar a criação de um texto com os melhores elementos de dois documentos historicamente distintos é considerado a-histórico – uma violação pelo editor da forma histórica<sup>7</sup> (SHILLINGSBURG, 2004, p. 17, tradução nossa).

Como se vê, a orientação documental visa que a integridade de cada momento histórico seja rigidamente mantida e a transcrição genética é uma das formas de fazê-lo, ao se tratar de um documento que apresenta marcas físicas de manipulação, pois, se estas marcas fossem ignoradas, não seria elaborada uma transcrição íntegra, ou seja, representativa, do documento. Além da orientação documental, Shillingsburg (2004) aborda outras orientações, como, por exemplo, a bibliográfica, baseada nos estudos bibliográficos de Donald McKenzie.

---

<sup>6</sup> Texto original: Documentary editing may also make use of genetic or synoptic transcription, as when a single document contains several states of a text. Manuscripts, for example, often contain crossings out, interlineations, multiple readings, and the like. These states can be rendered in genetic transcription, which employs various symbols to record the textual variation and its chronology. An edition of Melville's *Billy Budd* provides an example (WILLIAMS; ABBOTT, 1999, p. 73).

<sup>7</sup> Texto original: [...] is founded on a sense of the textual integrity of historical moments and physical forms. Without necessarily valuing early forms over later ones, the documentary orientation frowns on the mixture of readings from historically discrete texts. The documentary orientation is used to support diverse editorial principles. Some editors would insist that the integrity of each historical document be maintained rigidly [...] Emendations of errors in a document from two historically distinct documents is considered unhistorical – a violation by the editor of the historical form (SHILLINGSBURG, 2004, p. 17).



De acordo com Shillingsburg (2004), a orientação bibliográfica:

[...] pode ser vista como uma extensão da documental ou da sociológica, mas nos últimos anos o interesse por ela aumentou o suficiente para garantir sua descrição separada. Com base nos estudos bibliográficos de D. F. McKenzie, esta orientação amplia a definição de texto para incluir todos os aspectos das formas físicas nas quais o texto linguístico é escrito. Essa abordagem não admite que nenhuma parte do texto ou do meio físico seja considerada insignificante e, portanto, corrigível. A textura do papel, a fonte do tipo, o estilo e custo da encadernação, a cor, as indicações no livro do tipo de mercado empreendido, o preço, a largura das margens - em suma, todos os aspectos do objeto físico que é os livros que carregam pistas de suas origens e destinos e pretensões sociais e literárias - são textos para orientação bibliográfica<sup>8</sup> (SHILLINGSBURG, 2004, p. 23-24, tradução nossa).

Observando os aspectos explorados na orientação bibliográfica, pode se dizer que a edição feita neste trabalho (cf. seção 4) se insere tanto na orientação documental quanto na bibliográfica, uma vez que buscou discutir aspectos da materialidade do caderno *Farmácia São José*, seu contexto de produção, circulação e recepção, bem como buscou representar os elementos linguísticos e semióticos dos rascunhos escritos no caderno nas transcrições genéticas.

Retomando a edição documental de *Billy Budd, Sailor* elaborada por Hayford e Sealts (1962), na qual os editores publicaram duas versões do texto, sendo uma, o texto para leitura, fruto de uma edição crítica do manuscrito monotestemunhal da obra, e a outra, o texto genético, resultado de uma transcrição genética do mesmo manuscrito. Para elaborar o texto genético, Williams e Abbott (1999) dizem que Hayford e Sealts (1962) fizeram uma transcrição literal do manuscrito, folha por folha, tendo como base a versão mais antiga de cada uma das 370 que compõem o manuscrito de Melville. É importante salientar que o romance *Billy Budd, Sailor* não foi publicado durante a vida de Melville e as edições anteriores a de Hayford e Sealts (1962) não são consideradas satisfatórias pelos estudiosos.

---

<sup>8</sup> Texto original: [...] can be seen as an extension of either the documentary or the sociological, but in the last few years interest in it has increased sufficiently to warrant its separate description. Based in the bibliographical studies of D. F. McKenzie, this orientation enlarges the definition of text to include all aspects of the physical forms upon which the linguistic text is written. This approach does not admit to any parts of the text or of the physical medium to be considered nonsignificant and therefore emendable. The texture of paper, the type font, the style and expense of binding, the color, the indications on the book of the type of marketing undertaken, the price, the width of margins - in short, all aspects of the physical object that is the book that bear clues to its origins and destinations and social and literary pretensions - are text to the bibliographic orientation (SHILLINGSBURG, 2004, p. 23-24).

Sobre a edição de Hayford e Sealts (1962), Williams e Abbott (1999) afirmam que os editores:

[...] registraram as numerosas revisões encontradas nas páginas por meio de interrupções com colchetes e identificou cada revisão de acordo com o estágio de revisão que ela representava. O resultado, então, não é de uma mera transcrição, que por si só configura uma tarefa por vezes dificultosa nas edições documentais, mas uma transcrição que reflete a análise árdua de como Melville desenvolveu sua história [...] A apresentação, como a que Hayford e Sealts fizeram de *Billy Budd*, reúne em uma só sequência, não em notas ou aparato anexado, os múltiplos estágios de desenvolvimento textual, os vários estágios, por vezes, sendo indicados por esquemas muito complexos de colchetes e marcas diacríticas. Tal tipo de edição genética ganhou ímpeto na França pelo que chamam crítica genética, um movimento influenciado pelo estruturalismo francês e interessado não apenas em um estado particular do texto de uma obra, mas sim nos vários estados textuais como um processo ou como um campo de possibilidades de seleção e combinação<sup>9</sup> (WILLIAMS; ABBOTT, 1999, p. 74, grifo dos autores, tradução nossa).

É importante salientar que Williams e Abbott (1999) comentam o fato de que os registros do processo de construção do texto de Melville são apresentados em uma só sequência, ou seja, no corpo do texto, não em forma de aparato ou notas. Williams e Abbott (1999) dizem que apesar de alguns críticos textuais restringirem o termo ‘genética’ para se referir a edições que apresentam o texto e suas alterações como estão em um manuscrito, o termo também tem sido usado (assim como sinóptica) para se referir a edições que apresentam múltiplos textos documentais de uma obra. Os autores também apresentam a definição de edição genética no glossário de seu livro:

Uma edição que tem como principal objetivo o estabelecimento e a disposição do desenvolvimento de um texto ao invés de construir um texto de autoridade, com a premissa de que uma obra não é melhor representada por um único texto e sim por uma série de textos que refletem sua história textual ou versões. Nesse sentido, sinônimo de edição sinóptica. O termo pode também se restringir a uma edição que apresenta o desenvolvimento do texto ou textos em um único documento, em oposição a edição sinóptica, em

---

<sup>9</sup> Texto original: They reported the numerous revision found on the leaves as bracketed interruptions and identified each revision according to the stage of revision it represents. The result, then, is not mere transcription, itself an often difficult task in documentary editing, but transcription that reflects painstaking analysis of how Melville went about developing his story [...] The presentation, like that of Hayford and Sealts’s *Billy Budd*, brings together in one sequence, not in notes or an appendicular apparatus, the multiple stages of textual development, the various stages being indicated by sometimes very complex schemes of brackets and diacritical marks. Such genetic editing has gained impetus in France from what has been called *critique génétique*, a movement influenced by French structuralism and interested not in a particular state of a work’s text but rather with the various textual states as a process or as a field of possibilities of selection and combination<sup>9</sup> (WILLIAMS; ABBOTT, 1999, p. 74, grifo dos autores).

que apresenta o desenvolvimento em sua ordem de aparição em diversos documentos. Todas as edições genéticas apresentam *inclusive-text*<sup>10</sup> (WILLIAMS; ABBOTT, 1999, p. 148, grifos dos autores, tradução nossa).

Os autores afirmam que, quando se trata de edições de testemunhos múltiplos (politestemunhais) que buscam representar os múltiplos processos de desenvolvimento do texto, se aplica a edição sinóptica, que nesse sentido, o termo é sinônimo de edição genética, mas que esta última se aplica a documentos monotestemunhais. Para finalizar, os autores afirmam que todas as edições genéticas utilizam o *inclusive-text* em sua apresentação. *Inclusive-text*, de acordo com a definição apresentada no glossário do livro *An introduction to bibliographical and textual studies* (1999), é, no âmbito das *Scholarly Editions*, um texto editado que incorpora símbolos editoriais, interpolações e outras coisas do tipo, ao invés de apresentar um texto limpo. Essas características são bem similares às atribuídas as transcrições genéticas.

Em *A guide to Documentary Editing*, Mary-Jo Kline (1998) considera o texto genético da edição de *Billy Budd* como uma transcrição diplomática, pois acredita que em transcrições diplomáticas deve-se apresentar detalhadamente todos os elementos que compõem o texto e o documento, inclusive processos, caso ocorram. Para Kline (1998):

O texto genético de *Billy Budd* é um dos mais complicados e sofisticados produtos das edições acadêmicas modernas. Textos genéticos mais simples têm estado entre nós desde a primeira vez que o editor apresentou um texto inclusivo ou um texto conservador expandido ou um rascunho manuscrito. Qualquer método editorial que inclui o uso de símbolos para representar remoções, inserções e escrita na entrelinha pode apresentar um texto genético para documentos individuais. Editores que evitam o uso de símbolos textuais podem, ao invés disso, entregar aos seus leitores textos limpos da versão final e fornecer notas que permitam aos leitores construir suas próprias versões genéticas<sup>11</sup> (KLINE, 1998, p 179, tradução nossa).

---

<sup>10</sup> Texto original: A scholarly edition that has the chief goal of establishing and displaying a text's development rather than constructing an authoritative text, the premise often being that a work is best represented not by a single text but by a series of texts reflecting its textual history or versions. In this sense, synonymous with *synoptic edition*. The term may also be restricted to an edition showing the development of the text or texts in a single document, as opposed to a synoptic edition, which shows the development as it appears in several documents. All genetic editions use *inclusive-text* presentations (WILLIAMS; ABBOTT, 1999, p. 148, grifos dos autores).

<sup>11</sup> Texto original: The genetic text of *Billy Budd* is one of the most complicated and sophisticated products of modern scholarly editing. Simpler genetic texts have been with us since the first editor presented an inclusive or conservatively expanded text or a handwritten draft. Any editorial method that includes the use of symbols for deletions, insertions, and interlineations can present a genetic text for individual documents. Editors who eschew the use of textual symbols can instead give their readers clear texts of the final version and supply notes that permit the readers to construct their own genetic version (KLINE, 1998, p. 179).

Segundo a autora, qualquer método editorial que inclua o uso de símbolos para marcar cancelamentos, inserções e entrelinhamento pode apresentar um texto genético para documentos individuais. Na tradição da crítica textual brasileira, não se vê a transcrição diplomática sendo feita com uma grande quantidade de codificadores genéticos, mas, geralmente, é própria dela a pouca intervenção, a manutenção da *mise en page* (topografia do texto) e de elementos como consta no original, sendo preferível até a manutenção das formas gráficas, o que acaba ocupando muito espaço, além de manter as abreviaturas. No âmbito da *scholarly edition*, não há referências à existência de uma edição semidiplomática, em contrapartida, na tradição da crítica textual brasileira ela existe e apresenta certas informações acerca da gênese em suas transcrições, como substituições, entrelinhamento e supressões. O problema é que a transcrição semidiplomática não tem como foco os processos de escrita do texto da mesma forma que a transcrição genética se propõe, além de desdobrar abreviaturas, o que não é feito na transcrição genética.

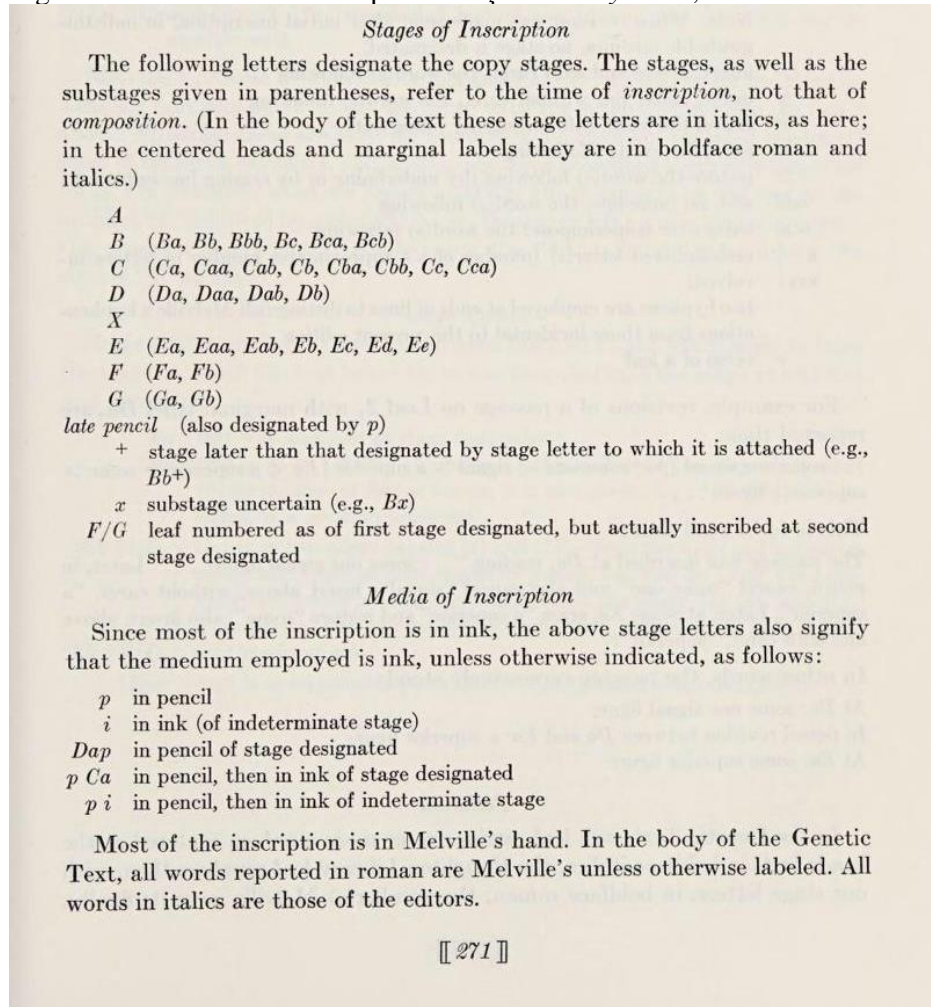
Em um documento que apresenta múltiplos processos de escrita, a transcrição semidiplomática seria limitada para registrá-los, uma vez que, de acordo com os manuais brasileiros, ela tem por objetivo não apresentar grandes interferências no texto (mais comumente a intervenção se dá pelo desdobramento de abreviaturas), sendo mais interventiva que a diplomática e menos interventiva do que a interpretativa. Apesar de a transcrição genética não realizar intervenção no texto, a grande quantidade de operadores genéticos (utilizados para marcar o processo de escrita) acaba fazendo com que ela apresente grandes intervenções do editor, mesmo que essas intervenções sejam de necessidade do documento. Desse modo, a afirmação de Kline (1998) de que qualquer método editorial poder gerar um texto genético é, de certa forma, equivocada e generalizante para a realidade da crítica textual brasileira. Ao mesmo tempo, a autora pontua que “edições genéticas tentam oferecer ao leitor o acesso a mais de um nível de criação textual dentro de uma única página” (KLINE, 1998, p. 178, tradução nossa).

O texto genético de *Billy Budd, Sailor*, apresentado por Hayford e Sealts (1962), é definido como uma transcrição literal do manuscrito de Billy Budd, página por página, incluindo folhas substituídas, de forma que incorpora a análise dos editores sobre o texto. Os autores dizem que para fazer isso, eles apresentaram como texto-base a primeira versão do texto inscrita por Melville em cada página. Ao mesmo tempo, apresentaram cada uma das revisões entre colchetes até o ponto em que ele as fez no curso do texto (modificações em curso). Os editores fazem um adendo, dizendo que não é possível acompanhar todo o desenvolvimento do texto desde o início ou encontrar a ‘primeira versão’ da história. O

motivo disso se dá pelo fato de ter começado a obra literária a lápis e ter feito vários ‘falsos começos’ e várias campanhas de revisão destes, então, ele passava a limpo algumas páginas destes falsos começos utilizando tinta e descartava as versões a lápis, ficando apenas alguns exemplares preservados em situações em que Melville utilizou o verso da folha.

Hayford e Sealts (1962) apresentam, como eles designam, os estágios de escrita do autor. O estágio A representa o mais próximo do inicial que foi encontrado, que foi feito a lápis. O estágio B corresponde as alterações que o autor fez, marcada com giz de cera verde, seguida de ‘Ba’ que corresponde a primeira campanha de revisão do estágio B, sendo ‘Bb’ a segunda campanha de revisão e assim sucessivamente. Na figura 01, também se vê que os editores apresentam o ‘meio de inscrição’, que se refere às ferramentas utilizadas para realizar a escrita:

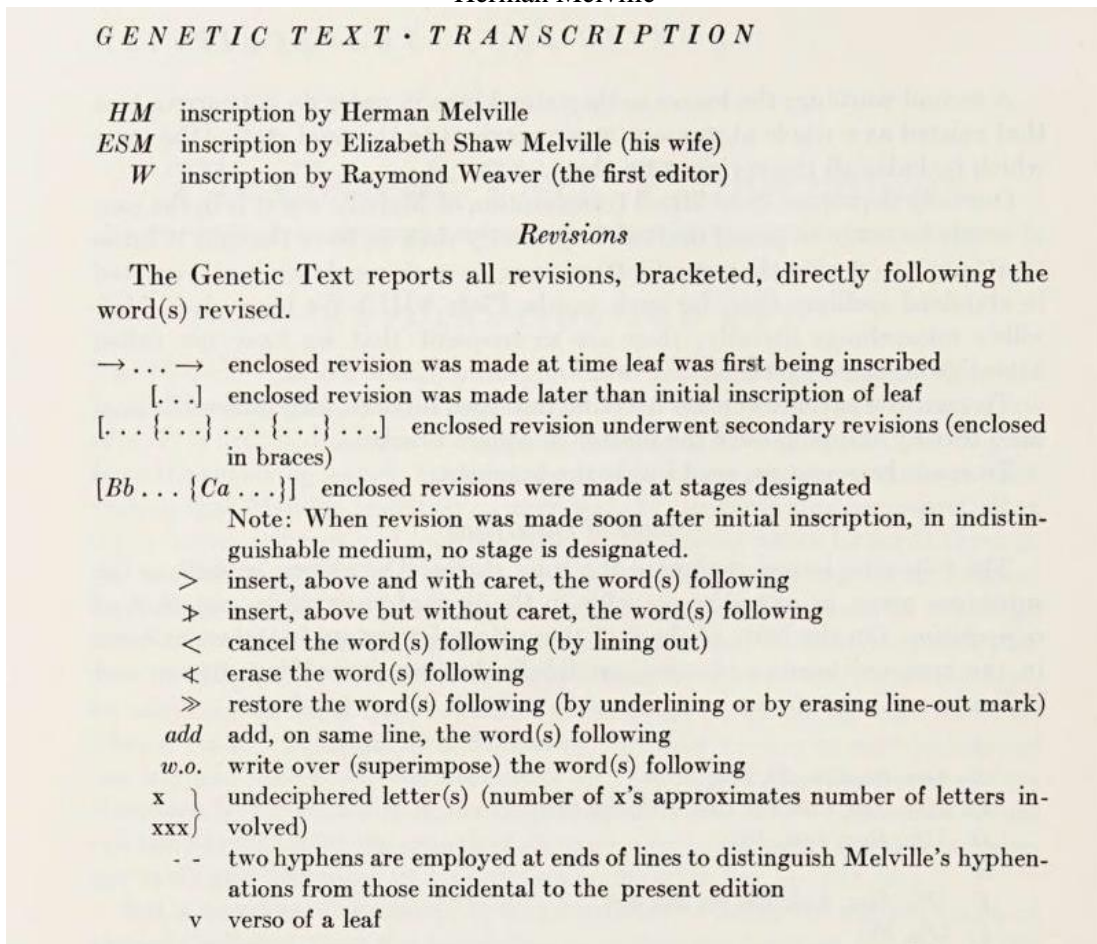
Figura 01 - Critérios adotados para a edição de *Billy Budd*, de Herman Melville



Fonte: Hayford e Sealts (1962, p, 271).

Além desses elementos, a edição conta com a identificação dos escreventes do texto, uma vez que *Billy Budd*, além da escrita de Melville, também conta com escritos feitos por Elizabeth Shaw Melville, esposa de Herman Melville, e por Raymond Weaver, o primeiro editor. Cada escrevente conta com seu código de identificação. Em sequência, Hayford e Sealts (1962) apresentam os operadores que utilizaram para marcar os estágios das revisões, além de operadores para marcar os processos de escrita, como é apresentado na figura 02:

Figura 02 - Continuação dos critérios adotados para a transcrição do texto genético de *Billy Budd*, de Herman Melville



Fonte: Hayford e Sealts (1962, p, 271).

Nos operadores, pode-se verificar que os editores elaboraram símbolos que representassem processos mecânicos da construção do texto, como, por exemplo, o cancelamento de palavra por segmento riscado, apagamento da palavra (por borracha), restauração de palavras por meio de sublinhado ou apagamento de risco do segmento, além de utilizar *w.o.* (*write over*) para representar palavras escritas em sobreposição. O resultado do texto genético apresentado pelos editores é um texto que conta com diversos codificadores genéticos para marcar os processos, além de marcar as versões e as campanhas de correção.

Vale lembrar que essa edição foi realizada em um documento monotestemunhal que apresentava estágios em cada página. A transcrição genética (cf. figura 03) se deu da seguinte forma:

Figura 03 - Texto genético do estágio de escrita A de *Billy Budd*, de Herman Melville

**A: pencil**

Billy B → *w.o.* Budd → [▷ a rollicking seaman { <a rollicking seaman}] yet more familiarly → <yet more familiarly *w.o.* sometimes → known as → alter as to among → his shipmates as Handsome → <as Handsome *w.o.* under the knicknames → Handsome, [underlined] [ < Handsome ▷ “Beauty”] xx xx → <xx xx *w.o.* and J <J *w.o.* The Jewel, [underlined] → he being a man [?] in [?] his xx → <a man in his xx *w.o.* in person → [ > (at top, to follow he being) not only → <not only → goo → <goo → goodnatured → <he being <goodnatured → > (still above, circled, with guide-line to caret) he being not only sparkingly → <sparkingly → pleasant in temper, → <pleasant in temper ▷ genial, → { <genial ▷ (above) genial in temper, and sparkingly so; } ▷ but (before in person) > (after person) also] a goodly object [ <goodly add brilliant { <a brilliant object >>goodly}] to behold; [passage finally reads he being not only genial in temper, and sparkingly so, but in person also goodly to behold;] his features, ear, foot, and in a less degree even his sailor hands all indicating n → <indicating n → together → <together <all → but more particularly [ <particularly ▷ strikingly] his [ >whole { <whole} frame and] natural bearing [ <bearing > (with guide-line and caret) carriage] all → <all → indicating no ignoble lineage → <no add some <ignoble lineage → superior and noble stock → <some . . . stock → exceptional and superior stock → <exceptional . . . stock → a lineage contradicting his lot; he, [alter semicolon to period and alter he to He] in war time, Captain of a gun’s crew in a seventy-four, is summarily condemned [ >at sea] to be hung as the ringleader of an incipient mutiny [ > (below, circled) the spread of which was apprehended] [ ▷ a mutiny] projected under the [*orange crayon cancel whole leaf*]

Fonte: Hayford e Sealts (1962, p, 275).

Esse texto genético, resultado de uma transcrição genética, aproxima-se da proposta de transcrição feita no âmbito do projeto de pesquisa *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta*. A transcrição proposta por Barreiros (2013; 2015) busca apresentar, no corpo do texto, a gênese da escrita dos textos, por meio de operadores genéticos que registram as marcas de manipulação, autoral ou não, do documento. Sendo assim, categorizo essa proposta de Barreiros (2013; 2015) como uma transcrição genética, uma vez que ela possibilita a visualização dos movimentos de escrita empregados pelo escrevente. As transcrições genéticas vêm sendo feitas no âmbito do projeto *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta* desde 2013 e é sempre o primeiro tipo de transcrição empreendido nos documentos de Motta que contam com marcas físicas de manipulação da escrita, servindo, posteriormente, de base para a elaboração de outros tipos de transcrição.

Seguem os critérios e operadores genéticos elaborados por Barreiros (2013; 2015) que foram ampliados e adaptados para esta dissertação (cf. seção 4), e utilizados para a transcrição dos textos de Eulálio Motta:

1. No caso de manuscritos encadernados, indica-se, à margem direita da primeira linha, a folha (caso não esteja enumerada), a exemplo: (f. 1r ou f.1v), ou a página, caso tenha sido feita a enumeração pelo escrevente, a exemplo: (p. 1; p. 2).
2. No caso de folhas avulsas (manuscritas, datiloscritas ou impressas), indica-se o código catalográfico, à margem direita, exemplo: (EH1.800.CL.03.004);
3. No caso de impressos ou datiloscritos encadernados, indica-se o número da página à margem direita, exemplo: (p. 10);
4. As linhas são numeradas de 5 em 5 à margem esquerda;
5. Os textos são transcritos em fonte *Times New Roman* padrão *Word*; de tamanho 11, justificados à margem esquerda;
6. Transcreve-se o título como se encontra no original;
7. Quando não houver título atribuído pelo escrevente, deve-se tomar a primeira linha escrita como título para o texto;
8. As quebras de linha serão marcadas com o símbolo |;
9. A rubrica do autor indica-se entre colchetes;
10. Serão mantidos os sublinhados que constam no documento a ser transcrito;
11. Serão utilizadas notas do editor para indicar informações complementares tais como: alternância da cor da tinta, rasgões, furos, manchas, colagens, etc., que devem ser apresentadas sempre no final da transcrição, separados do texto transcrito;
12. Serão mantidas as abreviaturas na transcrição, a serem desdobradas na nota do editor;
13. São mantidas as interpolações, os lapsos do autor, a ortografia, a acentuação, o uso de maiúsculas, a pontuação e registraram-se todas as correções, emendas, rasuras e acréscimos, através da utilização de operadores genéticos;
14. Corresponde a uma transcrição linearizada que acomoda as rasuras, substituições, correções e acréscimos na sequência lógica do texto (não obedecendo a topografia do original);
15. As linhas vazias (sem escritos ou marcas), como, por exemplo, o ato de saltar uma linha, são apresentadas na transcrição, mas não são contabilizadas na enumeração. Traços, riscos ou outras marcas nas linhas em que não apresentam código alfanumérico devem ser reproduzidos, sempre que possível, e as linhas devem ser contabilizadas como linha escrita na enumeração lateral da transcrição.

Quanto aos operadores genéticos para realizar as transcrições dos textos, utilizam-se os elaborados por Barreiros (2013; 2015), que foram ampliados e adaptados nesta esta dissertação (cf. seção 4):

**Chave de leitura dos operadores:** o símbolo { } ocorre em contexto de cancelamento, apagamento por borracha ou segmento ilegível; o símbolo [ ] ocorre em contexto de acréscimo, numeração da página e rubrica do escrevente; o símbolo / \ ocorre em contexto de substituição. O símbolo † é utilizado para representar segmento ilegível; os símbolos ↑ ↓ ← → são utilizados para representar a localização do acréscimo ou substituição na página; o símbolo > é utilizado para representar o ato de substituir por sobreposição (unidade lexical ou frase escrita por cima de outra).



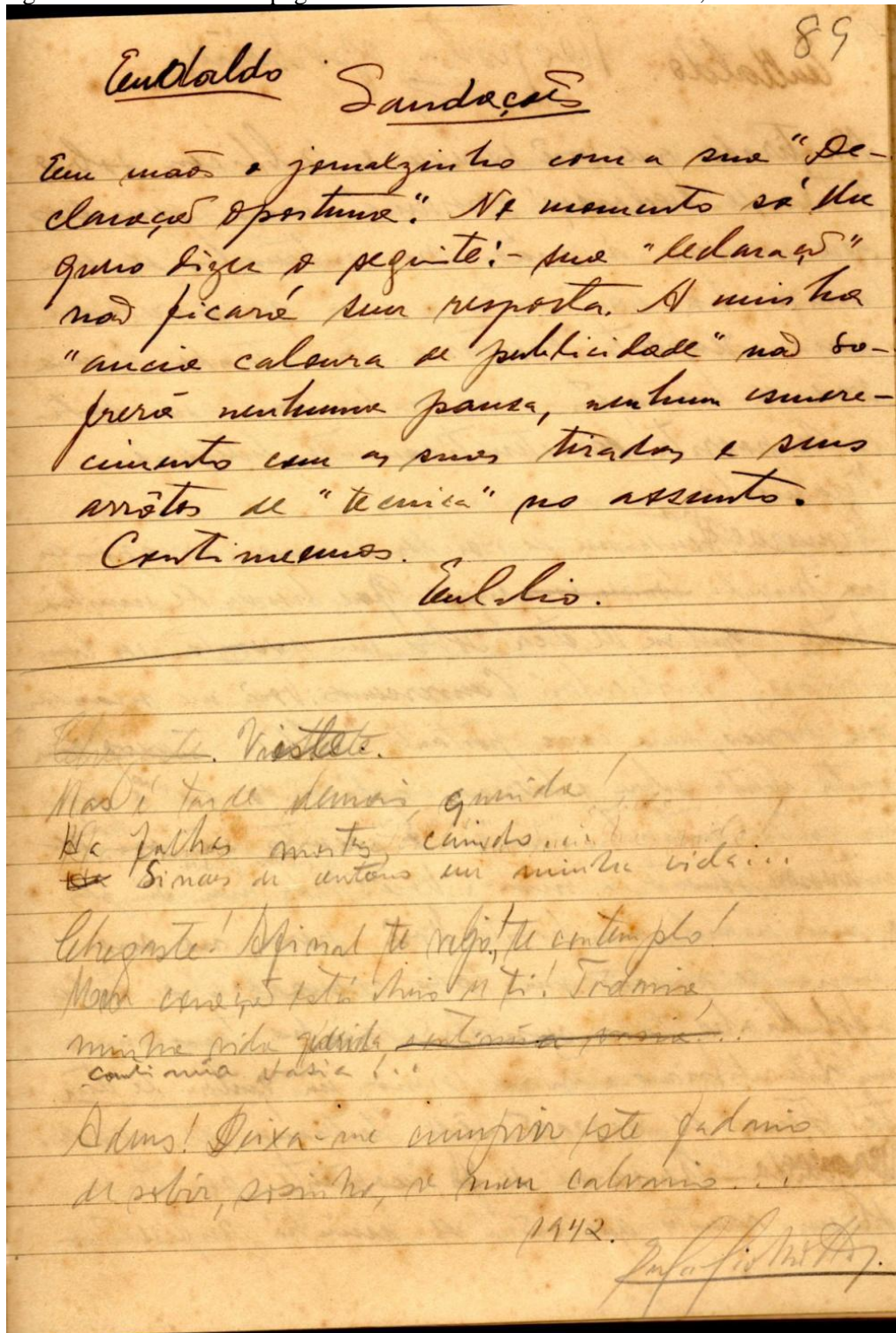
1. [P ] Numeração da página que consta escrita no documento;
2. | marcação da quebra de linha;
3. { } seguimento riscado, cancelado;
4. {**B ... B**} (**B em negrito**) seguimento ou texto completo apagado por borracha;
5. {**F ... F**} (**F em negrito**) marcação de texto inteiramente cancelado (riscado);
6. {**F ... F**} (**F em negrito**) marcação de fragmento de texto cancelado (riscado) que ultrapassa o nível da linha;
7. {†} seguimento ilegível;
8. {{†}} seguimento ilegível cancelado, riscado;
9. {†}/>{†} \ seguimento ilegível substituído por outro seguimento por sobreposição ilegível;
10. {†}/ \ segmento ilegível substituído por outro legível na sequência, na relação: {ilegível}/legível\;
11. {†}/> \ substituição por sobreposição de segmento ilegível por outro legível na relação: {ilegível}/>legível\;
12. { }/ \ segmento legível riscado e substituído por outro legível na sequência, na relação: {substituído} /substituto\;
13. { }/> \ substituição por sobreposição de segmento legível por outro legível, na relação: {substituído}/> substituto\;
14. { }/[↑] \ riscado e substituído por outro na entrelinha superior;
15. { } /[↑] \ riscado e substituído por outro na entrelinha inferior;
16. { } /[→] \ riscado e substituído por outro na margem direita;
17. { } /[←] \ riscado e substituído por outro na margem esquerda;
18. [ ] acréscimo no curso da linha;
19. [↑] acréscimo na entrelinha superior;
20. [↑↑] continuação da entrelinha superior;
21. [↓] acréscimo na entrelinha inferior;
22. [↓↓] continuação da entrelinha inferior;
23. [→] acréscimo na margem direita;
24. [←] acréscimo na margem esquerda;
25. [↑{ } ] acréscimo na entrelinha superior riscado;
26. [↑{†}] acréscimo na entrelinha superior ilegível;
27. [↑{ } / \ ] acréscimo na entrelinha superior riscado e substituído por outro na sequência;
28. [↑{†} / \ ] acréscimo na entrelinha superior ilegível e substituído por outro na sequência;
29. [↓{ } ] acréscimo na entrelinha inferior riscado;
30. [↓{†}] acréscimo na entrelinha inferior ilegível;
31. [↓{ } / \ ] acréscimo na entrelinha inferior riscado e substituído por outro na sequência;
32. [↓{†} / \ ] acréscimo na entrelinha inferior ilegível e substituído por outro na sequência;
33. [\*↑] parte do texto localizada à margem superior indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;
34. [\*↓] parte do texto localizada à margem inferior indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;
35. [\*→] parte do texto localizada à margem direita indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;
36. [\*←] parte do texto localizada à margem esquerda indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;
37. [\***(f. ou p., L ) ... \*(f. ou p., L)**], sendo **apresentado em negrito**, para parte do texto localizada em outro fólio ou página indicada pelo autor a partir de números e letras remissivos ou anotações. Nesses casos, o número do fólio ou da página aparece entre parênteses, seguido de L que referenciará a linha na qual esse apêndice se encontra;
38. / \* / leitura conjecturada;

É importante dizer que, no acervo, os tipos de documentos são diversos, assim como os gêneros. Nem todos os documentos do acervo são rascunhos e, como já foi dito, nem todos

os rascunhos apresentam a necessidade de uma transcrição genética. A partir da discussão realizada, acerca da diferença entre transcrição e edição, abre-se um parêntese sobre os tipos de transcrição e de edição realizadas no âmbito do projeto de pesquisa *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta*. O que irá definir o tipo adotado será o documento. Ao se deparar com um documento que não apresenta marcas físicas de manipulação, ou pouco delas, cabem diversos tipos de transcrição, que podem compor diversos tipos de edição, como uma diplomática, uma semidiplomática, uma interpretativa, cada uma contando com seu tipo de transcrição. Mas, no caso de o editor se deparar com um documento que apresente diversos processos, a transcrição que mais se propõe evidenciar e explorar estas características é a genética, pois esta dará conta de marcar, na medida do possível, os processos na transcrição e, conseqüentemente, na edição. No caso do *corpus* deste trabalho, a maioria dos textos apresentam marcas físicas de manipulação e lhe cabe a transcrição genética com o uso de operadores genéticos.

Por vezes, na tradição da crítica textual brasileira, o tipo de transcrição direciona o tipo de edição. Por exemplo, uma edição diplomática, além dos outros elementos que a compõe, também apresenta uma transcrição diplomática de um determinado documento. Caso se opte por elaborar uma edição semidiplomática desse mesmo documento, ao substituir a transcrição diplomática pela semidiplomática, muda-se também o tipo de edição, deixando de ser diplomática e passando a ser semidiplomática. De fato, há exceções, como a edição crítica, crítico-genética e histórico-crítica que envolvem diversos outros processos para serem elaboradas, não podendo caracterizá-las a partir de sua transcrição. Sendo assim, ao elaborar uma edição que conte com uma transcrição genética, no âmbito da crítica textual, tal edição pode ser considerada uma edição genética.

O documento a seguir faz parte do caderno *Farmácia São José*, de Eulálio Motta. Tratam-se de dois rascunhos, um de carta e um de poema numa mesma página. No caso do rascunho de carta, mesmo sendo um rascunho, não apresenta processos de escrita, cabendo-lhe uma transcrição semidiplomática. Já o poema apresenta alguns processos, os quais não cabem mais à transcrição semidiplomática, pois passa a ser mais interventiva. Além disso, os processos intravocabulares, mesmo que poucos, não são de praxe serem marcados em transcrições semidiplomáticas, havendo assim a necessidade de aplicar a genética. Para ilustrar, apresenta-se o fac-símile da página 89 do caderno *Farmácia São José* (cf. figura 04), seguida de sua transcrição híbrida, no primeiro texto semidiplomática, no segundo, genética.

Figura 04 - Fac-símile da página 89 do caderno *Farmácia São José*, de Eulálio Motta

Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Eu {1}/>d\aldo [P 89] |  
 Saudações |  
 Em mãos o jornalzinho com a sua “De- |  
 claraçã Oportuna”. No momento só lhe |  
 5 quero dizer o seguinte: – sua “declaraçã” |  
 não ficará sem resposta. A minha |  
 “ancia caloura de publicidade” não so- |  
 frerá nenhuma pausa, nenhum esmore- |  
 cimento com as suas tiradas e seus |  
 10 arrôtos de “tecnica” no assunto. |  
 Continuemos. |  
 [Eulalio.] |

---

{Chegaste}. Vi {nheste.}/>este.\ |  
 15 Mas é tarde demais, {o}/>q\uerida! |  
 {Ha}/>Ha\ {B} {†} {B}/>folhas mortas, caindo...\ |  
 {Ha} {s}/>S\inaes de outono em minha vida... |

Chegaste! Afinal te ve[l]/>j\o{,}[>! te contemplo! |  
 Meu coração está cheio de ti! Todavia, |  
 20 minha vida, {†}/>querida\ {continúa vasia...} |  
 [↑continúa vasia...]

Adeus! Deixa-me cumprir este fadario |  
 descobrir, sosinho, o meu calvario... |  
 1942. |  
 25 [Eulalio Motta.] |

Notas do editor:

1. A enumeração da página foi feita com lápis grafite, na margem superior direita.
2. Da linha 1 a 12 o texto foi escrito com tinta preta.
3. Há uma divisão na página com um risco horizontal, de ponta a ponta da página, feita com lápis grafite.
4. A partir da linha 14, o texto foi escrito com lápis grafite.

Observando a transcrição apresentada, cabe pontuar que a crítica genética se interessaria pelo rascunho do poema (da linha 1 a 12) como base de estudo por ele conter processos, porém não se interessaria da mesma forma pelo rascunho de carta, uma vez que ele não apresenta processos físicos de manipulação em sua composição e nem um outro testemunho para se observar modificações. Contudo, caso o rascunho de carta (da linha 14 a 25) fosse um prototexto de alguma obra literária, poderia atuar em uma edição genética como documento de processo. Por outro lado, a crítica textual se interessa pelos dois rascunhos (com e sem processos físicos de manipulação) como documentos históricos, por seus aspectos

sócio-históricos, materiais, contextuais e por sua publicação, assim como se interessa por documentos que apresentam movimentos de escrita por meio de marcas físicas de manipulação, para compreender o processo de escrita do texto e realizar estudos com base neste processo, sejam linguísticos ou literários.

Sabendo que a edição não é composta apenas de transcrição, outros elementos precisam ser explorados em virtude de sua elaboração. Um dos elementos essenciais para a edição é o contexto, seja ele relacionado a produção, circulação e recepção. Tendo em vista o *corpus* desta dissertação, os rascunhos de cartas, para compreender o contexto de produção do gênero é preciso observar outros rascunhos de cartas feitos pelo mesmo escrevente, verificar como se dava o manuseio delas e se é possível verificar se foram passadas a limpo e enviadas, além de perceber quais outros textos do gênero epistolar eram produzidos pelo escritor. Trabalhar com acervo de um escritor nos proporciona infinitas possibilidades de análise e revela ricas informações a partir dos documentos e da conectividade entre eles, promovendo a estruturação de narrativas sobre o autor, sua vida, sua comunidade e um momento histórico. Sobre isso, Santiago et al. (2017) pontuam:

[...] ao estruturar essas narrativas, deve-se considerar que os objetos do acervo não se constituem isoladamente. Primeiro, pelo fato de que um texto não existe em si mesmo, mas se estabelece a partir de um contínuo diálogo com outros textos [...] o acervo não pode ser estudado de maneira fragmentada, por meio da análise isolada de cada documento, visto que os documentos compõem uma imensa rede de informações. O rompimento dessas redes é um procedimento arriscado, pois induz o pesquisador a realização de uma leitura limitada, direcionando-o a assumir posicionamentos equivocados com relação ao escritor, ao acervo e, obviamente, ao próprio documento (SANTIAGO et al., 2017, p. 47).

O contexto da materialidade (ou bibliográfico) também foi explorado nesta dissertação e a conectividade entre os documentos do acervo também possibilitou propor uma hipótese de proveniência do caderno *Farmácia São José*, bem como refletir sobre a possibilidade de produção e uso de tinta caseira por parte de Eulálio, devido a sua formação em farmácia e a outros documentos do acervo conterem receitas para produção caseira de materiais (sabão, por exemplo). Essas hipóteses só puderam ser levantadas graças aos documentos do acervo, que também contam a história e práticas cotidianas da vida do escritor. Além desses, o contexto histórico de produção também foi considerado na edição, pensando no fato de que os rascunhos de cartas direcionados a Eudaldo Lima foram escritos em um momento em que Motta estava empreendendo uma Ação Católica, associada ao Movimento de Ação Católica Brasileira (ACB) e ao Movimento de Ação Integralista Brasileira (AIB), o que fez com que

Motta se interessasse em realizar leituras de livros religiosos e debater o assunto com seu amigo de infância, Eudaldo Lima, além de envolver outras personalidades, como Nemésio Lima, Afonso Carapiá, Eurides Barreto, em busca de apoio às suas argumentações. Compreender esses contextos é importante para o entendimento da discussão empreendida nos rascunhos de cartas destinados a Eudaldo Lima, quais as suas funções e seus propósitos, qual a proporção que esse debate atingiu e quem se envolveu nele.

### 3 O EPISTOLÁRIO DO ACERVO DE EULÁLIO MOTTA

Apresenta-se, nesta seção, uma contextualização do acervo do escritor e um panorama geral das pesquisas feitas no âmbito do projeto de pesquisa *Estudos lexicais no acervo de Eulálio Motta* e os projetos de publicação encontrados no acervo. Conta também com a discussão sobre o gênero carta e seu desdobramento, o rascunho de cartas, bem como uma apresentação geral do epistolário que se encontra no acervo do escritor Eulálio Motta e os cadernos que apresentam esse gênero textual, além de comentar outros tipos de documentos que fazem parte do gênero epistolar, como cartões e fotografias com dedicatória no verso.

#### 3.1 O ACERVO E O ESCRITOR

Um dos oito filhos de Eremita de Miranda Motta e Antônio Manoel da Motta, nascido no semiárido baiano, Eulálio de Miranda Motta, intelectual mundonovense, praticou, durante a trajetória de sua vida, o auto-arquivamento, por meio da reunião de documentos pessoais, fotografias, cartas, postais, bilhetes, livros, panfletos, cordéis, jornais, datiloscritos e manuscritos avulsos, diários e cadernos. Essa coletânea de documentos traz consigo histórias, transparece características do escritor, de sua comunidade em determinadas épocas, de indivíduos específicos com os quais se relacionava, além de revelar suas esferas de discurso e, conseqüentemente, também evidenciar ideologias. É possível dizer, assim, que o acervo de Eulálio Motta nos mostra mais do que as suas identidades, é um composto que desvenda diversos níveis de interação social, de criação literária, de construção de discurso, de comportamento social em certo período, além de posicionamentos acerca de assuntos variados, tanto de Eulálio Motta, quanto de seus conhecidos e correspondentes.

O acervo de Eulálio Motta é um vasto e fértil terreno para conhecer suas diversas camadas, por meio das interpretações de seus documentos, para que assim, se crie uma narrativa sobre o escritor e seus perfis. Os documentos deixados por ele não foram apenas guardados por acaso, visto que seu acervo apresentava seletividade e uma organização interna quando foi doado, característica essa que foi preservada por Patrício Barreiros, quando organizou o acervo do escritor e criou o projeto de pesquisa *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta*. Esse projeto visa publicar, na forma impressa e digital, as obras inéditas do escritor mundonovense com o intuito de divulgá-las e torná-las acessíveis, tanto como objeto de apreciação literária, quanto para estudo de fontes primárias em diversas áreas. Já foram desenvolvidos trabalhos, havendo outros em andamento, nas áreas de estudos literários,

filológicos, linguísticos e história. É importante editar e divulgar as produções de Eulálio Motta, tendo em vista que ele é um autor vindo do interior da Bahia, não canônico, sertanejo, um expoente porta-voz de ideias em sua comunidade e, por meio de seu acervo, apresenta narrativas que não seriam notórias caso a documentação não fosse preservada, sistematizada e estudada.

O acervo, na composição deixada por Eulálio Motta, foi doado por Helder Sampaio, seu sobrinho, em 1999. Encontrava-se na residência do escritor, em Mundo Novo, condicionado de forma inadequada para conservação e prestes a enfrentar o descarte. A documentação foi cedida para o pesquisador Patrício Barreiros, que expressou sua experiência em uma publicação de comemoração dos vinte anos da pesquisa no acervo:

Demonstrei interesse de conhecer o acervo e agendamos para o dia seguinte. Para a minha surpresa, as gavetas e pastas ainda não tinham sido manipuladas. Eulálio Motta havia organizado seus papéis de modo sistemático em caixas de papelão, classificadores e envelopes. Onze anos depois da morte do escritor, encontramos os documentos aparentemente do mesmo modo que o escritor tinha deixado. Os diários, cadernos com os esboços de poesias, postais, fotografias, panfletos, jornais, documentos pessoais, diplomas e objetos pessoais estavam guardados em dois armários. Os livros que não foram doados para a Biblioteca Municipal Eulálio Motta, em Mundo Novo, tinham sido levados para o porão da casa e estavam em péssimo estado de conservação (BARREIROS, 2019, p. 124).

Desde então, foram feitos um inventário e uma catalogação prévia do acervo pelo professor Patrício Barreiros, além da digitalização de parte dos documentos, cadernos, panfletos, jornais, datiloscritos e manuscritos avulsos, algumas fotografias e postais, para serem editados. No entanto, os diários não foram digitalizados e nem disponibilizados para consulta, visto que são de caráter íntimo e envolvem assuntos pessoais do escritor, sua família e conhecidos. Além desse material citado, o acervo vem sendo expandido a medida em que são encontrados novos documentos referentes a Eulálio Motta ou suas produções. Portanto, hoje, o acervo não conta somente com documentos que Eulálio Motta desejou arquivar, e sim, resulta de uma junção destes com outros documentos agregados, encontrados por meio de pesquisa ou doados por familiares.

De acordo com Barreiros (2013; 2015), o material do acervo encontra-se acondicionado em: 10 caixas plásticas de 40cm de largura por 30cm de comprimento e altura, 3 com tampas de cor verde, 6 com tampa na cor roxa e 1 com tampa na cor laranja; 5 pastas catálogo no tamanho A3; e o diploma de Bacharel em Farmácia e a máquina de escrever estão



em compartimentos próprios. Todo esse material está localizado em um armário único no *Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais* (neiHD).

O trabalho com acervo é fundamental para resgatar e preservar a memória de um indivíduo e sua comunidade, bem como esboçar seus perfis. Assim, para Barreiros (2007; 2012), “[o]s documentos que um escritor reúne em torno de si revelam os seus contatos com o mundo intelectual, político, social e literário” (BARREIROS, 2007; 2012, p. 86). De fato, esses contatos são expostos por meio do estudo do acervo, e assim, compreende-se que Eulálio Motta não era um, e sim muitos, que se revelam em seus perfis e ideologias por meio das temáticas tratadas e da tipologia documental utilizada, em cada contexto histórico e social. Esses documentos dizem muito sobre o escritor, de características de sua personalidade a militância, como o inconformismo diante do que lhe incomodava, a necessidade de pôr em papel as suas percepções de mundo, o que pensava e sentia, fosse para o público ou para ele mesmo.

A princípio, as pesquisas no acervo de Eulálio Motta figuravam apenas dentro do projeto *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta*, criado em 2008, por Patrício Barreiros, a partir de sua constatação de que “[o] inventário e a manipulação dos documentos permitiram identificar projetos de obras inéditas de Eulálio Motta e os manuscritos relativos a tais publicações” (BARREIROS, 2009, p. 125). Esse projeto vem rendendo bons frutos, como diversos artigos científicos, livros e capítulos de livros, atividades de Iniciação Científica, uma tese e nove dissertações. Dentre as pesquisas relacionadas à edição e os estudos literários, há a tese de Patrício Nunes Barreiros, *O Pasquineiro da roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta*, defendida em 2013, no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e orientada pela Profa. Dra. Célia Marques Telles. e as dissertações: *Cantos tristes no cemitério da Ilusão: edição dos sonetos de Eulálio Motta*, de Patrício Nunes Barreiros, defendida em 2007, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PROGEL) da UEFS, e orientada pela Profa. Dra. Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz; *Bahia Humorística de Eulálio de Miranda Motta: edição e estudo lexical de causos sertanejos*, de Liliane Lemos Santana Barreiros, defendida em 2012, no Programa de Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e orientada pela Profa. Dra. Celina Márcia de Souza Abbade. Sob a orientação do Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros, no âmbito do PROGEL-UEFS: *Edição e estudo do processo criativo do livro inédito Canções do meu caminho 3ª edição*, de Taylane Vieira dos Santos, defendida em 2017; *Edição do livro inédito Flôres e espinhos, de Eulálio Motta*, de Tainá Matos Lima Alves, defendida em 2018; *Edição de trovas de Eulálio Motta*, de Juliana Pereira Rocha, defendida em 2018; *Edição da*

*poesia avulsa de Eulálio Motta*, de Maria Rosane Vale Noronha Desiderio, defendida em 2019; *Edição dos poemas do livro Luzes do Crepúsculo*, de Pâmella Araújo da Silva Cintra, defendida em 2019; e *Edição dos rascunhos de cartas de Eulálio Motta no caderno Monitor*, de Sabrina de Santana Silva, defendida em 2020.

Além dos trabalhos citados, outras propostas que não são voltadas para edição foram realizadas com base no acervo do escritor: *Intelectual de(a)ção: a militância integralista de Eulálio de Miranda Motta no interior da Bahia (Mundo Novo, 1932-1947)*, de Fernando Santana de Oliveira Santos, defendida em 2018, no Programa de Pós-Graduação em História da UEFS, e orientada pelo Prof. Dr. Aldo José Morais Silva; *A poesia amorosa de Eulálio Motta*, de Sheila Cardoso dos Santos, defendida em 2020, no PROGEL-UEFS, e orientada pela Profa. Dra. Rosana Ribeiro Patrício; e, no PROGEL-UEFS, *Eulálio Motta: o poeta da saudade*, de Patrícia Silva Pinto, orientada pelo Prof. Dr. Adeíto Manoel Pinho.

Com o avanço das pesquisas no acervo e a edição da documentação, possibilitou a constituição de corpora para a realização de estudos linguísticos, especialmente na área dos estudos lexicais. A primeira pesquisa linguística feita no acervo do escritor foi realizada pela professora Liliane Barreiros, em sua dissertação (BARREIROS, L., 2012), que culminou na publicação do projeto de obra idealizado pelo escritor: *Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta* (BARREIROS, 2016). A partir disso, outros estudos lexicológicos e lexicográficos vêm sendo realizados no acervo do escritor. Em 2017, em sua tese intitulada *Vocabulário de Eulálio Motta* (BARREIROS, L., 2017), realizou uma análise do vocabulário do escritor mundonovense, tendo como *corpus* os textos dos panfletos, dos causos e dos jornais. Na pesquisa, foram estabelecidos os critérios para a elaboração de obras lexicográficas no acervo do escritor que, posteriormente, irão integrar uma plataforma digital denominada *Acervus*, na qual serão publicadas as edições em formato digital, junto a anotação lexicográfica desses documentos.

Assim, buscando descrever e analisar o vocabulário presente na obra do escritor, além de preparar o material para ser integrado às edições digitais, a Profa. Dra. Liliane Barreiros criou o projeto de pesquisa *Estudos Lexicais no Acervo de Eulálio Motta*. O projeto engloba variados ramos da lexicologia: estudos fraseológicos, toponímicos, antroponímicos e de vocabulários especializados; e a discussão de elaboração de obras lexicográficas para os diversos tipos de unidades lexicais. Também é proposto, no projeto, um diálogo entre os estudos lexicais e a linguística computacional, por meio da utilização de programas para análise lexical automatizada, *AntConc*, e para estruturação de obras lexicográficas, *FLEX*, bem como a discussão de metodologias para a adaptação das transcrições realizadas no projeto

*Edição das Obras de Eulálio Motta* para serem analisadas nos programas utilizados. A partir desse projeto, já foram publicados diversos artigos científicos, capítulos de livros, monografia, trabalhos de Iniciação Científica, além de uma dissertação intitulada *Estudo toponímico nos panfletos de Eulálio Motta*, de Joilma Maria de Freitas Trindade, em 2020, no PPGEL-UEFS, e outras que se encontram em andamento.

Buscando seguir o objetivo do projeto *Edição das Obras de Eulálio Motta*, que abarca a identificação dos projetos de publicação idealizados por Eulálio Motta, foi necessário realizar uma investigação nos documentos do acervo para localizá-los. Grande parte do acervo é composta por cadernos manuscritos, 15 no total, que são: *Caderno sem capa 1*, *Caderno sem capa 2*, *Lágrimas*, *Diário de um João ninguém*, *Luzes do crepúsculo*, *Farmácia São José*, *Canções do meu caminho 3ª edição*, *Caderno N° 3*, *Monitor*, *Loja Vitória*, *Bahia humorística*, *Meu caderno de trovas*, caderneta *Anotações*, *Caderno Fotocopiado 1*, *Caderno Fotocopiado 2*. Até o momento, foram identificados onze projetos de publicação, que seguem apresentados na tabela 01.

A tabela 01 foi elaborada com base na sistematização dos projetos de obras feita por Barreiros (2009) e com base no quadro descritivo ampliado da sistematização feito por Santiago et al. (2019). Na tabela 01, aqui apresentada, houve as seguintes modificações: acrescentou-se uma coluna que indica a localização de cada projeto de publicação; retirou-se a coletânea de textos jornalísticos, já que não há evidências da intenção de constituição de projeto; alterou-se o nome do projeto *Por uma Ação Católica* para *Série de crônicas católicas*, pois o título *Por uma Ação Católica* havia sido atribuído pelo editor, mas não há evidências de nome atribuído por Eulálio Motta para o projeto, até o momento; modificou-se o nome do projeto que se encontra no *Caderno Sem Capa 1* para *Poemas do Caderno Sem Capa 1*, pois a seleção de poemas que se encontra no caderno não possui evidências de título atribuído pelo autor, havendo-lhe dado o nome do caderno anteriormente; acrescentou-se o projeto *Chuva com sol*, que conta com um prefácio e um poema homônimo ao livro, localizado no caderno *Farmácia São José*; modificou-se o texto referente ao caso 5, que se encontrava, anteriormente, como “Projeto mencionado pelo autor sem indicar os textos que fariam parte da publicação” para “Projeto mencionado pelo autor com, pelo menos, uma indicação de texto que faria parte da publicação”, pois os projetos possuem a indicação de ao menos um texto que os comporiam.

Tabela 01 - Projetos de obras inéditas de Eulálio Motta

N.	CASO	N.	PROJETO	LOCALIZAÇÃO
1.	Projetos localizados em cadernos que, em sua estrutura orgânica, são projetos de obras, com textos passados a limpo, servindo somente a este propósito.	1.	<i>Luzes do crepúsculo</i>	Caderno <i>Luzes do crepúsculo</i>
		2.	<i>Canções do meu caminho 3ª edição</i>	Caderno <i>Canções do meu caminho 3ª edição</i>
		3.	<i>Meu caderno de trovas</i>	Caderno <i>Meu caderno de trovas</i>
2.	Projetos localizados em cadernos que, em princípio, indicam que foram concebidos como projetos de obras, sendo reutilizados posteriormente para outras finalidades.	4.	<i>Poemas do caderno sem capa 1</i> (sem título atribuído pelo autor)	Caderno <i>sem capa 1</i>
		5.	<i>Lágrimas</i>	Caderno <i>Lágrimas</i>
		6.	<i>Bahia humorística</i>	Caderno <i>Bahia humorística</i>
3.	Projeto localizado em caderno que foi utilizado simultaneamente para a elaboração de um projeto de obra e para outras finalidades, a grande maioria relacionada ao projeto em questão.	7.	Série de crônicas católicas (sem título atribuído pelo autor)	Caderno <i>Farmácia São José</i>
4.	Projeto mencionado pelo autor nos cadernos, contendo índices dos textos que fariam parte da publicação.	8.	<i>Flôres e espinhos</i>	Caderno <i>Lágrimas</i> ; Caderno <i>Sem capa 1</i> ; Caderno <i>Canções de Meu caminho 3ª edição</i> ; Livro <i>Canções de meu caminho 1ª edição</i> ; Livro <i>Canções de meu caminho 2ª edição</i> ; Livro <i>Ilusões que passaram</i> ; Livro <i>Anuário de poetas do Brasil</i> (1982)
5.	Projeto mencionado pelo com, pelo menos, um texto indicado que faria parte da publicação.	9.	<i>Terceiro livro de versos</i>	Caderno <i>Bahia Humorística</i>
		10.	<i>Bofetada</i>	Caderno <i>Monitor</i>
		11.	<i>Chuva com Sol</i>	Caderno <i>Farmácia São José</i>

Fonte: Adaptado de Barreiros (2009) e Santiago et al. (2019).

Dos onze projetos apresentados na tabela 01, seis foram concluídos e publicados até o ano de 2020 (1, 2, 3, 4, 6 e 8), três ainda se encontram em fase inicial de edição (5, 7 e 10) e dois não apresentam elementos necessários para a sua publicação (9 e 11). Dentre os projetos, apenas *Bahia Humorística* foi publicado no formato de livro por Liliâne Barreiros (2016).

Ao considerar a amplitude documental do acervo, além de editar os projetos idealizados por Eulálio Motta, foram propostas outras edições com base na documentação do acervo. Tais propostas editoriais foram resultado da reunião de textos do escritor que não foram produzidos para serem publicados, com exceção das cartas abertas, e pela reunião de

textos que foram produzidos para serem publicados, contudo não foram sinalizados em nenhum projeto de obra.

Na primeira categoria, encontra-se o volume de rascunhos de cartas do caderno *Farmácia São José*, que são pessoais, exceto pela carta aberta, e o volume de rascunhos cartas do caderno *Monitor*, pelo mesmo motivo citado. No acervo, há várias cartas e rascunhos de cartas que também cabem nessa categoria, contudo, no momento, ainda não há outros projetos de publicação do gênero. Na segunda categoria, encontra-se a edição dos *Sonetos de Eulálio Motta*, preparada por Barreiros, P. (2012), publicada em dissertação e, posteriormente, como livro; e a edição dos panfletos, em formato digital e impresso (BARREIROS, 2013; 2015). Na tabela 02, encontram-se as referidas edições propostas a partir da documentação do acervo, sendo quatro já concluídas (1, 2, 4 e 5) e duas em andamento (3 e 6).

Tabela 02 - Outras edições realizadas no acervo

N.	CASO	N.	PROJETO
1.	Reunião de textos que se encontram no mesmo tipo de suporte.	1.	Panfletos
		2.	Poemas avulsos
		3.	Coletânea de textos jornalísticos
2.	Reunião de textos de um mesmo gênero.	4.	Sonetos
3.	Reunião de textos de um mesmo gênero e que se encontram em um mesmo suporte.	5.	Rascunhos de cartas do caderno <i>Monitor</i>
		6.	Rascunhos de cartas do caderno <i>Farmácia São José</i>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A documentação do acervo é vasta, segundo Barreiros (2013; 2015), na composição do acervo deixada por Eulálio Motta, havia 2.416 documentos, cobrindo o período de 1923 a 1988. Segundo a descrição feita por Barreiros (2013; 2015), o acervo conta com os seguintes documentos: a) 15 cadernos manuscritos, contendo textos literários inéditos, rascunhos de cartas, anotações do cotidiano; b) 88 correspondências, incluindo cartas ativas, passivas e de terceiros; c) 39 datiloscritos de textos literários; d) 9 diplomas; e) 11 documentos de identificação pessoal; f) 870 fotografias identificadas e não identificadas; g) 88 livros que integravam a biblioteca do escritor; h) 6 folhetos de cordel; i) 1129 exemplares de panfletos; j) 49 exemplares de jornal; k) 68 manuscritos dispersos; l) uma coleção de 32 cédulas de dinheiro antigo; m) a máquina de escrever de Eulálio Motta (BARREIROS, 2013; 2015).

Ao observar a documentação e o período de composição do acervo, é inevitável pensar que existem diversos ‘eus’ dentro do acervo para serem estudados, pois, ao falar da identidade de Eulálio Motta, é preciso também contar com o fato de que os indivíduos mudam diversas vezes no curso de suas vidas e que não há a identidade, e sim identidades localizadas historicamente, por vezes fluídas e até conflitantes. Um exemplo disso é quando se busca compreender os perfis político e religioso de Eulálio Motta, que sofreram mudanças, algumas vezes, sendo que os perfis quase sempre se modificavam juntos, para que também houvesse coerência em seus discursos e argumentos.

### 3.2 O GÊNERO EPISTOLAR NO ACERVO DE EULÁLIO MOTTA

O gênero epistolar, ou melhor, os gêneros epistolares, figuram no campo das interrelações, como forma de estabelecer comunicação entre dois ou mais indivíduos. Há de se considerar que esse gênero não é unívoco, e sim composto de outros gêneros, atuando como um termo *umbrella*, que engloba uma série de ramificações genéricas. A exemplo dessa variação temos os bilhetes, cartões postais, telegramas, cartas comerciais, cartas pessoais, cartas abertas, e-mail, cecograma, fotografias com finalidade de envio, entre outros.

A comunicação é parte importante nas relações interpessoais e, quando há o empecilho da distância, uma das formas mais utilizadas para efetivá-la era a escrita de cartas. Hoje, com a disposição da tecnologia, os formatos epistolares se modificaram de acordo com esse novo paradigma, como o e-mail, que atua como uma carta eletrônica, ou o *whatsapp*, *messenger* e outras formas de diálogo direto em redes sociais, que fazem as vezes de um bilhete, por exemplo. Ainda que tenham se modificado, se dinamizado, o objetivo continua o mesmo: estabelecer uma comunicação, uma troca de ideias ou, no caso de cartas abertas, expressar uma opinião acerca de alguém ou algo, sempre com o intuito de causar mobilização no outro, o leitor.

Ainda hoje, é possível ver diversas publicações em forma de cartas abertas, a exemplo de *posts* no *facebook* e *blogs*, que mobilizam o leitor e provocam a necessidade de resposta, o que pode gerar uma contrarresposta e o estabelecimento de um diálogo mais complexo. É importante lembrar que essa não é uma prática que surge no meio digital, e que, apesar de estarmos mais habituados com os formatos atuais, a prática de publicação de cartas era comum e também gerava grande comoção. Contudo, a prática de escrita de cartas pessoais sempre foi mais frequente do que a produção de cartas abertas.

Ao se pensar na escrita de cartas, é comum que se evoque as cartas cotidianas, em que o remetente fala do seu estado, conta como andam as coisas, as pessoas, faz perguntas semelhantes para que o destinatário responda algo similar ao seu relato e manda lembranças ao que estão próximos ao destinatário. Contudo, esta é uma visão simplista do gênero, uma vez que ele atua como palco de qualquer discussão que possa haver, seja ela cotidiana ou intelectual, cujo os níveis de profundidade das discussões são definidos pelos interlocutores. A exemplo disso temos o epistolário de Mario de Andrade que é estudado para compreender os bastidores do movimento modernista, delineado por meio de sua correspondência com diversos intelectuais com os quais ele se relacionava. A importância da correspondência de Mario de Andrade é tamanha que Antonio Candido (1990 apud MORAES, 2001, p. 9) afirmou: “[a] sua correspondência encherá volumes e será porventura o maior monumento do gênero, em língua portuguesa: terá devotos fervorosos e apenas ela permitirá uma vista completa da sua obra e do seu espírito”.

No entanto, essa valorização do gênero epistolar na crítica literária nem sempre aconteceu. Diaz (2016) traça um percurso histórico da carta dentro da crítica literária, advertindo, no entanto, que não se sabe muito bem qual é o lugar atribuído a esse gênero na geografia ordenada da literatura e que, a crítica do século XIX situou a carta nas fronteiras do literário, desde que não ultrapassasse esse limite. Diaz (2016) então diz que:

As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra (DIAZ, 2016, p. 11).

É importante notar a hierarquização apresentada pela autora, uma vez que, dado o caráter mais intimista característico do gênero carta, especialmente as de cunho pessoal, é relegado a elas a figuração no *backstage* de uma obra literária ou da vida de um autor. Não é um consenso o estudo de cartas na crítica literária, pois seu estudo, muitas vezes, é tratado como uma ação fetichista, como se o pesquisador estivesse olhando pelo buraco de uma fechadura e invadindo o espaço do escritor. Além desse motivo, há também o elemento de coloquialidade na escrita de certas cartas que é preterido por alguns críticos.

Diaz (2016) diz que há uma troca progressiva da eloquência acadêmica da carta no século XVII, momento em que os Secretários decidiram que a carta deveria ser redigida sem nenhum ornamento ou artifícios que fugissem dos discursos comuns, resultando em uma espécie de carta constitucional, despida de personalidade. Contudo, aos poucos, a carta

abandona a eloquência acadêmica e dá espaço a uma nova estética da negligência, até que, no fim do século, a carta não é mais esperada como um exemplo de perfeição e de uma composição retórica impecável, e sim lhe são apreciadas as características contrárias, como “[...] as falhas, as hesitações e as pausas de uma palavra simplesmente humana” (DIAZ, 2016, p. 16).

A autora diz que é nesse contexto que a carta reivindica seu título de “espelho da alma”, pois, para seus defensores, “[...] a escrita da carta origina-se em uma verdadeira subjetividade; é a expressão liberta da preocupação de excelência retórica de uma pessoa e não mais a execução estabelecida de um discurso social ou institucional” (DIAZ, 2016, p. 17). No entanto, é bem verdade que o processo de escrita da carta é subjetivo, revela características de seu escrevente, mas, ainda assim, ela é carregada de um discurso, seja ele social ou institucional. A exemplo disso, tem-se o *corpus* dessa edição, em que Eulálio Motta discute, incisivamente, os dogmas religiosos católicos e protestantes, pautando-se em um discurso social e institucional, defendido pela igreja católica e pelo movimento de Ação Católica Brasileira. Ainda que seja uma manifestação pessoal, todo seu discurso é costurado pelas ideologias de um grupo social e uma instituição.

Nesse sentido, Diaz (2016) reflete sobre esse mito de ingenuidade do escritor missivista, pois este é mais um dos motivos pelo qual a crítica literária se desinteressa pelo gênero. A autora afirma que, o imaginário crítico que prevalece até o fim do século XIX é de que a carta é uma manifestação do natural, em oposição a uma obra literária, por exemplo. Nesse sentido, a autora afirma que é preciso evitar o mito que trata o epistológrafo como um escritor ingênuo.

Ainda pautado nesse mito do natural, alguns linguistas admitem esse gênero como o mais próximo da manifestação espontânea da língua, que, a depender do escrevente, pode sim ser um fato. Contudo, quando se trata de um escrevente letrado e com formação acadêmica, a exemplo de Eulálio Motta, um escritor literário, esse argumento não tem grande sustentação, pois ele domina aquele gênero e a escrita, moldando-a como lhe convém. De fato, quando se fala de dados históricos da língua, não há como dispensar fontes, visto que elas são escassas, mas também não é possível defender o argumento de que, ao estudar esse tipo de *corpus*, têm-se o o acesso a manifestações completamente espontâneas da língua.

Porém, se a carta pode nos revelar aspectos linguísticos válidos para um estudo histórico da língua, o rascunho de carta é uma fonte ainda mais frutífera. Considerando que o escrevente concebe um rascunho na intenção de passá-lo a limpo, é natural que não se preocupe tanto com as normas da língua, pontuação, linearidade, acentuação, concordância



verbal ou nominal, e este é o ambiente propício para que se revele características ‘naturais’ de sua língua. Nesse sentido, é importante distinguir o gênero carta de seu desdobramento, o rascunho de carta. Para estudos linguísticos, especialmente, o rascunho é como um laboratório experimental, em que o escrevente pode ser criativo em suas combinações e usos da língua. No rascunho também é possível observar o processo em que se projeta, estrutura e concebe o texto, de forma que é uma rica fonte para os estudos cognitivos e textuais. Além disso, Diaz (2016) chama a atenção para as múltiplas abordagens de análise que a correspondência oferece, que podem se expandir ainda mais quando se trata de rascunhos:

Toda correspondência oferece-se a quem quiser analisá-la como uma encruzilhada de problemas linguísticos, históricos, ideológicos. A polimorfia e a plurifuncionalidade intrínsecas a esse gênero infiel a si próprio possibilitam múltiplas abordagens, que vão desde a história da vida privada até as práticas da escrita do eu, passando pela sociologia da literatura, a genética literária, a pragmática da comunicação a distância etc. Todas essas coisas dão, às vezes, à crítica epistolar um ar de taverna espanhola: encontra-se nela quase tudo o que se quiser colocar nela. (DIAZ, 2016, p. 54).

Quanto à estruturação do gênero, no caso dos rascunhos de carta de Eulálio Motta, é possível observar o movimento do seu processo de planejar a carta, ao colocar apêndices, fazer retiradas do texto, mover parágrafos ou até reescrever cartas inteiras modificando algumas partes. O gênero carta possui elementos em sua estrutura que podem o caracterizar, como o cabeçalho, que é composto pela identificação do destinatário, saudação (abertura do evento comunicativo), acusação de recebimento de carta anterior e solicitações; o corpo da interação, onde se desenvolve a comunicação; e o encerramento do evento, em que se apresenta agradecimentos, lembranças, estrutura de despedida, datação, marcação da localidade, assinatura do remetente e, às vezes, o *post scriptum*.

Silva (2002) discorre sobre alguns desses elementos apresentados na estruturação de uma carta, como a saudação e o uso do vocativo, que a autora define como:

[...] seqüências discursivas que abrigam rotinas comunicativas que se caracterizam como verdadeiras estratégias interativas introdutórias da atividade de interlocução; visam, ainda, a expressar uma atitude de polidez do remetente para com o destinatário e, como já visto, indicam a natureza do relacionamento dos interlocutores (SILVA, 2002, p. 140-141).

Outros elementos apresentados pela autora são as solicitações e a acusação do recebimento de carta, os quais categoriza como:

[...] espaço discursivo em que são expressos os votos de saúde e paz, o sentimento de saudade, as desculpas pela demora da correspondência; a indicação do recebimento da carta e, muitas vezes, a explicitação da finalidade da carta enviada. Em resumo, a abertura, na constituição do evento comunicativo, encarna predominantemente uma função de natureza pragmática e interativa, independentemente do volume de informação aí veiculado (SILVA, 2002, p. 141).

Ao lidar com rascunhos de cartas, é possível que não haja todos esses elementos, uma vez que é um texto em processo de construção que será revisado e passado a limpo, podendo abandonar algumas estruturas e adicionar outras que não constam no rascunho. Nos rascunhos de carta de Eulálio Motta do caderno *Farmácia São José* são encontrados alguns desses elementos, sendo uns mais raros que outros. Os mais frequentes são: identificação do destinatário; saudação; acusação do recebimento de carta anterior e de livros que vieram junto com a correspondência; agradecimentos; estrutura de despedida que, às vezes, apresenta pedidos de continuidade da correspondência; datação e assinatura com rubrica. Poucos são os rascunhos de cartas em que o autor marca a localidade e utiliza o *post scriptum*, devido ao alto uso de apêndices e notas remissivas – característicos dos rascunhos. Assim, o que quer que pudesse ter esquecido de incorporar ao corpo da carta, o autor marca com um índice para desenvolvê-lo posteriormente e incorporá-lo no momento em que fosse passar a limpo.

### 3.2.1 Rascunhos de carta nos cadernos

Além desta dissertação, há, no âmbito do projeto *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta*, dois trabalhos que foram realizados em torno da correspondência do autor. Um deles, a dissertação intitulada *Edição dos rascunhos de cartas de Eulálio Motta no caderno Monitor* (SILVA, 2020), apresenta uma edição interpretativa com notas explicativas dos rascunhos de cartas escritos no caderno *Monitor*, além de discutir sua relação com a escrita de cartas e a publicação de algumas delas. Silva (2020) discorre sobre os rascunhos encontrados no caderno *Monitor*, bem como suas temáticas e destinatários:

Os trinta e cinco rascunhos de cartas tratam de assuntos variados. A maior parte foram direcionadas a políticos influentes na época e tratam do tema da emancipação do distrito que hoje é o município de Piritiba. Dentre as autoridades políticas que Eulálio Motta escreve para protestar contra a

emancipação de Piritiba, destacam-se o Presidente da República Juscelino Kubitschek, o Governador da Bahia Juracy Magalhães e o Presidente da Assembleia Legislativa, o Deputado Natan Coutinho e o deputado Ruben Nogueira. Ele se dirigiu ainda ao Procurador Geral da República Dr. Alceu Barbedo e a autoridades políticas locais. (SILVA, 2020, p. 29).

Silva (2020) também apresentou um quadro descritivo (cf. quadro 01) dos rascunhos de cartas editados, no qual se pode observar os destinatários e as temáticas que alternam entre a emancipação de Piritiba, de caráter político; atividade literária e assuntos pessoais ou familiares, escritos entre 1960 e 1961.

Quadro 01 - As cartas de Eulálio Motta no Caderno *Monitor*

DESTINATÁRIO	TEMA	FÓLIO	DATA
Antônio Gama	Atividade Literária.	f.10r	06/08/1960
Dirige-se às autoridades e ao povo de Mundo Novo: “Excelências e conterrâneos”	Emancipação de Piritiba.	f.10v, f.11r e f.11v	s.d
Juracy Magalhães	Emancipação de Piritiba.	f.12r, f.12v e f.13r	s.d
Dr. Alceu Barbedo	Atividade Literária.	f.15r	s.d
Dr. Genésio	Atividade Literária.	f.16v	s.d
Dirige-se a um Piritibano como “Patrício Piritibano”	Assuntos pessoais ou familiares.	f.19r, f.19v, f.20r, f.20v e f.21r	17/08/1960
Zé Barreto	Assuntos pessoais ou familiares.	f.21v	19/08/1960
Dr. Genésio	Assuntos pessoais ou familiares.	f.22r e f.22v	21/08/1960
Dirige-se a um “Poeta”	Atividade Literária.	f.24v e f.25r	24/08/1960
Geraldo amigo	Assuntos pessoais ou familiares.	f.25r	25/08/1960
Diretor da revista “Ação Democrática”	Assuntos pessoais ou familiares.	f.26r	s.d
Sr. Arnaldo Almeida M.D Agente local do IBGE	Emancipação de Piritiba.	f.30r e f.30v	01/09/1960
D. F.	Emancipação de Piritiba.	f.33v, f.34r e f.34v	06/09/1960
Deputado Oliveira Brito	Emancipação de Piritiba.	f.36v e f. 37r	16/09/1960
Governador Juracy Magalhães	Emancipação de Piritiba.	f.40r	s.d
Dr. Genésio	Emancipação de Piritiba.	f.40v e f.41r	21/10/1960
Governador da Bahia, Juracy Magalhães	Emancipação de Piritiba.	f. 41r e f. 41v	s.d
Exmo. Sr. Dr. Procurador Geral da República	Emancipação de Piritiba.	f.46r	10/11/1960
Excia. Sr. Dr. Carlos Medeiros Silva	Emancipação de Piritiba.	f.47v, f.48r e f.48v	s.d
Caro Poeta	Atividade Literária.	f.56v	03/12/1960

Caro Ruben	Assuntos pessoais ou familiares.	f.57v e f.58r	04/12/1960
Juscelino Kubitschek	Emancipação de Piritiba.	f.58r	05/12/1960
Presidente da Assembleia Legislativa	Emancipação de Piritiba.	f.59v	s.d
Deputado Natan Coutinho	Emancipação de Piritiba.	f.60r	s.d
Juscelino Kubitschek	Emancipação de Piritiba.	f.61r	s.d
Caro Rube	Emancipação de Piritiba.	f.63r e f.63v	12/12/1960
Zé B.	Atividade Literária.	f.63v e f.64r	s.d
Dr. Carlos Medeiros Silva	Emancipação de Piritiba.	f.67r e f.67v	01/01/1961
Oswaldo Galeão	Assuntos pessoais ou familiares.	f.69r e f.69v	s.d
Davi Asser	Atividade Literária.	f.74v	s.d
Juscelino Kubitschek	Emancipação de Piritiba.	f.76r	06/02/1961
Exmo. Sr. Dr. Couto Mendes de Almeida	Emancipação de Piritiba.	f.82v	22/02/1961
Caro Ruben	Atividade Literária.	f.85v	s.d
Exmo. Sr. Dr. Corifeu de Azevedo Marques	Assuntos pessoais ou familiares.	f.88v	06/03/1961
Sr. Corifeu de Azevedo Marques	Atividade Literária.	f.92r	12/03/1961
Sr. Dr. Diretor do serviço de registro genealógico	Assuntos pessoais ou familiares.	f.93v	s.d

Fonte: SILVA, 2020, p. 30-31.

Sobre os rascunhos de cartas do caderno *Monitor*, Silva (2020) diz:

[...] são textos que trazem fatos que marcaram a vida de Eulálio Motta e de seus conterrâneos. Dentre os temas mais recorrentes, está a política e diversos acontecimentos que envolvem a cidade de Mundo Novo. Independente do assunto das cartas, Eulálio Motta torna-se protagonista da cena política e intelectual, agindo sempre como porta voz da comunidade. As cartas revelam as ideologias de Eulálio Motta, as leituras que ele fazia, suas relações com editores, com políticos e outros intelectuais de seu tempo, mas também revela suas amizades e desafetos (SILVA, 2020, p. 28).

O outro trabalho realizado em torno da correspondência de Eulálio Motta foi delineamento do projeto *Edição Digital da correspondência de Eulálio Motta*, resultado da pesquisa de pós-doutoramento de Barreiros (2018), no qual foi feito o levantamento de toda a correspondência que se encontra no acervo de Eulálio Motta. Barreiros (2018) apresenta também um levantamento dos rascunhos de cartas que se encontram nos cadernos do escritor, cobrindo um período de 47 anos (de 1932 a 1978):

Quadro 02 - Rascunhos de cartas nos cadernos de trabalho de Eulálio Motta

CADERNO	REMETENTE	QUANT	ANO	TOTAL
Caderno <i>Lágrimas</i>	Tenente Antônio Pita	1	s.d.	3
	José Neves	1	s.d.	
	Paulo Bento	1	1932	
Caderno <i>Bahia Humorística</i>	Zezé	1	1938	8
	Braulio Franco	1	1938	
	Ao chefe estadual do integralismo	1	1938	
	Ao Chefe! [Plínio Salgado]	5	1938	
Caderno <i>Loja Vitória</i>	Gama	1	1947	11
	Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima)	3	1947	
	Ao Chefe Maior [Plínio Salgado]	6	1947	
	Remetente não identificado	1	s.d.	
Caderno <i>Anotações</i>	Aos proprietários das Farmácias São José e Alvorada	1	s.d.	1
Caderno <i>Farmácia São José</i>	Dr. Agenor Brandão	1	1941	54
	Eudaldo	17	1941	
	Carta Aberta a um amigo	1	1942	
	Amigo Nemésio	1	1942	
	Afonso Carapiá	2	1942	
	Eurides Barreto	1	1942	
	[Um amigo não identificado]	1	1942	
	Meu amigo [não identificado]	1	1942	
	Para um amigo [não identificado]	1	1942	
	Yvone:	2	1942	
	Sr. Arcebispo	1	1942	
	Conego Sizímio Galvão	1	1942	
	Pinto Aleixo	1	1942	
	Padre D. Francisco Leite	1	1942	
	Arcebispo	1	1942	
	Dr. Getúlio Vargas	1	1942	
	Sr. Arcebispo Primaz do Brasil, D. Augusto Silva.	1	1942	
	Sr. Diretor	1	1942	
	Senhorita F. G.	1	1942	
	Remetente não identificado	1	1942	
	Remetente não identificado	1	1942	
	Dr. Bogeio	1	1944	
	Dr. Valdik	1	1944	
	Remetente não identificado	1	1944	
	Remetente não identificado	1	1944	
	Remetente não identificado	1	1944	
	Remetente não identificado	1	1944	
	Remetente não identificado	1	1944	
	Reverendo Galvão.	1	1944	
	Remetente não identificado	1	1944	
Sr. Presidente da S. R. de M. N.	1	1944		
Remetente não identificado	1	1944		
Resposta a uma amiga evangélica	1	1944		
Remetente não identificado	1	1944		
Remetente não identificado	1	1944		
Malta Fahan	1	1944		
Caderno Nº 3	Nemésio Lima	1	1978	16
	Silvana	1	1978	
	Maria da Conceição Aragão	1	1978	
	João Motta	1	s.d.	
	Padre Nicanor Cunha	1	1978	
	Rômulo Galvão	2	1978	
	Raimundo	1	1978	
	E... [Destinatário não identificado]	1	1978	
	Werther	1	1979	
	Edudaldo Lima	1	1979	
	Jorge Amado	3	1978	
	Dida	1	1978	
	[Remetente não indicado]	1	1978	

Caderno <i>Monitor</i>	Antônio Gama	1	1960	37
	Carta Aberta [não menciona o destinatário]	1	s.d.	
	Juracy Magalhães	3	s.d.	
	Alceu Barbedo	1	s.d.	
	Genésio	3	1960	
	Patrício Piritibano	1	1960	
	Zé Barreto	1	s.d.	
	Poeta	2	1960	
	Geraldo	1	s.d.	
	Diretor da revista <i>Ação Democrática</i>	1	s.d.	
	Arnaldo Almeida	1	1960	
	D.F. [Destinatário não identificado]	1	1960	
	Excia. [Não consta o nome do destinatário]	1	1960	
	Procurador Geral da República [Não consta o nome do destinatário]	1	s.d.	
	Carlos Medeiros Silva	2	s.d.	
	Ruben	3	1960	
	Juscelino Kubitschek	3	1961	
	Presidente da Assembléia Legislativa da Bahia [Não consta o nome do destinatário]	1	s.d.	
	Dep. Natan Coutinho	1	s.d.	
	Z. e B. [Zadir Marques Porto / B não identificado]	1	s.d.	
	Oswaldo Galvão	1	s.d.	
	Procurador da República Canuto Mendes de Almeida	1	1961	
	Dr. J. Q. [Jânio Quadros]	1	1961	
	Deputado O. Brito	1	s.d.	
	Carlos Medeiros de Almeida	1	s.d.	
	Corifeu de Azevedo Marques	1	s.d.	
Diretor do serviço de registro genealógico	1	s.d.		
Caderno <i>Sem Capa 2</i>	Gama	1	s.d.	16
	José Maximiano de Souza	1	1953	
	Edvaldo	1	s.d.	
	Padre Nicanor Cunha	1	s.d.	
	Amigo P.	1	1950	
	Amigo A. B.	1	s.d.	
	Manoelzinho	1	s.d.	
	L.	1	s.d.	
	Justo	1	s.d.	
	Reporte Esso	1	s.d.	
	Eloivaldo	1	s.d.	
	Gumercindo	1	s.d.	
	Dr. L.	1	s.d.	
	Assenio Alves	1	s.d.	
	Vicente	1	s.d.	
Ivo	1	s.d.		
Caderno <i>Diário de um João Ninguém</i>	Simão Machado	1	1976	15
	Zadir Marques Porto	1	1977	
	Responsável pela editora Pontes	1	s.d.	
	Prefeito José Batista Lima Neto	1	s.d.	
	Nilton e Consuelo	1	1977	
	Wilson Falcão	1	1977	
	Werther	1	1977	
	Ormezingo	1	1977	
	Tenório	1	1977	
	Mestre Dali	1	1977	
	Ao Diretor de serviços de Fiscalização	1	s.d.	
	Agenor	1	1978	
	Diretor do Club [Lira de Mundo Novo]	1	1978	
	Coronel José Henrique dos Santos	1	1978	
Bráulio	1	1978		
<b>TOTAL</b>			<b>161</b>	

Contudo, após o levantamento dos gêneros textuais do caderno *Farmácia São José* para esta dissertação, foram encontrados 53 rascunhos de carta, sendo 3 de autoria de terceiros, escritos com a grafia de Motta, e dezenove foram destinados a Eudaldo Lima, além de 3 correspondências avulsas encontradas dentro do caderno, sendo uma passiva e duas ativas: a) passiva, sendo o remetente o Pe. José da Frota Gentil, localizada entre as páginas 108 e 109; b) ativa e rascunho, sendo o destinatário o Juiz de Direito da Comarca de Mundo Novo, localizada entre as páginas 189 e 190; c) ativa e rascunho, sendo o destinatário o diretor do programa Hora do Fazendeiro, transmitido de Minas Gerais, localizada entre as páginas 219 e 220. A descrição do caderno FSJ pode ser conferida na seção 4. Para mais, de acordo com a descrição feita por Ananda Paiva Santos, resultado da pesquisa de Iniciação Científica em 2017, há 28 rascunhos de cartas no caderno *Fotocopiado 1* para políticos e autoridades locais de Mundo Novo e a nível nacional, além de 7 bilhetes. Também foram encontrados 3 rascunhos de cartas no caderno *Fotocopiado 2*. Sendo assim, o total de rascunhos de cartas encontrados nos cadernos apresentado por Barreiros (2018) como 161 aumentou para 193 rascunhos e o total de cadernos que contêm rascunhos de cartas passou de nove para onze.

Em relação ao levantamento geral, Barreiros (2018) apresenta um quadro dos tipos de correspondência e seus quantitativos:

Quadro 03 - Correspondência de Eulálio Motta

<b>CORRESPONDENCIA ATIVA</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Rascunhos de Cartas	161
Cartas datilografadas	5
Carta em papel almaço	1
Cartões postais	32
Carta ao leitor publicada no jornal <i>O Lيدador</i> (pseudônimo Ninguém)	5
Carta aberta publicada no jornal <i>O Lيدador</i>	1
Fotografias	94
<b>TOTAL</b>	299
<b>CORRESPONDÊNCIA PASSIVA</b>	
Cartões Postais	76
Carta	3
Telegrama	1
Carta Aberta	1
Fotografias	60
<b>TOTAL</b>	141
<b>TOTAL GERAL</b>	440

Fonte: BARREIROS, 2018, p. 6.

Contudo, foram encontradas também três cartas abertas escritas por Motta e publicadas nos jornais: *Gazeta do Povo* – carta aberta datada de 1960 e destinada ao

governador; *Mundo Novo* – carta aberta datada de 1931 e destinada ao autor Liberato J. M. Barreto; *O Lidador* – carta ‘fechada’ datada de 1933 e destinada a Nemésio Lima (dono do jornal). Além destas cartas escritas por Motta, há também três cartas publicadas destinadas a Eulálio Motta nos jornais: *O Lidador – Declaração Oportuna*, carta aberta datada de 1942, publicada por Eudaldo Lima em resposta a *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)*, publicada por Motta; *Mundo Novo* – carta aberta datada de 1931, publicada por Liberato J. M. Barreto sobre um livro de poesia de Motta; *Mundo Novo* – carta aberta datada de 1932, publicada por Joalba sobre uma publicação de Motta chamada *Carnaval*. Assim, ao considerar esses textos publicados por Eulálio Motta e o aumento da quantidade de rascunhos de cartas, o total referente a correspondência de Motta deixa de ser 440 e passa a ser 476.

Referente à prática de escrita de rascunhos de cartas e ao envio das versões ‘passadas a limpo’ dos rascunhos apresentados no quadro 02, Barreiros (2018) afirma:

Os rascunhos preservados nos cadernos demonstram que a prática epistolar fazia parte do cotidiano de Eulálio Motta. Nota-se, em algumas ocasiões, que ele escrevia cartas diariamente. Há carta para seus vizinhos e amigos que moravam na mesma rua. Isso demonstra que a carta não servia apenas para comunicação à distância. Tratava-se mesmo de um gesto afetivo, ou de uma formalidade para tratar de assuntos polêmicos. Apenas 30% dos rascunhos das cartas têm evidências de que foram enviadas e recebidas pelos destinatários. A principal evidência são comentários feitos por Eulálio Motta em rascunhos posteriores. No caso das cartas para Eudaldo Lima, não há dúvida de que foram enviadas porque houve a publicação de cartas abertas no jornal *O Lidador* (BARREIROS, 2018, p. 9).

De fato, há evidências no *corpus* deste trabalho, os dezenove rascunhos de carta destinados a Eudaldo Lima, que houve o envio das versões ‘passadas a limpo’ dos rascunhos. Essas evidências se dão por meio da concatenação dos textos dos rascunhos, uma vez que na maioria deles, Motta acusa o recebimento de uma carta que se trata de respostas de Eudaldo às cartas de Motta. Além do quê, por meio de citações nos rascunhos, podemos identificar a temática e o assunto das cartas recebidas por Motta a mando de Eudaldo Lima, que correspondem aos assuntos tratados em rascunhos anteriores. Outro ponto é que os assuntos de rascunhos anteriores são rememorados, com construções que dão a entender que os rascunhos anteriores foram enviados.

O envio de cartas é um assunto interessante no caderno *Farmácia São José*, mas para abordá-lo, é importante fazer um adendo sobre os serviços postais no município de Mundo Novo, local de onde Motta enviou as cartas que foram rascunhadas no caderno *Farmácia São*



José. De acordo com Silva (2020):

Ao estudar a sociologia dos panfletos de Eulálio Motta, Barreiros (2015) revelou como era o serviço dos correios em Mundo Novo, nas décadas de 1930 a 1960. De acordo com Barreiros (2015), o serviço dos correios era bastante deficiente e, em muitas ocasiões, o jornal *Mundo Novo* denunciou a demora na entrega e o extravio de correspondências. A partir da década de 1930, com a instalação da linha de trem, a cidade de Mundo Novo passou a contar com serviço de correio com mais regularidade. A distribuição das cartas pelos distritos e fazendas era feita por um funcionário da prefeitura utilizando cavalo, uma vez por semana ou quando tivesse demanda. Mas esse serviço era muito deficiente e os interessados costumavam se dirigir aos correios para retirar suas cartas. Por conta da precariedade do serviço dos correios, segundo Barreiros (2017), era comum enviar correspondências e encomendas por portadores. Pessoas que viajavam com regularidade encarregavam-se da função de levar e trazer cartas e encomendas. O tempo que levava entre enviar e receber uma carta, o extravio de correspondências, as decisões tomadas a partir de informações contidas nas missivas, revelam uma história cultural das práticas de comunicação empreendidas por Eulálio Motta em Mundo Novo-BA (SILVA, 2020, p. 29).

Nos rascunhos de cartas destinados a Eudaldo Lima, no caderno FSJ, houve uma discussão acerca do envio de correspondências para Eudaldo Lima. No rascunho de carta 9, por título *Eudaldo amigo: Salutem! | Por intermedio de um amigo Frei Felix*, Motta avisa que havia enviado uma carta por intermédio de Frei Felix, um amigo que tinham em comum. Contudo, no rascunho de carta 14, por nome *Eudaldo amigo: Salutem! 5-2-942*, Motta argumenta contra uma acusação de Eudaldo de ter feito de Frei Felix uma “estafeta de correio” e de ter tentado tecer uma intriga devido ao fato de Motta ter autorizado que Frei Felix abrisse e lesse e fizesse cópia, caso fosse de interesse, da correspondência privada que Motta havia enviado, por seu intermédio, a Eudaldo. Motta argumentou dizendo que não havia visto problema, uma vez que eram amigos em comum do Frei e havia interesse, por parte dele, pelo assunto da correspondência (catolicismo *versus* protestantismo).

Então, no rascunho de carta 16, sob o nome *Eudaldo: Saudações | Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro*, Motta acusa o recebimento de uma carta enviada por Eudaldo, de um livro e de uma cópia da carta de Frei Felix. Por meio desses vestígios, podemos inferir duas características da troca de correspondência de Motta, uma é que ele enviava cartas por intermédio de amigos e, por vezes, os autorizava a leitura das mesmas, a depender da discussão e do intermediário. Outra é que era comum se fazer cópias das cartas para quem interessasse o assunto, podemos ver que, no rascunho de carta 14, ele autoriza Frei Felix a ler e copiar a carta que ele estava transportando para Eudaldo e, no rascunho de carta 16, ele acusa o recebimento de uma cópia da carta de Frei Felix, presume-se que enviada a Eudaldo

Lima.

Esta autorização de cópias de suas cartas, bem como o recebimento de cópias de terceiros e a publicação de cartas abertas que tinham como base uma carta privada nos diz algo sobre como Motta pensava este gênero. Um dos argumentos que Motta utilizava para abrir a correspondência privada – no caderno FSJ – é que o assunto abordado era de interesse de muitos. Percebe-se que as cartas que contêm temáticas que se referem a esferas de discurso, como religião e política, não eram entendidas por Motta como algo tão pessoal e que era sim de interesse de outros que se envolvessem com os assuntos abordados. Uma vez que os assuntos eram discutidos no âmbito da intelectualidade, os rascunhos, em sua maioria, eram estruturados como verdadeiros manifestos e é possível perceber que a relação que Motta estabelecia com o gênero estava longe de ser apenas para comunicação pessoal cotidiana, era uma forma de expressão intelectual e ideológica tão efetiva que mobilizava não somente o destinatário, como também quem circundava os correspondentes com interesse em assuntos semelhantes.

Quanto a estrutura dos rascunhos de cartas presentes nos cadernos, é possível perceber algumas características semelhantes, como, por exemplo, em diversos rascunhos dos cadernos *Loja Vitória*, *Sem capa 2*, *Bahia Humorística* e *Monitor* não apresentam a estrutura da despedida, datação, assinatura e local, alguns apresentam o texto sem final, com parágrafo incompleto e, no caderno *Monitor*, há cancelamentos de fragmentos grandes de texto assim como no caderno *Farmácia São José*. Além disso, há também notas com índices remissivos e continuações dos rascunhos após a assinatura, dando a entender que ela foi ‘finalizada’ e depois reaberta para outra campanha de escrita. No caderno *Sem Capa 2*, foram encontrados dois rascunhos que apresentam o elemento *post scriptum*, porém, um deles foi cancelado por Motta e no caderno *Farmácia São José* também há duas ocorrências. Muitos dos rascunhos dos cadernos foram escritos a lápis, mas há, na maioria das vezes, rasuras ao invés de apagamento com borracha, como ocorre no caderno *Farmácia São José*. Não há indícios de outras cartas privadas que tenham sido transformadas em cartas abertas a partir da modificação do seu início, como ocorreu no caderno *Farmácia São José*.

Os destinatários dos rascunhos nos cadernos são variados, muitos não apresentam destinatário algum, e Eudaldo Lima aparece como destinatário em apenas dois cadernos, *Nº 3* e FSJ. As temáticas dos rascunhos de cartas nos cadernos aparecem, de certa forma, seccionadas, pois no caderno *Monitor* ele trata principalmente da temática política e alguns exemplares para assuntos familiares; no caderno *Sem Capa 2*, principalmente política; no caderno *Loja Vitória*, principalmente política e administrativa; no caderno *Bahia*

*Humorística*, principalmente política e religiosa – mas o caderno contém poucos exemplares do gênero; e o caderno *Farmácia São José*, principalmente religiosa, mas também contém exemplares acerca de política e administração.

Para além da estrutura, é importante considerar outro ponto ao se refletir sobre os rascunhos de cartas, como, por exemplo, as escolhas de palavras utilizadas para a construção da argumentação. Referente a isso, Barreiros (2018) afirma:

Os rascunhos das cartas revelam o processo de escrita, com rasuras, cancelamentos, notas marginais e inúmeras marcas campanhas de escrita. Nesses rascunhos de cartas, Eulálio Motta, mostra-se preocupado com seus interlocutores, escolhendo as palavras certas para atingir o objetivo desejado. Observou-se que os rascunhos das cartas tratam de diversos temas, mas, muitas delas, referem-se a assuntos polêmicos e são endereçadas a autoridades políticas e religiosas. Isso, naturalmente, exigia do escritor um cuidado redobrado com a escolha das palavras. As cartas para amigos e parentes, que tratam de temas do cotidiano, não contêm muitas marcas de correções e cancelamentos (BARREIROS, 2018, p. 7).

A partir da afirmação de Barreiros (2018), cabe dizer que essa preocupação pôde ser observada na escrita com a escrita nos rascunhos de cartas que compõem o *corpus* deste trabalho. O debate travado entre Eulálio Motta e Eudaldo Lima é de caráter intelectual e sobre um assunto sensível, a religião. Além disso, Motta se mostra muito preocupado em se apresentar hábil intelectualmente para o debate, sempre tentando provar que, apesar de ser farmacêutico, sabe ler e comentar o assunto religião, se defendendo diversas vezes dos questionamentos feitos por Eudaldo Lima acerca de sua habilidade e conhecimento sobre o assunto. Essa necessidade de se mostrar capaz de falar e demonstrar propriedade sobre o tema, acarreta em uma preocupação com a escrita – escolhas de palavras e estruturação do texto – que são evidentes nos documentos editados, o que ocasionou em diversas rasuras, acréscimos, emendas a partir de notas remissivas, apagamento com borracha e cancelamentos de palavras, frases e trechos inteiros.

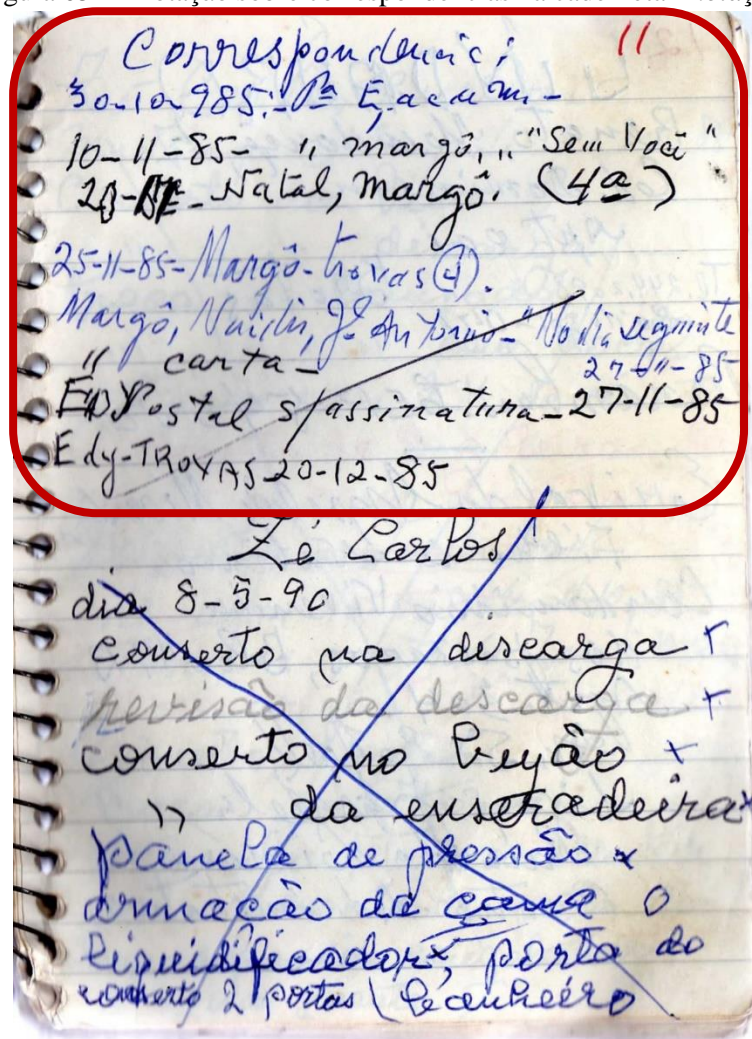
No acervo do escritor é possível verificar outros documentos que, apesar de não se tratarem de correspondências, são testemunhos de algumas práticas relacionadas a esse contexto cultural de escrita. É o caso da caderneta de anotações, apropriadamente chamada de *Anotações*, presente no acervo. A caderneta contém textos de gêneros diversos e, apesar de só conter um rascunho de carta destinado aos proprietários das Farmácias São José e Alvorada, há anotações acerca do envio de cartas por parte de Motta para leitores e pessoas próximas.

Sobre a caderneta e seu conteúdo, Rocha (2018) comenta que:

[...] consta no acervo de Eulálio Motta uma caderneta de anotações que além de conter testemunhos de trovas, há também notas sobre o envio de suas cartas para seus leitores, informações que explicam o fato de essas cartas conterem suas trovas, demonstrando a preocupação do escritor em divulgar seus versos. A partir dessas anotações na caderneta, depreende-se que tenham existido cartas contendo trovas destinadas à escrita e à divulgação (ROCHA, 2018, p. 61, grifo da autora).

As informações contidas na caderneta Anotações são valiosas para o epistolário de Motta, uma vez que o autor escreveu diversos endereços e anotações datadas sobre o envio de cartas a pessoas diferentes. Geralmente, as anotações desse tipo vêm precedidas do título ‘correspondencia:’ e nelas constam o nome do destinatário, data e o que foi enviado, por vezes cartas, postais, trovas, retratos e folhetos.

Figura 05 - Anotação sobre correspondências na caderneta *Anotações*



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Por meio dessas anotações, pode-se observar com quem Motta se correspondia, a frequência de envio de documentos epistolares e quais os assuntos eram abordados nesses documentos. Um destinatário em especial se destaca nas anotações, a musa Edy Rios, bastante presente em obras poéticas do escritor. Muito se discute sobre a existência de Edy, se ela de fato existiu ou se foi uma musa ficcional criada por Motta para ser a inspiração de sua poesia. Sobre a relação de Motta com Edy, Santos (2020) diz:

Não há informações de que Eulálio Motta tenha chegado a se relacionar com Edy, tampouco se sabe se essa moça realmente existiu ou se essa história teria sido apenas um recurso poético utilizado pelo escritor para justificar os seus versos. É sabido que o poeta vivia narrando essa história de amor para seus amigos e que descreveu essa desilusão amorosa ao longo da vida através da poesia (SANTOS, 2020, p. 46).

A figura de Edy também foi comentada por Desidério (2019):

A figura de Edy é, porém, um mistério na vida e na poética de Eulálio Motta. Não se sabe ao certo se eles tiveram um envolvimento amoroso ou se essa figura tão emblemática foi usada mais como uma construção poética, uma espécie de musa inspiradora. Já que o próprio Eulálio Motta escreveu em sua coluna rabiscos no ano de 1931, que ninguém mente melhor sobre estar apaixonado do que os poetas. O fato é que a mulher amada se tornou a temática mais relevante da poesia de Eulálio Motta (DESIDÉRIO, 2019, p. 47).

Ainda sobre o relacionamento de Motta com Edy, há uma entrevista no livro *Mundo Novo, Nossa Terra, Nossa Gente* (2016), de autoria de Dante de Lima. Lima (2016) conta que procurou Motta, no ano do falecimento do autor, para registrar momentos importantes de sua vida. Nessa entrevista, Motta abordou o tema Edy:

- E a sua vida amorosa, Dr. Eulálio, é verdade o que contam ou é folclore?
- É verdade.
- Como foi essa história?
- Eu fui me empregar em Monte Alegre. O Dr. Benedito Pereira abriu uma farmácia lá e me chamou para me empregar. Cheguei lá e no dia seguinte eu vi Edy. A beleza mais bela que eu já vi até hoje! Era filha de Monte Alegre. Filha do prefeito Nilo Rios. Aí fiquei procurando amor com ela, mas ela não me topou, não sei por quê. Um dia até me deu um “estouro”, mas, sem razão. Porque ela de fato não me aceitou. Eu olhava para ela e ela virava o rosto. Não me aceitou. Mas, também não tinha razão alguma para fazer aquilo comigo. Porque não tive culpa alguma. Ela tinha uma almofada; botava na janela e ficava batendo na almofada. E eu passando de lá prá cá, de lá prá cá. Quando eu olhava ela virava o rosto. Todo dia! E eu todo dia passava. Até que um dia eu recebi uma carta de papai marcando o dia de mandar me buscar para ir para o colégio. Eu digo: bom, Edy não me quis até agora e não

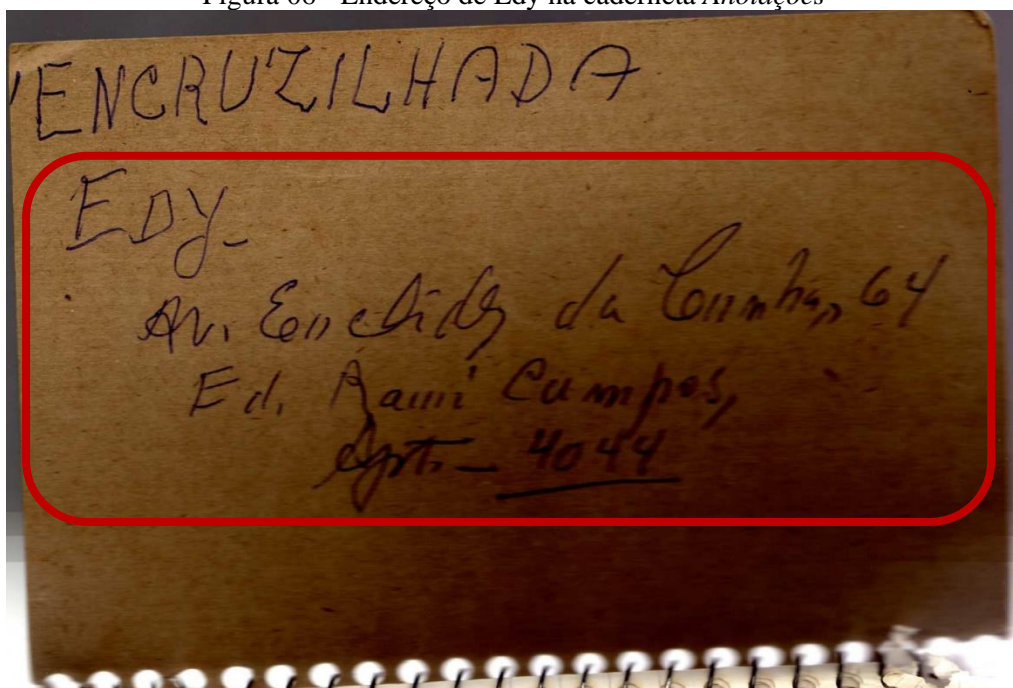
é agora que ela vai me querer. Portanto, eu vou desistir. Não passo mais na janela... Não jogo mais futebol na praça! Ela tinha umas coisas esquisitas que ninguém entendia e até hoje tem. Ela não me tolerava, mas, durante as horas que eu jogava futebol na praça, ela não saía da janela. Eu nunca entendi bem o temperamento dela, a natureza dela. Depois que eu vim a perceber que eu não a conhecia. Eu pensava que a conhecia, mas não conhecia! Então deixei passar uma semana. Quando foi no domingo, fui jogar futebol na ponta da rua. Não ia jogar na praça. Quando eu estava lá no futebol com a rapaziada do comércio, passava um grupinho de moças. Pararam e me chamaram:

– O que há?

– Sua namorada mandou pedir prá você passar lá. Que há dias você não passa e ela está sentindo a sua falta. Eu disse: vocês estão tomando bonde errado, porque eu não tenho namorada em Monte Alegre. Nunca tive (o comentário delas era que eu já tinha namorado todas e citaram o nome de Edy. E o mundo veio abaixo! Eu disse: olhe Edy, isso foi uma brincadeira de fulana e não minha. Eu nunca disse isso, porque nunca houve... E boa noite! Do dia seguinte em diante deixei de procurar namoro com ela. Foi quando recebi o recado. Elas disseram: “Bem, se você quer duvidar, vá lá na praça que ela está à porta sentada numa cadeira lhe esperando. Se não estiver, diga que somos mentirosas. Eu fui. Ela lá estava. E daí em diante virou um céu para mim. Acabou gostando muito mais de mim do que eu dela (MOTTA [1988] apud LIMA, 2016, p. 225-226).

Na caderneta *Anotações*, Motta menciona Edy em sete páginas diferentes. Há o endereço de Edy na contracapa de fechamento da caderneta (cf. figura 6), em que consta o seguinte escrito: Encruzilhada | Edy - | Av. Euclides da Cunha, 64 | Ed. Rami Campos, | Apt. - 4044.

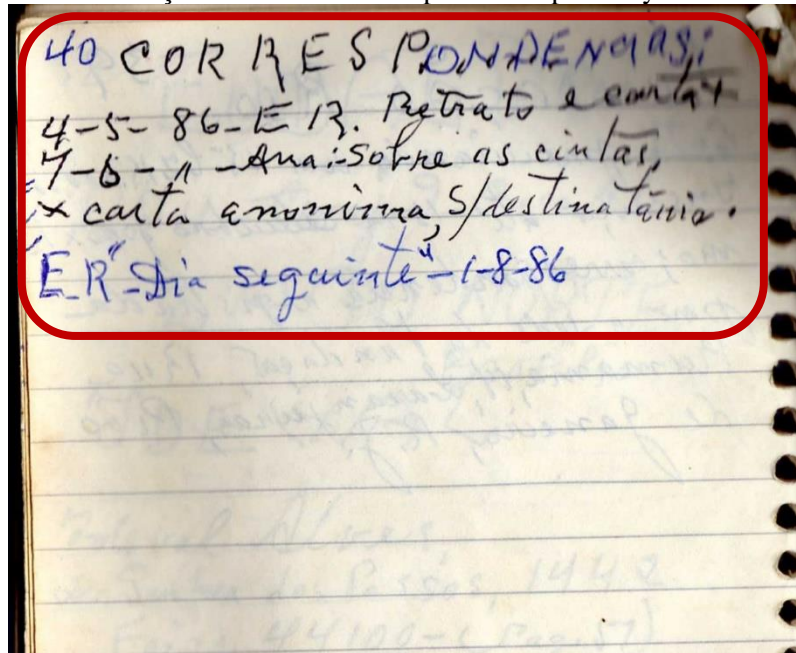
Figura 06 - Endereço de Edy na caderneta *Anotações*



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Ainda na caderneta, há menção de dois nomes com a anotação do mesmo endereço de Edy abaixo deles: Margarida Rios e Terezinha Rios, as quais presume-se que fossem parentes de sua musa. Além disso, há também o número de telefone de Terezinha Rios e há anotações de correspondências enviadas para ela, contendo trovas e agradecimentos por enviar notícias de Edy. Motta fez anotações com a abreviatura do nome Edy Rios (E.R.) e há dedicatórias de poemas e anotações de envio de cartas, trovas, postais e texto do dia dos namorados para ela, identificadas com a abreviatura E.R. A primeira anotação de carta enviada para Edy foi datada de 27/11/1985 e a última foi datada de 01/08/1986. Isso prova que Motta manteve correspondência com Edy até próximo do fim de sua vida e, portanto, nunca esqueceu sua amada da juventude.

Figura 07 - Última anotação de envio de correspondência para Edy na caderneta *Anotações*



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Refletir sobre o documento em que essas anotações foram feitas é importante, uma vez que foram escritas em um suporte em que não aparenta ter havido pretensão de publicação ou de exposição, sendo feitas apenas para o acesso de Motta e para controle do envio de cartas. Partindo desse princípio, é possível se pensar que a existência de Edy Rios fosse de fato real, levando em conta também que há menção a outras pessoas com o mesmo sobrenome e que residiam na mesma casa de sua musa, sendo, possivelmente, parentes.

Há também, nessa caderneta, a anotação do telefone e endereço de Eudaldo Lima, o destinatário principal do caderno *Farmácia São José*. A escrita dessa caderneta é da década de

1980, o que faz levar a crer que Motta manteve contato com Eudaldo até próximo do fim de suas vidas, considerando que ambos faleceram em 1988.

Figura 08 - Anotação do endereço e do telefone de Eudaldo Lima na caderneta *Anotações*

30 EUDALDO:  
 QI 11 - Conj. 09 casa 21  
 LAGO ~~27~~ Norte  
 Tel.: 577.3120 Brasília - DF 70.500  
 Ver: 249 - Cadern. CEP 71.560  
 Brasília -  
 Estúdio Silvio Santos  
 Vila Guilherme -  
 Rua: - TV - S - i -  
 TERESINHA T-247-1746  
 Ydeval - Pags. 46 e 57  
 Av. Senhor dos Passos - 44.900  
 Feira - 44.000 (Pa. Absente) 7.442  
 CEP.

353 - Margarida  
 ENR MILITADA  
 Tel. de Eudaldo - 061.577-3121  
 de Eudaldo?  
 Sr. Antônio Mateus Biscaria,  
 13 av. - Salvador - Ba.  
 Michel e Manuel Benevides.  
 GRACIA  
 Bahia

Fonte: Acervo de Eulálio Motta.



Na caderneta *Anotações*, há um rascunho de carta destinado aos proprietários da Farmácia São José, em Mundo Novo, e Alvorada, em Piritiba. Nesse rascunho, Motta faz um acordo acerca de pagamentos que os proprietários devem fazer a ele. Os proprietários haviam proposto 250 de subsídio mensal, Motta propusera 500 e, no rascunho, aceita fechar em 400, dizendo que era de exigência dele e da família, sob a condição que os pagamentos fossem feitos sempre ao primeiro dia de cada mês e finaliza cobrando os três meses de atraso. O rascunho de carta é datado de 1986 e assinado por Motta.

### 3.2.2 Cartas avulsas

No acervo de Motta, há uma seleção de correspondências avulsas, tanto passivas quanto ativas. No grupo das passivas, há remetentes diversos, como Franklin Machado, escritor baiano; Arnaldo Motta, irmão de Eulálio Motta; Annie Gall, amiga de infância de Motta; Floriano, destinada a Ailda Motta, irmã de Eulálio; e Lindaura Motta, cunhada de Eulálio e esposa de Durval Motta, contudo, é uma cópia carbono datilografada de um telegrama endereçada ao Chefe de Polícia da Capital, Salvador.

Essa cópia do datiloscrito apresenta uma conexão com alguns rascunhos de cartas que se encontram no caderno *Farmácia São José*. De acordo com Barreiros (2015), Motta fundou um núcleo integralista em Mundo Novo no ano de 1933 e se opunha ao Estado Novo, regime político instaurado por Vargas, que era contra o integralismo. Motta, devido a sua filiação ao integralismo, fazia ataques ao Estado Novo e isso pode ter levado Durval Motta a prisão sob acusação de conspirar contra Vargas e a favor do integralismo. Sobre isso, Barreiros (2015) comenta:

Eulálio Motta defendeu seu irmão escrevendo diversas cartas a vários representantes da igreja católica, pedindo-lhes que intercedessem em favor de Durval Motta, apelando até mesmo para o Coronel Pinto Aleixo, esclarecendo a situação, alegando tratar-se de um engano (BARREIROS, 2015, p. 59).

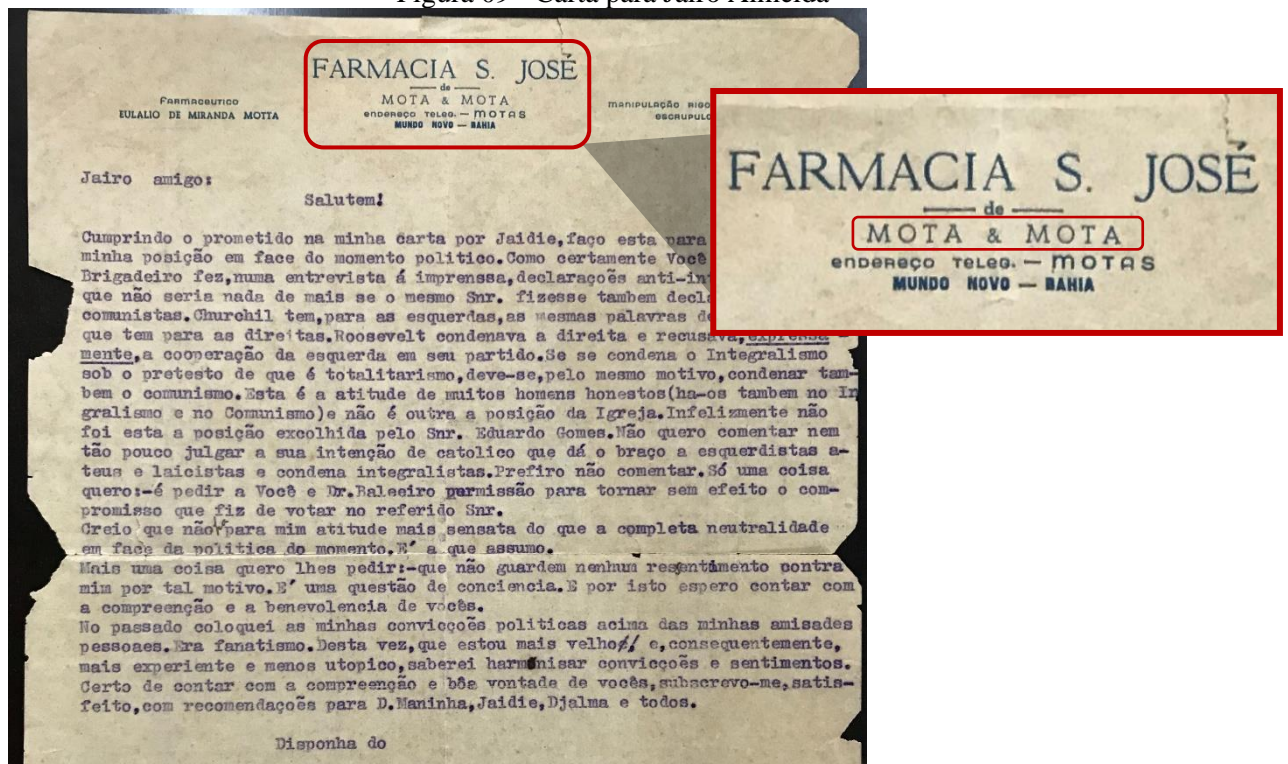
Além de escrever para Pinto Aleixo, cujo rascunho se encontra no caderno FSJ, Motta também escreveu para o então Arcebispo Primaz do Brasil, o Cardeal Dom Augusto Álvaro da Silva e para o próprio Getúlio Vargas, em virtude de interceder por seu irmão. Ambos os rascunhos se encontram no caderno FSJ.

Sobre o rascunho de carta destinado a Vargas, Barreiros (2015) comenta:

Depois da prisão de seu irmão e do sofrimento da família, Eulálio Motta recuou, reconhecendo publicamente o Estado Novo e a importância da figura de Getúlio Vargas, como atesta o rascunho de uma carta de 11 de agosto de 1942, endereçada ao presidente [...] Nessa carta, Eulálio Motta admite ser um “antigo integralista”, a partir de então, ele não mais voltaria a criticar Getúlio Vargas até o fim do Estado Novo, concentrando-se exclusivamente no tema religioso, em prol da Ação Católica (BARREIROS, 2015, p. 59).

No grupo das correspondências ativas, temos como destinatários: Jorge Amado, escritor baiano, amigo da juventude e colega de Motta no Ginásio Ipiranga, em Salvador; Franklin Machado, escritor baiano; Adonias Filho, escritor baiano e amigo da juventude; Carlos Ribeiro Rocha, crítico literário; Joaquim Sampaio Neto; e Jairo Almeida, fazendeiro e simpatizante do Partido da Representação Popular, em Mundo Novo.

Figura 09 - Carta para Jairo Almeida



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Na figura 09, percebe-se que Motta utilizou um papel timbrado de uso da Farmácia São José, em que consta seu nome, o nome da farmácia e a informação de propriedade em sociedade ‘de Mota & Mota’. A partir dessa informação, é possível pensar que Eulálio Motta poderia ser um dos sócios da Farmácia São José, considerando também que no rascunho de

carta que se encontra na caderneta *Anotações*, destinadas aos proprietários da Farmácia Alvorada e Farmácia São José, Mota faz cobrança aos proprietários – presume-se que as farmácias foram vendidas – sobre pagamentos mensais que deveria receber.

### 3.2.3 Cartões e fotografias

O acervo de Eulálio Motta também conta com diversos cartões, sendo eles postais, comemorativos, fúnebres e santinhos<sup>12</sup>, fotografias com dedicatórias e fotografias que simulavam a estrutura de um cartão postal no verso. Sobre essa documentação, Barreiros (2018) comenta:

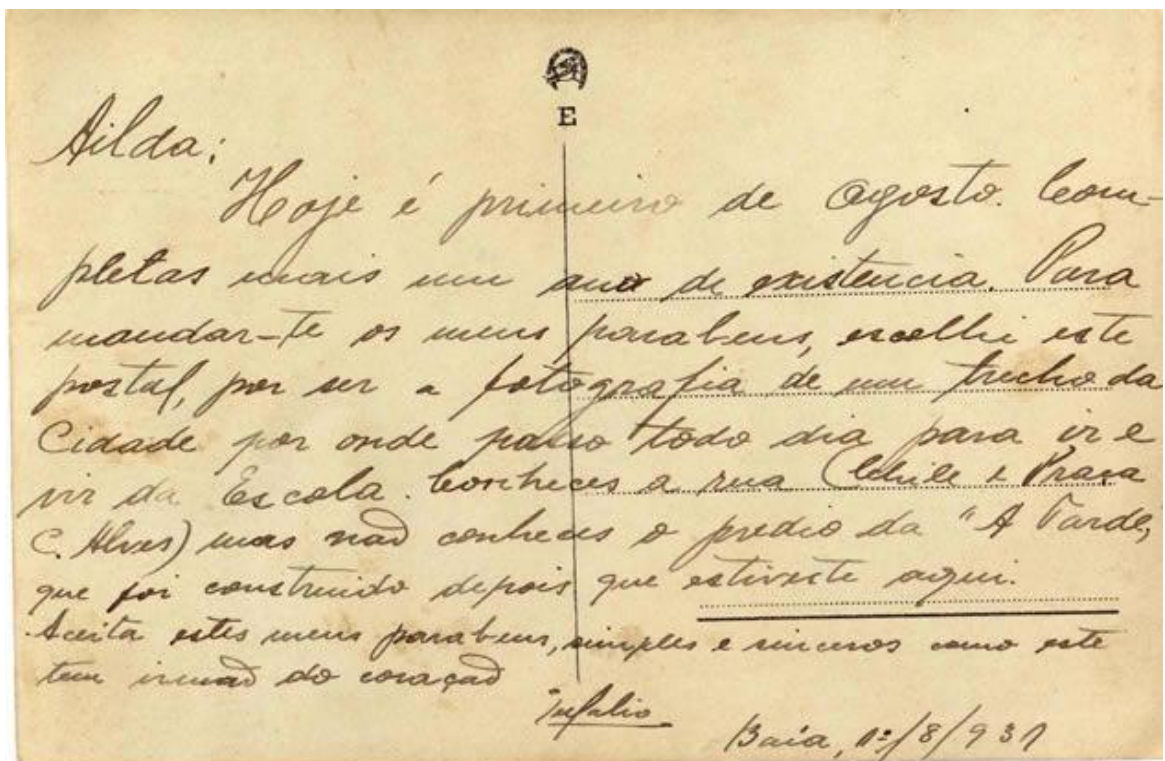
A coleção de postais preservada por Eulálio Motta contém 108 documentos reunidos por ele e seus familiares, durante 48 anos (1926 a 1978). Os postais demonstram as relações afetivas e eram enviados por ocasiões de viagens, aniversários e datas festivas. Alguns postais foram localizados dentro de livros da biblioteca do escritor e não estavam incluídos no inventário (BARREIROS, 2018, p. 9).

A título de exemplo de cartão postal comemorativo de aniversário enviado por Motta para familiares, tem-se a figura 10:

---

<sup>12</sup> “Imagem de motivo piedoso de pequena dimensão impressa por processo xilográfico, tipográfico, litográfico ou calcográfico, que é distribuída em cerimónias religiosas para perdurar como lembrança. Registro de santo. Pagela” (FARIA e PERICÃO, 2008, verbete *santinho*, p. 1104).

Figura 10 - Cartão postal de aniversário para Ailda Motta (frente e verso)



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Há também fotografias de Motta e de seus irmãos reveladas e impressas no verso como postais, como vê-se na figura 11, em que o escritor faz dedicatória à sua mãe, Eremita Motta.

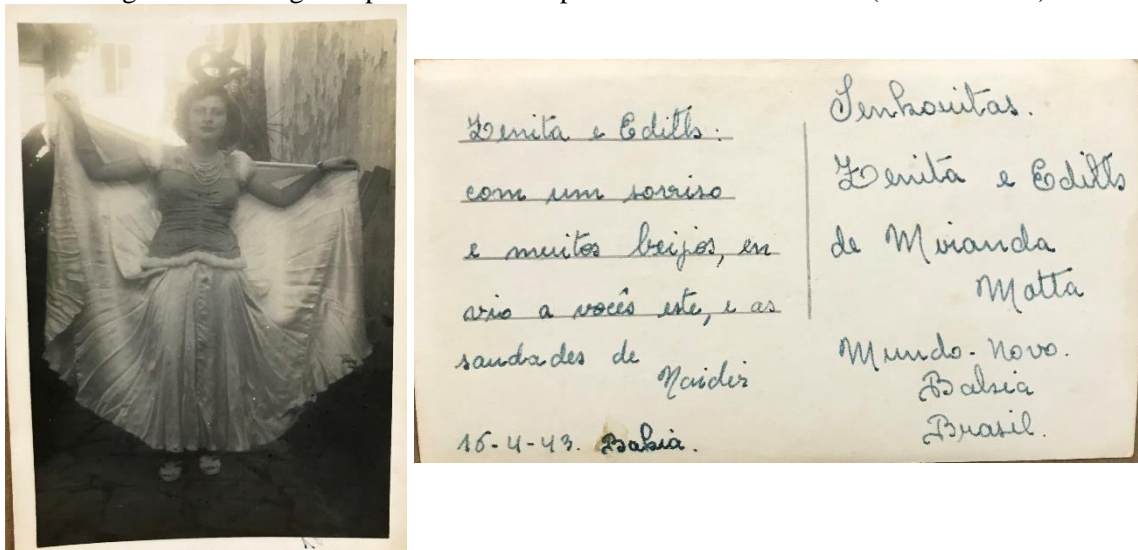
Figura 11 - Fotografia postal de Eulálio Motta para Eremita Motta (frente e verso)



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Em outras fotografias, os remetentes simulam a impressão de postal no verso feita de forma manuscrita, ao invés de impressa, como apresenta a figura 12:

Figura 12 - Fotografia postal de Naidir para Zenita e Edith Motta (frente e verso)



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Além dos tipos mencionados acima, há fotografias com dedicatórias no verso, sem seguir uma estrutura de postal, como se vê nas figuras 13, 14 e 15:

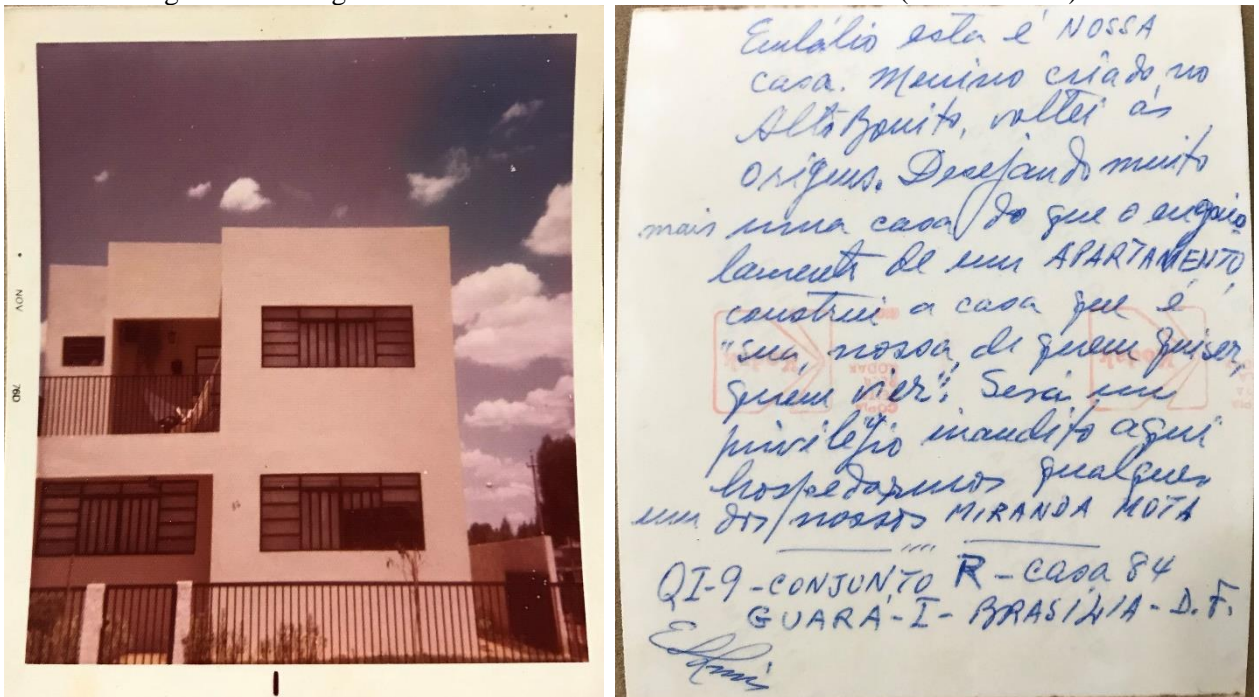
Figura 13 - Fotografias de Eulálio Motta soldado com dedicatórias (frente e verso)



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

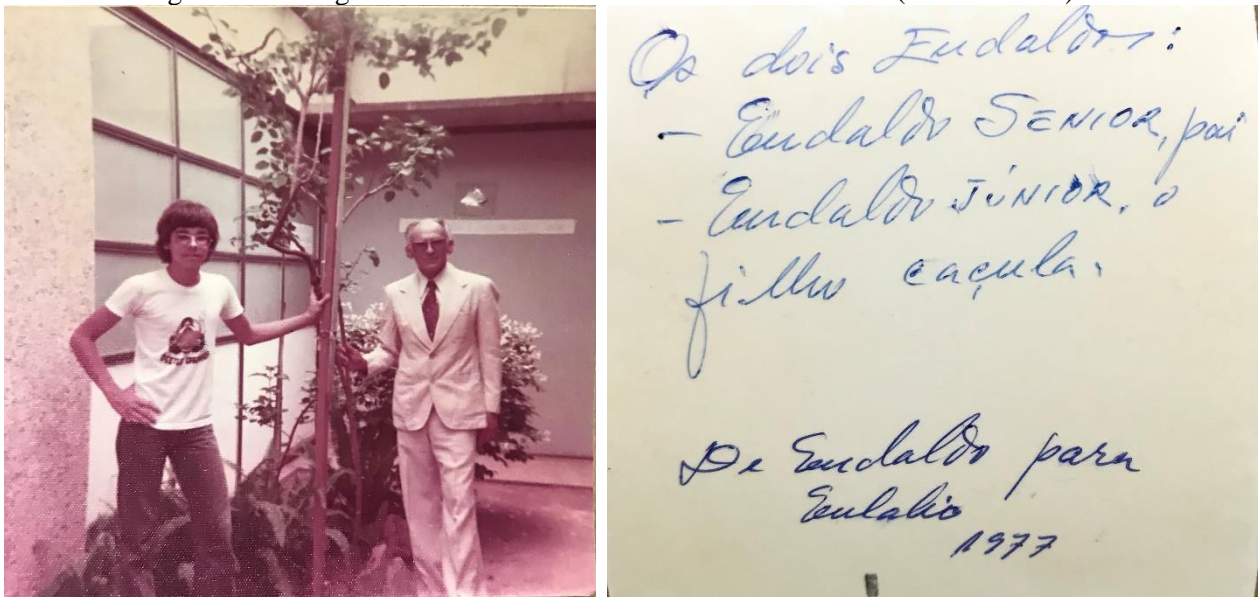
Na figura 13, percebe-se que Motta revelou quatro fotografias idênticas e as dedicou a quatro destinatários diferentes. O que chama atenção é que, nas fotografias dedicadas aos seus amigos: Oscarzinho, Da Silva Garcia e Julio Sá; Motta assina como Liota, pseudônimo que o escritor utilizava para assinar textos humorísticos e algumas trovas, e o texto de sua dedicatória assume um tom jocoso, ao passo que na fotografia dedicada à sua mãe, o texto assume um tom carinhoso e Motta assina com seu nome próprio.

Figura 14 - Fotografia da casa de Eudaldo Lima em Brasília-DF (frente e verso)



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 15 - Fotografia de Eudaldo Lima e Eudaldo Lima Junior (frente e verso)



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Eudaldo Lima também tinha o hábito de enviar fotografias com dedicatórias para seu amigo de infância. Na figura 14, vê-se que Eudaldo enviou a fotografia da casa que havia comprado recentemente, confessando ao amigo que desejava muito mais uma casa do que um apartamento, presume-se que era onde vivia até então. Observa-se que o endereço que consta no verso da fotografia é o mesmo da caderneta *Anotações* (cf. figura 08). Na figura 15, Eudaldo enviou a sua foto e de seu filho caçula já adolescente, datada de 1977, fazendo graça

com os nomes iguais. Há também uma foto de Eudaldo Junior na neve, quando criança, em 1966, período em que Eudaldo Lima viveu em Pittsburgh, Pensilvânia – EUA, para fazer um curso de extensão em teologia no seminário presbiteriano.

Barreiros (2018) comenta sobre as fotografias contidas no acervo, seus assuntos tratados no verso e suas origens:

Eulálio Motta era uma espécie de guardião da memória da família. Ele guardou o acervo fotográfico de seus pais e de suas irmãs. O mais curioso das fotografias é que, parte delas, trazem no verso não apenas dedicatórias, descrição de lugares e pessoas, mas carregam notícias de familiares e amigos distantes. [...] Naturalmente, o verso da fotografia foi utilizado como suporte para escrever uma pequena carta, ilustrada pela fotografia. Há fotografias com essa natureza de texto registrando casamentos, batizados, crisma, festividades e até mesmo velórios. Foram selecionadas 154 fotografias com textos no verso. Há fotografias enviadas para Eulálio Motta, ou para familiares e fotografias que ele mesmo enviou para suas irmãs. Algumas fotografias foram encontradas dentro de livros, ou foram doadas por familiares para integrar o acervo. Por conta disso, o corpus de fotografias com textos no verso foi ampliado (BARREIROS, 2018, p. 10).

Para registrar casamentos, batizados, crismas, velórios e festividades, como o natal, a família Motta, e também amigos, utilizavam cartões especiais feitos para essas ocasiões. De acordo com Silva (2020):

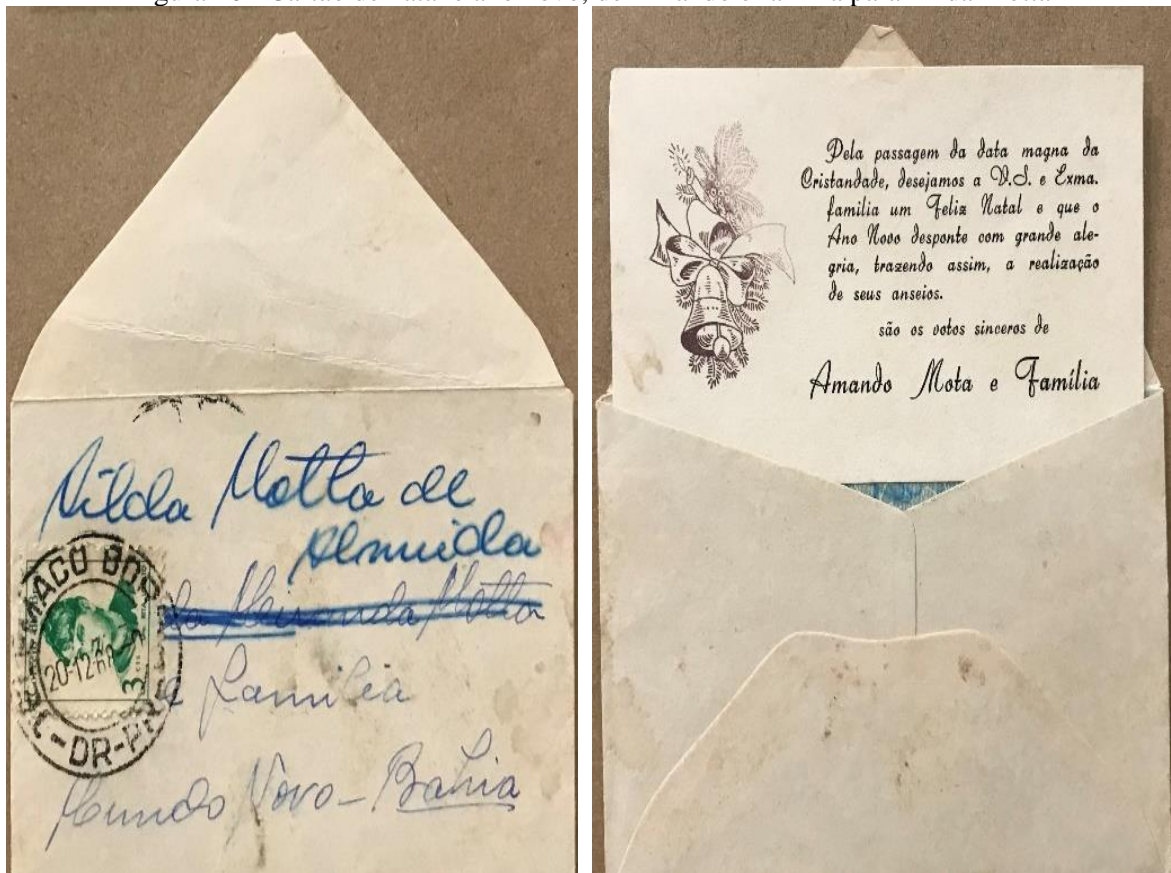
A partir do século XIX houve um grande desenvolvimento na indústria da carta, através de papéis diversificados, cores e formatos variados, além de tarjas pretas para indicar luto e ilustrações em ocasiões festivas. Estes pequenos detalhes revelam informações pertinentes, acerca do grupo de origem, do destino da carta e o território social pelo qual ela circula (SILVA, 2020, p. 17).

No acervo foram encontrados cartões comemorativos de natal, ano novo, dia das mães, de aniversário, batismo, primeira comunhão e cartões de falecimentos. A família Motta aparentava, de acordo com a documentação, ser bastante unida e apegada a datas comemorativas, fazendo questão de compartilhá-las com os familiares e amigos. Há um cartão de felicitações natalinas e de ano novo (cf. figura 16) assinado como Amando Mota (pai de Eulálio) e família, destinado a Ailda Motta, irmã de Eulálio Motta, o que leva a crer que esses cartões eram enviados internamente para a família nestas ocasiões. Alguns documentos encontrados no acervo não eram de posse de Motta e, devido a datação, não poderiam ter sido arquivados por ele, pois foram escritos e se anexaram ao acervo em data



posterior a sua morte. É possível que boa parte da documentação tenha sido de propriedade de Rita Motta de Almeida, falecida no ano de 2005, como consta em seu cartão fúnebre (cf. figura 21). Alguns cartões comemorativos e cartões postais foram enviados para Rita Motta e podem ter sido introduzidos ao acervo mediante vontade de parentes. Seguem imagens de alguns cartões que circularam no seio da família Motta e que revelam certa proximidade entre os membros da família:

Figura 16 - Cartão de natal e ano novo, de Amando e família para Ailda Motta



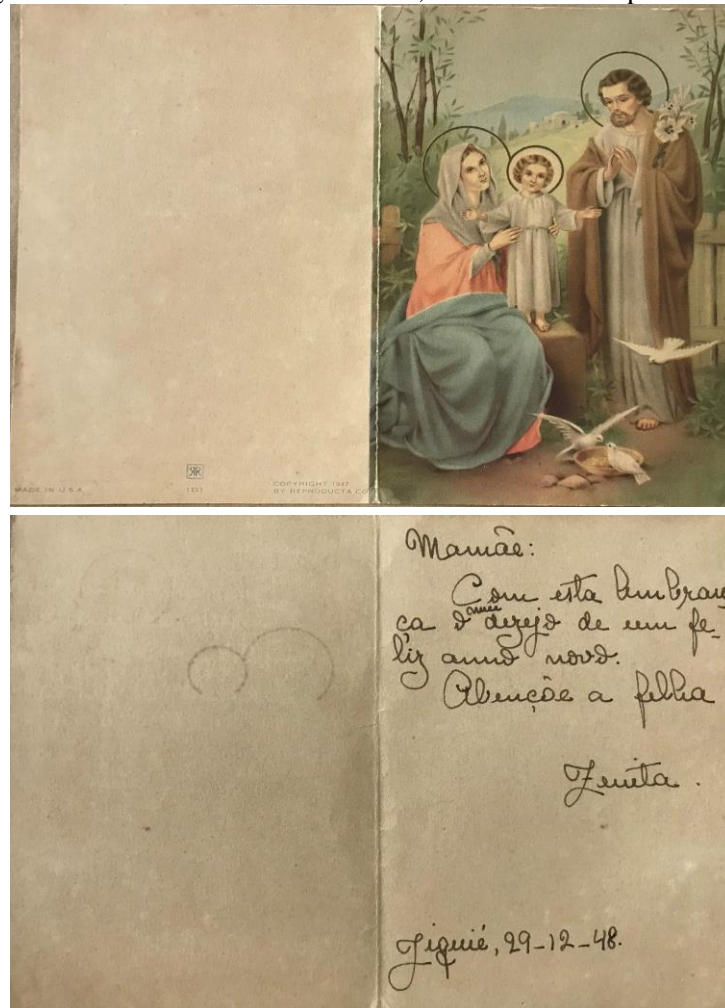
Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 17 - Santinho da primeira comunhão de Arnou Lima de Miranda



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 18 - Santinho de feliz ano novo, de Zenita Motta para sua mãe



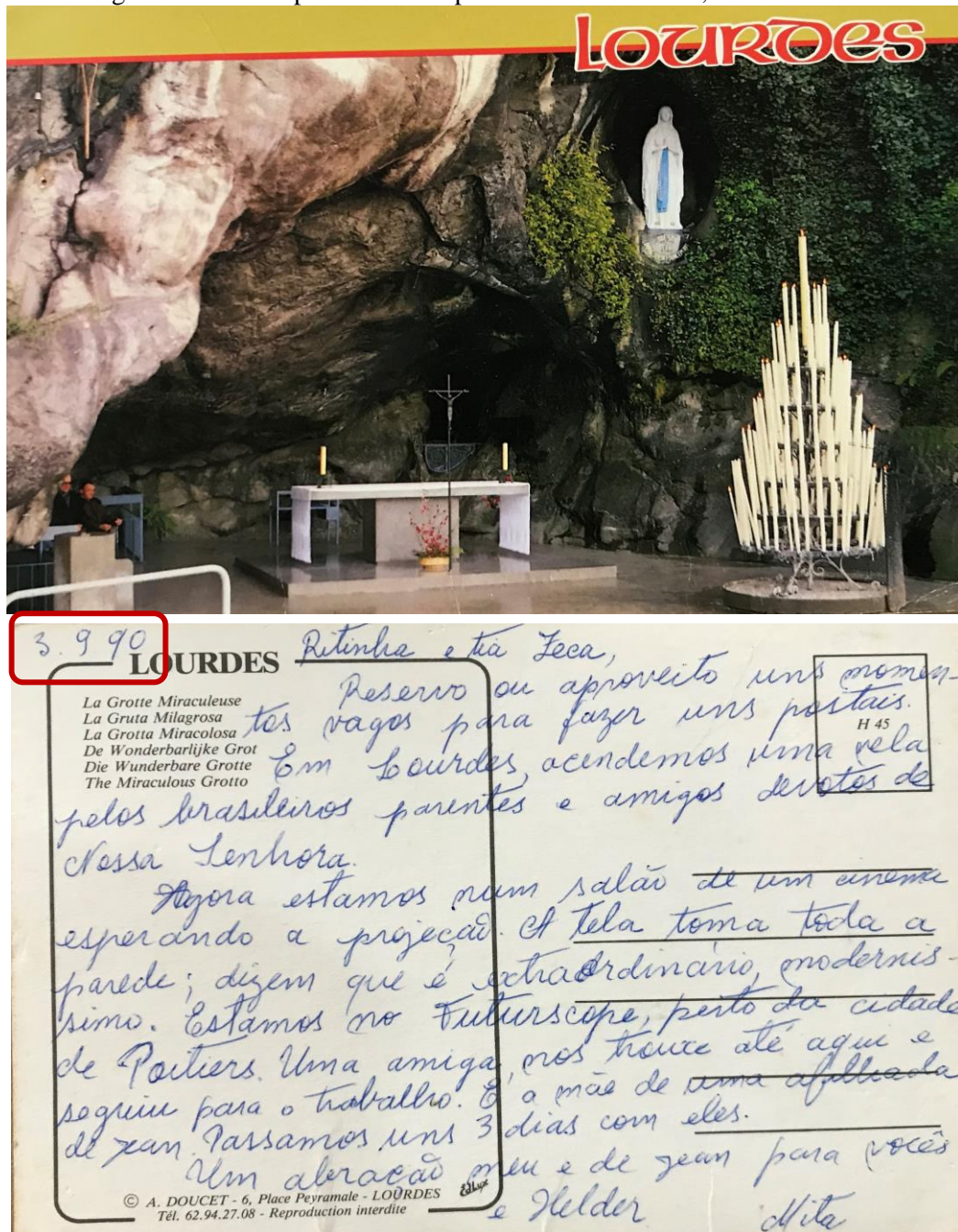
Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 19 - Cartão fúnebre de Waldomiro Antonio de Souza, dado a Eulálio Motta

 <p>Dr. Eulálio</p>	<p>Quando a mão de Deus parece ferir sem piedade, o gemido da alma cristã se transforma neste cântico de resignação: ("Senhor, seja feita a Vossa vontade!")</p>  <p><b>Waldomiro Antonio de Souza</b></p> <p>* Nascido em 7 - 2 - 1903</p> <p>† Falecido em 7 - 4 - 1957</p> <p>Viveu para o conforto e alegria daqueles por quem se dedicou, até o seu último suspiro; A recordação de suas virtudes servirá, pois, de exemplo e consolação para os que choram a sua ausência.</p>	<p style="text-align: center;">+</p> <p style="text-align: center;">ORAÇÃO</p> <p>Senhor Deus, Vós, que, nos mistérios insondáveis de vossos desígnios, feristes tão dolorosamente os nossos corações, arrebatando do nosso feliz convívio aquele a quem tão estreitamente nos unistes na terra, confortai-nos, Senhor, e recolhei, como preces, nossas lágrimas transidas de dor e de saudades, mas cheias de esperança de, um dia, no Céu, unirmo-nos eternamente. Pelos méritos de Jesus Christo Nosso Senhor. Amem.</p> <p style="text-align: center;">—</p> <p>Virgem Santíssima, intercedei por êle!</p> <p>São José, Santo Antonio, rogai por êle!</p>
--	---	---

Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 20 - Cartão postal de Mita para Rita Motta e Zeca, datado de 1990



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 21 - Cartão fúnebre de Rita Motta de Almeida, datado de 2005



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Os cartões, santinhos e fotografias compõem uma parcela expressiva da documentação do acervo de Eulálio Motta, mesmo não tendo sido, em sua totalidade, arquivado por ele, este conjunto documental revela as relações interpessoais de membros de sua família e amigos próximos, além de evidenciar a importância que a família Motta atribuía as datas comemorativas, em especial, as de caráter religioso como batizado, primeira comunhão e natal. Conhecer sobre essa documentação é, portanto, aprender acerca de práticas culturais que se davam, no âmbito privado, no interior da sociedade mundonovense do século XX, vislumbrando, a partir disso, uma parcela da história social do interior baiano.

#### 4 EDIÇÃO DOS RASCUNHOS DE CARTA DESTINADOS A EUDALDO LIMA, NO CADERNO *FARMÁCIA SÃO JOSÉ*

Apresenta-se, nesta seção, a edição documental dos dezenove rascunhos de cartas destinadas a Eudaldo Silva Lima que estão presentes no caderno *Farmácia São José*. A edição documental busca reproduzir o texto manuscrito ou impresso, apresentando-o, página por página, como ele está disponível em um tempo específico, no caso desta dissertação, os dezenove rascunhos de cartas na forma que estão no caderno FSJ. A edição conta com um ensaio sobre o perfil religioso de Eulálio Motta, a apresentação geral do caderno *Farmácia São José*, a descrição temática dos dezenove rascunhos de cartas destinados a Eudaldo Lima, as transcrições destes que podem ser, a depender de suas especificidades, genéticas ou semidiplomáticas e, por fim, a adaptação deste *corpus* para o processamento no *software AntConc* para fins linguísticos.

##### 4.1 O CADERNO *FARMÁCIA SÃO JOSÉ*, DE EULÁLIO MOTTA

A transcrição do caderno *Farmácia São José* foi realizada pela autora desta dissertação, em 2015, como resultado do trabalho de Iniciação Científica no âmbito do projeto *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta*. Em 2016, também como resultado de Iniciação Científica do mesmo projeto, foi feita a revisão da transcrição por Sheila Cardoso dos Santos. Contudo, o cotejamento dessa revisão com a transcrição inicial está sendo feito no curso das publicações das edições, bem como o acréscimo dos novos operadores genéticos e critérios de transcrição que foram utilizados e estão em processo de revisão. Nesta subseção, apresenta-se o caderno *Farmácia São José*, sua descrição paleográfica (PAGLIONE, 2017; MILEVSKI, 2001) e um resumo de cada um dos dezenove rascunhos de cartas destinados a Eudaldo Lima.

O caderno *Farmácia São José* é um dos 15 cadernos manuscritos deixados por Eulálio Motta em sua organização do acervo. Lhe foi atribuído esse nome graças a uma colagem, no centro de sua capa frontal (cf. figura 22), de uma etiqueta retangular de identificação em que consta o nome da farmácia onde trabalhou, ‘Farmacia São José’. Como foi discutido na seção anterior, não se sabe ao certo se Eulálio Motta foi apenas funcionário ou sócio da farmácia, mas ela pertencia à família Motta. É possível que este caderno tenha sido adquirido para utilizá-lo em trabalhos/anotações referentes à farmácia, contudo, lhe fora atribuída uma nova finalidade pelo escritor. A etiqueta de identificação apresenta medidas de 82mm, na região

superior e inferior; 60mm na região lateral esquerda e direita; informações impressas, todas em tinta azul marinho e tem uma borda decorada, feita com tipos, de duas linhas onduladas justapostas em cada lateral, formando um retângulo.

Dentro do retângulo formado pelas bordas decoradas, há escritos impressos em tinta azul com fontes diversas, em que constam as seguintes informações, respectivamente: FARMACIA SÃO JOSÉ | Do Farmaceutico | EULALIO DE MIRANDA MOTA | MUNDO NOVO - BAHIA | Nº., seguido de uma linha pontilhada – 21 pontos – de espaço de preenchimento; USO INTERNO, seguido por sete linhas pontilhadas como espaço de preenchimento, onde Motta escreveu “1º de Outubro de 1940”, utilizando pena e tinta preto-acastanhada. É importante lembrar que essa data é a mesma da conversão de Eulálio Motta ao catolicismo, o que atribui um caráter emblemático ao caderno, que possui como principal temática a religião.

Nas laterais, ainda no espaço interior das bordas decoradas, há dois indicativos de identidade, um de cada lado, na vertical. No ângulo inferior esquerdo, na direção baixo-cima, consta: ‘Dr.’, seguido de uma linha pontilhada de espaço para preenchimento; no ângulo superior direito, na direção cima-baixo, consta: ‘Nome’, seguido de uma linha pontilhada de espaço para preenchimento. A colagem apresenta mancha de umidade na parte superior e um pequeno rasgo na ponta do ângulo inferior esquerdo.

Referente a sua encadernação, utilizando a terminologia de Paglione (2017) e Milevski (2001), pode-se dizer que o caderno possui encadernação tradicional, com quatro pontos de costura visíveis no miolo<sup>13</sup>. Apresenta capa dura de papelão (frontal e de fechamento), revestida com papel que imita couro com textura de crocodilo, na variação de cores azuis PANTONE<sup>14</sup> 2767 C e PANTONE 2757 C. Possui meia lombada<sup>15</sup>, feita com material sintético grosso similar à lona, na cor azul PANTONE 303 C. As extremidades laterais do caderno, assim como as ponteiras, que são arredondadas, apresentam desgaste expondo o papelão das capas, revelando uma delaminação<sup>16</sup>. A lombada é quadrada e lisa, sem nervuras ou serigrafia, e se encontra um pouco desgastada e com um furo no centro. As coifas<sup>17</sup>

---

<sup>13</sup> Parte interna do livro composta por cadernos unidos.

<sup>14</sup> Pantone LLC é uma empresa sediada em Carlstadt, estado de New Jersey, Estados Unidos, de propriedade da Danaher Corporation. É mundialmente conhecida por seu sistema de cores que é largamente utilizado na indústria gráfica. O Sistema *Pantone* é, hoje, o padrão na indústria gráfica e têxtil para especificação e controle da cor.

<sup>15</sup> Tipo de encadernação em que a lombada é colada ocupando parte da capa.

<sup>16</sup> “Separação em camadas (lâminas) do cartão das capas (pastas) ou de papéis compostos. A delaminação é um dano físico causado por manuseio, guarda inadequada e contato com água” (PAGLIONE, 2017, p. 40).

<sup>17</sup> Material de revestimento que foi moldado sobre os cabeceados, na cabeça e no pé da lombada da capa (MILEVSKI, 2001, p. 42).

apresentam sinais de abrasão<sup>18</sup> que seguem em direção à canaleta externa<sup>19</sup>, revelando as linhas do tecido que compõem o material sintético. Não possui cabeceado<sup>20</sup>, seus cortes anterior, superior e inferior não possuem decoração/ilustração e não apresentam bordas quebradiças<sup>21</sup> nas folhas. As medidas externas do caderno, considerando a encadernação, são de 167mm de largura; 238mm de comprimento; 25mm de espessura, na parte da lombada; 20mm de espessura, na parte lateral direita; pesando um total de 656 gramas. As medidas do miolo do caderno são de 160mm de largura, 229mm de comprimento e 19mm de espessura. Seguem as imagens da capa frontal, de fechamento e da etiqueta do caderno *Farmácia São José*:

---

<sup>18</sup> Desgaste de superfície decorrente de ação mecânica causadora de atrito. A abrasão fragiliza o material, ajudando os processos de rasgos e perdas. (PAGLIONE, 2017, p. 26).

<sup>19</sup> Canal flexível do material de cobertura (papel, couro, tecido etc.), do lado externo de um livro, sobre a qual a capa abre; espaço entre os papelões da capa e o encaixe da lombada do corpo do livro, no qual o material de cobertura da capa sofre pressão. Também chamado junta francesa ou encaixe francês, canaleta, encaixe, canal ou charneira (MILEVSKI, 2001, p. 42).

<sup>20</sup> Parte de tecido que pode ser costurado ou colado no miolo, nas extremidades, servindo para estabilizá-lo. Geralmente, são apresentadas com tecitura em quadriculação ou espiral, em diversas cores.

<sup>21</sup> Fragilidade nas regiões dos cortes do papel, geralmente acompanhada de rasgos e perdas. Dano físico causado geralmente por quebra das cadeias de celulose do papel e/ou por guarda inadequada (PAGLIONE, 2017, p. 32).

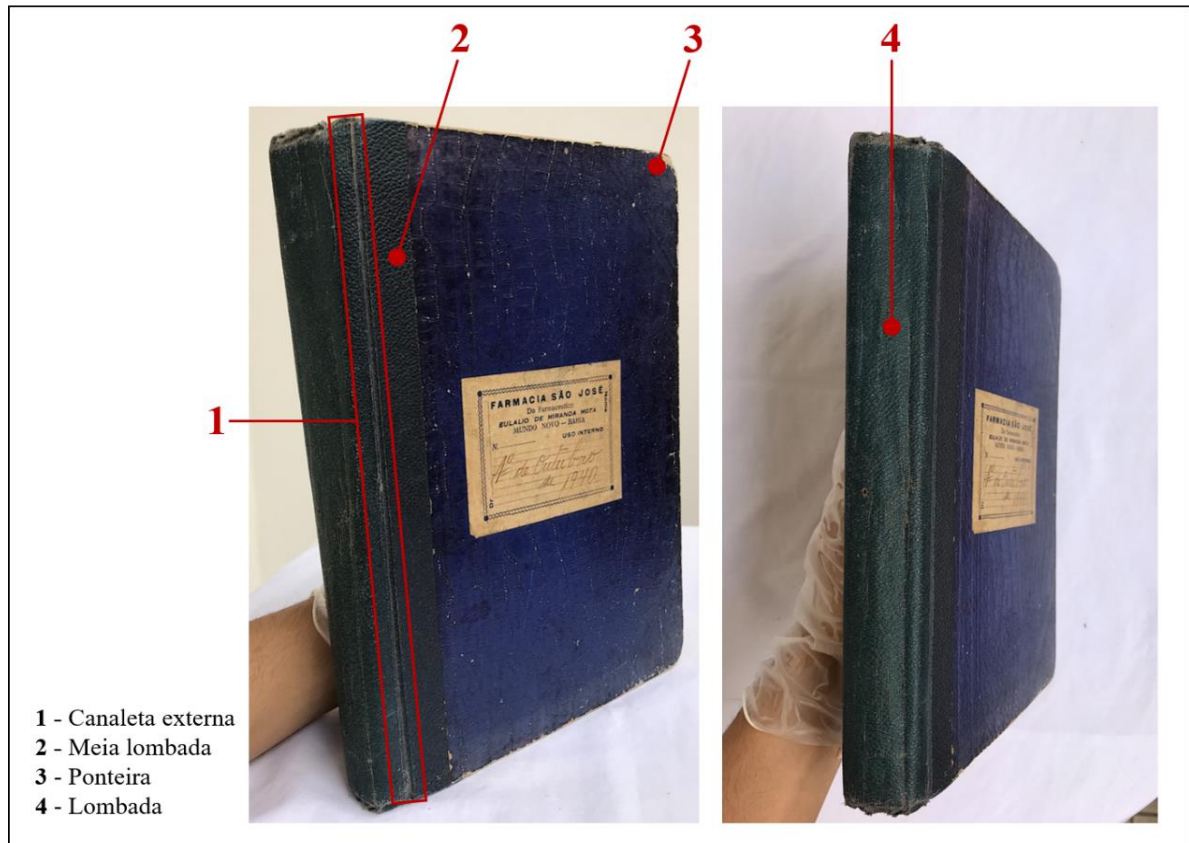


Figura 22 - Capa frontal e capa de fechamento do caderno *Farmácia São José*



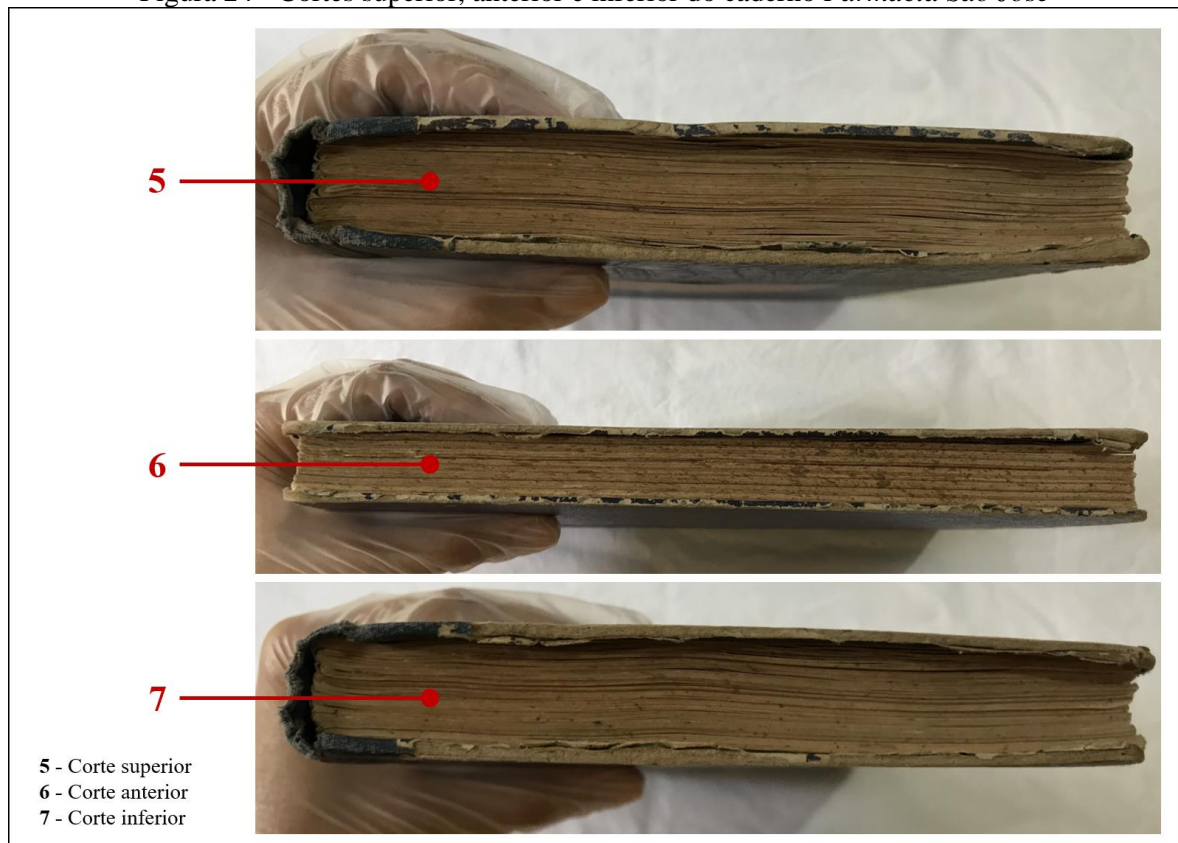
Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 23 - Canaleta externa, meia lombada, ponteira e lombada do caderno FSJ



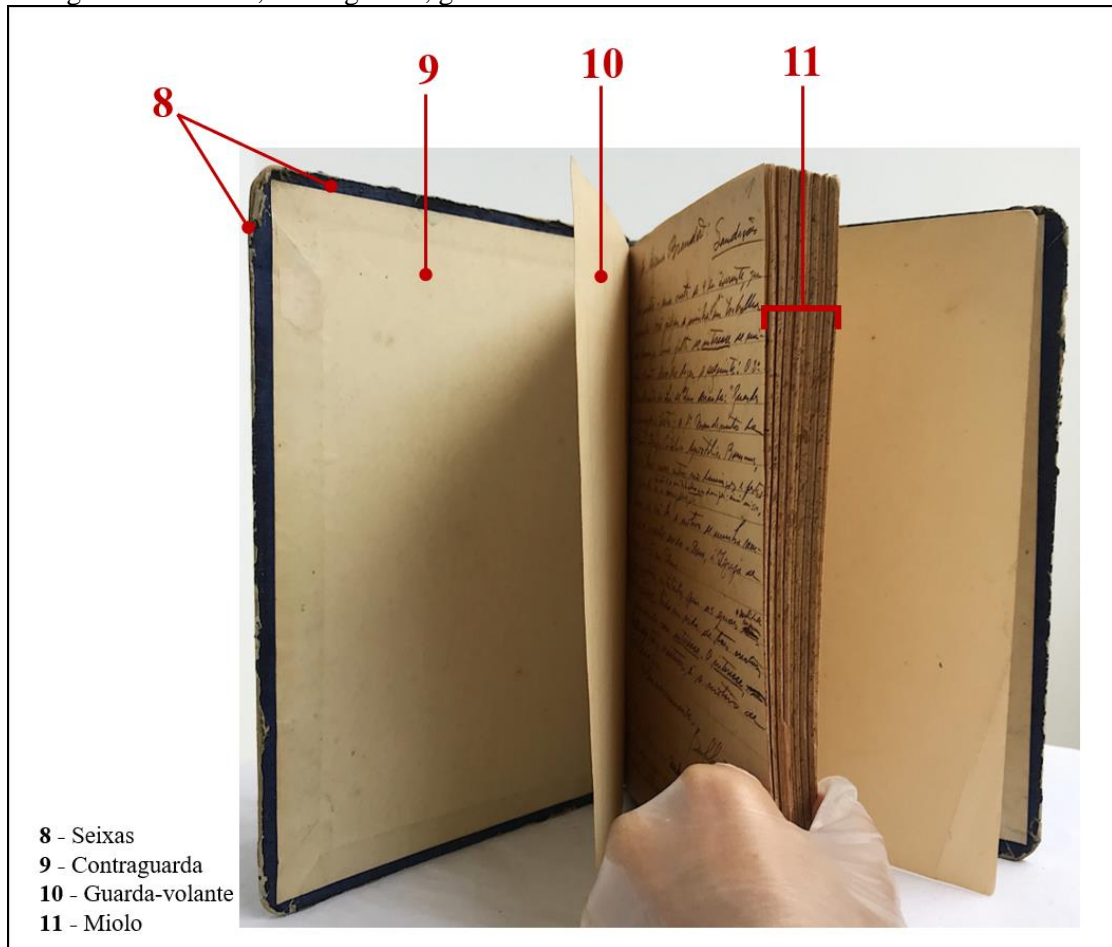
Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 24 - Cortes superior, anterior e inferior do caderno *Farmácia São José*



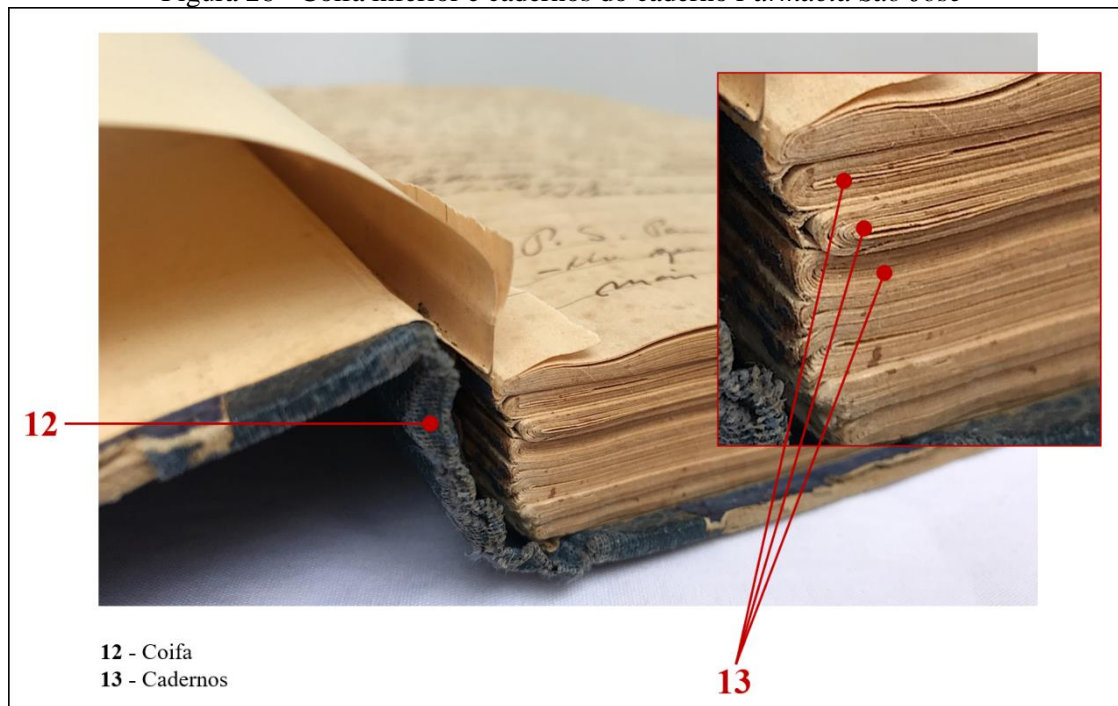
Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 25 - Seixas, contraguarda, guarda-volante e miolo do caderno *Farmácia São José*

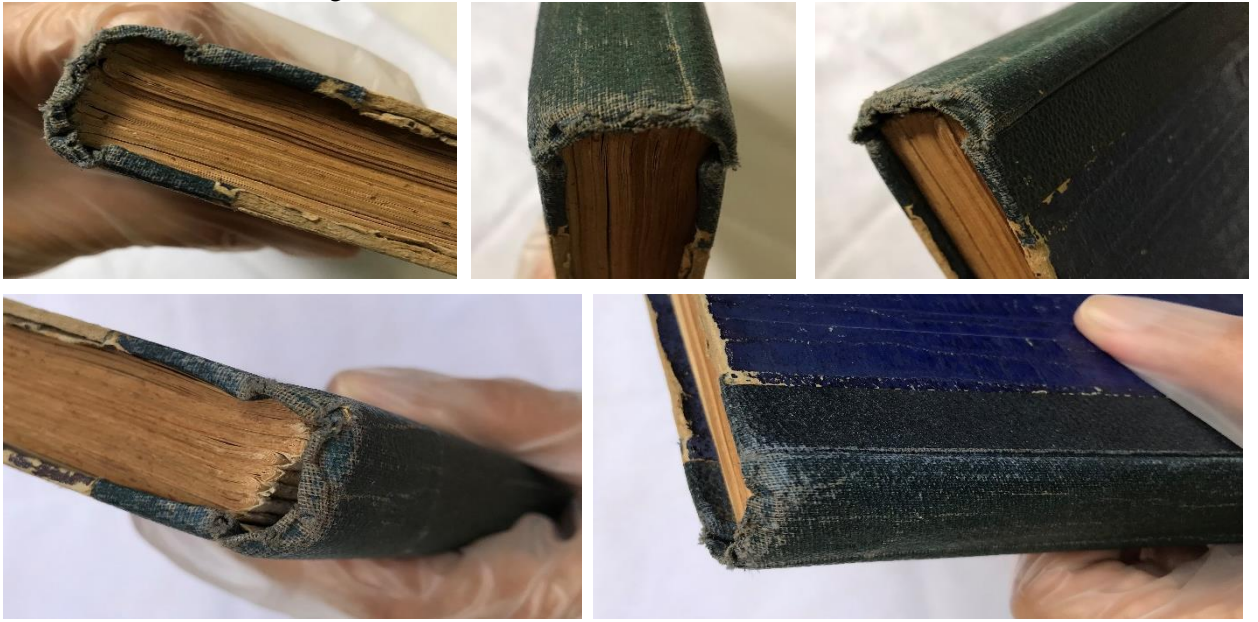


Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 26 - Coifa inferior e cadernos do caderno *Farmácia São José*



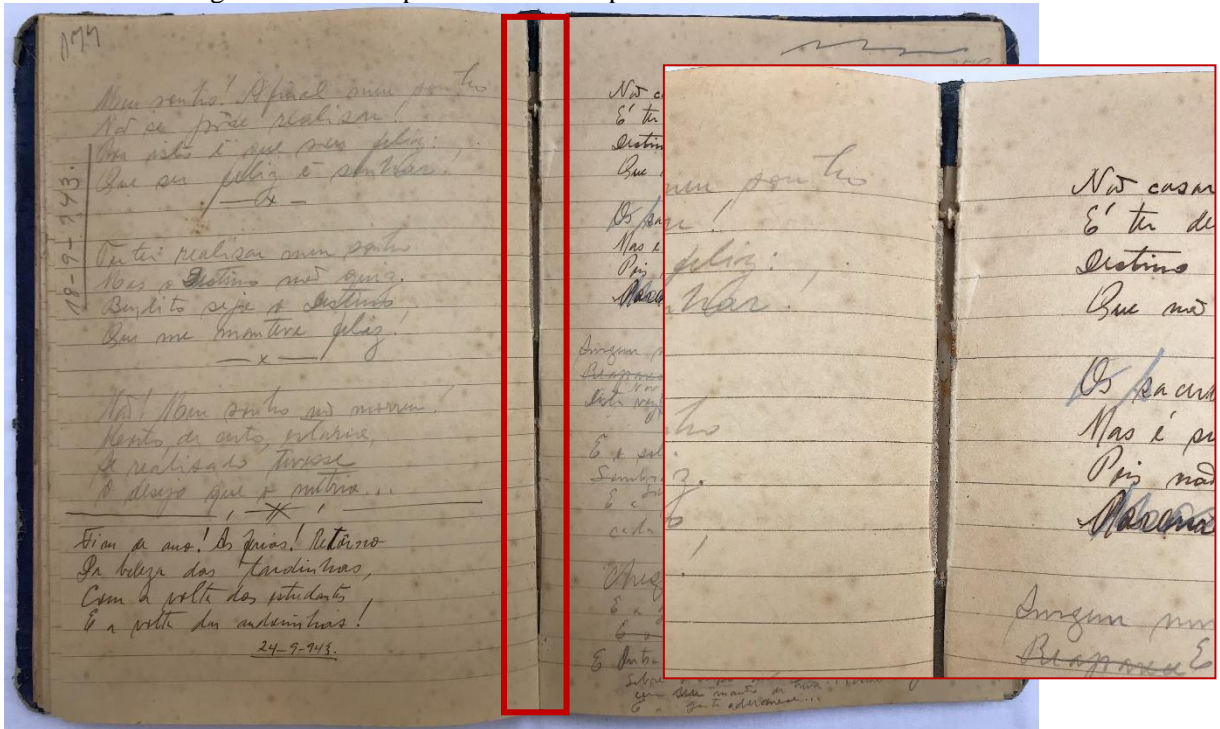
Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 27 - Abrasão no caderno *Farmácia São José*

Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 28 - Delaminação no caderno *Farmácia São José*

Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 29 - Miolo parcialmente rompido no caderno *Farmácia São José*

Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Quanto a origem de produção do caderno *Farmácia São José*, após a análise e comparação da sua encadernação e materialidade com os outros 15 cadernos do acervo, foram encontradas similaridades com dois deles: *Bahia Humorística* e *Lágrimas*. Todos os três cadernos apresentam encadernação tradicional, meia lombada feita com material sintético, capas em papelão revestidas com papeis de estampas diferentes e que apresentam textura. O caderno *Farmácia São José* é de tamanho maior do que os outros dois, por conta disso, sua encadernação é reforçada com lombada, feita de material sintético mais resistente e possui capa de papelão dura e seixas<sup>22</sup>, enquanto os outros possuem capa maleável e não possuem seixas. As folhas dos três cadernos apresentam espessura, coloração e acabamento similares, além de possuírem a mesma coloração das pautas e estruturação das margens superiores e inferiores.

Não há informações explícitas quanto às origens no caderno *Lágrimas* e no caderno *Farmácia São José*, contudo, no centro da capa do caderno *Bahia Humorística* há uma colagem com informações sobre o local de sua origem: a Casa Catugy. De acordo com a própria colagem, a Casa Catugy era uma livraria e tipografia que realizava as atividades de encadernação e pautação, com telefone 2634, sob o endereço: Rua Dr. José Gonçalves, 4 –

<sup>22</sup> Margens da capa de um livro que ultrapassam as páginas, protegendo-as. Quando um livro é posto dentro da capa, devem se formar margens idênticas na cabeça, pé e frente (MILEVSKI, 2001, p. 45).

Bahia. Esta rua também era conhecida como ‘Rua do Colégio’, local continuamente frequentado e comentado por Eulálio Motta, mencionado em diversos documentos do acervo. Assim, acredita-se que os três cadernos tenham sido adquiridos na Casa Catugy, devido às suas semelhanças materiais, contudo, não é possível afirmar indubitavelmente. Seguem imagens que evidenciam as semelhanças materiais dos cadernos *Bahia Humorística* e *Lágrimas*, respectivamente:

Figura 30 - Capa frontal e capa de fechamento do caderno *Bahia Humorística*



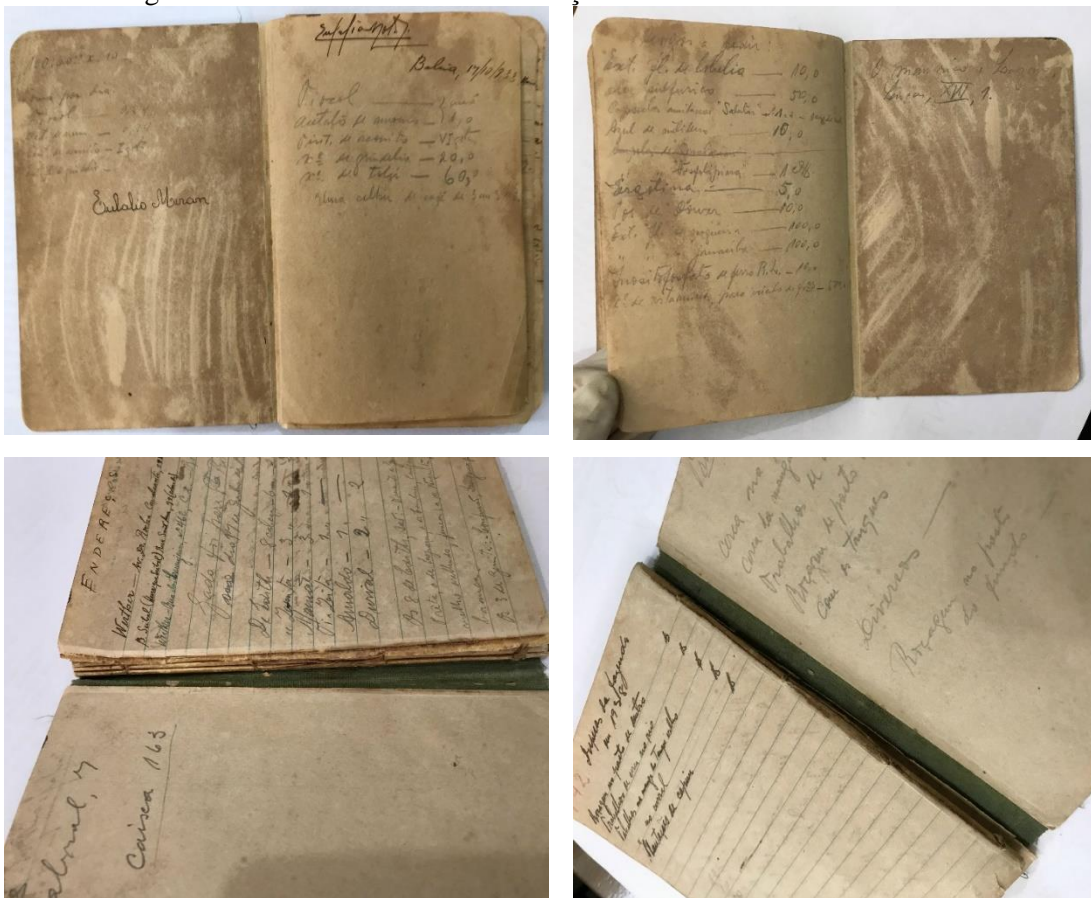
Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 31 - Coifa, corte inferior e lombada do caderno *Bahia Humorística*



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

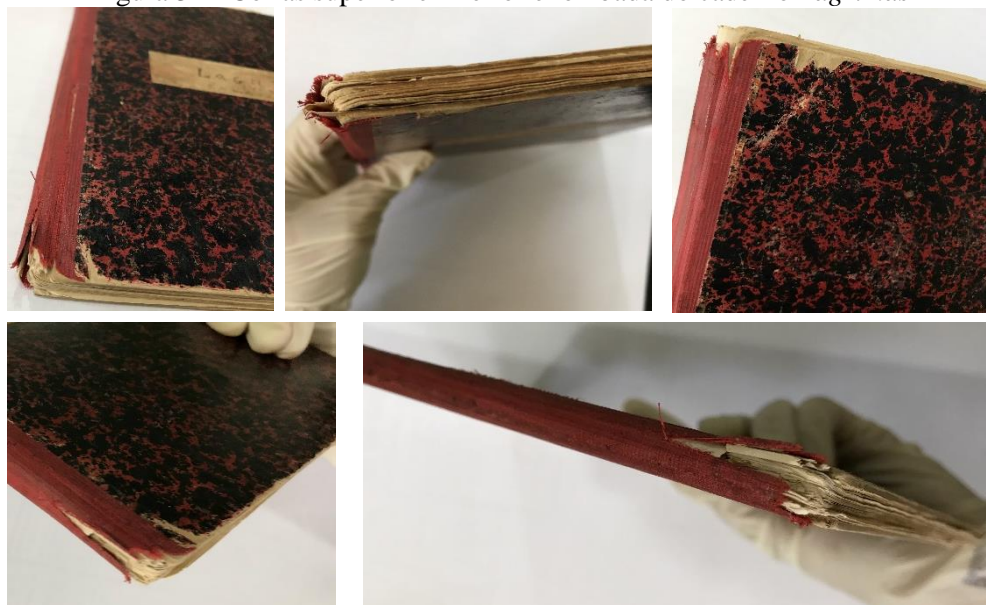
Figura 32 - Parte interna da encadernação do caderno *Bahia Humorística*



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 33 - Capa frontal e capa de fechamento do caderno *Lágrimas*

Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 34 - Coifas superior e inferior e lombada do caderno *Lágrimas*

Fonte: Acervo de Eulálio Motta.



Sobre as características internas do caderno *Farmácia São José*, têm-se as seguintes informações: as seixas apresentam desgaste por conta da delaminação nas bordas da capa. A delaminação causou rasgos em alguns pontos das seixas, tanto na parte da capa frontal quanto na de fechamento; a contraguarda<sup>23</sup> inferior apresenta mancha de umidade na região da canaleta interna<sup>24</sup>, fazendo fronteira com a guarda-volante<sup>25</sup>; a guarda-volante superior (na parte frontal do caderno) apresenta uma mancha de umidade na parte do corte superior e na canaleta interna que faz fronteira com a contraguarda. É possível notar pequenas e poucas marcas de *foxing*<sup>26</sup> nas folhas de guarda.

Na guarda-volante superior (reto) encontra-se um índice, escrito a lápis, de cinco textos (cf. figura 35), dos quais quatro se encontram no caderno FSJ e apenas um se encontra no “Livro Vermelho”, como indicado pelo escritor. Os quatro textos que se encontram no caderno FSJ são três poemas e uma crônica e o índice não apresenta os textos na ordem crescente das páginas, como habitual em índices. São apresentados na seguinte ordem: o poema *Só*, renomeado por *Renuncia* no interior do caderno, localizado nas páginas 87 e 89, de temática amorosa e escrito em 1942; a crônica *Natal*, localizada nas páginas 148 e 149, de temática religiosa e escrita em 1942; o poema *Sombras*, localizado nas páginas 100, 141, 269 e 178, de temática não identificada e sem datação feita pelo autor, sendo atribuída a data [194-]; o poema *Suplica*, localizado na página 11, de temática religiosa e escrito em 1941. O texto *Desencanto*, localizado, segundo o autor, no Livro Vermelho, na página 20, não foi localizado no acervo até o momento. Por fim, há o número 162 impresso no centro da guarda-volante, abaixo de onde o índice fora escrito, tratando-se, possivelmente, de uma numeração de tiragem ou uma catalogação do caderno.

---

<sup>23</sup> “Aquela metade da guarda que é colada na parte interna do papelão da capa. Também chamada de espelho da guarda ou guarda presa” (MILEVSKI, 2001, p. 42).

<sup>24</sup> “Dobra do canal entre as duas metades da guarda, onde o corpo do livro se une à sua respectiva capa (pasta). Também chamada de canaleta da frente e de encaixe interno” (MILEVSKI, 2001, p. 42), também chamada de festo por Paglione (2017, p. 20).

<sup>25</sup> A folha (ou folhas) que forma esta parte dobrada da guarda, que não está colada ao interior da capa de papelão. Sua função é proteger a primeira e a última página do texto (MILEVSKI, 2001, p. 44).

<sup>26</sup> “Manchas arredondadas causadas no papel pela presença de pequenos depósitos metálicos, geralmente na fase de produção do papel. Podem estar em associação com fungos” (PAGLIONE, 2017, p. 54).

Figura 35 - Índice do caderno *Farmácia São José* (guarda-volante superior, reto)

Só	87
Natal	148
Samboras	100
Simpler	77
Assinantes (Livro Vermelho)	20

162

Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

As folhas do miolo do caderno medem 160mm de largura e 229mm de comprimento, apresentando 23 pautas cada, com espaço de 8mm entre pautas. Cada folha possui margem superior medindo 29mm e margem inferior medindo 15mm. Não foi possível precisar a gramatura das folhas, mas acredita-se que seja média, o que confere certa firmeza à folha. Sobre o acabamento do papel, é possível dizer que ele apresenta uma textura com baixa

aspereza, baixo brilho<sup>27</sup>, opacidade<sup>28</sup> média e uma capacidade alta de absorção de tinta, pois, considerando que boa parte do texto foi escrito com tinta líquida, raras são as vezes em que se pôde visualizá-lo do outro lado da folha, geralmente em contexto de borrão, isso também devido a gramatura média da folha. As folhas apresentam coloração areia PANTONE 467 C e as pautas grafite PANTONE Cool Gray 10 C. A folha de paginação 180 apresenta uma dobradura no ângulo inferior direito, não havendo sinais de fita adesiva em nenhuma parte do caderno, nem sinais de manchas de umidade e, tampouco sinais de ataques de insetos ou furos nas páginas. Contudo, foram encontradas traças conservadas no caderno, com suas localizações preservadas na digitalização das páginas 124, 125 e 126 – foram retiradas do caderno após a digitalização.

Há um pequeno rasgo vertical na região do corte inferior das páginas 156-157 e há sinais de manchas pontuais em algumas páginas feitas por tinta preta, e.g.: 70, 78, 79. Foram encontradas sujidades<sup>29</sup> (vestígios de farelo de borracha), acumuladas principalmente na região de dobra<sup>30</sup> do miolo, em diversas páginas: 8, 9, 10, 11, 22, 23, 122, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 138, 145, 147, 149, 151, 152, 179, 201, 240, 241, 244 e 245. A costura foi feita com um cordão encerado de cor areia PANTONE 467 C, a mesma coloração das folhas, ficando exposto entre algumas páginas do caderno: 16-17, 56-57, 96-97, 136-137, 167-168, 197-198, 238-239, 278-279. Há rupturas (rasgos) na região da dobra do miolo nas páginas: 118-156 – parte superior da dobra do miolo; 157-158 – parte inferior da dobra do miolo; 177-178 – da parte superior até a inferior da dobra do miolo, quase comprometendo a encadernação nesta região (cf. figura 29). No geral, o caderno está em bom estado de preservação, no entanto, todas as folhas apresentam *foxing*.

Trata-se de um caderno manuscrito, com exceção de uma colagem na página 3, onde consta um impresso, possivelmente retirado de um periódico. É composto por 296 páginas pautadas, porém a mancha escrita ocupa apenas 289 páginas, estando as páginas 250, 255, 256, 297 e 298 em branco. A página 157 e 158 foram escritas a lápis, no entanto, foram inteiramente apagadas com borracha, não possibilitando sua leitura e, conseqüentemente, sua transcrição (cf. figura 36). As páginas do caderno foram enumeradas a lápis e, antes da enumeração, as duas primeiras folhas foram arrancadas, deixando vestígios de sua existência

---

<sup>27</sup> Capacidade da superfície do papel de refletir a luz de forma concentrada, ao invés de difundi-la em todas as direções. O brilho é uma propriedade que valoriza as imagens, mas pode dificultar a leitura de textos.

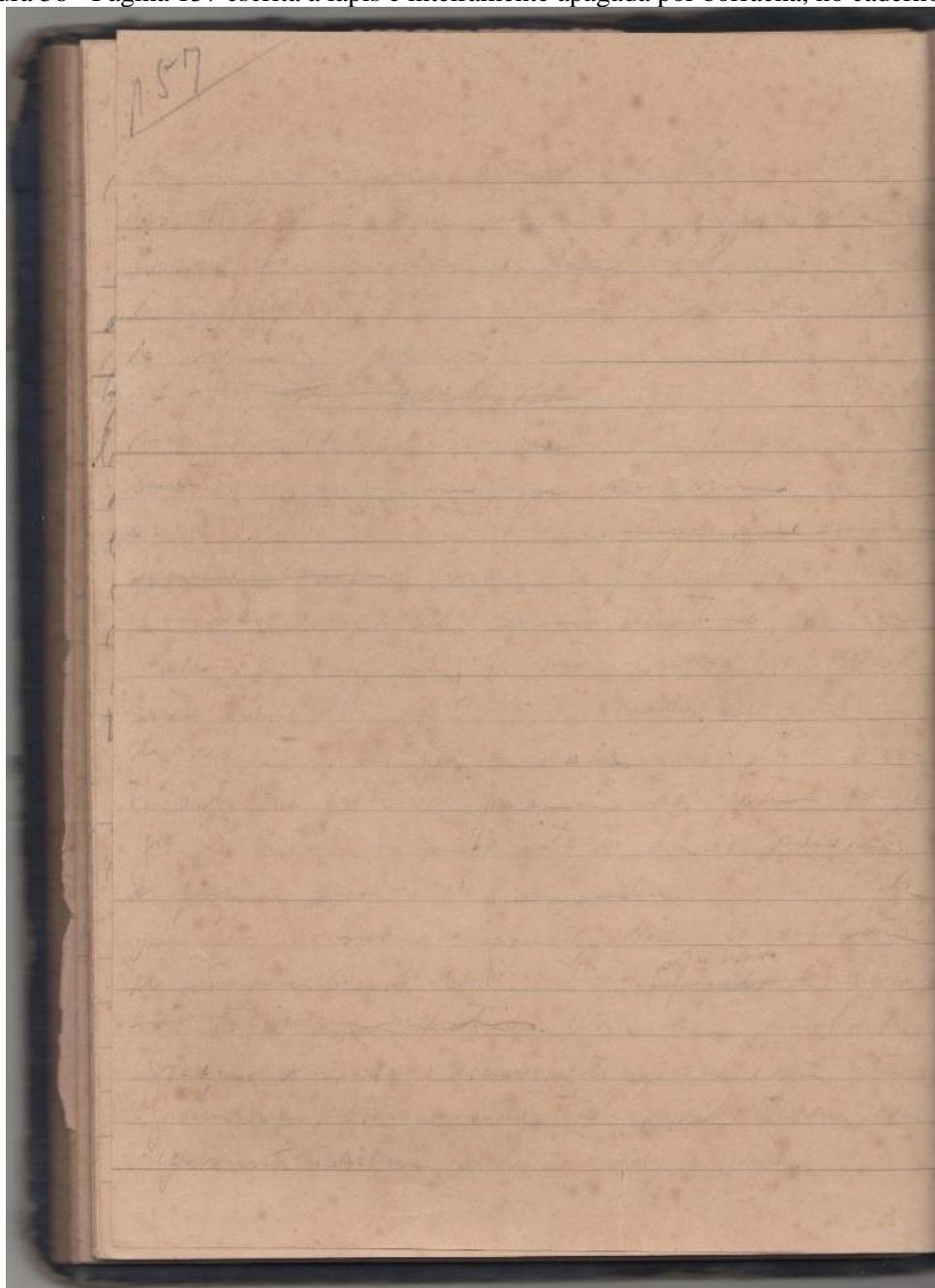
<sup>28</sup> Referente a capacidade do papel de barrar a passagem da luz.

<sup>29</sup> Depósitos superficiais ou penetrantes de sujeiras (poeira, restos de comida, borracha, excrementos de insetos etc.). Sujidades atraem insetos, fungos e podem acidificar a região em que se depositam (PAGLIONE, 2017, p. 78).

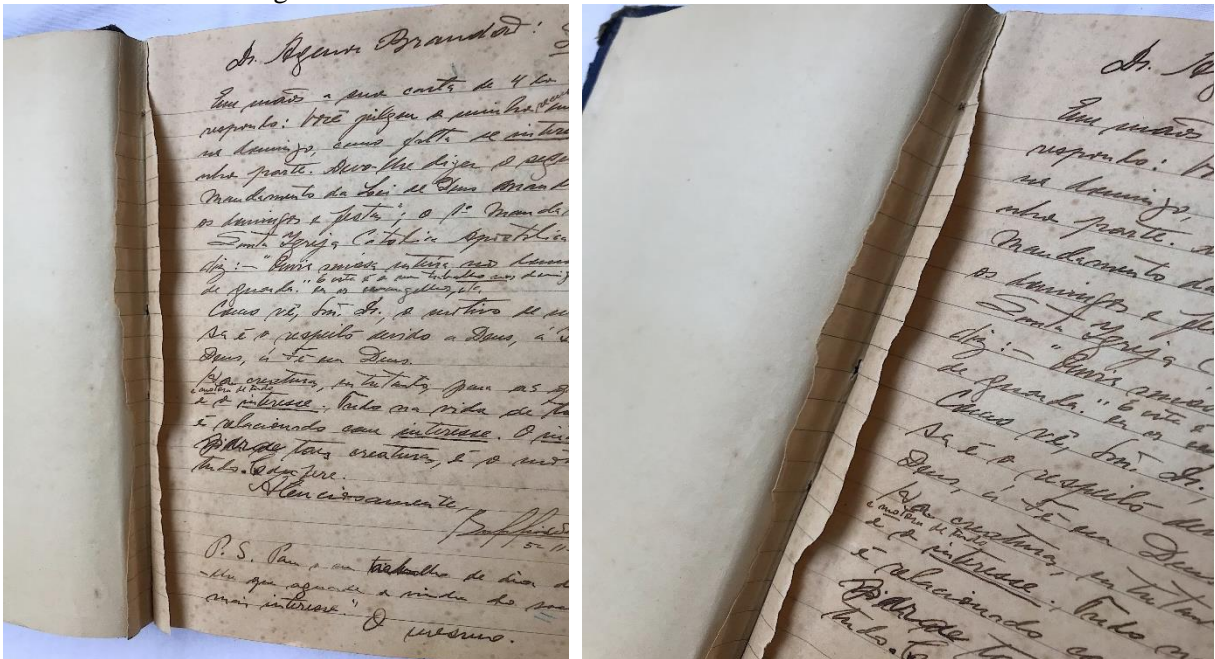
<sup>30</sup> “Vincos feitos ao longo do dorso dos cadernos, por onde eles são costurados, colados ou grampeados e pesos uns aos outros” (MILEVSKI, 2001, p. 42).

mediante pedaços que ficaram na margem próxima à costura (cf. figura 37) e também não há vestígios de estiletagem no caderno. Enquanto enumerava, Motta pulou números em duas páginas: da enumeração da página 149 pulou para 151; da enumeração da página 231 pulou para 233, por isso, apesar da enumeração ir até 298, há apenas 296 páginas no caderno.

Figura 36 - Página 157 escrita a lápis e inteiramente apagada por borracha, no caderno FSJ



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 37 - Folhas arrancadas do caderno *Farmácia São José*

Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

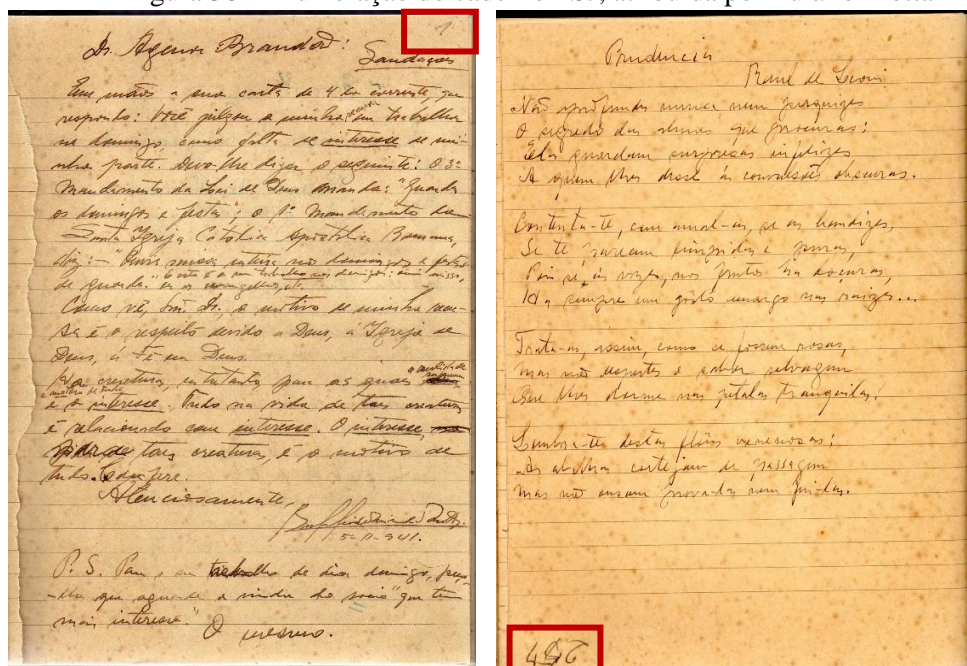
Foi escrito, em sua maioria, com tinta preta líquida e lápis grafite, porém há algumas partes de textos, acréscimos em revisões e um endereço, na página 2, escritas com tinta líquida azul e vermelha. Além disso, há passagens, geralmente correções, marcações e acréscimos de palavras que foram feitas com lápis de cor azul ou vermelho. A maior parcela da mancha escrita do caderno FSJ foi escrito com a grafia de Eulálio Motta, exceto pelo endereço da página 2, que apresenta um padrão gráfico diferente do de Motta, todavia, não há informações sobre o escrevente desta anotação. Sobre os instrumentos de escrita utilizados no caderno, devido a datação dos textos (primeira metade da década de 40), presume-se que os escritos foram feitos com pena e tinta líquida, contudo, não foi possível comprovar se foram feitos com pena de bico de metal ou natural e nem se a tinta utilizada era ou não metaloácida. Outros instrumentos de escrita utilizados foram lápis de cor nas cores azul e vermelha (ocasionalmente), além do lápis grafite que, por vezes, era de ponta dura, o que resultou em escritos de pigmentação mais clara, e outros de ponta macia, com pigmentação mais escura. Além disso, o escrevente também utilizou borracha e o uso pode ser percebido nas marcas deixadas em diversas passagens do caderno, além de ter restado vestígios de borracha depositados na região de dobra do miolo.

Levanta-se a hipótese de que tenha sido utilizada pelo escrevente uma pena de bico de metal, devido às condições financeiras do escritor e o fácil acesso à capital, para onde Motta viajava com frequência e visitava papelarias e tipografias. É possível identificar grossuras diferentes de traçados, alguns mais finos do que outros, o que poderia indicar penas com bicos

diferentes ou pressões diferentes na pena no momento da escrita. Sobre a tinta, era de prática de escreventes que utilizavam tintas líquidas fabricarem a própria tinta utilizando materiais caseiros como água, vinagre, amido de milho, sulfato ferroso etc., e, devido a formação de Eulálio Motta como farmacêutico, pode-se questionar se essa seria uma de suas práticas, pois há, no caderno *Bahia Humorística*, uma receita com riqueza de detalhes para fabricar sabão, mostrando que ele recorria à fabricação caseira de materiais. Outro ponto interessante a se observar é a grafia do escritor que, em todo o caderno, assume um formato mais ‘despojado’, sem muita ponderação caligráfica e, na maioria dos textos, apresenta uma inclinação modular próxima a de 45°.

Motta fez a enumeração do caderno nas folhas com pauta, marcando-a na margem superior das folhas, no ângulo superior direito (reto) e no ângulo superior esquerdo (verso), a lápis. Ele dividiu o caderno em duas seções, separando-as com as páginas 255 e 256 em branco. A primeira seção (da página 1 a 254) contém escritos datados entre 1940 e 1945; a segunda seção (da página 257 a 296) contém escritos datados entre 1941 e 1943. Podemos concluir através destas informações que o autor escreveu em ambas as seções concomitantemente. Quanto à estruturação e a disposição da mancha escrita nas páginas, a segunda seção do caderno que foi dividida por Motta foi escrita de ‘cabeça para baixo’ em relação a estrutura convencional de escrita do caderno. Observa-se a distinção de posição dos textos das seções na figura 38:

Figura 38 - Enumeração do caderno FSJ, atribuída por Eulálio Motta

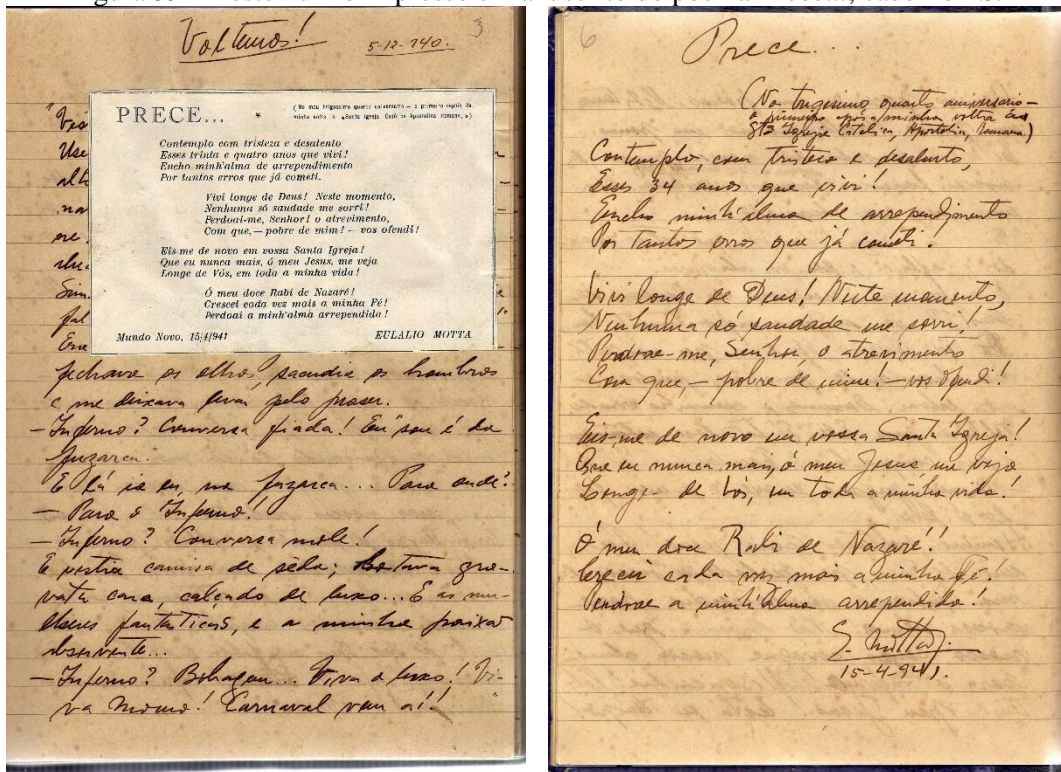


Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Os textos do caderno não seguem, precisamente, uma ordem cronológica. O primeiro texto, localizado na página 1, é um rascunho de carta direcionada a Agenor Brandão, datada de 5 de novembro de 1941; o segundo texto, localizado na página 2, é uma anotação de endereço, sem data, e um rascunho do poema *Saudade...* datado de setembro de 1944; o terceiro texto, localizado na página 3, é um rascunho de crônica datado de 5 de dezembro de 1940 e, a partir daí até a divisão da seção, começa a seguir uma ordem crescente na datação, com alguns textos destoando da linearidade cronológica.

Os textos do caderno *Farmácia São José* são manuscritos, exceto por uma colagem de um impresso na página 3, do poema autoral *Prece...*, que fez em comemoração ao seu primeiro aniversário após voltar para a doutrina católica, datado de 15 de abril de 1941, assinado em Mundo Novo. Ao analisar o *layout* do impresso, infere-se que havia sido publicado em algum periódico. A colagem foi feita por cima das nove primeiras linhas do rascunho da crônica católica *Voltemos!*, impossibilitando a leitura da sua parte inicial. O rascunho do poema *Prece...* se encontra na página 6, também datado de 15 de abril 1941. Verifica-se os testemunhos na figura 39:

Figura 39 – Testemunho impresso e manuscrito do poema *Prece...*, caderno FSJ



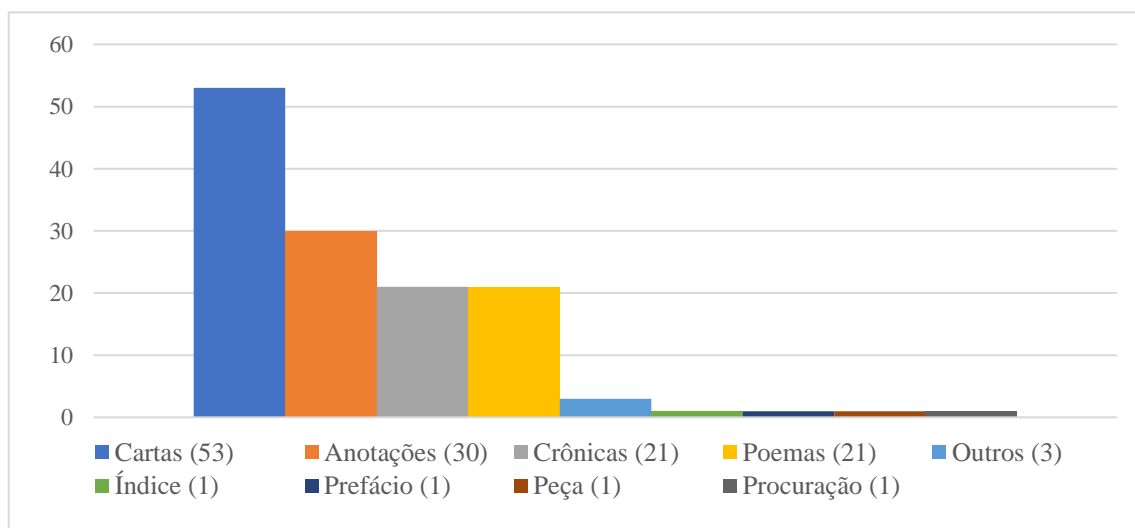
Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Apesar de considerá-lo um caderno de rascunhos, não é possível afirmar que o caderno é composto totalmente por rascunhos de textos, pois há diversas anotações cotidianas, financeiras e notas pessoais que, provavelmente, não foram feitas com a intenção de serem passadas a limpo. Contudo, a maior parte do caderno é composta por rascunhos de obras literárias e cartas, pessoais e abertas. Grande parte dos rascunhos encontrados no caderno apresentam rasuras, borrões, emendas, por vezes com letras miúdas, apêndices em outras páginas indicados por notas remissivas, apagamento por borracha, cancelamentos, divisões gráficas da página, entre outras “marcas físicas de manipulação” (DUARTE, [1997-], verbete *rascunho*, p. 12) feitas pelo escrevente no processo de composição do texto. Todas essas marcas fazem parte da história do caderno, nos emitem um significado, como a forma de cancelar, os tipos de rasura, a forma de disposição do texto na página, a organização dos apêndices, transmitindo uma mensagem com possibilidades de interpretação. Por conta de algumas dessas marcas físicas de manipulação, como apagamento por borracha, segmentos substituídos por sobreposição, acréscimos com letras miúdas, borrões, que não permitem que o segmento esteja legível, houve dificuldade, de certa forma, para realizar a leitura e transcrição dos documentos e, em alguns pontos, chegou a ser inviável.

Os gêneros textuais encontrados no caderno são diversos. Eulálio fez do caderno *Farmácia São José* um meio de se expressar acerca de vários temas, em forma de cartas, crônicas, anotações do cotidiano, poemas, notas. Há também anotações financeiras, uma peça autoral e um prefácio de livro que pretendia publicar. Foram encontrados 132 textos no caderno *Farmácia São José*, sendo 53 rascunhos de cartas, 21 rascunhos de crônicas, 21 rascunhos de poemas, 30 anotações, 1 rascunho de prefácio, 1 rascunho de peça, 1 rascunho de procuração, 1 rascunho de índice e 3 textos cujo o gênero não foi identificado (designado como outros). Os temas encontrados no caderno são variados, destacando-se as temáticas religiosa, política, literária, amorosa, cotidiana (como assuntos da fazenda, clima, finanças, administrativo e de cunho pessoal), além de saudosismo, casamento, memória, efemeridade do tempo.

No que concerne a textos de terceiros, há 3 rascunhos de cartas, 1 rascunho de procuração e 5 poemas que são assinados por outras pessoas, mas que se encontram escritos no caderno com a caligrafia de Eulálio Motta. Além desses, há 1 anotação de endereço, que é de autoria não identificada e não foi escrito com a caligrafia do autor. Segue, no gráfico 01, a divisão dos gêneros do caderno *Farmácia São José*:



Gráfico 01 - Gêneros textuais do caderno *Farmácia São José*

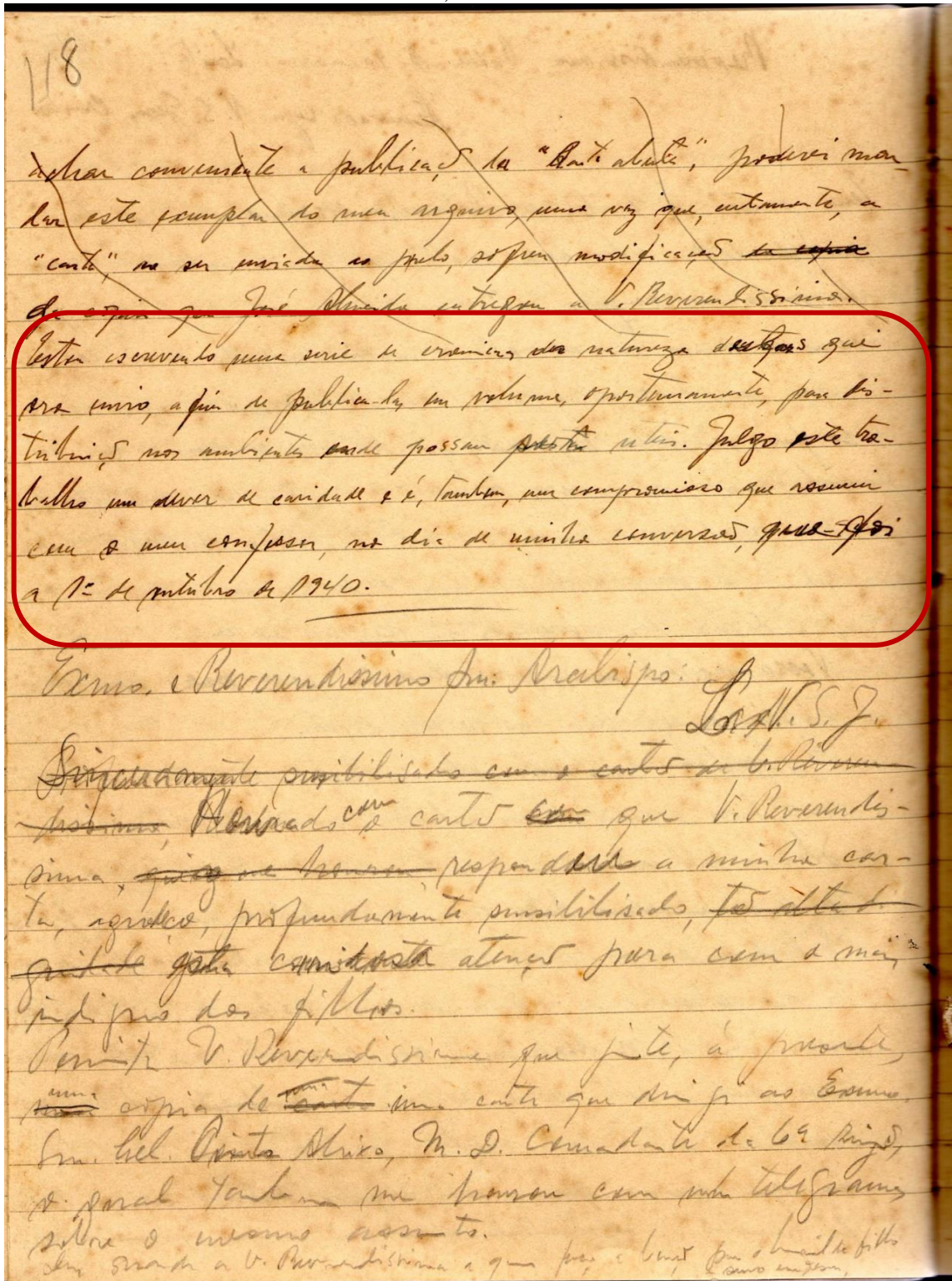
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O caderno apresenta um total de 132 textos, sendo que 73 deles são de temática religiosa. Como já foi dito, a data escrita na capa do caderno é a mesma data da conversão de Eulálio Motta ao catolicismo, revelando as intenções de torná-lo um espaço para que pudesse escrever acerca desta temática. Após se converter ao catolicismo, Motta se aproximou da Ação Católica Brasileira (ACB), movimento que, segundo Santos (2018), se assemelhava em objetivo e forma de organização à Ação Integralista e foi moldada no contexto do fascismo italiano, buscando expandir a inserção da igreja católica na sociedade por meio da difusão do catolicismo via seus fiéis. A ACB também se opunha ao comunismo e a democracia liberal, alinhando-se à AIB. A filial brasileira foi fundada em 1935 e se tornou um dos principais movimentos de combate ao comunismo. Apesar de o movimento integralista se associar a ACB, ele pregava que qualquer um poderia ser integralista, desde que professasse a fé cristã, o que vai de encontro a proposta da Ação Católica.

Eulálio Motta se vinculou explicitamente ao movimento de Ação Católica, confessando no caderno *Farmácia São José*. De acordo com Motta, ele estava promovendo uma Ação Católica por meio da produção de textos religiosos e atribuiu, em carta, parte da inspiração e influência à correspondência trocada com Eudaldo Lima. Os correspondentes trocavam livros religiosos e mantiveram discussões sobre essa literatura e sobre as religiões católica e protestante por cerca de oito meses. Além da discussão religiosa por cartas, Motta teve uma produção literária grande voltada para a Ação Católica, e confidencia ao Padre D. Francisco Leite a sua vontade de publicar uma série de crônicas de natureza religiosa que julgava como um trabalho, um dever de caridade e um compromisso que assumira com seu

confessor, no dia de sua conversão, 1º de outubro de 1940. Apresenta-se a segunda página do rascunho de carta *Reverendissimo Padre D. Francisco Leite: Louvado seja N. S. Jesus Cristo* referente a publicação do volume de crônicas, na figura 40:

Figura 40 - Rascunho de carta *Reverendissimo Padre D. Francisco Leite: Louvado seja N. S. Jesus Cristo*, caderno FSJ



Houve dificuldade ao lidar com os textos do caderno *Farmácia São José*, pois Eulálio Motta nem sempre deixava claro o gênero textual, alguns casos pela falta do uso de algumas fórmulas discursivas, como as utilizadas em cartas, e.g.: saudações, P.S.:, referência a uma carta anterior, estruturas de despedidas. Na maioria das cartas pessoais, foi possível identificar essas estruturas, mas no que toca as cartas abertas, elas se aproximavam da forma como as crônicas eram escritas, pois algumas delas eram direcionadas a uma pessoa específica ou a um grupo. Há também os textos jornalísticos de Motta, em que ele utiliza da segunda pessoa do singular ou plural para formar seus argumentos, similar a forma como escreve as cartas e algumas crônicas. No entanto, foram feitas leituras em busca de identificar os gêneros, que resultou na divisão apresentada no gráfico 01, a partir da qual foi elaborado um quadro descritivo apresentando cada texto do caderno, em que se indica o gênero, categoria ou destinatário, tema, título, data e página onde se encontram no caderno.

Referente a datação, alguns textos se encontravam sem data, então foi atribuída uma datação pela década de escrita do caderno, [194-]. Há textos que, inferindo a data dos textos circunvizinhos, seria possível atribuir uma data de mês e ano, no entanto, a escrita de Eulálio Motta no caderno não segue uma cronologia totalmente linear, especialmente na segunda seção, e, por isso, optou-se por atribuir datação de ano, quando possível, sendo apresentadas entre colchetes. As datas apresentadas sem os colchetes são as que se encontram explícitas nos documentos. Os títulos apresentados, quando não foram atribuídos por Motta, foram estabelecidos a partir da primeira linha escrita do texto.

A ordenação do quadro seguiu a sequência lógica de escrita do caderno, por isso, a partir do texto 96, que vai até a página 254, a numeração das páginas está em ordem decrescente, uma vez que, ao dividir as seções com as páginas 255 e 256 em branco, Motta virou o caderno de cabeça para baixo e começou a escrever os textos a partir da última folha do caderno, na página 296. Os textos destinados a publicação, como poemas, crônicas e cartas abertas, que possuem temática religiosa, foram categorizados como pertencente à Ação Católica empreendida pelo escritor. Segue o quadro descritivo dos textos do caderno *Farmácia São José*:

Quadro 04 - Descrição dos textos do caderno *Farmácia São José*

Nº	GÊNERO	CATEGORIA / DESTINATÁRIO	TEMA	TÍTULO	DATA	PÁG.
1	Índice	-----	Literatura.	-----	[194-]	Guarda-volante superior (reto)
2	Carta	Pessoal. Agenor Brandão.	Religião.	Dr. Agenor Brandão: <u>Saudações</u>	05/11/1941	1
3	Anotação	De terceiros.	Endereço.	Endereços	[194-]	2
4	Poema	Quadra.	Amor.	Saudade...	09/1944	2
5	Crônica	-----	Religião.	<u>Voltemos!</u>	05/12/1940	3 a 5
6	Poema - impresso	Soneto.	Religião.	Prece...	15/04/1941	3
7	Poema	Soneto. Ação Católica.	Religião.	Prece...	15/04/1941	6
8	Crônica	Ação Católica.	Religião.	Ter Fé	[194-]	7 a 10
9	Poema	-----. Ação Católica.	Religião.	Suplica	06/06/1941	11
10	Anotação	-----	Religião.	Junho, 12.	06/[1941]	12
11	Poema	-----. Ação Católica.	Religião.	Perdão!	07/1941	13
12	Carta	Pessoal. Eudaldo Lima.	Religião. Literatura.	Meu caro Eudaldo: <u>Saudações</u>	22/08/1941	14 a 16
13	Carta	Aberta. Anteriormente, Eudaldo Lima. Ação Católica.	Religião. Literatura.	Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)	24/08/1941 ; 31/08/1941	16 a 25
14	Anotação	-----	Religião.	1º de Outubro de 1941.	01/10/1941	24
15	Carta	Pessoal. Nemésio Lima.	Religião. Literatura.	2 de Outubro. Amigo Nemesio. Saudações.	02/10/1941	25
16	Carta	Pessoal. Nemésio Lima.	Religião. Literatura.	Amigo Nemesio: Saudações	02/10/1941	26
17	Crônica	Ação Católica.	Religião.	Porque me fiz catolico e não protestante?	12/10/1941	27 a 31; 33
18	Carta	Pessoal. Afonso Carapiá.	Religião. Literatura.	Meu caro Afonso Carapiá: <u>Saudações</u>	20/10/1941	32
19	Carta	Pessoal. Eurides Barreto.	Religião. Literatura.	Presado amigo Eurides Barreto <u>Saudações</u>	20/10/1941	33
20	Carta	Pessoal. Sem destinatário - presumidamente, Eudaldo Lima.	Religião. Literatura.	a) Meu amigo:   Você, protestante convicto	09/11/1941	34 e 35; 38 a 40
21	Carta	Pessoal. Sem destinatário - presumidamente, Eudaldo Lima.	Religião.	Meu amigo:   Promessa é dívida	[1941]	36 e 37
22	Carta	Pessoal. Eudaldo Lima.	Religião. Literatura.	Eudaldo amigo: Saudações   Na minha primeira cronica sobre o livro do Snr. Basilio	18/11/1941 ; 25/11/1941	41 a 43

Nº	GÊNERO	CATEGORIA / DESTINATÁRIO	TEMA	TÍTULO	DATA	PÁG.
23	Carta	Pessoal. Afonso Carapiá.	Religião. Literatura.	Meu caro Carapiá: Salutem	30/11/1941	44 a 47
24	Carta	Pessoal. Eudaldo Lima.	Religião.	Eudaldo amigo <u>Salutem!</u>   Ausente, em trabalhos na Fazenda	14/12/1941	48 a 50
25	Carta	Pessoal. Eudaldo Lima.	Religião.	Eudaldo: <u>Salutem!</u>   Em mãos a sua carta de 20 do corrente	25/12/1941	51 e 52
26	Crônica	Ação Católica.	Religião.	Bilhete de Natal (a um amigo protestante)	25/12/1941	53 a 55
27	Carta	Pessoal. Eudaldo Lima.	Religião.	Eudaldo: Salutem   Em mãos a sua carta de 31 de dezembro	11/01/1942	56 a 61
28	Carta	Pessoal. Eudaldo Lima.	Religião. Literatura.	Eudaldo amigo: Salutem!   Por intermedio de um amigo Frei Felix	[1942]	62
29	Carta	Pessoal. Eudaldo Lima.	Religião. Literatura	Eudaldo amigo: <u>Salutem!</u>   Acabo de ler “O Papado e a Infalibilidade”	14/01/1942	63 e 64
30	Carta	Pessoal. Eudaldo Lima.	Religião. Política.	Eudaldo amigo: Respondendo... I	15/01/1942	65 e 66
31	Carta	Pessoal. Eudaldo Lima.	Religião.	Respondendo II   Eudaldo: <u>Há ou não há intermediario?</u>	[1942]	67 a 69
32	Carta	Pessoal. Eudaldo Lima.	Religião. Literatura.	Respondendo... III	[1942]	69 a 73
33	Carta	Pessoal. Eudaldo Lima.	Religião. Literatura. Política.	Eudaldo amigo: <u>Salutem!</u> <u>5-2-942</u>	06/02/1942	74 a 84
34	Carta	Pessoal. Eudaldo Lima.	Religião. Literatura.	Eudaldo: Saudação   Em mãos a sua carta de 2 do corrente	20/02/1942	78
35	Outros	-----, Ação Católica.	Religião.	Conversa com D. Genoveva	17/02/1942	85 a 87
36	Poema	-----	Amor.	<u>Renuncia...</u>	1942	87 e 89
37	Carta	Pessoal. Eudaldo Lima.	Religião. Literatura.	Eudaldo: <u>Saudações</u>   Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro	03/03/1942	88
38	Carta	Pessoal. Eudaldo Lima.	Religião.	<u>Eudaldo Saudações</u>   Em mãos o jornalzinho com a sua “Declaração Oportuna”	[1942]	89
39	Carta	Pessoal. Eudaldo Lima.	Religião.	Eudaldo: Resposta oportuna	[1942]	90 a 94
40	Crônica	Ação Católica.	Religião.	Processos luteranos	28/04/1942	95 e 96

Nº	GÊNERO	CATEGORIA / DESTINATÁRIO	TEMA	TÍTULO	DATA	PÁG.
41	Crônica	Ação Católica.	Religião.	Evocações	30/04/1942	97 a 100
42	Poema	-----	-----	Sombras:	[194-]	100; 141; 269 e 178
43	Crônica	Ação Católica.	Religião.	Eureka!	12/05/1942	101 a 103
44	Carta	Pessoal. Sem destinatário - presumidamente, Eudaldo Lima.	Religião.	Ponto final	03/1942	104 e 105
45	Carta	Pessoal. Yvone.	Religião. Casamento.	Yvone:	06/1942	106 a 109
46	Carta	Pessoal. Snr. Arcebispo.	Religião. Agradecimento.	Exmo. e Reverendissimo Snr. Arcebispo L.N.S.J.	[194-]	109
47	Carta	Pessoal. Sizimio Galvão	Religião.	Meu caro amigo Conego Sizimio Galvão: <u>Salutem!</u>	27/07/1942	110 a 113
48	Carta	Pessoal. Coronel Pinto Aleixo.	Política. Agradecimento.	Exmo. Snr. C <sup>el</sup> Pinto Aleixo, M. D. Comandante da 6ª região Militar.	01/09/1942	114
49	Carta	Aberta. Aos protestantes. Ação Católica.	Religião. Política.	Desmascarando...	27/07/1942	115 e 116
50	Carta	Pessoal. Padre D. Francisco Leite.	Religião.	Reverendissimo Padre D. Francisco Leite: Louvado seja N. S. Jesus Cristo	[194-]	117 e 118
51	Carta	Pessoal. Snr. Arcebispo	Religião.	Exmo. e Reverendissimo Snr. Arcebispo: L. N. S. J.	[194-]	118
52	Carta	Pessoal. Dr. Getúlio Vargas.	Política.	Dr. Getúlio Vargas: Respeitosas saudações	11/08/1942	119 e 120
53	Crônica	Ação Católica.	Religião.	<u>Silêncio</u>	[194-]	121 e 122
54	Carta	Pessoal. Snr. Arcebispo Primaz do Brasil, D. Augusto Silva.	Religião.	Exmo. e Reverendissimo Snr. Arcebispo Primaz do Brasil, D. Augusto Silva L.N.S.J.C.	[194-]	123
55	Crônica	Ação Católica.	Religião.	<u>Hora Sagrada</u>	09/1942	124 e 125
56	Crônica	Ação Católica.	Religião.	O meu maior inimigo.	09/1942	126 e 127
57	Crônica	Ação Católica.	Religião.	Felicidade	[194-]	128 a 131
58	Crônica	Ação Católica.	Religião.	<u>Imagens</u>	[194-]	132 a 134
59	Crônica	Ação Católica.	Religião.	<u>Deuses</u>	10/1942	135; 136; 139 a 141

Nº	GÊNERO	CATEGORIA / DESTINATÁRIO	TEMA	TÍTULO	DATA	PÁG.
60	Crônica	-----	Feminismo. Casamento.	Assunto feminino...	03/1942	137 a 139
61	Crônica	-----	Religião. Literatura.	Lendo e pensando...	10/1942	142 a 145
62	Carta	Pessoal. Diretor de “M{†} de Fé”.	Religião.	Snr. Diretor de “M{†} de Fé”. Saudação.	[194-]	145; 147
63	Poema	-----	Saudosismo.	Viajando	[194-]	146 e 147
64	Crônica	Ação Católica.	Religião.	Natal	24/12/1942	148 e 149
65	Carta	Pessoal. Senhorita F. G.	Religião.	Senhorita F. G. Praça Duque de Caxias, 7 Bahia. Respeitosas saudações.	12/03/1943	151 a 153
66	Crônica	Ação Católica.	Religião.	<u>Março, 1943.</u>	24/03/1943	154 a 156
67	Outros	Diálogo.	Religião.	<u>Adão</u>	[194-]	158
68	Carta	Pessoal. Rev.	Religião.	Rev.	[194-]	158 e 159
69	Crônica	-----, Ação Católica.	Religião.	Destinos...	01/07/1943	160 a 163
70	Carta	Pessoal. Roberto de Avilar.	-----	Roberto de Avilar	01/07/1943	163 e 164
71	Crônica	-----, Ação Católica.	Religião.	A Igreja de Jesus	14/07/1943	165 a 169
72	Crônica	-----, Ação Católica.	Religião.	O dialogo de Nicodemos e a interpretação dos espiritas	10/09/1943	170 a 171
73	Carta	Pessoal. Destinatário não identificado	-----	-----	10/09/1943	172 e 174
74	Prefácio	-----	Literatura.	Prefacio para o livro “Chuva com sol”:	07/09/1943	173 e 174
75	Poema	Quadras (?). Ação Católica.	Religião.	“Chuva com sol”	07/10/1943	175 e 176
76	Poema	Trova.	-----	Meu sonho! Afinal meu sonho	18/09/1943	177
77	Poema	Trova.	-----	Tentei realizar meu sonho	18/09/1943	177
78	Poema	Trova.	-----	Não! Meu sonho não morreu!	18/09/1943	177
79	Poema	Trova.	-----	Fim de ano! As férias! Retôrno	24/09/1943	177 2 178
80	Carta	Pessoal. Dr. Bogeo.	Finanças.	Dr. Bogeo: <u>Saudações</u>	04/10/1943	179 e 180
81	Carta	Pessoal. Dr. Valdik Me{†}mo.	Administrativo.	Dr. Valdik Me{†}mo: Saudações	22/10/1943	180 e 181
82	Carta	Pessoal. Conego Galvão.	Religião.	Conego Galvão	21/11/1943	182 e 183
83	Carta	Pessoal. Sem destinatário (feminino).	Religião.	Tenho algumas palavras a lhe dizer.	04/12/1943	184 a 191

Nº	GÊNERO	CATEGORIA / DESTINATÁRIO	TEMA	TÍTULO	DATA	PÁG.
84	Anotação	Cotidiano.	Assuntos da fazenda.	Estando aftosa atingindo varios rebanhos	[194-]	192
85	Carta	Pessoal. Sem destinatário.	Amor.	Preciso lhe falar.	[194-]	192; 191; 195; 203 e 204
86	Carta	Pessoal. De terceiros. Destinatário: Falcão. Remetente: Ailda Mota de Almeida.	Resposta de casamento.	Snr. Falcão: saudações.	[194-]	193 a 195
87	Carta	Pessoal. De terceiros. Destinatário: Presado Consocio. Remetente: rubrica ilegível.	Administrativo.	Presado consocio: Saudação	[194-]	196 e 197
88	Carta	Pessoal. Pe. R. Galvão.	Religião.	Meu caro Amigo Pe R. Galvão.	[194-]	198 e 199
89	Crônica	-----, Ação Católica.	Religião. Literatura. Saudosismo.	<u>Poetas e creanças</u>	16/04/1944	200 a 203
90	Carta	Pessoal. Presidente da sociedade rural de Mundo Novo.	Administrativo.	Snr. Presidente da S. R. de M. N. Saudação	07/10/1944	205
91	Peça	-----	Cotidiano no interior.	“A mesinha”	[194-]	206 a 211
92	Poema	-----	-----	<u>Aniversario.</u>	15/04/1945	212
93	Carta	Pessoal. Sem destinatário, mais de um.	Religião. Política.	Depois de meditar demoradamente sobre tudo que tenho ouvido	[194-]	213 a 217
94	Carta	Aberta. Uma amiga católica, evangélica, de Maine.	Religião.	Refutações a um livro protestante, a pedido de uma “amiga catolica, evangelica, de Maine.”	10/07/1945	218 a 223; 217; 211; 212; 224 e 225
95	Outros	-----	Política.	Liberdade. Liberalismo. Democracia. Fascismo. Nazismo.	[194-]	226 a 249
96	Carta	Aberta. Sem destinatário.	Política.	Pensando sobre a impossibilidade do congraçamento	[194-]	251 a 254



Nº	GÊNERO	CATEGORIA / DESTINATÁRIO	TEMA	TÍTULO	DATA	PÁG.
97	Anotação	Cotidiano.	Pessoal. Clima. Finanças. Literatura.	Janeiro 1941	01/1941	296 a 293
98	Anotação	Cotidiano.	Pessoal. Clima Finanças.	Fevereiro de 1941	02/1941	292 a 290
99	Anotação	Cotidiano.	Clima. Finanças. Pessoal.	Março [1941]	1941	289 a 286
100	Anotação	Cotidiano.	Finanças. Pessoal. Clima.	Abril [1941]	1941	285
101	Anotação	Cotidiano.	Pessoal. Finanças.	Abril e <u>Maio</u> - 1941	1941	284
102	Anotação	Cotidiano.	Finanças. Pessoal.	Maio - 1941	1941	284 e 283
103	Anotação	Cotidiano. Tabela de pagamento e recebimento.	Finanças.	Eu a Ailda	1941	282
104	Anotação	Cotidiano.	Finanças. Pessoal. Clima.	Junho [1941]	1941	281 e 280
105	Anotação	Cotidiano.	Finanças. Administrativo. Clima.	Julho - 941	1941	280
106	Anotação	Cotidiano.	Clima. Finanças.	Agosto [1941]	1941	279
107	Anotação	Cotidiano.	Clima. Pessoal.	Setembro [1941]	1941	278
108	Anotação	Cotidiano.	Clima. Finanças.	Outubro [1941]	1941	278 e 277
109	Anotação	Cotidiano.	Clima. Pessoal.	Novembro [1941]	1941	277 e 276
110	Anotação	Cotidiano.	Clima. Pessoal.	Dezembro [1941]	1941	276
111	Anotação	Cotidiano.	Finanças. Clima.	Janeiro - 942	1941	275
112	Anotação	Cotidiano.	Finanças.	Março - 942	1942	273
113	Carta	Pessoal. Malta Fahan.	Literatura.	Malta Fahan: Saude e alegria	17/05/1943	273
114	Anotação	Cotidiano.	Clima.	Abril - 942	1942	272 e 271
115	Anotação	Cotidiano.	Clima. Finanças.	Maio [1942]	1942	271
116	Procuração	Administrativo. De terceiros. Assinado por Amando Miranda Motta.	Finanças.	Procuração	1942	270
117	Anotação	Cotidiano.	Literatura. Clima. Pessoal.	Junho [1942]	1942	269 e 268
118	Anotação	Cotidiano.	Clima. Pessoal.	Julho [1942]	1942	268
119	Poema	-----	Amor.	Conformação...	07/07/1942	
120	Anotação	Lista para remessa de "Evocações".	Literatura.	Julho - Remessa de "Evocações"	1942	266
121	Poema	-----	Amor	Renunciar!	05/08/1942	266
122	Anotação	-----	-----	Dezembro - 20 - 1942	20/12/1942	265
123	Anotação	-----	-----	1943 Janeiro 23	23/01/1943	265

Nº	GÊNERO	CATEGORIA / DESTINATÁRIO	TEMA	TÍTULO	DATA	PÁG.
124	Carta	Pessoal. B.	Religião.	B. Saludem	28/05/1943	265 a 262
125	Anotação	Livro, cap. e versículo bíblico.	Religião.	Sobre Confissão:	[194-]	261
126	Poema	Soneto. De terceiros. Autoria não identificada.	-----	Soneto (De Bilac?)	-----	261
127	Anotação	Livro, cap. e versículo bíblico.	Religião.	Inf.	[194-]	260
128	Poema	Soneto. De terceiros. Raul de Leoni (1895-1926)	Passagem do tempo.	Legenda dos dias   Raul Leoni	[19--]	260
129	Anotação	Livro, cap. e versículo bíblico.	Religião.	Pedro -	[194-]	259
130	Poema	Soneto. De terceiros. Raul de Leoni (1895-1926)	Memória.	Basta!   Raul de Leoni	[19--]	259
131	Poema	Soneto. De terceiros. Raul de Leoni (1895-1926)	Saudosismo.	Ingratidão   Raul de Leoni	[19--]	258
132	Poema	Soneto. De terceiros. Raul de Leoni (1895-1926)	-----	Prudência   Raul de Leoni	[19--]	257

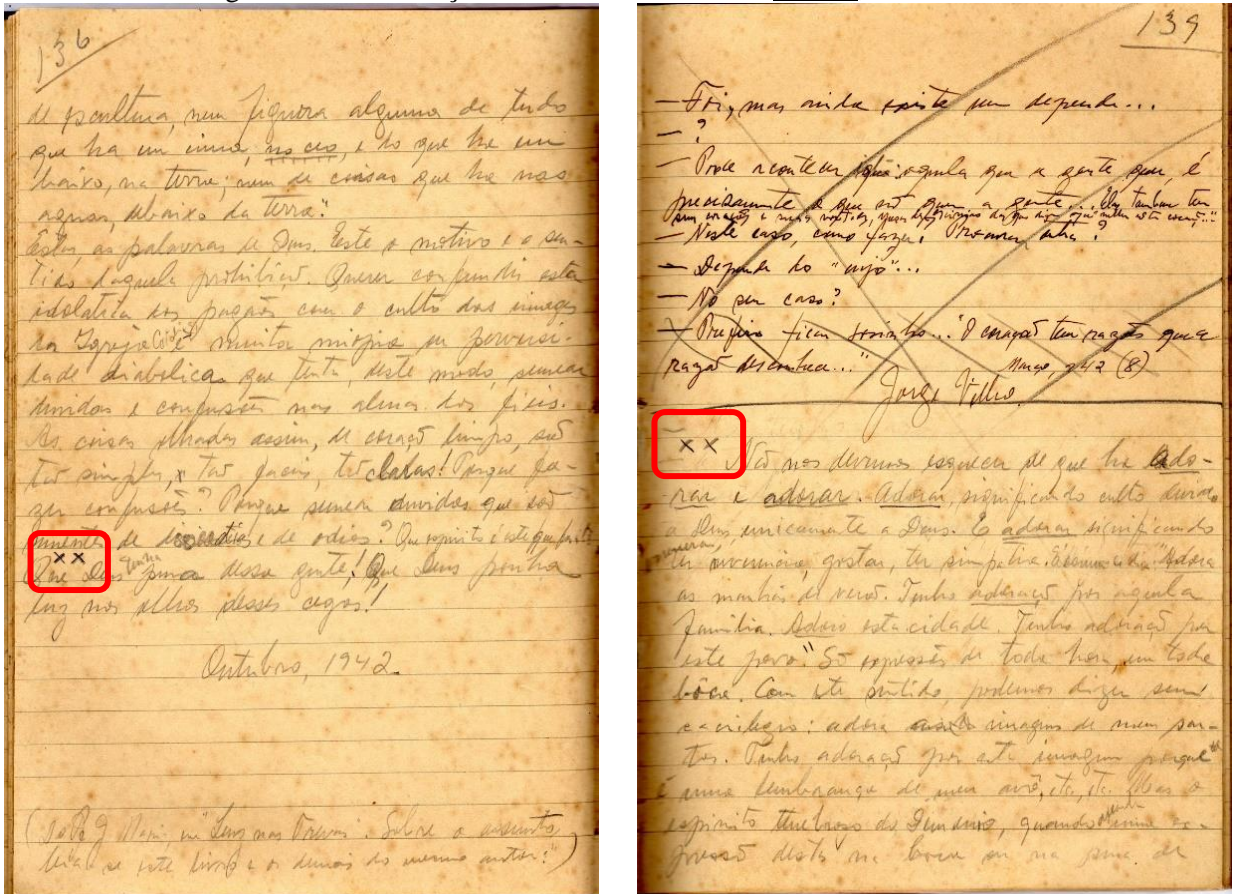
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Houve dificuldade, em alguns textos, em identificar seu início e fim. Devido ao fato de Eulálio Motta utilizar apêndices, além de dividi-los em páginas espaçadas, entrecortando-os com outros textos, foi necessária uma análise de cada página para conseguir reunir todas as páginas referentes a cada um deles. A exemplo disso temos exemplos de textos localizados na primeira seção do caderno, como o caso do rascunho do poema *Sombras*, que, no processo de sua escrita, foi dividido em quatro páginas diferentes: 100, 141, 269 e 178. Motta sinalizou em cada fragmento onde estaria a sequência, como observa-se na figura 41:



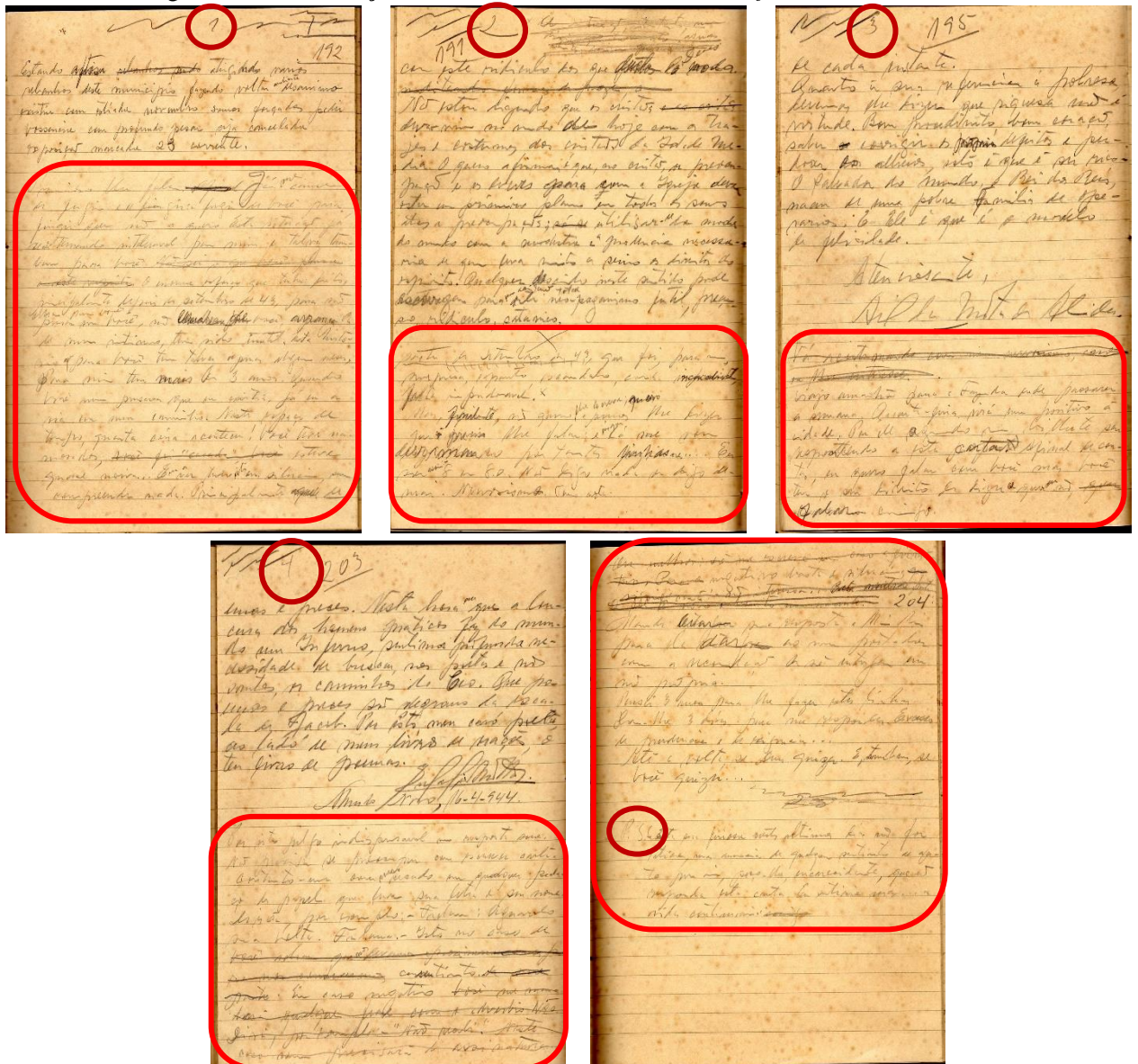
crônica *Deuses*, localizada nas páginas 135, 136 e 139 a 141, que é entrecortado por um outro rascunho de crônica cancelado, *Assunto feminino*, localizado nas páginas 137 e 138. A continuação da crônica foi sinalizada pelo índice 'xx' feito no final da primeira versão, como confere-se na figura 42.

Figura 42 - Estruturação do rascunho de crônica *Deuses*, caderno FSJ



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

No caso desse rascunho de crônica, o apêndice veio na página posterior ao texto, no entanto, há casos em que ele aparece na página anterior, podendo-se confundir como apêndice de outro texto. Temos o exemplo do rascunho de carta *Preciso lhe falar*, que está localizado nas páginas 192, 191, 195, 203 e 204. Para ter noção espacial da totalidade do texto foi preciso uma leitura acurada, contudo, após analisar a página, notou-se números na margem superior que indicavam uma ordenação, corroborando a ordem proposta. Além disso, o elemento 'P.S.:' foi importante na identificação da parte final do rascunho da carta, na página 204. Tal elemento ocorre poucas vezes nas cartas, uma vez que o acréscimo pode ser feito por meio de apêndices, sendo linearizado na estrutura do texto ao passar a limpo, caso tenha sido. Observa-se o movimento da estruturação do rascunho na figura 43.

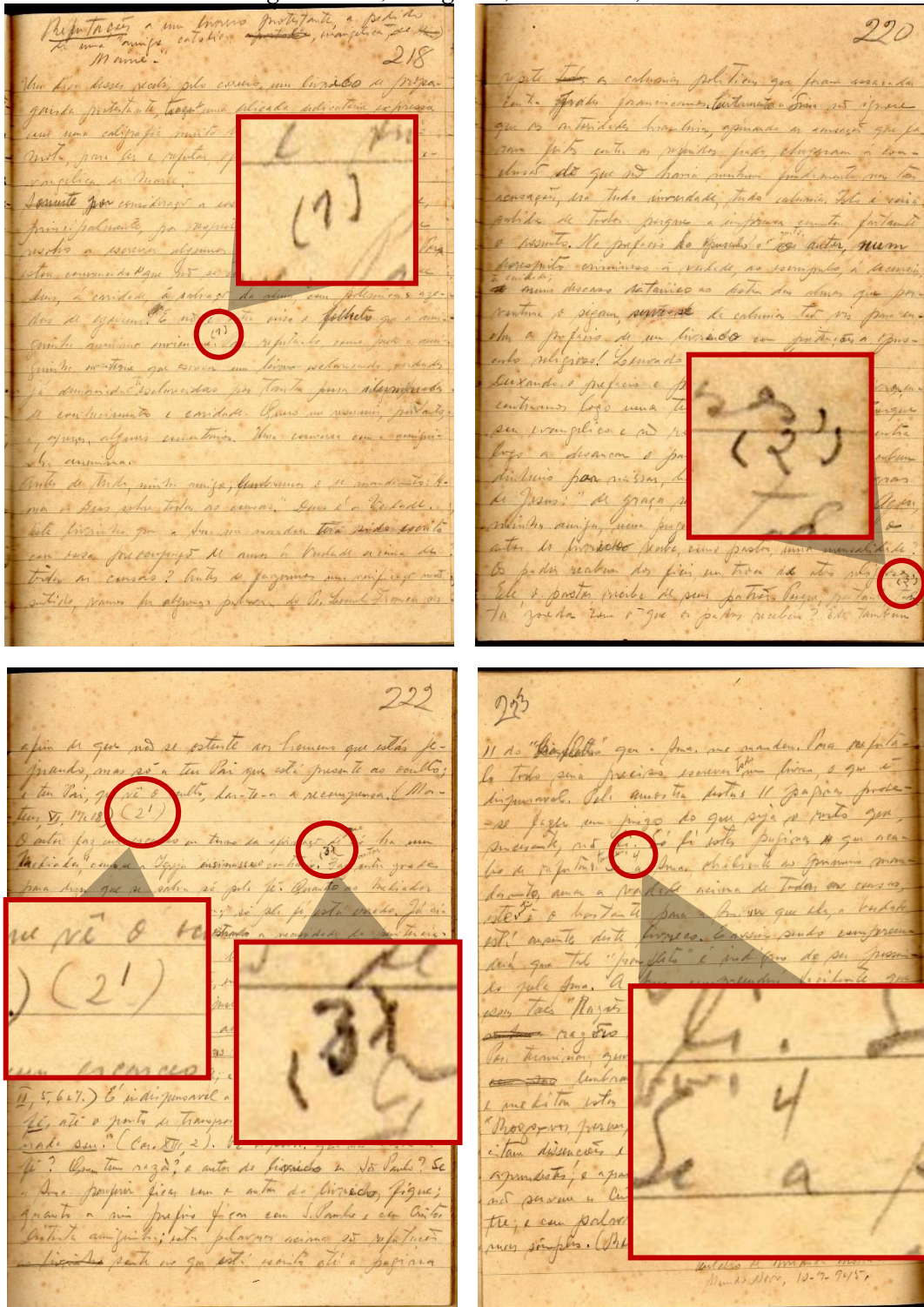
Figura 43 - Estruturação do rascunho de carta *Preciso lhe falar*, caderno FSJ

Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Assim como os textos apresentados, há outros que trazem as mesmas problemáticas, principalmente ocasionados pelo ato de entrecortar os textos. Por serem rascunhos, é natural que haja esses processos na composição, como a falta de linearidade e o uso de apêndices. Outro exemplo de rascunho de carta com uso de vários apêndices é *Refutações a um livro protestante, a pedido de uma “amiga catolica, evangelica, de Maine.”*, categorizado como carta aberta. O rascunho se inicia na página 218 e segue até a página 223, porém, no curso da carta, alguns apêndices foram adicionados por números entre parêntesis. Três dos apêndices foram dispostos em páginas anteriores ao início do rascunho da carta, nas páginas 217 e 211 e 212, e dois foram dispostos na página seguinte ao ‘término’ da carta, nas páginas 224 e 225.

A seguir, nas figuras 44 e 45, apresenta-se a estruturação do rascunho da carta aberta *Refutações a um livro protestante, a pedido de uma “amiga catolica, evangelica, de Maine.”*:

Figura 44 - Estruturação do rascunho da carta aberta *Refutações a um livro protestante, a pedido de uma “amiga catolica, evangelica, de Maine.”*, caderno FSJ



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

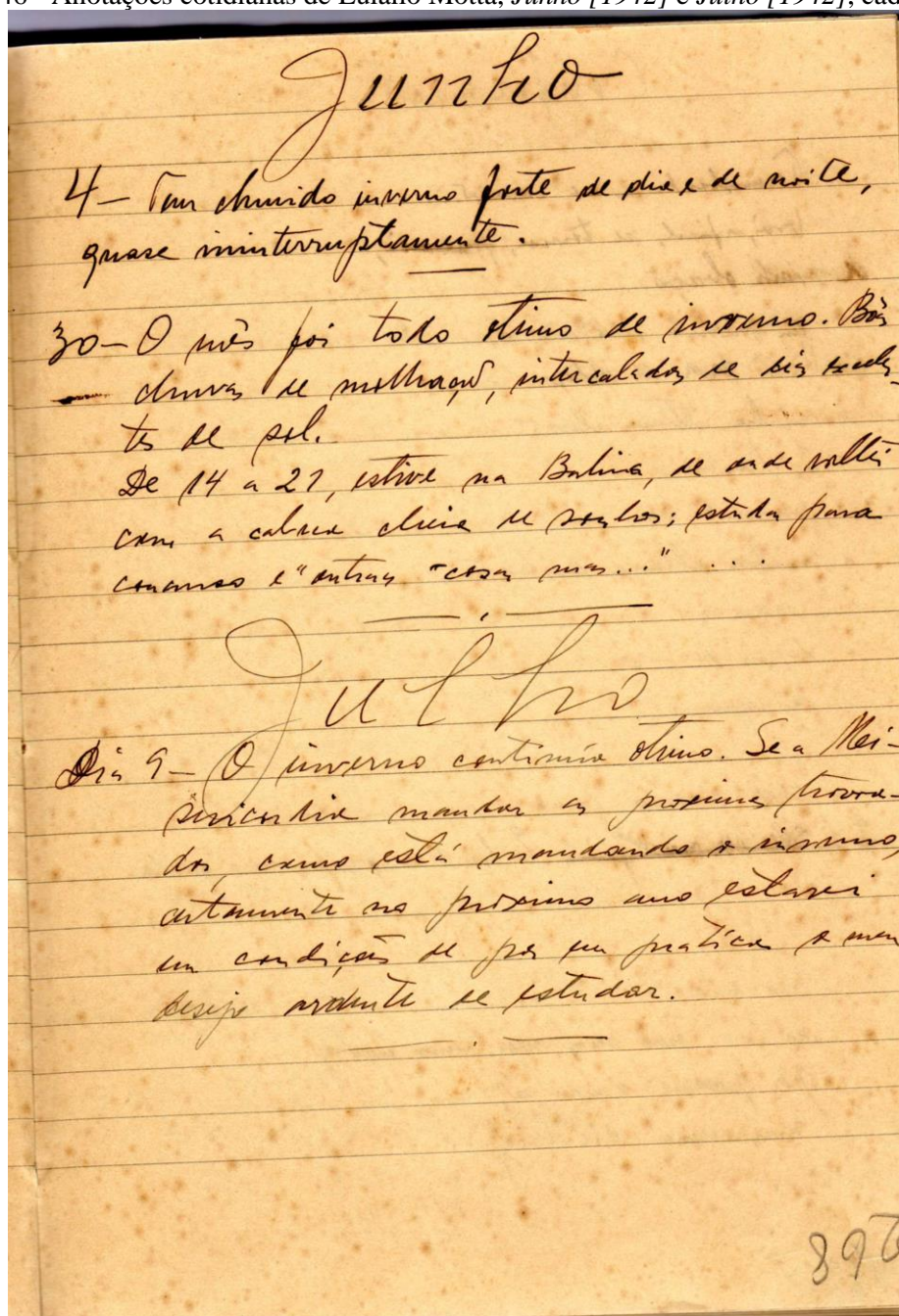


Já na segunda seção do caderno, encontra-se uma espécie de diário, em que Motta fazia anotações diversas de seu cotidiano. As anotações vão desde pontuações climáticas, especialmente o monitoramento das chuvas e seu impacto na fazenda, até anotações de falecimento e adoecimento de conhecidos, categorizadas como cunho pessoal. Eulálio Motta, além de todas as suas atividades, também era fazendeiro e tratava das finanças da fazenda, como compra e venda e mortandade de gado, manteiga, transações no Banco do Brasil e com seus conterrâneos.

Por meio dessas anotações é possível observar doenças que assolavam o interior na década de 40, como tuberculose e impaludismo, além de poder compreender a dinâmica do trato e de finanças da fazenda, e até acompanhar, de certa forma, o percurso de viagens de Eulálio Motta durante o período de escrita dos diários, pois ele comenta por onde esteve e as datas de retorno. Também comenta o recebimento de cartas de seu irmão Durval Motta, bem como a escrita da resposta. Outro aspecto interessante foi sua intenção de voltar a 'Bahia', designativo para a capital Salvador, para estudar, na página 268, como observa-se na figura 46. Era importante para Eulálio a anotação climática pois ele precisaria de dinheiro para retornar aos estudos, e a chuva impactava diretamente na produção agrícola da fazenda. Contudo, essas anotações se iniciaram antes mesmo de Motta esboçar a ânsia de voltar a estudar.



Figura 46 - Anotações cotidianas de Eulálio Motta, Junho [1942] e Julho [1942], caderno FSJ



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

A constância da escrita do diário foi diminuindo progressivamente. Em janeiro de 1941, início da escrita do diário, Eulálio Motta fez anotações datadas e organizadas de quase todos os dias do mês. Assim também o fez em fevereiro e março do mesmo ano, mas a partir de abril, as anotações ficaram mais genéricas e pontuais, ao ponto em que na última anotação datada de 23 de janeiro de 1943 há apenas escrito "Sabado. L.N.S.J.". Segue, na figura 47 os fac-símiles da primeira e da última anotação do cotidiano, localizadas na 2ª seção do caderno:



Tabela 03 - Documentos dispersos no caderno *Farmácia São José*

Nº	GÊNERO/CATEGORIA	INFORMAÇÕES	DATA	LOCALIZAÇÃO
1	Correspondência passiva. Carta Pessoal. Datiloscrito.	Remetente: P. José da Frota Gentil. A carta trata de assuntos de literatura religiosa. Enviada do Rio de Janeiro.	10/12/1946	Entre as páginas 108 e 109.
2	Notícia de jornal. Retirado do Diário de Notícias. Impresso.	Notícia de assassinato cometido por dois padres católicos contra um protestante por motivos religiosos. A notícia é comentada no rascunho de carta 14 destinada a Eudaldo Lima. O verso foi cancelado com um risco diagonal.	20/12/1941	Entre as páginas 120 e 121.
3	Notícia de jornal. Impresso.	Notícia de assassinato cometido por dois padres católicos contra um protestante por motivos religiosos. A notícia é comentada no rascunho de carta 14 destinada a Eudaldo Lima. O verso do recorte de jornal foi cancelado com um risco diagonal.	[194-]	Entre as páginas 120 e 121.
4	Rascunho de correspondência Ativa. Carta Pessoal. Manuscrito.	Destinatário: Juiz de direito da Comarca de M. N. Foi escrita em folha pautada. Passada a limpo, mas há uma campanha de correção. No verso há anotação de finanças.	[194-]	Entre as páginas 189 e 190.
5	Rascunho de Correspondência ativa. Carta Pessoal. Manuscrito.	Destinatário: Diretor de “Hora do Fazendeiro”. A carta trata-se de um pedido de dicas, por parte de Eulálio Motta, de medicação para resolver o problema de uma vaca de três anos que não dava cria. Havia dado apenas uma cria que morrera poucos dias de nascida. Também elogia o programa “Hora do Fazendeiro”, que era transmitido por uma emissora de Minas Gerais.	20/09/1943	Entre as páginas 219 e 220.
6	Papel carbono com datiloscrito da crônica <i>Minha Salvação</i>	Papel carbono que foi utilizado para datilografar uma cópia da crônica <i>Minha Salvação</i> e outro texto, de modo que apenas o início da crônica se encontra legível. Não consta o rascunho desta crônica no caderno FSJ. Apresenta borda quebradiça.	Não consta.	Entre as páginas 290 e 291.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

#### 4.2 “MEU CARO EUDALDO”: DISCUSSÃO RELIGIOSA NO CADERNO *FARMÁCIA SÃO JOSÉ*

Antes de apresentar a discussão religiosa entre Eulálio Motta e Eudaldo Lima no caderno *Farmácia São José*, é necessário contextualizar o papel da religião na vida do escritor, como é percebida no acervo, relacionando-a com outro elemento importante na vida de Motta, a política. Na década de 1980, datação atribuída por Santos (2018), circulou, em Mundo Novo, um pasquim de teor político e religioso intitulado *Cheguei!*, editado por Barreiros (2013; 2015). O panfleto assinado por Rubia [198-], retrata, incisivamente, as transformações da identidade religiosa e política de Eulálio Motta, que, mesmo em idade avançada<sup>31</sup>, ainda se envolvia em atividades político-partidárias:

[...] Encontrei também o Dr. Eulalio com um saco de farinha pelas portas fazendo Campanha política para a PMDB e PC do Brasil, sendo que consta do seu cardápio, o tema: Ideologia, Religião, Humanidade e não sei porque, homens bons e homens ruins etc. etc. [...] Por falar em Eulalio, do pouco que sei através de meu pai e de pessoas mais antigas, êle sempre foi isso mesmo que está ai. Não evoluiu. Vejam... de Política, foi Comunista de costado, foi integralista-néu-nazista-faxista, participou do PSD antigo, da arena e agora, está voltando ao partido de origem, o P. C. do B. através de Waldir Pires, com quem confabulou. Em termos de religião, o Dr. foi ateu-materialista, converteu-se à religião católica, entrou no espiritismo e há bem pouco andou paquerando as maratas<sup>32</sup> da Fazenda Havana” (RUBIA, [198-]).

De acordo com Santos (2018), Rubia havia voltado a Mundo novo por um breve fim de semana, mas que esse período fora suficiente para lançar seus registros acerca das movimentações que aconteceram no município. Santos (2018) diz que, dado ao tom desafiador com o qual Rubia forjou seu panfleto, ela se tratava de um possível desafeto de Eulálio Motta, que, além de imprimir sua visão sobre o escritor, também deixou claro que este era um pensamento compartilhado por seu pai e por pessoas mais antigas.

Por conta de sua militância incisiva em assuntos variados, Motta certamente cultivou conflitos durante sua vida, fossem por não concordar com posicionamentos e exposições ou por não levar a sério nenhum deles. Sobre seus embates políticos em Mundo Novo, Barreiros

<sup>31</sup> Eulálio Motta nasceu em 15 de abril de 1907 e faleceu em 15 de outubro 1988, aos 81 anos de idade.

<sup>32</sup> “Maratas é uma referência aos partícipes de um pequeno movimento religioso não institucionalizado, fundado na Fazenda Havana, na região do povoado de Barra de Mundo Novo em 1976, pelo casal Maria Nilza (Marata) e José Maurino (Matota) [...] Não se encontrou evidências de que Eulálio Motta tenha de fato entrado em contato com esses religiosos. Cf. PINHEIRO, Wladimir. **Matota e Marata: os cavaleiros da fé**. 2009. 79f. Trabalho de Conclusão de Curso – livro-reportagem (Graduação em Comunicação Social) –Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010” (SANTOS, 2018, p. 102).

(2013; 2015) diz que “[n]o âmbito municipal, Eulálio Motta também tinha os seus desafetos, muitos deles ligados ao Partido Comunista Brasileiro” (BARREIROS, 2013; 2015, p. 76), e isso se dava pela maneira como Motta conduzia suas discussões, publicando alfinetadas e denúncias, nem sempre utilizando argumentações amenas.

Santos (2018) dá ênfase a uma passagem em que Rubia insinua que, na década de 1980, seu conterrâneo havia caído novamente nas graças do Partido Comunista do Brasil: “[...] e agora, está voltando ao partido de origem, o P. C. do B. através de Waldir Pires, com quem confabulou [...]” (RUBIA [198-]), além de também relacioná-lo diretamente ao integralismo aproximando o movimento ao nazismo e fascismo. Para Santos (2018):

Aqueles referências visavam, além de demonstrar a suposta inconstância político-ideológica do poeta, desqualificá-lo, ativando uma memória que o ligava à defesa de uma bandeira autoritária, o que poderia lhe criar embaraços no presente, visto que, naquele contexto, a bandeira da abertura democrática era hasteada (SANTOS, 2018, p. 11).

O pasquim de Rubia foi publicado, de acordo com Santos (2018), quase meio século após o fim da Ação Integralista Brasileira (AIB), que defendia uma política autoritária, e a vinculação de Eulálio Motta a este partido, num momento anterior, servia de munção para seus adversários políticos considerá-lo inadequado para tratar de política democrática, bandeira que era defendida na década de 1980.

Em um rascunho de crônica que tem por título *Evocações* (p. 97 - p. 100), localizado no caderno *Farmácia São José*, e no impresso *Evocações, Eureka*, publicado pelo jornal *Avante* em 1942, o próprio Eulálio Motta reflete sobre uma longa fase de sua vida em que sofreu por conta de dúvidas acerca de suas crenças políticas e religiosas. O escritor relembra, de forma saudosista, a sua infância no Arraial Alto Bonito, em Mundo Novo, e dos festejos católicos, como Natal e São João. Contudo, Motta tece uma ferrenha crítica à Igreja Católica, pois, segundo ele, não havia nenhuma aula de catecismo e nenhuma noção de religião, o que trouxe consequências para sua vida e de seus amigos de infância.

O escritor afirma que, ao ir crescendo, a sua alma foi ficando vazia, desarmada e que a vida chegaria com interrogações as quais ele não saberia responder. Então, Motta declara que, ao surgir a fome dos “porquês”, o alimento que ele recebera foi o mais infame, o materialismo, além de outras leituras que cita, como os escritores Haeckel, Renan, Le Dantec, Voltaire e Anatole. Em seguida, afirma que, assim que se tornou materialista fanático, se encheu de bilis contra a igreja e ficou orgulhoso, sentindo-se o senhor do universo. Desenvolve também sobre a consequência da falta da guia religiosa na infância, por parte da

igreja católica, na vida de seus amigos da época, afirmando que uns vieram a ser vítimas da heresia luterana e outros da maluquice espírita. Então, ele admite que, após o Congresso Eucarístico da Bahia<sup>33</sup>, em 1932<sup>34</sup>, acabou perdendo o entusiasmo com o materialismo, contudo, ainda assim, teimou em não voltar para o catolicismo, passando a buscar Cristo em Lutero e em Alan Kardec.

Ainda em *Evocações*, Motta afirma que leu, pensou e sofreu muito, até que em 1º de outubro de 1940, dobrou os joelhos diante de um confessionário e, no dia seguinte, fez sua primeira comunhão, aos 35 anos de idade. Por fim, o escritor fala das lutas pelas quais passou desde sua conversão, pois, segundo ele, sua alma crescera deformada, raquítica e enferma pela falta de assistência materna da Igreja Católica.

É importante lembrar que foi em 1932 que Plínio Salgado fundou a Ação Integralista Brasileira, a qual Santos (2018) classifica como um movimento fascista brasileiro e que, até hoje, influencia grupos políticos de extrema-direita, denominados neointegralistas. Sendo um movimento fascista, Santos (2018) o descreve como ultranacionalista, antidemocrático e militarista, que surgiu como respostas aos dilemas nacionais e internacionais, como por exemplo a:

[...] precária noção de identidade nacional, a existência de um sistema político que não correspondia de fato à vontade da população, abalado por um golpe orquestrado pelas forças varguistas em 1930, a ascensão dos fascismos europeus e os reflexos da crise econômica de 1929 eram alguns dos cenários da época que afligiam especialmente as classes médias (SANTOS, 2018, p. 13-14).

O Congresso Eucarístico da Bahia, ao qual Motta se refere em *Evocações*, foi o primeiro do Brasil, em 1933. A intenção era realizar o primeiro congresso em 1931, como afirma Alves (2003), contudo, por diversos motivos, só foi possível seu acontecimento em 1933, coincidentemente, no ano seguinte à fundação da AIB, que tinha como lema a tríade “Deus, Pátria e Família”, sendo que este Deus era, necessariamente, o cristão. Presume-se que, ao se vincular a AIB, Eulálio Motta concordasse com os princípios da ação, não fazendo sentindo se manter no ateísmo, ideologia a que se filiava em sua época materialista. O

<sup>33</sup> Em setembro de 1933, a Bahia sediou o I Congresso Eucarístico Brasileiro. O tema do congresso foi “Vinde, adoremos o Santíssimo Sacramento” e a escolha do local foi determinada pelo fato de Salvador ser o mais antigo bispado do país e local de residência, na época, do Cardeal Primaz Dom Augusto Álvaro da Silva.

<sup>34</sup> No manuscrito *Evocações* (p. 97 - p. 100), que se encontra no caderno *Farmácia São José*, e no impresso *Evocações, Eureka*, a data consta de 1932, contudo, o I Congresso Eucarístico Brasileiro só veio ocorrer em 1933, entre 3 e 10 de setembro. Cf. ALVES, Solange Dias de Santana. **A Igreja Católica na Bahia: fé e política**. 2003. 216f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003, p. 68.

acontecimento do congresso foi oportuno e coincidiu com os ideais do partido escolhido por Motta, uma vez que foi por meio dele que o autor se sentiu estimulado a buscar Cristo novamente.

Todavia, a AIB não foi um movimento católico, apesar de grande parte dos seus partícipes serem desta religião. Segundo Santos (2018), havia exceções:

Foi o catolicismo que agregou o maior número de integralistas. De acordo com pesquisa realizada por Hélió Trindade com 25 dirigentes nacionais e regionais e 100 dirigentes locais e militantes integralistas, quase a totalidade (124 pesquisados) se proclamava cristã. Desses, 84 declararam-se católicos e os demais afirmaram ser protestante, espírita ou de outra denominação cristã (SANTOS, 2018, p. 101).

Em 1933, mesmo ano em que se formou em Farmácia pela Faculdade de Medicina da Bahia, Eulálio Motta se filiou aos ideais da Ação Integralista no Brasil, porém, não se pode afirmar que a conversão de Eulálio Motta à Igreja Católica tenha se dado única e exclusivamente por conta de sua filiação ao partido integralista, pois, cronologicamente, Eulálio esperou sete anos após sua aliança com o partido para adentrar-se novamente nos ares católicos, além do fato de que a AIB não era um movimento católico, o que deixaria livre a sua opção religiosa. Sobre a filiação de Eulálio Motta ao partido integralista, afirma Santos (2018):

Após ingressar nas fileiras do Sigma, também em 1933, Eulálio mudou o discurso em relação à religião, incorporando em seus escritos a tríade “Deus, Pátria e Família”. Em artigo publicado em *O Lidador*, o poeta atribuiu o passado comunista e ateu à ânsia de um jovem que buscava um ideal que os partidos políticos não poderiam oferecer. No entanto, após conhecer o integralismo, teria percebido “os absurdos do ideal comunista” e se resignado daquele “erro”. (SANTOS, 2018, p. 100).

Antes de se voltar para a Igreja Católica, Motta, sendo já integralista, afirma ter ido buscar Cristo na religião protestante e espírita, como se verifica no texto *Evocações*. Além disso, o escritor afirma no mesmo texto que, mesmo deixando de ser materialista não pretendia ser “carola”, repetindo a palavra “nunca” enfaticamente, justificando seu retorno, depois de anos, ao seio católico por conta de muita leitura e meditação. Há, no caderno *Farmácia São José*, uma colagem de um impresso do poema católico *Prece...*, na página 3, e o rascunho do mesmo poema na página 6, em que Eulálio comemora o seu trigésimo quarto aniversário, na data 15/04/1941, o primeiro desde sua conversão ao catolicismo. Há também uma nota, no final da página 24 do caderno FSJ, em que consta: “1º de Outubro de 1941.

Primeiro aniversário de minha conversão. Que Deus me ajude neste segundo ano que se inicia para mim” (MOTTA, 1941). Esses textos evidenciam o valor que Motta atribuía a data de sua conversão, além de outras notas de natureza religiosa em que ele imprimia sua preocupação e interesse em assuntos católicos. Sendo essas notas de cunho íntimo, as quais não foram produzidas para serem lidas por terceiros, é possível inferir que o interesse no catolicismo era genuíno. Nesse sentido, Santos (2018) também afirma que:

[...] a conversão do poeta ao catolicismo não foi uma reação condicionada pela adesão ao integralismo, ainda que o movimento possa ter contribuído para tal mudança. Há motivos para crer que essa decisão foi motivada por estudos, reflexões e identificação com a doutrina católica. Porém, não se pode perder de vista que, naquele momento, a AIB estava proscrita pelo Estado Novo e também que Eulálio Motta se aproximou da Ação Católica Brasileira (ACB), cujos objetivos e forma de organização se assemelhavam à Ação Integralista (SANTOS, 2018, p. 102).

Em relação ao espiritismo, Eulálio Motta considerava a religião como um problema mental, já não a discutindo em relação aos dogmas e questões teológicas, e sim por uma perspectiva médica, visto que acreditava ser um problema de saúde. Santos (2018) comenta uma publicação de Motta, de nome *Espiritismo*, no jornal *Mundo Novo*, em 1931, antes de se afastar do ateísmo e materialismo, em que critica duramente a religião espírita, colocando-a no mesmo patamar da sífilis e da cachaça, como os três maiores fatores de loucura que enchem os hospícios. O autor também comenta um caso de suicídio de um jovem espírita, de vinte e dois anos, que ele considerava inofensivo e benevolente, mas que havia se metido com o espiritismo e acabou louco, culminando na fatalidade. Sobre essa publicação, Santos (2018) afirma:

O texto sinalizava a incorporação de um discurso médico-psiquiátrico amplamente difundido até meados do século XX, que relacionava o espiritismo como fator de doença mental. Muitos dos estudos a respeito tomaram por base as pesquisas do médico maranhense, radicado na Bahia, Raimundo Nina Rodrigues, para quem os fenômenos mediúnicos, assim como o estado-de-santo nos candomblés baianos, poderiam estimular a alienação mental<sup>35</sup> (SANTOS, 2018, p. 99).

Com a conversão ao catolicismo e a aproximação de Eulálio Motta da Ação Católica, o escritor começou a produzir textos voltados para esta finalidade. No caderno *Farmácia São*

---

<sup>35</sup> GIUMBELLI, Emerson. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1997, v. 40, n. 2. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77011997000200002>>. Acesso em: 29 jun. 2020.



*José* há uma série de rascunhos de crônicas católicas, além de outros textos com a mesma temática, como notas, rascunhos de poemas, de carta aberta e de cartas pessoais, endereçadas a diversos destinatários, um, em especial, o seu amigo de infância, Eudaldo Lima<sup>36</sup>, com quem discutiu preceitos do catolicismo e do protestantismo.

O *corpus* desta pesquisa, os dezenove rascunhos de cartas destinadas a Eudaldo Lima, são textos que apresentam escrita formal, discussões de caráter literário e religioso e possuem alto grau de argumentação. São textos em que, muitas vezes, é possível identificar seu planejamento com base em leituras do escritor, de modo a elaborar argumentos coerentes para descredibilizar ou provar errado o seu interlocutor. Assim como Eulálio Motta, Eudaldo Silva Lima nasceu no distrito de Alto Bonito, Mundo Novo, no ano de 1909. Filho de Lucinda Guimarães da Silva e Apolônio Silva Lima, viveu sua infância com seu conterrâneo e amigo, Eulálio Motta, pois residiam na mesma fazenda, a qual pertencia ao pai de Motta. Estudou da primeira à quarta série na escola particular de Dona Zizinha, fez o curso secundário na Escola Normal Missionária, em Ponte Nova, e o curso pré-teológico no José Manoel da Conceição, o Mackenzie, em São Paulo. Completou o curso teológico na Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana do Brasil, Campinas-SP, e frequentou um curso de especialização em Teologia Pastoral, nos Estados Unidos da América. Foi eleito vereador de Campo Formoso pela antiga UDN, tornou-se presidente da Câmara Municipal de 1945 a 1949, em 1943, foi nomeado Prefeito e foi Oficial do Registro de Imóveis por três anos.

Na Bahia, em Salvador, Eudaldo Lima atuou como pastor da Igreja Presbiteriana da Bahia, de 1950 até 1960, quando em 21 de abril de 1961, dia de seu aniversário, foi a inauguração de Brasília e lá tomou posse de encargos. Ainda na Bahia, na parte pedagógica, ministrou aulas de Latim e Português nos colégios Estadual da Bahia (Central) e Dois de Julho. Além disso, atuou também como escritor, conferencista, orador, tradutor, memorialista, professor, ficcionista, poeta, ensaísta, pensador religioso, missionário evangélico. O acervo de Eulálio Motta conta com um livro de sua publicação, por nome *Romeiros de meu caminho*, publicado em Brasília, no Itamarati, em 1981. A partir do perfil intelectual de Eudaldo Lima, infere-se que a discussão religiosa tenha sido baseada em leituras e em argumentações teológicas. Segue, no quadro 05, a lista de rascunhos de cartas destinados a Eudaldo Lima, encontrados no caderno *Farmácia São José*:

---

<sup>36</sup> De acordo com Barreiros (2013; 2015), na época das correspondências com Eulálio no caderno *Farmácia São José*, Eudaldo Silva Lima residia em Campo Formoso, onde atuava como pastor presbiteriano, professor e vereador.

Quadro 05 - Rascunhos de cartas destinados a Eudaldo Lima, no caderno FSJ

Nº	TÍTULO	DATA	ASSUNTO	PÁG
1	<i>Meu caro Eudaldo: Saudações</i>	22/08/1941	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Início do debate religioso entre Eulálio Motta e Eudaldo Lima no caderno <i>Farmácia São José</i> . Este rascunho de carta se trata do agradecimento pelo envio, por parte de Eudaldo Lima, do livro protestante <i>Cochilos de um Sonhador</i> , de Basílio Catalá Castro e da promessa de um comentário sobre o livro. Também teceu comentários sobre o prólogo, de autoria de Getúlio Vargas.	14 a 16
2	<i>Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)</i>	24/08/1941; 31/08/1941	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Este rascunho de carta se trata do comentário prometido no rascunho de carta <i>Meu caro Eudaldo: Saudações</i> sobre o livro do autor protestante Basílio Catalá Castro, <i>Cochilos de um sonhador</i> . Este rascunho fora iniciado como uma carta privada, porém Motta cancelou o início, em que se direcionava a Eudaldo Lima, e a nomeou como <i>Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)</i> , com intenção de publicá-la. Essa carta aberta foi publicada em avulsos, de acordo com Eudaldo Lima em sua carta aberta publicada em O Lidador, por título de “Declaração Oportuna” (08/03/1942). Neste rascunho, Motta teceu comentários sobre os pontos de discordância entre ele e o escrito por Basílio Castro.	16 a 25
3	<i>a) Meu amigo: / Você, protestante convicto</i>	09/11/1941	Religião. Bíblia. Catolicismo. Protestantismo. Este rascunho de carta não apresenta destinatário explícito, porém, após análise do conteúdo, concluiu-se que foi escrito para Eudaldo Lima. O rascunho se trata de uma resposta a uma carta que Motta recebeu, em que ele cita partes da carta e comenta pontos sobre os quais discorda, fazendo diálogo com passagens bíblicas para dar suporte à sua argumentação.	34 e 35; 38 a 40
4	<i>Meu amigo: / Promessa é dívida</i>	[1941]	Religião. Catolicismo. Protestantismo. Este rascunho de carta não apresenta destinatário explícito, porém, após análise do conteúdo, concluiu-se que fora escrito para Eudaldo Lima. No corpo do texto, Motta apresenta os pontos essenciais para que uma Igreja seja considerada como Igreja de Deus.	37 e 37
5	<i>Eudaldo amigo: Saudações / Na minha primeira cronica sobre o livro do Snr. Basilio</i>	18/11/1941; 25/11/1941	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta comenta ter finalizado o livro que Eudaldo Lima lhe enviou, do autor protestante Giovanni Rostagno. O nome do livro não foi mencionado, mas Motta faz um comparativo entre ele e o livro <i>Cochilos de um Sonhador</i> , do autor protestante Basílio Catalá	41 a 43

			Castro, tecendo elogios ao livro de Rostagno e críticas negativas ao livro de Catalá Castro. Também, compara o livro de Rostagno ao livro <i>Imitação de Cristo</i> , do Pe. Thomas de Kempis, e diz que o colocará em sua estante com os demais livros católicos que possuía.	
6	<i>Eudaldo amigo <u>Salutem!</u> / Ausente, em trabalhos na Fazenda</i>	14/12/1941	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta acusa o recebimento de mais dois livros que lhe foi enviado por Eudaldo Lima. Segue dizendo que não poderá fazer a leitura rapidamente pois havia outras leituras em andamento e diz que se Eudaldo não estivesse afastado do rebanho (católico), as suas leituras se alinhariam. Faz uma reflexão sobre os erros que cometera enquanto estava afastado da Igreja Católica e lamenta o fato de Eudaldo se encontrar afastado do catolicismo.	48 a 50
7	<i>Eudaldo: <u>Salutem!</u> / Em mãos a sua carta de 20 do corrente</i>	25/12/1941	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta acusa o recebimento de livros enviados por Eudaldo Lima e promete resposta pública a uma carta recebida em 20/12/1941, na qual comentaria os pontos que Eudaldo abordou. Também diz que esta publicação seria feita com o intuito de esclarecer os incautos para que não cometessem erros de fé, pois os “ignorantes” no catolicismo poderiam ser arrastados pelas aparências das “seitas” protestantes e suas pseudo-razões. Também menciona sua luta de Ação Católica.	51 e 52
8	<i>Eudaldo: <u>Salutem!</u> / Em mãos a sua carta de 31 de dezembro</i>	11/01/1942	Religião. Teologia. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta acusa o recebimento de carta enviada por Eudaldo Lima na qual, aparentemente, havia diversas ofensas sobre sua pessoa. Segue dizendo que Eudaldo o acusou de doente e contrapõe a aparente afirmação de Eudaldo sobre ser especialista em cristianismo, devido ao fato de ter frequentado cursos protestantes. Motta afirma que o protestantismo é uma psicose e que sua ação (presume-se Ação Católica) teria um sentido terapêutico preventivo e não curativo.	56 a 61
9	<i>Eudaldo amigo: <u>Salutem!</u> / Por intermedio de um amigo Frei Felix</i>	[1942]	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta avisa que havia enviado a longa resposta da carta do dia 31/12 por meio de Frei Felix e acusa o recebimento do prospecto <i>O Papado e a Infalibilidade</i> . Também agradece as fontes materiais (livros e prospectos) que Eudaldo lhe estava remetendo, afirmando serem fontes copiosas para o trabalho que pretendia realizar e faz votos pela continuação das remessas.	62

10	<i>Eudaldo amigo: <u>Salutem!</u>   Acabo de ler “O Papado e a Infallibilidade”</i>	14/01/1942	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta afirma ter finalizado a leitura do prospecto enviado, anteriormente, por Eudaldo Lima e que o prospecto havia sido acompanhado de um cartão-desafio para a refutação do mesmo. Motta então diz que esta tarefa já havia sido cumprida por Leonel Franca e Julio Maria. Finaliza dizendo que agradecia os conselhos não solicitados dados por Eudaldo sobre como conduzir sua Ação Católica e encerra dizendo “Sou pequeno, mas só fito os Andes” e que não pede luz às sombras, e sim à luz.	63 e 64
11	<i>Eudaldo amigo: Respondendo... I</i>	15/01/1942	Religião. Notícia de jornal. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta cumpre o prometido no rascunho <i>Eudaldo: <u>Salutem!</u>   Em mãos a sua carta de 20 do corrente</i> , de responder os pontos abordados por Eudaldo Lima em sua carta do dia 20/12/1941. Apesar de ter prometido, no rascunho 7, uma resposta pública, não há evidências da publicação de alguma versão deste rascunho ou de sua sequência, os rascunhos 12 e 13 <i>Respondendo II   Eudaldo: <u>Há ou não há intermediario?</u></i> e <i>Respondendo... III</i> , respectivamente. Neste rascunho, Motta contesta uma tirinha, publicada em algum jornal, que apresenta estatísticas sobre o crescimento do protestantismo no Brasil e as categoriza como fantásticas. Finaliza o texto sinalizando uma continuação.	65 e 66
12	<i>Respondendo II   Eudaldo: <u>Há ou não há intermediario?</u></i>	[1942]	Religião. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta contesta a afirmação de Eudaldo Lima na carta do dia 20/12/1941 de ser bispo de um rebanho que Deus lhe confiou. Motta ironiza as afirmações de Eudaldo e diz que não o considera um bispo, sempre escrevendo a palavra entre aspas. Motta dá a entender, na carta de Eudaldo, ele diz que não é necessário haver intermediários entre Cristo e os fiéis, mas que a função do bispo é de intermediar, utilizando o argumento apresentado por Eudaldo para descredibilizar seu posto de bispo.	67 a 69
13	<i>Respondendo... III</i>	[1942]	Religião. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta dá continuidade na contestação das afirmações de Eudaldo Lima na carta do dia 20/12/1941. Segue comentando a afirmação de Eudaldo ser um pastor de rebanho e questiona se ele tem os atributos necessários para tal. Comenta uma crítica à Igreja Católica feita por Eudaldo, no sentido de que Deus seria pobre se só tivesse como súditos os crentes do Papa, dizendo que os crentes não são do Papa e sim de Deus e sua Igreja. Em outro momento, comenta outra crítica ao	69 a 73

			Papa, em que Eudaldo o acusa de mandar queimar cristãos porque não rezou de acordo com sua cartilha, fazendo referência à inquisição. Motta rebate afirmando que é uma calúnia e que os excessos da inquisição estavam no passado e que, portanto, Eudaldo deveria ter utilizado o verbo “mandar” no passado. Na sequência, Motta comenta outras duas cartas enviadas por Eudaldo, uma datada de 28/11/1941, na qual ele havia feito duras críticas ao Padre Leonel Franca e a outra, de anos atrás, datada de 20/05/1937, em que Eudaldo falava sobre o fato de Gastão de Oliveira ter deixado de ser um pastor presbiteriano para ser um simples soldado da Igreja Católica. Motta critica as falas de Eudaldo e encerra dizendo que continuará defendendo a ‘Verdade’.	
14	<i>Eudaldo amigo: <u>Salutem! 5-2-942</u></i>	06/02/1942	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta acusa o recebimento da carta datada de 02/02/1942 e sinaliza estar escrevendo a resposta no dia do Sagrado Coração de Jesus, dando a entender que a responderia de forma pacífica. Em seguida, enfatiza que há um ponto na carta de Eudaldo que merecia explicação: Motta havia enviado uma carta para Eudaldo por intermédio de Frei Felix, um amigo em comum, e o autorizou a abrir, ler e tirar cópia da missiva, caso fosse de seu interesse. Contudo, não foi do agrado de Eudaldo que acusou Motta de fazer de Frei Felix uma “estafeta de correio” e de tentar causar intrigas. Motta então se defende, afirmando que não achou que seria uma inconveniência e que Jesus era testemunha de suas intenções. Além disso, Motta reafirma elogios que tecera sobre o livro protestante de Giovanni Rostagno e o compara com o livro de Basilio Catalá, sendo que para este último ele faz comentários negativos. Então, Motta comenta, em resposta a carta que recebeu de Eudaldo, sobre um crime de assassinato cometido pelo Padre Luiz Santiago e um fiel católico, Venâncio Alves de Lima, lamentando o ocorrido e pedindo compaixão. Por fim, Motta rebate outro comentário feito por Eudaldo em sua carta, desta vez, de caráter político, em que Eudaldo acusa Motta de ter sido um entusiasta do regime hitlerista no Brasil.	74 a 84
15	<i>Eudaldo: Saudação / Em mãos a sua carta de 2 do corrente</i>	20/02/1942	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta responde uma carta enviada por Eudaldo e lamenta o fato de ele ter adquirido o livro <i>Imitação de Cristo</i> , do Pe. Thomas de Kempis, sem ter aguardado que ele mesmo o enviasse, como prometido no rascunho de carta 5. Motta segue dizendo que pretendia ir à capital em março e que era de sua intenção trazer um exemplar para remetê-lo a Eudaldo. Motta	78

			também agradece a Eudaldo pelo envio do livro e menciona o interesse em adquirir todos os livros que se envolveram na polêmica com Leonel Franca e diz que Eudaldo lhe ajudou na realização deste propósito. Em determinada parte do rascunho, Motta comentou que Eudaldo, em uma de suas cartas anteriores, se autoafirmara técnico em cristianismo, por conta de um curso de dez anos que havia feito e ressalta sua sabedoria diante da ignorância de Motta no assunto, devido ao fato de Motta não conhecer autores protestantes e, por isso, não estaria autorizado a comentar nada sobre o tema.	
16	<i>Eudaldo: Saudações / Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro</i>	03/03/1942	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta acusa o recebimento de carta de Eudaldo juntamente com um livro e uma cópia da carta de Frei Felix. Motta avisa para Eudaldo aguardar a sua segunda carta aberta a um amigo, que seria seguida de mais duas, e que Eudaldo não iria gostar pois ele responderia as acusações “levianas, injustas e, as vezes, graves” que Eudaldo fez contra ele. Por fim, comenta que iria se inscrever como sócio do que parece ser um clube do livro para receber descontos quando fosse adquirir livros e comenta títulos que já possui: <i>Paulo de Tarso</i> , <i>Maravilhas do Universo</i> e <i>Problemas do Espírito</i> , todos e autoria de Rhoden.	88
17	<i>Eudaldo Saudações / Em mãos o jornalzinho com a sua “Declaração Oportuna”</i>	[1942]	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta afirma estar em posse do “jornalzinho” – <i>O Lidador</i> – que contém a carta aberta publicada por Eudaldo Lima, em 08/03/1942, por nome de <i>Declaração Oportuna</i> , que foi publicada em resposta a <i>Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)</i> . Motta afirma que a “declaração” de Eudaldo não ficaria sem resposta e que sua “ancia caloura de publicidade” (citando trecho de carta de Eudaldo) não sofreria pausa nem esmorecimento em virtude das tiradas e dos arrotos de técnica no assunto por parte de Eudaldo.	89
18	<i>Eudaldo: Resposta oportuna</i>	[1942]	Religião. Literatura. Catolicismo. Protestantismo. O título deste rascunho faz alusão à <i>Declaração Oportuna</i> , título atribuído por Eudaldo Lima a sua carta aberta. Neste rascunho de carta, Motta menciona que <i>Declaração Oportuna</i> chegou a ele por intermédio de um amigo e que havia pontos nesta publicação que mereciam uma resposta oportuna devido as acusações equivocadas feitas por Eudaldo contra sua pessoa, que são: violação de correspondência privada e quebra de ética, por conta da publicação da <i>Carta Aberta a um amigo</i> ; incompetência para tratar do assunto religião, por	90 a 94

			Motta ser um farmacêutico e não um teólogo; recalque político que explodiu no setor religioso; anúncio ‘espetacular’ de publicação de nova carta aberta.	
19	<i>Ponto final</i>	03/1942	Religião. Catolicismo. Protestantismo. Neste rascunho de carta, Motta inicia dizendo que estava relendo a correspondência que trocou com Eudaldo, tanto as que escreveu quanto as que recebeu e que as meditou, chegando à conclusão de que toda a correspondência estava horrivelmente vazia de Cristo. Assim, Motta diz querer pôr um ponto final definitivo à correspondência deles e relembra uma afirmação que fez em carta anterior, de que nessas discussões, a vaidade, o amor próprio e a presunção falam mais alto do que o amor deles a Deus e, dessa forma, quando eles falam, Deus silencia.	104 e 105

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O debate religioso entre Eulálio Motta e Eudaldo Lima, registrado por meio dos rascunhos de carta do caderno *Farmácia São José*, se iniciou em 22/08/1941, com o rascunho de carta 1 *Meu caro Eudaldo: Saudações*, em que Motta inicia agradecendo o envio, por parte de Eudaldo Lima, de um exemplar do livro protestante *Cochilos de um Sonhador*, de autoria de Basílio Catalá Castro<sup>37</sup>. *Cochilos de um Sonhador* contém algumas palavras introdutórias feitas por Getúlio Vargas, apresentadas antes do prefácio, e foi escrito como resposta ao libelo<sup>38</sup> *Eu Tive um Sonho*, de autoria do Pe. Francisco de Sales Brasil, no qual teceu críticas contra os protestantes. Nesse rascunho de carta, Motta deixa claro que escreverá algumas linhas sobre o livro, contudo, só havia lido as palavras de Getúlio Vargas, até então, e pontuou algumas divergências entre seus pensamentos e o que foi escrito por Vargas.

Em seguida, Motta escreveu o rascunho de carta 2, que, num primeiro momento, se tratava de uma carta pessoal, cujo o título era *Meu caro Eudaldo | Saudações | Na minha carta de 22-8-941*. No entanto, sob a justificativa de que o assunto da carta seria de interesse de um grande número de pessoas católicas e protestantes, resolveu transformar a carta

<sup>37</sup> Teólogo, pastor presbiteriano, professor de língua portuguesa, escritor e figura política. Foi eleito deputado estadual da Bahia pela União Democrática Nacional (UDN), cumprindo seu mandato de 1947 a 1951. e suplente de deputado estadual pelo Partido Libertador (PL) de 1955 a 1959. Atuou na Assembleia Legislativa como presidente da Comissão de Educação, Cultura e Arte em 1950, como vice-presidente Comissão de Educação, Cultura e Arte de 1947 a 1948 e como titular das Comissões: Administração Municipal, em 1947; Redação de Leis e Resoluções, de 1947 a 1950; Educação, Cultura e Arte, em 1949 e Saúde Pública e Assistência Social, em 1950. Na parte religiosa, fundou a Igreja Presbiteriana do Salvador, em 1933, publicou *Cochilos de um Sonhador*, em 1941, e foi tutor religioso e amigo íntimo de Eudaldo Silva Lima, que, em seu livro, *Romeiros do Meu Caminho* (1981), dedicou um capítulo a Basílio Catalá Castro (1904-1972), que conta com informações biográficas e registro de experiências juntos.

<sup>38</sup> “Opúsculo, escrito ou artigo destinado a atacar alguém ou alguma coisa. Publicação difamatória. Publicação polêmica. *Factum*” (FARIA; PERICÃO, 2008, verbete, p. 736).

particular em uma carta aberta, cujo o título atribuído pelo autor foi *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)*. O rascunho de carta se trata de uma crítica literária sob um olhar católico acerca do livro protestante *Cochilos de um Sonhador*, de autoria de Basílio Catalá Castro. Motta buscou apresentar diversas citações do livro, indicando páginas em que se encontravam, tecendo comentários acerca de suas impressões sobre livros protestantes em geral, comparando-os com sua leitura de livros católicos, e comentando os posicionamentos de Basílio Catalá Castro impressos no livro sobre o qual estava analisando. Diversas citações foram apresentadas no corpo do rascunho, mas nem todas elas apresentam um comentário, estão como uma espécie de fichamento por citação, indicando que o texto passaria por uma nova fase de escrita em que esses comentários seriam elaborados.

A versão do rascunho que havia sido iniciada indicando o nome de Eudaldo Lima vai da página 17 à 21, e conta com o final cancelado, parte na qual o autor estrutura, de maneira agridoce, a despedida direcionada a Eudaldo, datada de 22/08/1941. Também se observa que no corpo dessa versão, o autor voltou cancelando com riscos as ocorrências do nome de Eudaldo, visto que a carta seria destinada ao público. Motta, então, escreve o cabeçalho do rascunho da carta aberta na página anterior a que havia iniciado o rascunho de carta para Eudaldo, e a *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)* passa a ser composta desde a página 16 até a página 25, com nova datação: 31/08/1941.

Então, Eulálio Motta escreve dois rascunhos de carta destinados a Nemésio Lima, o então dono do jornal *O Lidador*. O primeiro rascunho de carta foi cancelado por inteiro, mas apresentava o mesmo assunto do segundo, que reclamava sobre a não publicação de uma crônica que Motta havia mandado para Nemésio esperando que saísse sua publicação no jornal *O Lidador*. Em outro momento, noutra carta destinada a Eudaldo Lima, Motta se refere a essa crônica como “primeira crônica sobre o livro do senhor Basilio” e supõe que Eudaldo ainda não a tenha lido, no entanto, não há indícios da escrita dessa crônica no caderno *Farmácia São José*. Referente a circulação da *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)*, Eudaldo Lima publicou, no jornal *O Lidador*, em 08/03/1942, uma carta aberta por nome de *Declaração Oportuna*, que consiste em uma resposta à carta aberta de Motta publicada em avulsos, como afirma Eudaldo Lima (1942):

Correu, em avulsos, há pouco | tempo, uma “Carta Aberta” do far- | macêutico Sr. Eulálio Motta, dirigi- | da a um amigo protestante. So- | mos nós o amigo em apreço. Tro- | cavamos idéias em cartas particu- | lares sôbre livros e assuntos reli- | giosos, quando fui surpreendido pela | revelação de



uma correspondencia | privada ao público desconhecedor | dos seus pródromos, fiel ao nosso | propósito de não trazer assuntos | da correspondencia (ultima) ao conhe- | cimento geral [...] (LIMA, 1942, p. 4).

Posteriormente, Motta escreve uma contra-resposta a essa carta aberta publicada por Eudaldo Lima, chamada de *Eudaldo: Resposta oportuna*.

Os rascunhos de carta 3 e 4, por nomes, respectivamente, *a) Meu amigo: / Você, protestante convicto* e *Meu amigo: / Promessa é dívida*, não apresentam destinatário explícito, não há um cabeçalho, como nos demais, em que Motta se refere a Eudaldo Lima. Devido o teor da discussão, a temática e a forma de se referir ao destinatário, identificando-o como protestante convicto, concluiu-se que ambos os rascunhos teriam sido destinados a Eudaldo Lima e foram adicionados à essa coleção. A estruturação da escrita desses rascunhos é peculiar, uma vez que o rascunho 4 se encontra disposto no meio do rascunho 3, e que o autor aparenta ter finalizado o rascunho 3 na página 35, começando, em seguida, o rascunho 4 na página 36 e retomando-o, posteriormente, na página 38, a escrita do rascunho 3, por meio do uso de notas remissivas.

O rascunho de carta 3, *a) Meu amigo: / Você, protestante convicto*, se trata de uma resposta a outra carta recebida por Motta em que o remetente fez afirmações sobre as quais Eulálio discorda, tecendo comentários e exemplificando com citações da carta que havia recebido. Assim, é possível observar vestígios do conteúdo escrito na correspondência passiva a que ele se refere. Eudaldo fez afirmações baseadas em trechos da bíblia, dizendo que, para se salvar, bastaria crer em Cristo e que ele cria, por isso, estaria salvo. Motta o acusou de isolar trechos da bíblia para fazer afirmações que iriam ao encontro de seus interesses e que se cada pessoa fizesse o mesmo, haveria vários cristianismos diferentes, frutos de opiniões diferentes. Então, Motta afirma que o caminho mais fácil para se conhecer o verdadeiro cristianismo, o fundado pelo próprio Cristo, era ouvindo a Sua Igreja, a Católica, Apostólica, Romana, e ter um olhar de conjunto para os escritos bíblicos, não realizando “interpretações mutiladas”. Em seguida, Motta finaliza o rascunho com a promessa de visitar esse assunto em uma próxima carta.

Na página seguinte, Motta inicia o rascunho de carta 4, cujo o título é *Meu amigo: Promessa é dívida*, que faz alusão a promessa feita no rascunho anterior, como continua em sua escrita “Na minha carta | anterior fiquei lhe devendo uma outra | carta para tratar do{s} assunto de nosso int- | resse: – a Igreja de Cristo”. Assim, Motta retoma o assunto sobre ter um olhar de conjunto para compreender o que era essencial, sem o qual não poderiam observar e discutir o que seria secundário. A partir disso, apresenta o que considera os pontos

essenciais da Igreja de Cristo: Universalidade, pregação para todos os povos; Autoridade, perdoar os pecados para que os seus sejam perdoados e Unidade de culto de fé, sobre o qual não elaborou. Finaliza o rascunho de carta 4 dizendo que, caso falte algum desses pontos, a igreja pode ser tudo, menos a Igreja de Cristo.

Na próxima página, Motta retoma o rascunho de carta 3 por meio de notas remissivas (três, ao total), voltando a comentar as afirmações feitas na carta que recebeu e que havia comentado no início do rascunho. Com base em trechos da bíblia, Motta questiona a afirmação feita por Eudaldo sobre a fé ser o único requisito necessário à salvação e comenta que esta é sim uma condição primordial, porém não a única. Depois, questionou a Eudaldo se ele cumpria rigorosamente os mandamentos, se sua consciência não lhe acusava de nada e se ele poderia atirar a primeira pedra. Então, Eulálio pondera que, caso Eudaldo siga afirmando a sua salvação, mesmo após refletir sobre esses questionamentos, ele não saberia dizer se sua atitude seria motivada por uma consciência de seu estado de perfeição ou por possuir um orgulho fanático. Por fim, diz que Eudaldo vê em cada batina um símbolo do diabo, devido aos ensinamentos de Ernesto de Oliveira que julgava o Papa como Anti-Cristo. A terceira e última nota remissiva desse rascunho encontra-se inacabada.

No rascunho de carta 5, *Eudaldo amigo: Saudações / Na minha primeira cronica sobre o livro do Snr. Basilio*, Motta fala sobre a primeira crônica que publicou sobre o livro *Cochilos de um Sonhador*, fazendo algumas citações para trazer ao conhecimento de Eudaldo Lima, pois acreditava que ele ainda não a havia lido. As citações são partes do conteúdo escrito em *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)*. Ainda no rascunho de carta 5, Motta comenta ter finalizado a leitura do livro que Eudaldo Lima lhe havia enviado, do escritor protestante Giovani Rostagno, cujo título não é revelado, e tece uma crítica positiva comparando suas características com as dos livros de autores católicos. Além disso, Motta evidencia as diferenças entre ele e o livro *Cochilos de um Sonhador*, utilizando diversos adjetivos de enaltecimento para o livro de Rostagno, o qual ele classifica como sendo quase católico, enquanto atribui adjetivos pejorativos ao livro de Basílio Catalá. Eulálio Motta também comenta que colocaria o livro de Rostagno em sua estante, no espaço que reservava para os bons livros católicos, acrescentando que o livro possuía muitos traços de *Imitação de Cristo*, livro católico escrito por Pe. Thomas de Kempis. Então, finaliza advertindo que enviará um exemplar de *Imitação de Cristo* para Eudaldo Lima e que só não lhe enviaria seu exemplar porque era seu livro predileto de leitura e meditações diárias, por isso, não poderia se separar dele. O rascunho possui dois encerramentos, um

datado de 18/11/1941, que foi cancelado, e outro datado de 25/11/1941, em substituição ao primeiro.

No rascunho de carta 6, por título *Eudaldo amigo Salutem! / Ausente, em trabalhos na Fazenda*, datado de 14/12/1941, Motta inicia acusando o recebimento de mais dois livros que Eudaldo Lima lhe enviou e informando que não poderá fazer as leituras rapidamente, pois há outras em andamento. Então, Motta alfineta Eudaldo Lima dizendo que se ele não estivesse afastado do rebanho, as suas leituras estariam alinhadas, e segue fazendo uma reflexão acerca dos erros que cometeu enquanto estava afastado da igreja, sobre a misericórdia divina para com ele e sobre o papel da Igreja Católica como representante de Deus na terra. Além disso, alfineta, novamente, Eudaldo Lima dizendo que quanto mais ouve sobre sua igreja, mais se questiona como se pode amar Jesus e odiar a Igreja Católica, já que esta foi a única igreja que havia encontrado em suas leituras do Novo Testamento. Por fim, Motta lamenta o afastamento de Eudaldo e de outros da Igreja Católica e diz que, apesar do fato de que muitos não irão voltar, ele pedia a Deus para que Eudaldo estivesse no meio dos que voltariam.

No rascunho de carta 7, que tem como título *Eudaldo: Salutem! / Em mãos a sua carta de 20 do corrente*, datado de 25/12/1941, Motta, ao acusar o recebimento, afirma não haver recebido uma carta junto com os livros que Eudaldo lhe mandou. Diz também que a partir da carta de 20 do corrente, referindo-se ao mês de dezembro, que recebeu juntamente com um prospecto anexado, faria uma resposta pública e a comentaria “ponto por ponto, tin-tin por tin-tin”. Então, segue dizendo que o intuito de publicar é para esclarecer os incautos, em vista de não cometerem erros de fé, uma vez que os “ignorantes” no cristianismo poderiam ser arrastados pelas aparências das “seitas” protestantes e suas pseudo-razões. Na despedida, ele diz que não se prolongaria, pois a carta seria respondida posteriormente, e lança mão de alguns ataques a Eudaldo, como resposta às ironias escritas em sua carta acerca do passado materialista de Motta, mas encerra de uma forma amigável, desejando um belo natal e um ano novo feliz. Há um apêndice com índice remissivo no fim dessa carta, em que o autor menciona a sua luta de Ação Católica.

A resposta pública que Eulálio Motta menciona nessa carta só veio a ser escrita 14 páginas depois, nas cartas *Eudaldo amigo: Respondendo... I, Respondendo II | Eudaldo: Há ou não há intermediario? e Respondendo... III*, a serem apresentadas em breve, no entanto, não há evidências de que estas cartas tenham sido publicadas de fato. Na sequência da carta 7, Motta escreveu o rascunho de crônica *Bilhete de Natal (a um amigo protestante)*, datado de 25/12/1941, no qual discute qual seria a igreja de Cristo e apresenta argumentos sobre o

porquê de ser a Igreja Católica, sendo possível que esta dedicatória tenha sido feita para Eudaldo Lima.

No rascunho de carta 8, chamado *Eudaldo: Salutem | Em mãos a sua carta de 31 de dezembro*, Motta inicia acusando o recebimento e relatando o conteúdo da carta enviada por Eudaldo, que, aparentemente, continha diversas ofensas contra sua pessoa. Motta diz que Eudaldo o acusou de doente, fazendo as vezes de um psiquiatra e, num tom irônico, diz que recebeu o diagnóstico, mas não a terapêutica. Em seguida, Motta se contrapõe a aparente afirmação de Eudaldo sobre ser especialista em cristianismo, devido ao fato de ter frequentando cursos teológicos em São Paulo, e, em contrapartida, Eulálio não o seria, pois não havia vivenciado essa experiência. Então, em tom inflamado, Eulálio rebate dizendo que São Pedro, São Paulo, São João Evangelista, São Lucas, São Jerônimo, Santo Inácio, São Ambrósio, São Agostinho, entre outros, também não haviam frequentado cursos protestantes em São Paulo, com intenção de ridicularizar o argumento apresentado por Eudaldo. Na sequência, Motta relaciona a “arrogância” apresentada por Eudaldo a Lutero como sendo consequência de ser protestante e repreende falas de Eudaldo que o ofenderam, em seguida, comenta o objetivo de sua campanha religiosa, que não é de converter protestantes e sim esclarecer católicos. Então, afirma que o protestantismo é uma psicose e a sua ação, presume-se que a Ação Católica, terá um sentido terapêutico preventivo e não curativo. Motta segue rebatendo afirmações de Eudaldo e, de maneira inflamada, faz chacota do seu curso teológico de 10 anos e o acusa de chamá-lo de psicopata para mostrar que leu Freud. Por fim, Motta classifica a carta de Eudaldo como representante de um cristianismo farisaico, ou seja, hipócrita, e que ele só não conseguia perceber porque estava cego pelo orgulho luterano. Esse rascunho de carta apresenta três apêndices e está datado de 11/01/1942.

No rascunho de carta 9, de título *Eudaldo amigo: Salutem! | Por intermedio de um amigo Frei Felix*, Motta explica que enviou a Eudaldo, por meio de Frei Felix, a longa resposta da carta de 31 de dezembro, ou seja, alguma versão do texto *Eudaldo: Salutem | Em mãos a sua carta de 31 de dezembro* passada a limpo. Então, acusa recebimento do prospecto *O Papado e a Infalibilidade*, seguido de “um muito obrigado de todo coração”, além de pontuar que o material das cartas trocadas com Eudaldo e os livros por ele enviados são copiosas fontes para o trabalho que pretendia realizar, possivelmente a sua Ação Católica. Por fim, agradece novamente e faz votos de que as brigas não os separem, além de expressar o desejo pela continuação das remessas de materiais que Eudaldo lhe estava fazendo.

No rascunho de carta 10, por título *Eudaldo amigo: Salutem! | Acabo de ler “O Papado e a Infalibilidade”*, datado de 14/01/1942, Motta informa a finalização da leitura do

prospecto enviado, anteriormente, por Eudaldo. Além disso, afirma que o prospecto havia sido acompanhado de um cartão-desafio para “refutar, pulverisar, aniquilar” *O Papado e a Infallibilidade*, contudo, Motta afirma, ironicamente, que não há nada de novo sobre tal prospecto e que isso se dava pelo fato de ler tanto escritores protestante quanto católicos, levando a crer que está acostumado com as críticas e questionamentos apresentados pelos escritores protestantes acerca da fé católica. Então, o autor diz que o cartão-desafio de Eudaldo já havia sido resolvido pelo padre Leonel Franca e por Julio Maria, isentando-o de tal tarefa, e acrescenta que, em seu trabalho de Ação Católica, não fará mais do que levar o conhecimento para os católicos ao seu alcance, com base nos escritos de grandes católicos, a exemplo dos que ele citou. Em seguida, faz votos pela manutenção da correspondência entre eles, contudo, cancela este fragmento de texto e encerra de uma maneira não tão amigável, dizendo que, na carta do dia 31 de dezembro, Eudaldo lhe forneceu conselhos sobre como deveria começar sua Ação Católica e que estes conselhos se repetiam no cartão, por isso lhe agradecia os conselhos não solicitados e diz que tem a quem os pedir, pois gosta de pedir a quem é capaz de dar, encerrando com uma citação que diz “Sou pequeno, mas só fito os Andes” e que não pede luz às sombras, e sim à luz.

No rascunho de carta 11, chamado *Eudaldo amigo: Respondendo... I*, Motta cumpre com o prometido no rascunho de carta 7, *Eudaldo: Salutem! | Em mãos a sua carta de 20 do corrente*, que comentaria, ponto por ponto, tin-tin por tin-tin, a carta enviada por Eudaldo em 20/12/1941. Apesar de ter prometido, no rascunho 7, uma resposta pública, não há evidências da publicação de alguma versão desse rascunho ou de sua sequência, os rascunhos 12 e 13 *Respondendo II | Eudaldo: Há ou não há intermediario?* e *Respondendo... III*, respectivamente. No rascunho, Motta segue alfinetando que não haveria muitos pontos ou tins para comentar, visto que, em cartas protestantes só se encontrava muita citação evangélica, sem quê nem pra quê, e nada mais. Em sequência, comenta uma tirinha publicada em um “jornaleco” que contém estatísticas “fantásticas” acerca do progresso do protestantismo no mundo e que, concluir que o crescimento de adeptos faz com que o protestantismo seja cristão é concluir depressa demais, uma vez que a “imensíssima maioria das criaturas do mundo é indiferente”, ou seja, materialista, e pela lógica apresentada por Eudaldo, o materialismo seria cristão. Assim, Motta faz uso do silogismo para ridicularizar a argumentação de Eudaldo e segue utilizando o mesmo artifício para falar de outras vertentes políticas em diferentes países. Ao que parece, Eudaldo comentou a tirinha em sua carta de 20/12/1941 ou enviou o recorte do jornal juntamente com a carta. O autor encerra o rascunho de carta com a

sinalização de “(continuamos)” logo após a data de 15/01/1942. Esse rascunho faz parte de um volume de três cartas-resposta, escritas em sequência.

O rascunho de carta 12 é o segundo do volume e tem como título *Respondendo II / Eudaldo: Há ou não há intermediário?*. Nele, Motta dá continuidade em sua argumentação, porém com foco em responder, de fato, a carta enviada por Eudaldo em 20/12/1941, visto que em *Eudaldo amigo: Respondendo... I* ele se ateve a responder a tirinha do jornal. O autor inicia comentando o início da carta enviada por Eudaldo, na qual ele se diz “bispo de um rebanho que Cristo lhe confiou”, e Eulálio afirma que não o considera como tal, e sim como alguém que escolheu como profissão o trabalho de pregar as opiniões de Lutero acerca dos livros sagrados. Dessa forma, Eulálio Motta busca deslegitimar o discurso apresentado por Eudaldo em sua carta, além de sempre escrever a palavra ‘bispo’ entre aspas, ironizando-a.

Então, Motta segue para o assunto do título da carta, sobre haver ou não um intermediário entre Deus e os fiéis, criticando passagens da carta enviada por Eudaldo, em que ele diz não haver um intermediário pois, a partir da vinda de Cristo, todos os crentes são sacerdotes e podem falar diretamente com Deus e pedir seu perdão sem a intervenção de “parentes, amigos e compadres”. Contudo, Eudaldo se apresenta como bispo de um rebanho e Motta associa esse posto a uma função de intermediário, sendo assim, o argumento de Eudaldo seria contraditório à sua posição, no ponto de vista do autor. Em seguida, Motta revela que esse argumento da falta de necessidade da intervenção de “parentes, amigos e compadres” surgiu em virtude de um comentário feito por Motta, no qual ele disse que as autoridades da “verdadeira Igreja Cristã”, referindo-se a católica, tinham o poder de perdoar pecados, uma vez que Cristo os havia concedido. Na sequência, Motta questiona o conteúdo da carta de Eudaldo, dizendo que ele havia embolado tudo, feito citações evangélicas, caído em contradições e, no final, não disse nada.

No rascunho de carta 13, *Respondendo... III*, Motta deu continuidade à discussão dos dois rascunhos de cartas anteriores, com foco em algumas passagens da carta enviada por Eudaldo no dia 20/12/1941, como, a afirmação de ser um pastor de um rebanho, fato que lhe responsabilizaria por buscar as qualidades que honram os enviados de Deus, a exemplo, “mansidão e a paz com todos”. A partir dessa citação, Motta questiona se há mesmo mansidão entre eles, referindo-se aos protestantes, e se essa mansidão passa das palavras para a vida, se são praticadas, pois, apresenta, na sequência, trechos retirados da carta enviada por Eudaldo em que, ao ver de Motta, não refletem mansidão. O primeiro trecho exposto foi “Deus não é tão pobre que só tenha como seus súditos os crentes do Papa” e Motta repete “crentes do Papa” enfatizando que são crentes de Deus e de “Sua Igreja”, referindo-se a católica, e que o

Papa, e seus irmãos católicos pertencem a um só rebanho, o de Deus, sendo universal, “e é um só, e tem uma só fé e um só batismo”. Ressalta também que a diferença entre um católico e um Papa é apenas hierárquica, sendo ele o chefe visível do rebanho, e, por conta disso, o obedecem e o amam.

Então, Motta apresenta uma passagem bíblica, Mateus 16, versículos 18 e 19, que se trata de uma conversa entre Jesus Cristo e seu discípulo Pedro, na qual Jesus diz que edificará a sua igreja e que as portas do inferno não prevalecerão contra ela, também diz que lhe dará as chaves do reino dos céus e tudo que Pedro ligar na terra, será ligado no céu, e tudo que desligar na terra, também será desligado nos céus. Eulálio, em seguida, aproxima as portas do inferno às ações de Lutero e “seus comparsas”, dizendo que eles lutam satanicamente contra a “verdade do primado de São Pedro”, apresentada nos versículos acima. Posteriormente, Motta afirma que Pedro foi o primeiro Papa e que, enquanto houver mundo, haverá sucessores de Pedro, e assim, as portas do inferno não prevalecerão.

Na sequência, Motta cita outro trecho da carta de Eudaldo, no qual ele compara a tolerância do “Cordeiro” com a do “monarca”, fazendo referência ao enviado de Deus e o representante da igreja católica (o Papa), que, segundo Eudaldo, “[...] manda queimar cristãos porque não resou por sua cartilha!”, referindo-se à inquisição. Motta, a seguir, utiliza o mesmo argumento com o qual iniciou os questionamentos, que não havia mansidão nas palavras apresentadas por Eudaldo, e sim calúnia, e explica que, se ele houvesse usado o verbo ‘mandar’ no passado, ele poderia tolerar, creditando-se aos “[...] exageros e calúnias que os inimigos da igreja têm escrito sobre abusos da Inquisição”, mas que utilizar o verbo no presente é perder a noção e o respeito pelos outros e por si. Então, continua acusando Eudaldo de hipocrisia, pois cita palavras de humildade e de mansidão do evangelho, mas escreve calúnias e perfídias e que, nas citações, há mais preocupação em mostrar “sabença” e exibir leitura do que ensinar e viver o cristianismo.

Logo após, Motta cita outra carta enviada por Eudaldo, datada de 28/11/1941, em que ele havia dito que no livro *O Protestantismo no Brasil*, o Pe. Leonel Franca “[...] derrama o rescaldo de sua ira sobre nós, não só com descomposturas como com calunias clamorosas”, argumentando, novamente, que não há mansidão nas palavras proferidas por Eudaldo e que ele não pode provar que nenhuma das alegações é verdade, pois não existem tais coisas no livro referido. Depois, Motta cita outra carta, esta bem mais antiga, datada de 20/05/1937, enviada de Campinas, na qual o remetente falava sobre o fato de Gastão de Oliveira ter deixado de ser um pastor presbiteriano para se tornar um simples soldado da Igreja Católica e diz que o tal é “[...] um homem de caráter dobre, um mentecapto, idiota” e que “[...] saíam das

fileiras daqueles que sustentam o ideal da família para se mancumunarem com os inimigos da família, os incentivadores da mancebia, da imoralidade e da prostituição ilícita, que amesquinha, avilta e degrada a sociedade humana”. Aqui vemos que Motta guardou uma correspondência mais antiga, de anos, e a visitou para colher argumentos nas construções de suas cartas. Então, Eulálio contra-argumenta a fala de Eudaldo, que disse que Leonel Franca cometera descomposturas e calúnias no livro, mas que é Eudaldo o autor dessas palavras que ele apresentou na citação, insinuando que tal fala acusatória contra Leonel Franca era fruto de hipocrisia, e diz que os protestantes adoram acusar sem provas e citar palavras evangélicas sem vivenciá-las. Por fim, Eulálio se antecipa e diz que Eudaldo poderá afirmar que ele também não é manso e tolerante em suas crônicas e responde sua própria antecipação dizendo que realmente não é manso, mas que procura ter cuidado de não acusar sem provas e ressalta que também não é tolerante, pois não compreende que um fanático da ‘Verdade’ possa ser tolerante com a mentira. Também diz não ser hipócrita, para citar mansidão e escrever descomposturas, alfinetando Eudaldo, e finaliza dizendo que foi de chicote em punho que Jesus expulsou os vendilhões do templo e que é de chicote em punho que queria lutar contra as mentiras de Lutero e de seus comparsas. O uso da palavra ‘comparsas’ para se referir aos fiéis protestantes busca desqualificá-los e aproximá-los de criminosos.

É importante salientar que, de acordo com Eulálio Motta, sua Ação Católica não tinha intenções de conversão, e sim de manutenção dos fiéis católicos junto à Igreja Católica, para que não houvesse migração de cristãos para outras doutrinas religiosas, que, de acordo com ele, poderia ser resultado de falta de informação contra essas doutrinas. Da mesma forma, a correspondência entre Eulálio Motta e Eudaldo Lima não tinha fins de conversão e sim de debate religioso, necessário para expor como os protestantes agiam e quais eram suas intenções, para fins pedagógicos, em sua Ação Católica.

Os rascunhos de carta 14 e 15 apresentam estruturação similar aos rascunhos 3 e 4, pois Motta escreveu o rascunho 15 no meio do rascunho de carta 14. No rascunho de carta 14, por nome *Eudaldo amigo: Salutem! 5-2-942*, Motta inicia acusando o recebimento de uma carta de Eudaldo datada de 02/02/1942 e menciona que o dia em que ele estava respondendo era a primeira sexta-feira de fevereiro, o dia do Sagrado Coração de Jesus, e que foi com esse espírito assim que recebeu a e leu a carta de Eudaldo, dando a entender que foi de forma pacífica. Em seguida, diz que há um ponto na carta de Eudaldo que merecia uma explicação: Motta havia remetido uma carta para Eudaldo e enviado por intermédio de um amigo em comum, Frei Felix, e havia dado autorização para que o Frei a lesse e, se tivesse interesse, fizesse uma cópia, devido à afinidade que o Frei tinha com o assunto da correspondência.



Eudaldo então acusou Motta de ter feito Frei Felix de “estafeta de correio” e de ter tentado tecer uma intriga, o que não foi bem recebido por Motta que se defendeu dizendo não ter achado que fosse uma inconveniência e que Jesus era testemunha de suas intenções. Em seguida, comentou outro ponto da carta que recebeu de Eudaldo, em que o mesmo lhe indicou a gramática de Carlos Eduardo Pereira, dizendo-lhe que era a melhor das gramáticas. Motta, por sua vez, pontuou no rascunho que recusava o conselho pois já possuía a gramática em questão e que não tinha autoridade para julgar ser a melhor, mas disse que era a gramática de sua predileção.

Então, Motta segue comentando partes da carta recebida e questiona a imparcialidade do jornal *O Lídador* por não ter publicado a sua carta aberta, porém este trecho foi cancelado no rascunho. Na sequência, Motta pontua que não se arrepende de ter feito elogios a um livro protestante, em resposta a algum comentário feito por Eudaldo neste sentido. O elogio em questão foi feito no rascunho de carta 5 (*Eudaldo amigo: Saudações / Na minha primeira crônica sobre o livro do Snr. Basílio*) para o livro de Giovani Rostagno, autor protestante, remetido por Eudaldo e cujo o título não foi revelado. Posteriormente, Motta diz que pretendia publicar um livro e que haveria nele menção ao livro de Rostagno, com elogios, e ao livro de Basílio Catalá, com críticas, e segue rebatendo comentários agressivos feitos por Eudaldo na carta que recebeu.

Motta também comenta, em resposta a carta recebida de Eudaldo, um crime que aconteceu no fim de 1941, cometido por dois correligionários de Motta, Venâncio Alves de Lima e o Padre Luiz Santiago, que assassinaram o protestante Severino Amaro por motivos religiosos. Há, no caderno, entre as páginas 120 e 121, dois recortes de jornal, um retirado do *Diário de Notícias*, que referenciam a este crime. No rascunho, Motta menciona apenas o Padre Luiz Santiago e comenta que, infelizmente, esse Padre não foi o primeiro e nem o último a cometer tal ato infeliz, que não é o caso de usar o fato como propaganda de “seitas” e sim para ter compaixão. Na sequência, Motta rebate outro comentário feito por Eudaldo em sua carta, desta vez de caráter político, em que Eudaldo acusa Motta de ter sido um entusiasta do regime hitlerista no Brasil e Motta questiona sobre quando ele disse algo do gênero e apela para o dia do Sagrado Coração de Jesus (dia em que escreveu a carta), clamando para que Jesus se compadecesse de Eudaldo diante da falsa acusação.

Na página seguinte, Motta cancela o final que havia feito para o rascunho de carta 14 e inicia o rascunho de carta 15, por nome *Eudaldo: Saudação / Em mãos a sua carta de 2 do corrente*, em que Motta lamenta o fato de que Eudaldo tinha adquirido o livro *Imitação de Cristo*, do Pe. Thomas de Kempis, sem ter aguardado que ele mesmo o enviasse, como

prometido no rascunho de carta 5. Motta segue dizendo que pretendia ir à capital em março e que era de sua intenção trazer um exemplar para remetê-lo a Eudaldo. Além disso, agradece a Eudaldo por ter lhe enviado o livro *A Igreja, o Papado e a Reforma* e menciona o interesse em adquirir todos os livros que se envolveram na polêmica com Leonel Franca e diz que Eudaldo lhe ajudou na realização deste propósito. Finaliza o rascunho pontuando que os demais assuntos seriam discutidos em outra via, ao que parece, no rascunho de carta 14.

Na próxima página, Motta retoma o rascunho de carta 14 por meio de nota remissiva, rebatendo uma “ameaça” de Eudaldo, que disse que Motta deveria se lembrar de que ele possuía uma carta em que Motta havia feito “elogios notáveis” a um livro protestante, voltando a mencionar os elogios tecidos ao livro de Giovanni Rostagno. Então, em resposta a ameaça de Eudaldo, Motta fez um lembrete de que ele possuía uma carta em que Eudaldo classificava o livro de Pe. Francisco de infame (em referência ao livro envolvido na discussão do rascunho de carta 2, *Eu Tive um Sonho*, de autoria do Pe. Francisco de Sales Brasil) e disse que Basílio Castro devolveu na mesma moeda e, segundo Motta, ao fazer isto, Eudaldo havia classificado o livro de Basílio Castro como infame também.

Em determinada parte do rascunho, Motta comentou que Eudaldo, em uma de suas cartas anteriores, se autoafirmou técnico em cristianismo, por conta de um curso de dez anos que havia feito, e fez comparação entre sua sabedoria e a ignorância de Motta no assunto, devido ao fato de Motta não conhecer autores protestante e, por isso, não teria autoridade para comentar nada sobre o tema. Motta rebateu a afirmação dizendo que não precisava e nem lhe interessava a leitura protestante porque possuía a bíblia. A seguir, Motta comenta que Eudaldo afirmou não responder suas cartas em público (como cartas abertas) pois Motta seria pequeno demais para discutir com ele, Motta, por sua vez, disse que não pararia de escrever em defesa da Igreja e seguiu rebatendo, com base em passagens bíblicas, os posicionamentos de Basílio Castro em seu livro *Cochilos de um Sonhador*.

No rascunho de carta 16, sob o nome *Eudaldo: Saudações / Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro*, Motta acusa o recebimento da carta de Eudaldo com um livro e uma cópia da carta de Frei Felix. Comenta sobre algo que Eudaldo disse sobre o livro *Imitação de Cristo* e diz que lhe enviará outro (o livro é mencionado no rascunho de carta 5 e 15). Então, Motta avisa para Eudaldo aguardar a sua segunda carta aberta a um amigo, que seria seguida de mais duas, e que Eudaldo não iria gostar pois ele responderia as acusações “levianas, injustas e, as vezes, graves” que Eudaldo fez contra ele. Por fim, comenta que iria se inscrever como sócio em algo que parece ser um clube do livro para receber descontos quando fosse adquirir

livros e comenta títulos de livros que já possui: *Paulo de Tarso*, *Maravilhas do Universo* e *Problemas do Espírito*, todos de autoria de Rhoden.

No rascunho de carta 17, por nome *Eudaldo Saudações / Em mãos o jornalzinho com a sua “Declaração Oportuna”*, Motta afirma estar com o “jornalzinho” que contém a carta aberta publicada por Eudaldo Lima, em 08/03/1942, por nome de *Declaração Oportuna*. O jornal em questão é *O Lidador*, e Eudaldo havia publicado a carta aberta em resposta à *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)* de Motta que foi publicada em avulso, cujo o rascunho se encontra no caderno FSJ (rascunho de carta 2). Nesse rascunho, Motta disse que a “declaração” de Eudaldo não ficaria sem resposta e que sua “ancia caloura de publicidade” (citando trecho de carta de Eudaldo) não sofreria pausa nem esmorecimento em virtude das tiradas e dos arrotos de técnica no assunto por parte de Eudaldo.

No rascunho de carta 18, intitulado *Eudaldo: Resposta oportuna*, fazendo referência à *Declaração Oportuna*, carta aberta publicada por Eudaldo em *O Lidador*. Nesse rascunho, Motta menciona que *Declaração Oportuna* chegou a ele por intermédio de um amigo e que havia pontos nesta publicação que mereciam uma resposta oportuna devido as acusações feitas por Eudaldo. Motta pontua a primeira acusação feita por Eudaldo, que se refere à violação de correspondência privada, fazendo alusão a *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)*, pois Eudaldo acreditava que houve quebra de ética ao abrir o assunto ao público. Motta, então, se defende argumentando que o livro que Eudaldo lhe enviou (*Cochilos de um Sonhador*) era público e que o assunto era de interesse público, por isso não deveria transformar um fato trivial como esse em quebra de ética.

A seguir, Motta passa para a segunda acusação, a de Eudaldo tê-lo chamado de incompetente para tratar do assunto religião, por não ser da área de sua profissão, e se autoafirmou competente para falar sobre teologia, história eclesiástica, hermenêutica, filosofia e lógica. Motta se defende chamando-o de presunçoso e argumentando que, se fosse o caso, Pasteur nunca deveria ter se metido em medicina já que não era médico. Então, de forma irônica, Motta afirma, utilizando a terceira pessoa para falar de si, que “o farmaceutico Eulálio Motta” sabia ler e possuía uma estante com autores que verdadeiramente eram técnicos no assunto e que comparar Eudaldo a eles seria como comparar um grão de areia com o globo terrestre.

Assim, Motta passa para a próxima acusação, de teor político. Eudaldo havia dito que Motta possuía um recalque político que havia explodido no setor religioso e Motta, por sua vez, argumenta que Eudaldo fez leituras freudianas e estava tentando aplicar sua sabedoria

psicoanalítica nele. Segue, então, dizendo que Eudaldo evocou a memória do pai de Motta para amenizar a discussão, mas deu a entender que esta foi uma atitude passivo-agressiva e relembra que os dois, desde a infância, sempre foram diferentes. Para finalizar o rascunho, Motta comenta outra acusação, em que Eudaldo havia dito que ele estaria anunciando espetacularmente uma segunda carta aberta e Motta se defende dizendo que Eudaldo respondeu a sua carta aberta com uma carta privada cheia de presunção e acusações levianas, dizendo-lhe que a carta seria lida pelos correligionários de Eudaldo, fazendo com que ela deixasse de ser particular, e Motta argumenta que isso lhe deu o direito de responder publicamente. Aqui, observa-se os acontecimentos que levaram a escrita e publicação de *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)*. Por fim, Motta diz que a segunda carta aberta havia sido comunicada em carta particular e que o fato de estar sendo divulgada espetacularmente era uma novidade, uma mentira.

No rascunho de carta 19, por nome *Ponto final*, Motta encerra a discussão religiosa com Eudaldo no caderno *Farmácia São José*. Inicia o rascunho dizendo que estava relendo a correspondência que trocou com Eudaldo, tanto as que escreveu quanto as que recebeu, e que meditou-as chegando à conclusão de que toda a correspondência estava horrivelmente vazia de Cristo. Segue dizendo que a vaidade, o orgulho, o pedantismo, o ódio e a presunção transbordaram nas cartas de Eudaldo, que as dele não mereciam melhor classificação, por isto ele tinha um propósito de pôr um ponto final definitivo à correspondência deles. Então, Motta relembra uma afirmação que fez em carta anterior, de que nessas discussões, a vaidade, o amor próprio e a presunção falam mais alto do que o amor deles a Deus e, assim, quando eles falam, Deus silencia. Motta também, diz que as suas discussões salpicadas de ódio são um desrespeito à presença de Deus e que, quando a discussão descamba pelo terreno das agressões pessoais, eles se esquecem que Deus está presente. Por fim, Motta diz que precisavam ter humildade e que só assim seria possível conhecer, saber, amar e viver o Cristo, que as suas discussões estavam cheias de arrogância e não de humildade e encerra o rascunho dizendo que precisavam tomar juízo, fazendo uma prece para Maria: “Santa Maria, Mãe de Deus, rogae por nós pecadores!”.

### 4.3 TRANSCRIÇÕES DOS RASCUNHOS DE CARTAS

Para realizar as transcrições, foram utilizados, como base, os critérios e os operadores genéticos elaborados por Barreiros (2013; 2015) e utilizados no âmbito do projeto *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta*. Contudo, analisando as especificidades nas marcas físicas do caderno *Farmácia São José*, notou-se a necessidade de ampliação e adaptação de alguns critérios e operadores. Apresentam-se, no quadro 06, os critérios ampliados e adaptados, e, no quadro 07, os operadores genéticos, juntamente com suas justificativas de ampliação e adaptação. Em seguida, apresentam-se todos os critérios e operadores genéticos utilizados nas transcrições.

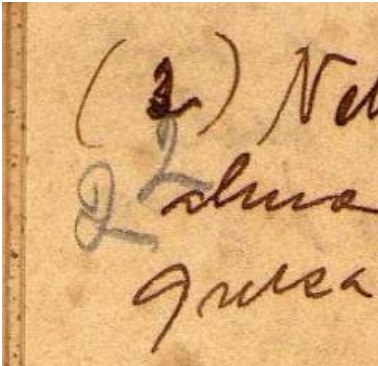
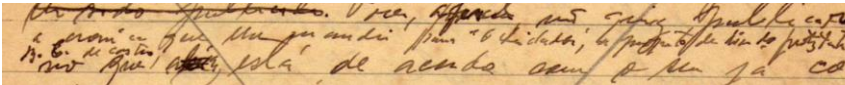
Quadro 06 - Critérios de transcrição do projeto *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta* ampliados e adaptados

Nº	CRITÉRIO ANTERIOR	CRITÉRIO ATUAL	JUSTIFICATIVA
1	No caso de manuscritos encadernados, indica-se o <b>fólio</b> , à margem direita, exemplo: (f. 1r ou f.1v)	No caso de manuscritos encadernados, indica-se, à margem direita da primeira linha, <b>a folha</b> (caso não esteja enumerada), a exemplo: (f. 1r ou f.1v), ou a página, caso tenha sido feita a enumeração pelo escrevente, a exemplo: (p. 1; p. 2).	Substituiu-se fólio por folha pois, por se tratar de caderno e não de códice, o termo foi alterado. Acrescentou-se ‘página’ devido ao fato de o caderno FSJ ter sido enumerado por Motta. Na transcrição, serão indicadas as páginas.
2	_____	<b>As quebras de linha deverão ser marcadas com o símbolo  </b>	Anteriormente, não havia esse critério, pois, se transcrevia respeitando a quebra de linha do caderno na tabela. Contudo, algumas linhas do caderno são muito longas devido ao entrelinhamento, não sendo possível acomodar o texto da linha do caderno na dimensão da linha da tabela, sendo necessário marcar as quebras de linha na transcrição.
3	_____	<b>Serão mantidos os sublinhados que constam no documento a ser transcrito.</b>	Anteriormente, não havia esse critério, mas, devido ao fato de Eulálio Motta sublinhar diversas vezes seus textos, se fez necessário sinalizar a manutenção dos sublinhados, pois não havia um critério explicitando isso.
4	Serão utilizadas notas de pé de página para indicar informações complementares tais como: alternância da cor da tinta, rasgões, furos, manchas, colagens, etc.	Serão utilizadas <b>notas do editor</b> para indicar informações complementares tais como: alternância da cor da tinta, rasgões, furos, manchas, colagens, etc., <b>que devem ser apresentadas sempre duas linhas após o final da transcrição, separadas do texto transcrito, com o nome “Nota(s) do editor:” sinalizando-as. Devem ser apresentadas com enumeração e indicação das linhas na transcrição em que se encontram as informações.</b>	Nesse critério, houve uma adaptação, em que, ao invés de as notas aparecerem no pé de página, elas devem ser apresentadas sempre duas linhas após o final da transcrição, separados do texto transcrito, sinalizadas com “Nota(s) do editor:”. Essa adaptação foi feita para facilitar a visualização e manipulação das notas.

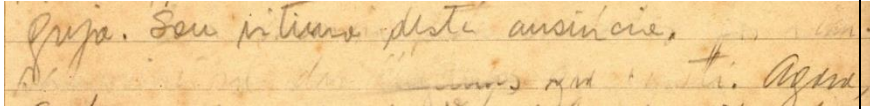
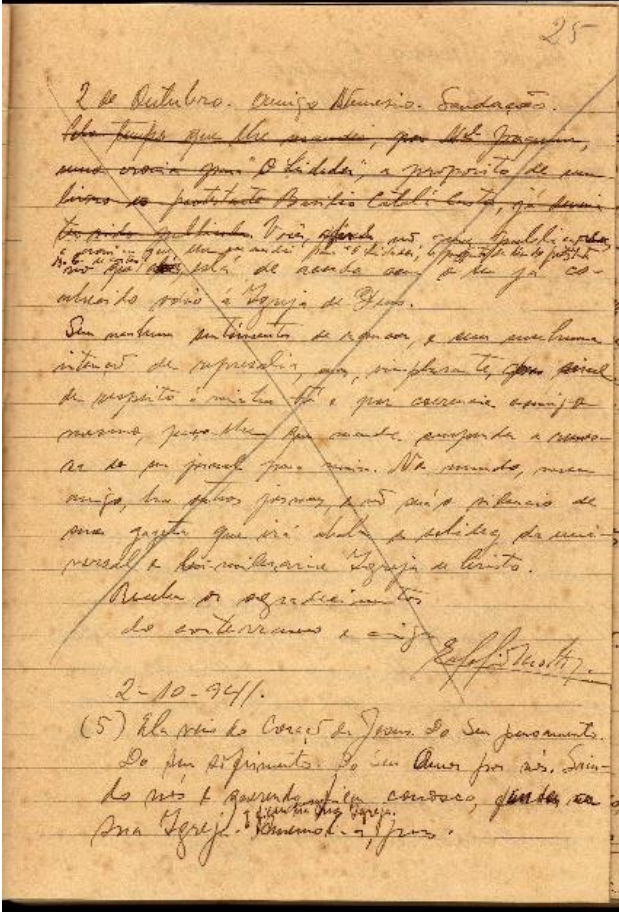
5		<p><b>Serão mantidas as abreviaturas na transcrição, a serem desdobradas na nota do editor, indicando as linhas em que se encontram.</b></p>	<p>Anteriormente, não havia esse critério, contudo, por se tratar de uma transcrição conservadora (genética), é necessário manter as abreviações no texto e desdobra-las nas notas, indicando as linhas que se encontram.</p>
6		<p><b>As linhas vazias (sem escritos ou marcas), como, por exemplo, o ato de saltar uma linha, são apresentadas na transcrição, mas não são contabilizadas na enumeração. Traços, riscos ou outras marcas nas linhas em que não apresentam código alfanumérico devem ser reproduzidos, quando possível, e as linhas devem ser contabilizadas como linha escrita na enumeração lateral da transcrição.</b></p>	<p>Anteriormente, não havia esse critério, contudo, Eulálio Motta salta linhas em diversos momentos de sua escrita, especialmente quando escreve poemas. Não saltar essa linha compromete a visualização da estrutura dos poemas e até a sua classificação (sonetos, trovas). Além disso, compromete a apresentação do processo de escrita, pois, o ato de separar uma página com uma linha vazia (em branco) ou com algum símbolo, risco, faz parte do processo de produção do(s) texto(s) do documento.</p>
7		<p><b>Quando não houver título atribuído pelo autor, deve-se tomar a primeira linha escrita como título para o texto.</b></p>	<p>Anteriormente, não havia esse critério. Alguns textos não apresentam títulos atribuídos pelo escrevente, sendo necessária uma outra forma de atribuição. Segue-se então o mesmo princípio utilizado na titulação de poemas sem título, tomar a primeira linha escrita do texto como seu título.</p>

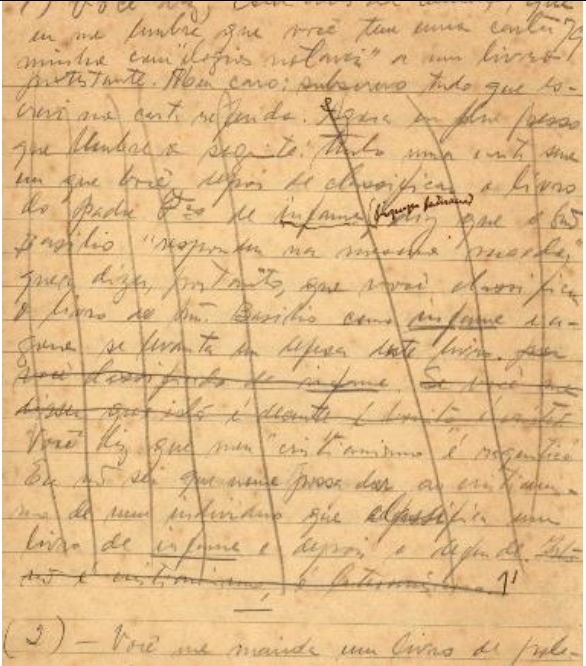
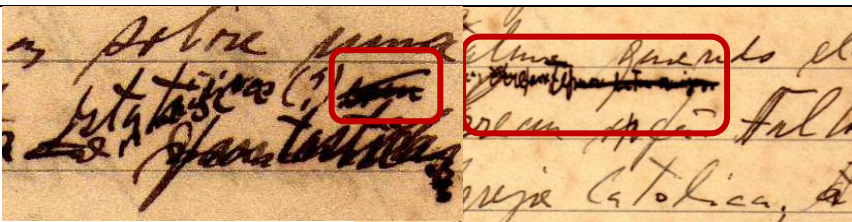
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 07 - Operadores genéticos utilizados nas transcrições do projeto *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta* ampliados e adaptados

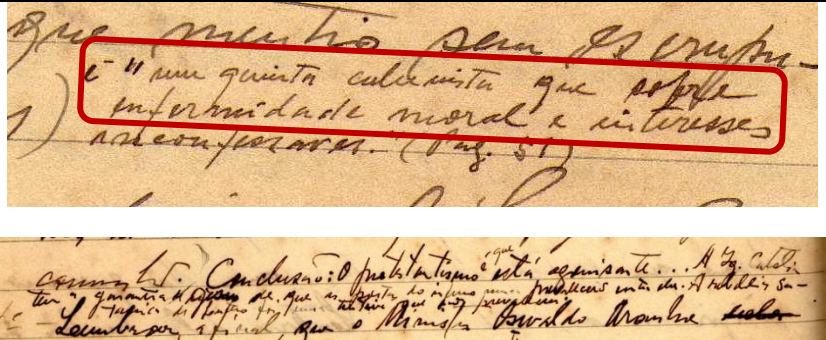
Nº	OPERADORES ANTERIORES	OPERADORES ATUAIS	JUSTIFICATIVA	EXEMPLO NO CORPUS
1		<b>[P ] Numeração da página que consta escrita no documento</b>	Anteriormente, não havia esse operador. Eulálio Motta enumerou todas as páginas do caderno FSJ, sendo necessário marcar a numeração, pois, caso fosse transcrita sem marca, poderiam se confundir com o corpo do texto, já que o autor tinha o hábito de escrever na margem superior, onde estão localizadas. Sinalizá-las em nota também não é uma opção para esse tipo de transcrição (genética), pois se busca, na medida do possível, reproduzir o texto como se apresenta no original, inclusive suas marcas.	
2		<b>  marcação da quebra de linha</b>	Anteriormente, não havia esse operador. Se transcrevia respeitando a quebra de linha do caderno na tabela. Contudo, algumas linhas do caderno são muito longas devido ao entrelinhamento, não sendo possível acomodar o texto da linha do caderno na dimensão da linha da tabela, sendo necessário marcar as quebras de linha na transcrição para que o leitor tenha noção de onde a linha se encerrou.	

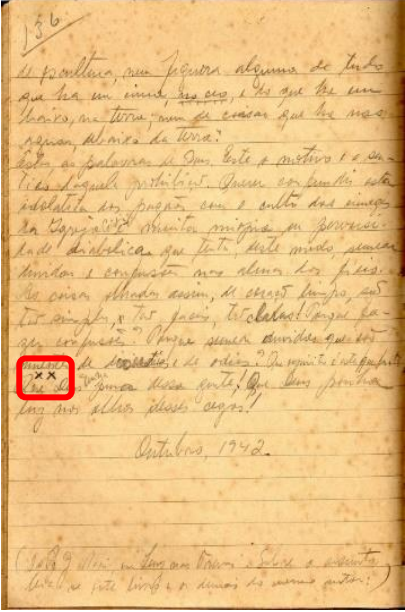
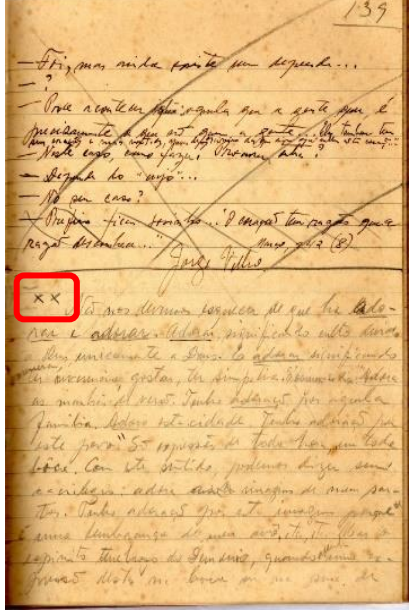


3		<b>{B ... B}</b> (B em <b>negrito</b> ) seguimento ou texto completo apagado por borracha	Anteriormente, não havia esse operador. Observa-se, em alguns textos, o apagamento de seguimentos por uso de borracha e, sendo este um outro processo mecânico de cancelamento/rasura, deve ser marcado na transcrição.	
4		<b>{F ... F}</b> (F em <b>negrito</b> ) marcação de texto inteiramente cancelado (riscado)	Anteriormente, não havia esse operador. Contudo, há um texto inteiramente cancelado no caderno e que contém trechos cancelados em seu corpo. É importante sinalizar no início e final da transcrição para que o leitor tenha noção da dimensão do cancelamento, bem como marcar os trechos cancelados no corpo do texto.	

5		<p><b>{F ... F}</b> (F em <b>negrito</b>) <b>marcação de fragmento de texto cancelado (riscado) que ultrapassa o nível da linha</b></p>	<p>Anteriormente, não havia esse operador. Como já explicada a necessidade no exemplo anterior, vale ressaltar que há diversos textos com fragmentos longos cancelados, sendo necessária a marcação para o leitor ter a dimensão do cancelamento do trecho, desde que ultrapassem o nível da linha. Caso não ultrapassem a linha, se mantem o uso do operador { } para segmentos riscados/cancelados.</p>	
6		<p><b>{{†}}</b> <b>seguimento ilegível cancelado, riscado</b></p>	<p>Anteriormente, não havia esse operador. O operador {†}, em uso no projeto, marca o segmento ilegível, porém, há segmentos ilegíveis sem cancelamento, a exemplo de letras miúdas ou grafia dificultosa. No entanto, não havia um operador que marcasse o segmento ilegível riscado, cuja a falta de legibilidade advém do risco.</p>	

7		<b>{†}/&gt;{†}\ seguimento ilegível substituído por outro seguimento por sobreposição ilegível</b>	Anteriormente, não havia esse operador. No entanto, há uma grande ocorrência de substituições por sobreposições no caderno e, em diversos casos, nenhum dos segmentos se encontra legível, nem o substituído, nem o substituto. O sobreposto não era marcado nas transcrições, contudo, é um processo diferente de rasura por substituição que deve ser marcado.	
8		<b>{†}/&gt; \ substituição por sobreposição de segmento ilegível por outro legível na relação: {ilegível}/&gt;legível\</b>	Anteriormente, não havia esse operador. No entanto, há uma grande ocorrência de substituições por sobreposições no caderno e, em diversos casos, o segmento substituído não se encontra legível. O sobreposto não era marcado nas transcrições, contudo, é um processo diferente de rasura por substituição que deve ser marcado.	
9		<b>{ }/&gt; \ substituição por sobreposição de segmento legível por outro legível, na relação: {substituído}/&gt; substituto\</b>	Anteriormente, não havia esse operador. No entanto, há uma grande ocorrência de substituições por sobreposições no caderno e, em diversos casos, ambos os segmentos são legíveis. O sobreposto não era marcado nas transcrições, contudo, é um processo diferente de rasura por substituição que deve ser marcado.	
10	<b>{ }/\ substituição por sobreposição na relação {substituído}</b>	<b>{ }/\ segmento legível riscado e substituído por outro legível na sequência,</b>	Neste operador, houve uma adaptação do já existente. A marcação de sobreposição passou a ser feita por meio do símbolo >, e,	

	/substituto\	na relação: {substituído} /substituto\;	considerando que não havia um operador para segmento legível substituído por outro legível na sequência, utilizou-se este para marcar esse processo. Já existia um operador para marcar segmento ilegível substituído por outro legível {ilegível}/legível\, não havendo, no entanto, um para {legível}/legível\.	
11	_____	<p><b>[↑↑] continuação da entrelinha superior;</b></p> <p><b>[↓↓] continuação da entrelinha inferior</b></p>	Anteriormente, não havia esses operadores. Algumas entrelinhas são longas ou são escritas em um espaço pequeno, a exemplo, no fim da linha, e o escrevente acaba subdividindo-a. Contudo, o restante da entrelinha não continua na mesma direção da entrelinha que começou, sendo necessário marcar a sua continuação.	

12	[* (f. ou p.)] parte do texto localizada em outro fôlio ou página indicada pelo autor a partir de números e letras remissivos ou anotações. Nesses casos, o número do fôlio ou da página aparece entre parênteses	[* (f. ou p., L) ... * (f. ou p., L)], sendo <b>*(f. ou p., L) apresentado em negrito, para parte do texto localizada em outro fôlio ou página indicada pelo autor a partir de números e letras remissivos ou anotações. Nesses casos, o número do fôlio ou da página aparece entre parênteses, seguido de L que referenciará a linha na qual esse apêndice se encontra</b>	Neste operador, houve uma adaptação do já existente. É importante colocar a marcação tanto no início quanto no fim do apêndice, para o leitor ter noção da parte do texto que o compõe. Também foi acrescida a informação da linha onde se encontra o índice remissivo que indica o apêndice, para que, durante a leitura, seja encontrado com mais facilidade a página e a linha. A marcação deve ser feita tanto onde o índice remissivo se encontra, no corpo do texto do apêndice. Foi adicionado o negrito para haver destaque do restante do texto.		
13	( ) intervenção do editor (acréscimos e informações);	Por não haver alterações do editor nas transcrições e por haver a 'Nota(s) do editor' para dar conta de informações, esse operador foi retirado. Além disso, o escrevente utiliza muito parêntesis no manuscrito, o que poderia ocasionar ambiguidade na transcrição.	<hr/>	<hr/>	<hr/>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Assim, a partir do que foi exposto, seguem os critérios utilizados para a transcrição do *corpus* desta dissertação, no âmbito do projeto *Edições das Obras Inéditas de Eulálio Motta*, ampliados e adaptados a partir de Barreiros (2013; 2015):

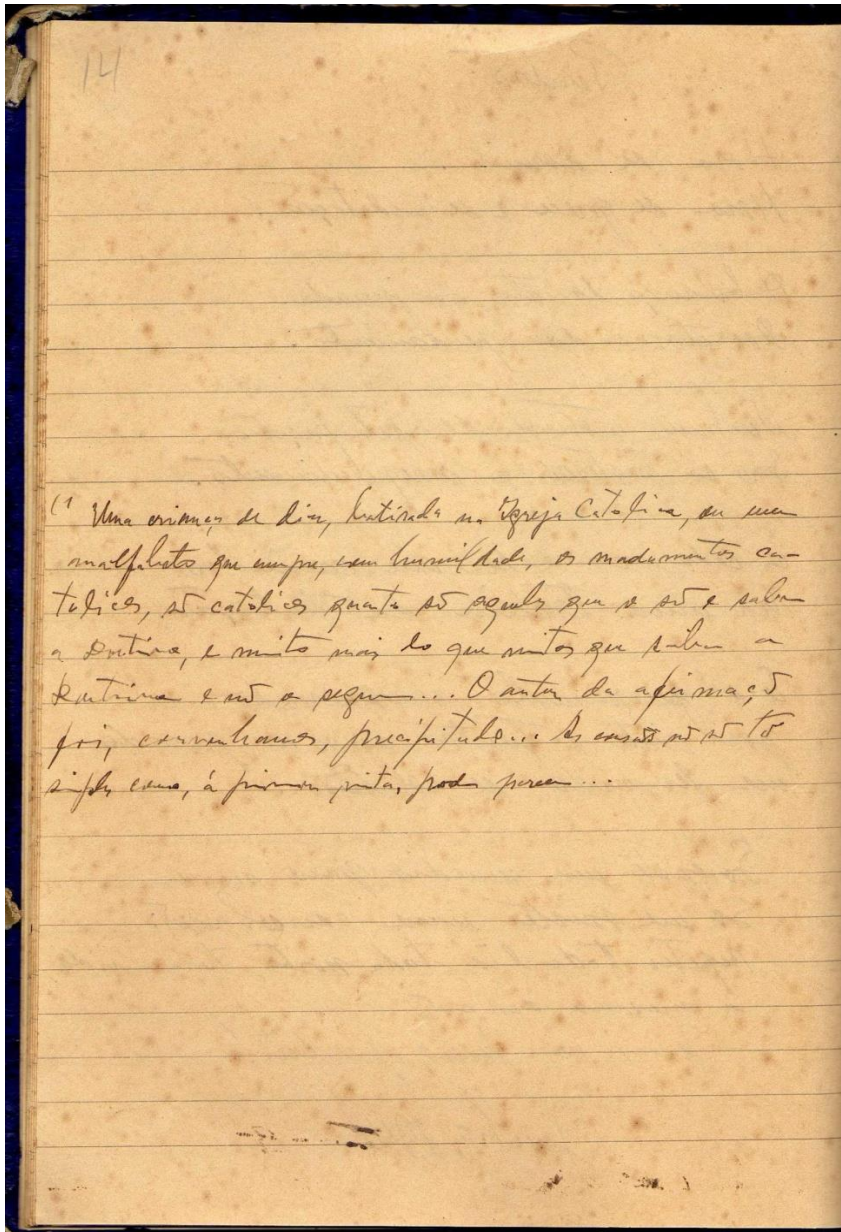
1. No caso de manuscritos encadernados, indica-se, à margem direita da primeira linha, a folha (caso não esteja enumerada), a exemplo: (f. 1r ou f.1v), ou a página, caso tenha sido feita a enumeração pelo escrevente, a exemplo: (p. 1; p. 2);
2. No caso de folhas avulsas (manuscritas, datiloscritas ou impressas), indica-se o código catalográfico, à margem direita, exemplo: (EH1.800.CL.03.004);
3. No caso de impressos ou datiloscritos encadernados, indica-se o número da página à margem direita, exemplo: (p. 10);
4. As linhas são numeradas de 5 em 5 à margem esquerda;
5. Os textos são transcritos em fonte *Times New Roman* padrão *Word*; de tamanho 11, justificados à margem esquerda;
6. Transcreve-se o título como se encontra no original;
7. Quando não houver título atribuído pelo escrevente, deve-se tomar a primeira linha escrita como título para o texto;
8. As quebras de linha serão marcadas com o símbolo |;
9. A rubrica do autor indica-se entre colchetes;
10. Serão mantidos os sublinhados que constam no documento a ser transcrito;
11. Serão utilizadas notas do editor para indicar informações complementares tais como: alternância da cor da tinta, rasgões, furos, manchas, colagens, etc., que devem ser apresentadas sempre no final da transcrição, separados do texto transcrito;
12. Serão mantidas as abreviaturas na transcrição, a serem desdobradas na nota do editor;
13. São mantidas as interpolações, os lapsos do autor, a ortografia, a acentuação, o uso de maiúsculas, a pontuação e registraram-se todas as correções, emendas, rasuras e acréscimos, através da utilização de operadores genéticos;
14. Corresponde a uma transcrição linearizada que acomoda as rasuras, substituições, correções e acréscimos na sequência lógica do texto (não obedecendo a topografia do original);
15. As linhas vazias (sem escritos ou marcas), como, por exemplo, o ato de saltar uma linha, são apresentadas na transcrição, mas não são contabilizadas na enumeração. Traços, riscos ou outras marcas nas linhas em que não apresentam código alfanumérico devem ser reproduzidos, sempre que possível, e as linhas devem ser contabilizadas como linha escrita na enumeração lateral da transcrição.

Contamos com os seguintes operadores genéticos para realizar a transcrição do *corpus* desta dissertação, no âmbito do projeto *Edições das Obras Inéditas de Eulálio Motta*, ampliados e adaptados de Barreiros (2013;2015):

**Chave de leitura dos operadores:** o símbolo { } ocorre em contexto de cancelamento, apagamento por borracha ou segmento ilegível; o símbolo [ ] ocorre em contexto de acréscimo, numeração da página e rubrica do escrevente; o símbolo / \ ocorre em contexto de substituição. O símbolo † é utilizado para representar segmento ilegível; os símbolos ↑↓←→ são utilizados para representar a localização do acréscimo ou substituição na página; o símbolo > é utilizado para representar o ato o ato de substituir por sobreposição (unidade lexical ou frase escrita por cima de outra).

1. [P ] Numeração da página que consta escrita no documento;
2. | marcação da quebra de linha;
3. { } seguimento riscado, cancelado;
4. {**B ... B**} (**B em negrito**) seguimento ou texto completo apagado por borracha;
5. {**F ... F**} (**F em negrito**) marcação de texto inteiramente cancelado (riscado);
6. {**F ... F**} (**F em negrito**) marcação de fragmento de texto cancelado (riscado) que ultrapassa o nível da linha;
7. {†} seguimento ilegível;
8. {{†}} seguimento ilegível cancelado, riscado;
9. {†}/>{†}\ seguimento ilegível substituído por outro seguimento por sobreposição ilegível;
10. {†}/ \ segmento ilegível substituído por outro legível na sequência, na relação: {ilegível}/legível\;
11. {†}/> \ substituição por sobreposição de segmento ilegível por outro legível na relação: {ilegível}/>legível\;
12. { }/\ segmento legível riscado e substituído por outro legível na sequência, na relação: {substituído} /substituto\;
13. { }/> \ substituição por sobreposição de segmento legível por outro legível, na relação: {substituído}/> substituto\;
14. { }/[↑]\ riscado e substituído por outro na entrelinha superior;
15. { }/[↓]\ riscado e substituído por outro na entrelinha inferior;
16. { }/[→]\ riscado e substituído por outro na margem direita;
17. { }/[←]\ riscado e substituído por outro na margem esquerda;
18. [ ] acréscimo no curso da linha;
19. [↑] acréscimo na entrelinha superior;
20. [↑↑] continuação da entrelinha superior;
21. [↓] acréscimo na entrelinha inferior;
22. [↓↓] continuação da entrelinha inferior;
23. [→] acréscimo na margem direita;
24. [←] acréscimo na margem esquerda;
25. [↑{ } ] acréscimo na entrelinha superior riscado;
26. [↑{†} ] acréscimo na entrelinha superior ilegível;
27. [↑{ } ]/\ acréscimo na entrelinha superior riscado e substituído por outro na sequência;
28. [↑{†} ]/\ acréscimo na entrelinha superior ilegível e substituído por outro na sequência;
29. [↓{ } ] acréscimo na entrelinha inferior riscado;
30. [↓{†} ] acréscimo na entrelinha inferior ilegível;
31. [↓{ } ]/\ acréscimo na entrelinha inferior riscado e substituído por outro na sequência;
32. [↓{†} ]/\ acréscimo na entrelinha inferior ilegível e substituído por outro na sequência;
33. [\*↑] parte do texto localizada à margem superior indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;
34. [\*↓] parte do texto localizada à margem inferior indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;
35. [\*→] parte do texto localizada à margem direita indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;
36. [\*←] parte do texto localizada à margem esquerda indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;
37. [\***(f. ou p., L ) ... \*(f. ou p., L)**], sendo **apresentado em negrito**, para parte do texto localizada em outro fólio ou página indicada pelo autor a partir de números e letras remissivos ou anotações. Nesses casos, o número do fólio ou da página aparece entre parênteses, seguido de L que referenciará a linha na qual esse apêndice se encontra;
38. /\* / leitura conjecturada;

A seguir, apresentam-se as transcrições justalineaes dos rascunhos de carta destinados a Eudaldo Lima que se encontram no caderno *Farmácia São José*.

Rascunho de carta 1 - *Meu caro Eudaldo: Saudações*

[P 14] |  
 [\***(15, L 20)**] <sup>(1</sup> Uma criança de dias, batisada na Igreja Católica, ou um |  
 analfabeto que cumpre, com humildade, os mandamentos ca- |  
 tolicos, são católicos quanto são aqueles que o são e sabem |  
 5 a Doutrina, e muito mais do que muitos que saibam a |  
 Doutrina e não a seguem... O autor da afirmação |  
 foi, convenhamos, precipitado... As cous {aõ}/>as\ não são tão |  
 simples como, á primeira vista, podem parecer... **\*(15, L 20)**] |

p. 14

## Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Texto escrito no meio exato da página, localizado entre as 8 linhas superiores e as 8 linhas inferiores da página.



Meu caro Eudaldo: Saudações

Em mãos o exemplar do livrinho "Cochilos de um sonhador", que me mandou, pelo que me apresso em lhe enviar um muito obrigado, de coração.

Depois de lê-lo, não deixarei de fazer algumas linhas, dizendo algo sobre o mesmo e sobre o assunto. Por enquanto, só li as palavras do Dr. Getúlio Vargas, que precedem o "Prefácio". Que a "alta sociedade" adota um Catolicismo cético e elegante, estou de acordo, com restrições. Que a "Massa ignara está na fase fetichista de adoração dos santos com varias especialidades milagreiras", também aceito, com restrições. Que "uma pessoa, para ser católica, é preciso que aceite todos os seus dogmas, e pratique", de acordo, sem restrições. Para que uma pessoa se diga católica, é preciso que conheça a Doutrina, aqui é que estou em desacordo... e para de tal afirmação, se chamado a prova-la com a História, nunca ouvi nas tertulias políticas...

Com conhecimentos políticos, não se pode acertar afirmações religiosas. As afirmações [apresento] nes[s]e F [T] Reljaõ e [s] assunto seri[am] demais para se resolv[er] os

Meu caro Eudaldo: [P 15] |

Saudações |

Em mãos o exemplar do livrinho "Cochilos de um sonhador", que [V] me mandou, pelo que me apresso em lhe enviar um muito obrigado, de coração. |

Depois de lê-lo, não deixarei de fazer algumas linhas, dizendo algo sobre o mesmo e sobre o assunto. Por enquanto, só li |

10 as palavras do Dr. Getúlio Vargas, que precedem o "Prefácio". Que a "alta sociedade" adota um |

Catolicismo cético e elegante, estou de acordo, com restrições. Que a "Massa ignara está na fase fetichista de adoração dos santos com varias especialida- |

15 des milagreiras", também aceito, com restrições. Que "uma pessoa, para ser católica, é preciso que a- |

ceite todos os seus dogmas, {e pratique"}, de acordo, sem restrições. [↑ Quanto a afirmação de que,] Para que uma pessoa se diga católica, é preciso que conheça a Doutrina[↓,] |

20 aqui é que estou em desacordo...[\* (14, L 2) [↑ 1( )]. {o} autor |

de tal afirmação, se [↑ fosse] chamado a prova-la com [↑ os fatos, com] a História, [↑ de ontem e de hoje,] {sem} ver{ia}/se-[↑ ia] em apuros que |

nunca conheceu nas tertulias políticas... |

{F Com conhecimentos políticos, não se pode |

25 acertar afirmações religiosas. {As}/Os {afirmações}/[↑ apresento] nes{s}/t{e} F |

{T{↑}}/Reljaõ e {s}/a assunto seri{am}/o demais para se{rem}/r resolv[er] os{/o} |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

2. Na linha 10, a abreviatura Dr. se desdobra como Doutor.

3. Na linha 20, o escrevente marcou um traço de lápis de cor vermelho abaixo do número "1()", referente à parte do texto localizada na página 14.

4. Nas linhas 24 e 25, o fragmento de texto foi cancelado por riscos horizontais (linhas) feitos com tinta preta.





~~Meu caro Eudaldo~~ 17  
~~Saudações~~  
~~Na minha carta de 22-8-941, lhe prometi~~  
~~voltar ao assunto, para lhe dizer algo sobre~~  
~~o livrinho <sup>do Sr. Basilio Catalá Castro</sup> que você me mandou.~~  
 Antes de tudo, devo-lhe dizer, ao terminar  
 a leitura do livrinho em questão, que o seu texto  
 tem muita sorte com a leitura de livros protestantes. Sem-  
 pre que colhi um desses livros, sentia-se-me a  
 ausência de serenidade e humildade cristãs, e  
 depois, e que aprendi a conhecer e a amar os  
 livros dos escritores católicos. <sup>Por alguns</sup> ~~Alguns~~ que há  
 livros protestantes, serenos e humildes. <sup>Por alguns</sup> ~~Alguns~~ <sup>portanto</sup>  
~~que nunca tive a sorte de os encontrar.~~  
 Tenho paciência e me acompanhe nas citações  
 destes trechos que colhi do livrinho <sup>do Sr. Basilio</sup> ~~do Sr. Basilio~~  
 para lhe mandar como prova da minha fal-  
 ta de sorte em tais leituras.  
 A citação é longa, mas já lhe pedi  
 que tenha paciência. Vejamos:  
 – “O P. Fco, que se apresenta na bombástica dedica-  
 tória do seu livro, todo blandicios, “etc.”, tem garras  
de felino; (Pagina 9) |  
 – Negamos-~~o~~lhe o direito de usar armas proibidas pelo de-  
 coro e pela decencia como a calunia, a inverdade, a  
insinuação malevola; (Pag. 10) |

{Meu caro Eudaldo.} [P 17] |

{Saudações} |

{F Na minha carta de 22-8-941, lhe prometi |

voltar ao assunto, para lhe dizer algo sobre |

5 o livrinho [↑do Snr. Basilio Catalá Castro,] que você me mandou. F} |

Antes de tudo, devo-lhe dizer, {F ao terminar |

a leitura do livrinho em questão F}, que não tenho |

{muita} sorte com a leitura de livros protestantes. Sem- |

pre que {†}/>leio\ um desses livros, entristese-me a |

10 ausência de serenidade e humildad{es}/>e\ cristãs, tão |

fecundas, e que aprendi a conhecer e a amar nos |

livros {dos escritores} católicos. {Acredito}/[↑Naõ afirmo]\ que haja |

livros protestantes serenos e humildes. P{†}/>osso\, [↑afirmar,], {portanto}/>entretanto,\ |

{†}/>que nunca\ tive a sorte de os encontrar. |

15 Tenha paciência e me acompanhe nas citações |

destes trechos que colhi do livrinho {em questão}/>{citado}\/[↑do Snr. Basilio]\[↓,] |

para lhe mandar como prova da minha fal- |

ta de sorte em taes leituras. |

A citação é longa, {f}/>m\assante, mas já lhe pedi |

20 que tenha paciência. Vejamos: |

– “O P. Fco, que se a apresenta na bombastica dedica- |

tória do seu livro, todo blandicios, “etc.”, tem garras |

de felino; (Pagina 9) |

– Negamos-~~o~~lhe o direito de usar armas proibidas pelo de- |

25 coro e pela decencia como a calunia, a inverdade, a |

insinuação malevola; (Pag. 10) |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

2. Nas linhas 3 a 5, o fragmento de texto foi cancelado por riscos diagonais iniciados na direção da esquerda para direita, feitos com tinta preta, apresentando um total de 6 riscos.

3. Na linha 21, a abreviatura P. Fco se desdobra como ‘Padre Francisco’, referindo-se ao Padre Francisco de Sales Brasil.

4. Nas linhas 5 e 16, as abreviaturas Snr. se desdobram como ‘Senhor’.

18

"Sagacidade jesuítica", "explora inescrupulosamente", "com improbidade científica", "ferido para armar efeito", "armadilha artificiosa do padre" (as expressões de pag. 13);

"Baralha astutamente" "sob bases falsas e seguramente peculiosa e aliviosa insinuação";

"É manhoso no arranjo de um artil" (P. 15)

"É porque não se coibe esta "mistura de feiticeira e pagãoismo" de que fala o P. Fco? Para nós é um misterio. Será que rende, que tine? (Pag. 17. (Depois de se ler a "aleivosa insinuação", é chocante, e encontram-se esta pergunta: "Será que rende, que tine?")

"V. Rev. manipulou perfidamente (Pag. 17)

"Malevolamente insinua (Pag. 18)

"O que estava na mente e no desejo de P. Fco foi o proposito de fazer intriga pequena, baixa, etc. (Pag. 30)

"Este velho "conto do vigario" visa nos intrigar, etc (Pag. 32)

"O paralelo", etc. "foi arranjado artemente. (Pag. 35)

"Seu ataque neste ponto, sobre ser vil é maligno" (Pag. 37)

"V. Revma. sabe tudo isso mas faz que não sabe

[P 18] |

- "Sagacidade jesuítica", "explora inescrupulosamente", "com improbidade científica", "ferido para armar efeito", "armadilha artificiosa {-} | do padre" – (saõ expressões da pag. 13); |
- 5 "Baralha astutamente" "sob bases falsas e seguramente escondida a aleivosa insinuação"; | "é manhoso no arranjo de um artil" (P. 15) | "E porque não se coibe esta "mistura de feiticeira e pagan {s}/>i\smo" de que fala o P. Fco? Para nós | 10 é um misterio. Será que rende, que tine? (Pag. 17. | (Depois de [↑se ler a] acusação [de] "aleivosa insinuação", é chocante, | {†}/>e encontrar\ esta pergunta: "Será que rende, que tine?") | "V. Rev. manipulou perfidamente (Pag. 17) |
- 15 "Malevolamente insinúa (Pag. 18) | "O que estava na mente e no desejo de P. Fco foi | o proposito de fazer intriga pequena, baixa, | etc.) (Pag. 30) | "Este velho "conto do vigario" visa nos intrigar, etc | 20 (Pag. 32) | "O paralelo", etc. "foi arranjado artemente.) (Pag. 35) | "Seu ataque neste ponto, sobre {†}/>ser\ {†}/>vil\ é maligno" (Pag. 37) | "V. Revma. sabe tudo isso mas faz que não sabe |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Nas linhas 14 e 24, as abreviaturas V. Rev. e V. Revema., ambas se desdobram como 'Vossa Reverendíssima'.
3. Nas linhas 10 e 16, as abreviaturas P. Fco se desdobram como 'Padre Francisco', referindo-se ao Padre Francisco de Sales Brasil.

19

para entorpecer <sup>leitores</sup> inermes e difamar impunemente" (Pag. 41)

"Seu sistema é de restrições mentaes, quando quer iludir" (Pag. 44)

"Clamar contra o casamento civil é o prazer maligno de muitos missionarios." (Pag. 45)

"Em todo o seu livro ha a preocupação maligna" (Pag. 54); <sup>o his odio, odio. Todo o livro do Sr. Basilio é</sup> somente pelo odio.

Gastão de Oliveira, o protestante convertido ao Catolicismo, é <sup>uma falsificador</sup> "uma falsificador" (Pag. 32); é

"o informante facil, que mentio sem escrupulo nem decoro" (Pag. 31) <sup>é "uma quista calunista que sofre enfermidade moral e interesses notorios." (Pag. 51)</sup> [↑↑enfermidade moral e interesses] inconfessaveis." (Pag. 51)

Leonel Franca, esse admiravel Leonel Franca, cultissimo, modestissimo, honestissimo, que nunca fez afirmação sem provas, <sup>é, na</sup> pena do Sr. Basilio, "Sadico e morbido," "tecnico arteiro," que tem "o fito diabolico de trans- formar gracejos imprudentes em immoralidades"; e [↑teu] o "gesto [{mais}] maligno" e "o mister ignobil" de exumar mortos para dissecar sua vida moral e /\*seriedade/." (Pag. 38)

"E' dever comesinho, diz o Sr. Basilio, de qual- quer escritor ser imparcial e literariamente probó sem se exacerbar nas estúas da paixão fa-

[P 19] |

para entorpecer [↑leitores] inermes e difamar impune- mente" (Pag. 41) |

"Seu sistema é de restrições mentaes, quando quer | iludir" (Pag. 44) |

"Clamar contra o casamento civil é o prazer | maligno de muitos missionarios." (Pag. 45) |

"Em todo o seu livro ha a preocupação maligna" |

(Pag. 54); [↑ódio, odio, odio. Todo o livro do Snr. Basilio é] somente isto: ódio. |

10 Gastão de Oliveira, o protestante convertido ao | Catolicismo, é [↑na pena do Snr. Basilio,] "um falsificador", (Pag. 32); é |

{o} "o informante facil, que mentio sem escrupu- | lo nem decoro" (Pag. 31) [↑é "uma quista calunista que sofre] [↑↑enfermidade moral e | interesses] inconfessaveis." (Pag. 51) |

Leonel Franca, esse admiravel Leonel |

15 Franca, cultissimo, modestissimo, honestis- | simo, que nunca fez afirmações sem provas [↑irrefutaveis,], é, na | pena do Snr. Basilio, "Sadico e morbido," "tec- | nico arteiro," que tem "o fito diabolico de trans- | formar gracejos imprudentes em immoralidades"; |

20 e [↑teu] o "gesto [{mais}] maligno" e "o mister ignobil" de | exumar mortos para dissecar sua vida moral e /\*seriedade/." | (Pag. 38) |

"E' dever comesinho, diz o Snr. Basilio, de qual- | quer escritor ser imparcial e literariamente probó |

25 sem se exacerbar nas estúas da paixão fa- |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

2. Nas linhas 9, 11, 17 e 23, as abreviaturas Snr. se desdobram como 'Senhor'.

(2) ~~Snr. muita imprudencia de minha parte substitui-los~~  
~~pelo livro de Basilio!~~

20  
 natica". Depois de escrever tantas expressões  
 de odio, e Sr. Basilio faz tal confissao de  
 "dever comessinho;" <sup>e diz a pagina 57, que "nao e de semear odio"</sup> Imagine se  
 Meu caro Eudaldo, tenha paciencia, tolere a  
 minha pergunta; este livro do Sr. Basilio e  
 cristo? Mas acha que ele esteja em desacordo  
 com o espirito de cristo que diz: "Amad-vos uns  
 aos outros?" Esta expressao que transcrevi para  
 lhe mandar revelar amor ao proximo. (1)  
 Quanto cala o odio <sup>na pena do Sr. Basilio,</sup> <sup>chacota, a chalaça,</sup> <sup>o espirito de cristo,</sup> <sup>o seu odio contra nos e</sup>  
 o espirito de cristo? <sup>que se trata com a ansiedade de 10 pag. 16.</sup> O seu odio contra nos e  
 anti-cristo e despeitado, sem duvida porque nos  
 andamos atraz de V. Revma., pedindo: "o padre  
 me de um santo." (Pag. 19) E na pag. 23, escreve:  
 "Muito bem! Nos vamos com prazer atraz servindo-lhe  
 de Sancho Pança e dizendo: - Bravo heroi!"  
 Repito, tenha paciencia <sup>isto e</sup> <sup>cristianismo?</sup>  
 Meu caro: - Na [sua] [delicada] dedicatoria [com] [que] {do}/me\ [enviou o]  
 livrinho em  
 questaõ, voce diz que m'o queria "para ler  
 e meditar."  
 Compreendo a sua boa intencao e agradeço,  
 sinceramente, a gentileza de seu coracao irmaõ  
 e amigo. Mas sou forçado a lhe dizer, sem

(2) {F Seria muita imprudencia de minha parte substitui-los |  
 pelo livro de Basilio!. F} |  
 [F 20] |  
 natica". Depois de escrever tantas expressões |  
 5 [↑amargas] de odio, o Snr. Basilio faz {c}/>t\al confissao de |  
 "dever comessinho;" [↑e diz á pagina 57, que "nao é de semear odio".] Imagine se  
 {quisesse}/>fosse\ {fa} hora! [\* (22, L 22) (3) ] |  
 Meu {caro Eudaldo}/[↑amigo], tenha paciencia, tolere a |  
 minha pergunta; este livro do Snr. Basilio é |  
 cristaõ? Naõ acha que ele esteja em desacordo |  
 10 com o espirito de Cristo que diz: "Amad-vos uns |  
 aos outros?" Es {s}/>t\as expressões que transcrevi para |  
 lhe mandar revelaraõ amor ao próximo? [\* (21, L 1) [↑(1)] ] |  
 Quando cala o odio, [↑na pena do Snr. Basilio,] fal{a}/>{†}\ {o}/a\ {espirito galho furo,}  
 /[↑chacota, a chalaça,]\ |  
 o espirito de vaia. [↑incompatíveis com a seriedade do assunto.] O seu ódio contra nós é |  
 15 anti-cristaõ e despeitado, sem duvida porque naõ |  
 andamos atraz de V. Revma., pedindo: "o padre |  
 me dê um santo." (Pag. 19) E na pag. 23, escreve: |  
 "Muito bem! Nós vamos com prazer atraz servindo-lhe |  
 de Sancho Pança e dizendo: - Bravo heroi!" |  
 20 {Repito}, {t}/>T\enha\ paciencia [↑repito: {este livro do Snr. Basi}} isto é Cristianismo? |  
 Meu caro: - Na [{sua}] [↑delicada] dedicatoria [com] [↑que] {do}/me\ [↑enviou o]  
 livrinho em |  
 questaõ, voce diz que m'o queria "para ler |  
 e meditar." |  
 25 Compreendo a sua boa intencao e agradeço, |  
 sinceramente, a gentileza de seu coracao irmaõ |  
 e amigo. Mas sou forçado a lhe dizer, sem |

Notas do editor:  
 1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.  
 2. Nas linhas 1 e 2, o fragmento de texto foi cancelado por riscos diagonais iniciados na direção da esquerda para direita, feitos com tinta preta, apresentando um total de 8 riscos.  
 3. Nas linhas 5, 8, 13 e 20, as abreviaturas Snr. se desdobram como 'Senhor'.  
 4. Na linha 16, a abreviatura V. Revma. se desdobra como 'Vossa Reverendissima'.

(1) Aqui na minha rua, numa casa proxima ao norte a esta de onde  
 escrevo, ha 1 grupo de pandegos cantando e tocando, precisamente neste  
 momento, estão cantando uma canção com este sentido: "Quem ama não faz assim,"  
 aqui interessante a coincidência e escrevi este entre parentesis.)

nenhuma intenção de lhe magoa[r] pois seria  
 retribuir ~~uma~~ gentileza com ~~uma~~ grosse-  
 ria, sou forçado a lhe dizer, meu amigo,  
 que este livro do Snr. Basilio é improprio  
 para as meditações. ~~Este~~ Tenho aqui no  
 meu quarto de solteiro catolico e amigo  
 da solidão, um "Novo Testamento", "A Imita-  
 ção de Cristo", um cri[s]t[if]ixo, um terço, e ima-  
 gem do "Sagrado Coração de Jesus" e minha estan-  
 te de escritores catolicos de minha predile-  
 ção. São estes os objetos de minhas leituras  
 e meditações [↑({↑})]. Encontro neles tanto amor  
 a Deus <sup>quanto amor de Deus!</sup> que voce, Sr. Sr. Basilio  
 e tantas outras almas irmãs não bebam n[on] a  
 mesma fonte em que minha alma bebe e se  
 alimenta e se ilumina, graças a Deus!  
 Oportunamente, voltarei a lhe escrever sobre  
 os assuntos abordados pelo Snr. Basilio.  
 Não o faria se não fosse o receio de você  
 imaginar que fugi do assunto. Nós, catolicos,  
 não tememos discutir com quem ama a Verdade.  
 Receba, mais uma vez, um abraço do velho amigo  
 Eulalio Motta.

22-8-941.

- {F [\***(20, L 12)**] (1) Aqui na minha rua, numa casa proxima {ao norte}/>{a esta}\ de onde |  
 escrevo, ha 1 grupo de {/}\*pagode{/}>{/}\*pandegos\ cantando e tocando; e,  
 {exata}/>precisamente neste |  
 momento, estão cantando uma canção com este {↑}/>{↑}\: "Quem ama não faz assim," |  
 achei interessante a coincidência e escrevi este entre parentesis.) **\*(20, L 12)] F** |
- 5 [P 21] |  
 nenhuma intenção de {lhe} magoa{r}/>{l[-o]}, pois seria |  
 retribuir {uma} gentileza com {uma} grosse- |  
 ria, sou forçado a lhe dizer, meu amigo, |  
 que este livro do Snr. Basilio é improprio |  
 10 para {a} meditações. {Este}/Tenho\ aqui no |  
 meu quarto de solteiro catolico e amigo |  
 da solidão, um "Novo Testamento", "A Imita- |  
 ção de Cristo", um cri{s}/>c\ifixo, um terço, a ima- |  
 gem do "{Divino}/>Sagrado\ Coração de Jesus" e minha estan- |  
 15 te de escritores catolicos de minha predile- |  
 ção. São estes os objetos de minhas leituras |  
 e meditações [↑({↑})]. Encontro neles tanto amor |  
 {F {de}/>a\ Deus [e] [↑tanto amor de Deus! **\*(22, L 1)** (2)] ] {Lastimo que você, {B}/O\ |  
 Snr. Basilio |  
 e tantas outras almas irmãs não bebam n{on} a |  
 20 mesma fonte em que minha' alma bebe e se |  
 alimenta e se ilumina, graças a Deus! |  
 Oportunamente, voltarei a lhe escrever sobre |  
 os assuntos abordados pelo Snr. Basilio. |  
 Não o faria se não fosse o receio de você |  
 25 imaginar que fugi do assunto. Nós, catolicos, |  
 não tememos discutir com quem ama a Verdade. {Nós} |  
 {↑}/>{↑}\que nós a amamos. E estamos absolutamente |  
 convictos de que estamos com ela. |  
 Receba, mais uma vez, um abraço do velho amigo |  
 30 22-8-941. [Eulalio Motta.] F |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.



2. Nas linhas 9, 18 e 23, as abreviaturas Snr. se desdobram como 'Senhor'.
3. Nas linhas 1 a 4, o fragmento de texto foi cancelado por riscos diagonais iniciados na direção da esquerda para direita, feitos com tinta preta, apresentando um total de 5 riscos.
4. Nas linhas 18 à 30, o fragmento de texto foi cancelado por riscos verticais, feitos com tinta preta, apresentando um total de 6 riscos.

(2) Neles é que busco e encontro consolação para minha  
 alma quando se fere, nas quedas da minha fra-  
 guesa humana. Neles é que encontro o Cristo. Por meio deles é que converso  
 com o C. Neles é que encontrei resposta para  
 as perguntas e duvidas que enchem [↑de] angustia o meu mundo  
 interior. Somente na Igreja Católica é que encontrei  
 a verdade que não conhecia (4) Somente nela é que  
 encontrei o Cristo. Eudaldo, a Igreja Católica  
 é Mãe! Não é a madrasta que vocês imaginam!  
 Ha muito <sup>presente o mundo e</sup> crueldade na pena dos que a com-  
 batem e odeiam! Contemplem-na com boa vontade  
 de! Olhem-na com amor que ela é mãe de  
 todos nós! Ela ilumina e eleva! {p}/>P\erdôa e  
 consola! Ela é Mãe! Amemo-la com amor  
 filial! Que Deus {†}/>dêça\ ao coração de  
 vocês todos, para que a luz deste amor  
 os ilumine!  
 Estes, meu caro, são os {†}/>desejos\ do coração de  
 seu velho companheiro de infância e ami-  
 go de sempre  
 Eulalio Motta.  
 24-8-941.

(3) Na pagina 18 - de seu "insigne Primaz do Brasil"; e, na  
 pagina 19, fala em "um educador ilustre, dedicado e delica-  
 do membro do clero bahiano." Estes 2 torrõezinhos de [↑gelo] assu-  
 carado <sup>dele</sup> [↑elogios pessoais] em meio de tanto fel, {†}/>saõ\ tão destoantes que  
 provocam  
 risos.  
 (Ver pagina seguinte)

- [\*(21, L 18) ({3}/>2) Neles é que busco e encontro consolação para minha |  
 [P 22] alma quando se fere, nas quedas da minha fra- |  
 guesa humana. [↑Porque neles é que encontro o Cristo. Por meio deles é que converso  
 com o C.] Neles é que encontrei resposta para |  
 as perguntas e duvidas que enchem [↑de] angustia o meu mundo |  
 interior. Somente na Igreja Católica é que encontrei |  
 a {[↑alegria e a] paz}/>Verdade\ que [↑eu] não conhecia [\*(23, L 2) (4) ] Somente nela é  
 que |  
 encontrei o Cristo. {F Eudaldo, a Igreja Católica |  
 é Mãe! Não é a madrasta que vocês imaginam! |  
 Ha muito [↑desconhecimento e] crueldade na pena dos que a com- |  
 batem e odeiam! {F} Contemplem-na com boa vontade- |  
 de! Olhem-na com amor que ela é mãe de |  
 todos nós! Ela ilumina e eleva! {p}/>P\erdôa e |  
 consola! Ela é Mãe! {Eu amo-a}/>Ame-mo-la\ com amor |  
 filial! Que Deus {†}/>dêça\ ao coração de |  
 vocês todos, para que a luz deste amor |  
 os ilumine! |  
 Estes, meu {s} caro, são os {†}/>desejos\ do coração de |  
 seu velho companheiro de infância e ami- |  
 go de sempre. |  
 [EulalioMotta.] |  
 24-8-941. \*(21, L 18) |  
 [\*(20, L 6) (3) Na pagina {18} {†}/>-\ ele [↑fala] na "insigne Primaz do Brasil"; e, na |  
 pagina 19, fala em "um educador ilustre, dedicado e delica- |  
 do membro do clero bahiano." Estes 2 torrõezinhos de [↑gelo] assu- |  
 carado [de] [↑elogios pessoais] em meio de tanto fel, {†}/>saõ\ tão destoantes que  
 provocam |  
 risos. \*(20, L 6) |  
 (Ver pagina seguinte) |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.

2. Na linha 3, a abreviatura C. se desdobra como 'Cristo'.
3. Nas linhas 6 a 19, havia riscos horizontais feitos de lápis grafite e lápis de cor vermelho, porém estes riscos foram apagados por borracha. Havia 6 riscos com grafite e o escrevente passou o lápis de cor vermelho por cima deles.
4. Nas linhas 6 e 7, o fragmento "Somente nela é que encontrei o Cristo." havia sido riscado a lápis grafite, porém o risco foi apagado com borracha, deixando uma mancha sombreada no espaço apagado.
5. Nas linhas 7 a 10, o fragmento de texto foi cancelado por um risco horizontal (linha) feito a lápis grafite.

23

41 - Se <sup>podem</sup> ~~podem~~ ou quizessem estudar a histo-  
ria e doutrina da Igreja Catolica sem rancor,  
sem ideias preconcebidas, com simplicidade,  
com humildade, de coração puro e olhos lim-  
pos, ~~talvez poderiam~~ <sup>certamente poderiam</sup> vel-a como realmente  
ela é, e não como vocês a imaginam. "Bema-  
venturados os limpos de coração; porque eles verão a  
Deus." Aproximem-se da Igreja com os corações limps  
de odio, sem expressões de rancor e chacotas, sem or-  
gulho, humildemente, e vel-a-aõ. E compreenderão  
que ela é mãe e não madrastra. E notaráo que ha  
muito desconhecimento, muita agonia e crueldade na alma  
dos que a combatem e odeiam. Procurem vel-a com  
boa vontade. Não a julguem sem a conhecer. Se vo-  
cês a conhecessem, <sup>certamente lhe teriam amor.</sup> ~~amariam a mãe.~~ Porque ela  
é mãe. Ilumina e eleva. Perdõa e consola. Me-  
rece o nosso respeito e o nosso amor filial. Ela  
é mãe de nossos avós, de nossos paes, de to-  
dos nós. <sup>Amemo-la!</sup> Amemo-la! Que Deus, <sup>por</sup> coração  
se vos, para que a luz deste amor os ilu-  
mine.  
São estes, meu amigo, os desejos do coração de  
seu velho companheiro de infancia e amigo de  
sempre. 31-8-941.

[P 23] |

[\***(22, L 6)** 4: – Se [↑vocês] podessem ou quizessem estudar a histo- |  
ria e a {D}/>d\outrina da Igreja Catolica sem rancor, |  
sem ideias preconcebidas, com simplicidade, |

- 5 com humildade, de coração puro e olhos lim- |  
pos, {talvez podessem}/[↑certamente poderia]\ vel-a como realmente |  
ela é, e não como vocês a imaginam. "Bema- |  
venturados os limpos de coração; porque eles veraõ a |  
Deus." Aproximem-se da Igreja com os corações limp{†}/>os\ |  
10 de odio, sem expressões de rancor e [de] chacotas, sem or- |  
gulho, humildemente, e vel-a-aõ. E compreenderão |  
que ela é mãe e não madrastra. E notaráo que ha |  
muito desconhecimento, [e] muita {agonia e} crueldade na alma |  
dos que a combatem e odeiam. Procurem vel-a com |  
15 b{†}/>õ\ a vontade{,}/:\ Não a julguem sem a conhecer. Se vo- |  
cês a conhecessem, {amal-a-iam}/[↑certamente lhe teriam amor.]\ Porque ela |  
é mãe. Ilumina e eleva. Perdõa e consola. Me- |  
rece o nosso respeito e o nosso amor filial. Ela |  
é mãe de nossos avós, de nossos paes, de to- |  
20 dos nós [\***(25, L 21)** [(5) ] Amemo-la! {D}/Q\ue Deus [↑dêça] aos corações |  
de vocês, para que a luz deste amor os ilu- |  
mine. |

São estes, meu amigo, os desejos do coração de |  
seu velho companheiro de infancia e amigo de |

- 25 sempre. [Eulalio Motta] |  
31-8-941. [\***(22, L 6)**] |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.
2. Na linha 20 há dois desenhos em forma de zig-zag na vertical, que não puderam ser reproduzidos aqui, dispostos aos lados dos parênteses "(5)".

24  
 Na pagina 18, o Sr. Basilio escreve:.... "in-  
 signe Primaz do Brasil"; na pagina seguinte,  
 fala de "um educador ilustre, dedicado e deli-  
cado membro do clero Bahiano." Estes tor-  
 rõesinhos de gelo assucarado em meio de tan-  
 to fel, são tão doctos que provocam ri-  
 sos.

Meu amigo, tenha paciencia, tolere uma per-  
 gunta: - Este livro do Sr. Basilio é cristão?  
 Não acha você que este livro está em de-  
 sacordo com o espirito do "amae-vos uns  
 aos outros"? "...Todo aquele que se irar  
 contra seu irmão será reo em juizo."

O Sr. Basilio acha que nós, catolicos, so-  
 mos seus inimigos,? Ainda assim:  
 - Amai os vossos inimigos, fazei bem  
 aos que vos têm odio."

Este livro do Sr. Basilio é cristão?  
 Prestar-se-a para meditações?

1º de Outubro de 1941. Primeiro ani-  
 versario de minha conversão. Que Deus me  
 ajude neste segundo ano que se inicia pa-  
 ra mim.

[P 24] |

Na pagina 18, o Sr. Basilio escreve:.... "in-  
signe Primaz do Brasil"; na pagina seguinte, |  
 fala de "um educador ilustre, dedicado e deli-  
 5 cado membro do clero Bahiano." Estes tor- |  
 rõesinhos de gelo assucarado em meio de tan- |  
 to fel, são tão doctos que provocaram ri- |  
 sos. |

- Meu amigo, tenha paciencia, tolere uma per- |  
 10 gunta: - Este livro do Sr. Basilio é Cristão? |  
 Não acha você que est{á}/>e\ livro está em de- |  
 sacordo com o espirito do "amae-vos uns |  
 aos outros"? "...Todo aquele que se irar |  
 contra seu irmão será reo em juizo." |  
 15 O Sr. Basilio acha que nós, catolicos, so- |  
 mos seus inimigos,? Ainda assim: |  
 - Amai os vossos inimigos, fazei bem |  
 aos que vos têm odio." |  
 Este livro do Sr. Basilio é cristão? |  
 20 Prestar-se-a para meditações? |  
 \_\_\_\_\_ |

- 1º de Outubro de 1941. Primeiro ani- |  
 versario de minha conversão. Que Deus me |  
 ajude neste segundo ano que se inicia pa- |  
 25 ra mim. |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Nas linhas 2, 10, 15 e 19, as abreviaturas Snr. se desdobram como 'Senhor'.



## Rascunhos de carta 3 e 4 - a) Meu amigo: / Você, protestante convicto e Meu amigo: / Promessa é dívida

a) Meu amigo:

34  
 Você, protestante convicto, afirma de com  
 força: "Estou salvo porque tenho fé em  
 Christo e Ele prometeu a salvação para  
 os que têm fé. E as promessas de Christo  
 não falham." <sup>Com o Espírito Santo disse: "Aquele que crer e for batizado,</sup>  
<sup>será salvo: o que porém não crer, será condenado."</sup>  
 Conversamos sobre o assunto. <sup>que acontece</sup>  
<sup>isto:</sup> Você isola um trecho do Novo  
 Testamento, um versículo, ~~seu~~ olha e agarra-  
 se a ele ~~sem um olhar de conjunto~~ para  
 tudo mais. <sup>N. T. se prende um olhar de conjunto.</sup> Você se agarra a  
 os Novo Testamento, e faria outra afirmação,  
 também de Biblia em punho, completamente ad-  
 versante de sua opinião. Ex.: poderá qualquer  
 um afirmar: "Eu estou salvo porque me  
 comungo. <sup>que</sup> Christo disse: "Quem <sup>me</sup> comer a  
 minha carne e beber o meu sangue, <sup>me</sup>  
 terá a vida eterna". Ora, eu como a sua carne  
 e bebo o seu sangue, na sagrada eucaristia, logo  
 tenho a vida eterna, estou salvo."  
 Outro, se agarrando a outro trecho do  
 N. T., poderá julgar-se salvo ~~sem~~ fé,  
 porque Christo disse: "Cada um será julgado de  
 acordo com as suas obras". Ora, eu fa-  
 ço boas obras, e só boas obras, portanto

a) Meu amigo: |

[P 34] |

Você, protestante convicto, afirma de com |

força: "Estou salvo porque tenho fé em |

5 Christo e Ele prometeu a salvação para |

os que têm fé. E as promessas de Christo |

não falham". [Com efeito, Cristo disse: "Aquele que crer e for batizado] será salvo: o que  
 porem não crer será condenado." ; |

Conversemos sobre o assunto. {A minha im-}/[↑O que acontece]\ |

10 {pressaõ é que}/[↑é isto: —]\ {v}/&gt;V\ocê isola um trecho do Novo |

Testamento, um versículo, {sem olha} e agarra- |

se a ele sem um olhar {de conjunto} para |

tudo mais [↑que diz no N. T. E' preciso um olhar de conjunto.] Outro se agarr{a}/>ria\ o  
 outro trecho |

do Novo Testamento, e faria outra afirmação, |

tambem de Biblia em punho, completamente d{†}/&gt;i\ - |

15 ferente de sua opinião. Ex.: poderá qualquer |

um afirmar: 'Eu estou salvo porque me |

comungo. {Porque}/>Uma\ [↑vez que] Cristo disse: "Quem [↑naõ] comer a |minha carne e [↑naõ] beber o meu sangue, naõ |20 terá a vida eterna". Ora, eu como {s}/>S\ua carne |

e bebo o Seu sangue, na sagrada eucaristia. Logo |

tenho a vida eterna, estou salvo." |

Outro, se agarr{†}/&gt;an\do {o}/&gt;a\ outro trecho do |

N. T., pod{iri-se-}/&gt;eria\ julgar-se salvo sem a fé, |

porque Cristo [disse:] "Cada um será julgado de |

25 acordo com as suas obras". Ora, eu fa- |

ço boas obras, e só boas obras, portanto |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na  
 margem superior esquerda.

2. Nas linhas 12 e 23, as abreviaturas N. T. se desdobram como 'Novo Testamento'.

3. Na linha 15, a abreviatura Ex. se desdobra como 'Exemplo'.

esta garantido. Estou salvo. <sup>Ep. de S. Paulo a Fé M., IV, 14. [P 35]</sup>  
 E um outro se agarraria a um outro  
 trecho e lá se ia por aí a fora, cada qual  
 com uma fé, cada qual com um cristianismo,  
 diferentes entre si e muito diferentes do  
 de Cristo. Cada um, com sua interpretação, com sua opinião, com seu modo  
 de ver, de interpretar, é uma unidade, uma pedrinha, na formação de [↓ {novas} Torres de Babel que  
 são] o que existem fora da Igreja de Deus.]  
 Concluamos: com interpretações individuais [↑do N. T.; [\***(38, L 1) (1)**]] com os  
 livros sagrados integros ao livre exame, não  
 se pode {↑} lugar a conhecer o Cristianismo, o ver  
 verdadeiro, [↑o unico,] o fundado por Nosso Senhor Jesus Cristo.  
 {↑} o caminho mais pratico e mais facil de  
 se conhecer a Cristo, é ouvir a sua Igreja, que  
 é a Catolica, Apostolica, Romana. Se não se  
 quer admitir esta verdade, ou se se quer visi-  
 fica-la, não é com interpretações mutiladas,  
 com trechos isolados da Biblia que havemos  
 de o conseguir. É preciso um olhar de  
 conjunto, do todo. Só com uma ideia  
 clara sobre o essencial, poderemos  
 comentar e compreender o secundario.  
 Sobre este assunto voltarei a con-  
 versar com você na minha pro-  
 xima carta. Vamos devagar[zinho]. Para  
 não cansar.  
 9-11-941.

- estou garantido. Estou salvo. [↑“Ep. de S. Paulo a Fé M{†}, IV, 14.”] [P 35] |  
 E um outro se agarraria a um outro |  
 trecho e lá se ia por aí a fora, cada qual |  
 com uma fé, cada qual com um cristianismo, |  
 5 [↑formando varios cristianismos {†}] diferentes entre si e muit{issimo}/>o\ diferentes do |  
 de Cristo. [↑Cada um, com sua interpretaçã, com sua opiniaõ, com seu mo-] do ver, de  
 interpretar, é uma unidade, uma pedrinha, na formaçã de [↓ {novas} Torres de Babel que  
 {sã}/>É\ o que existem fora da Igreja de Deus.] |  
 Concluamos: com interpretações individuais [↑do N. T.; [\***(38, L 1) (1)**]] com os |  
 livros sagrados integros ao livre exame, não |  
 se pode {†} lugar a conhecer o Cristianismo, o ver |  
 10 verdadeiro, [↑o unico,] o fundado por Nosso Senhor Jesus Cristo. |  
 {†}/>O\ {o} caminho mais pratico e mais facil de |  
 se conhecer a Cristo, é ouvir a sua Igreja, que |  
 é a Catolica, Apostolica, Romana. Se não se |  
 quer admitir esta verdade, ou se se quer visi- |  
 15 fica-la, não [é] com interpretações mutiladas, |  
 com trechos isolados da Biblia que havemos |  
 de o conseguir. É preciso um olhar de |  
 conjunto, do todo. Só com uma ideia |  
 20 clara sobre o essencial, poderemos |  
 comentar e compreender o secundario. |  
 Sobre este assunto voltarei a con- |  
 versar com você na minha pro- |  
 xima carta. Vamos devagar[zinho]. {C}/>P\ara |  
 não cansar. |  
 25 9-11-941. |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.
2. Na linha 1, as abreviaturas Ep. e S. se desdobram como ‘Epístola’ e ‘São’.
3. Na linha 7, a abreviatura N. T. se desdobra como ‘Novo Testamento’.



Meu amigo:

130  
 Promessa é dívida. Na minha carta anterior fiquei lhe devendo uma outra carta para tratar do assunto de nosso interesse: a Igreja de Cristo. Vamos a ele. Falei-lhe que é preciso um olhar de conjunto para compreendermos o essencial, sem o que não é possível comentarmos e compreendermos o secundário. Na construção de toda obra; em toda construção de ordem material, intelectual ou espiritual, ha as grandes linhas, as linhas mestras, os pontos principaes, apoiado nos quaes ou segundo os quaes, tudo mais é ordenado. Procurando nos evangelhos, as linhas mestras, os pontos essenciaes da Igreja de Cristo, temos que destacar os seguintes: "Ide e pregae a todos os povos":  
 1º Universalidade: "Unidade de culto e de fé"  
 2º Autoridade: "Aqueles a quem perdoardes os peccados, elles perdoardes"  
 3º Unida de culto e de Fé:.....

Meu amigo: |  
 [P 36] |  
 Promessa é dívida. Na minha carta |  
 anterior, fiquei lhe devendo uma outra |  
 5 carta para tratar do{s} assunto de nosso in- |  
 teresse: – a Igreja de Cristo. Vamos a ele. |  
 Falei[-] {que}/>lhe\ que é preciso um olhar de |  
 conjunto para compreendermos o essen- |  
 cial, sem o que não é possível comentar- |  
 10 mos e compreendermos o secundario. |  
 Na construção de toda a obra; {†}/>em\ toda |  
 construção de ordem material, intelectua{-}/>l\ |  
 ou espiritual, ha as grandes linhas, as |  
 linhas mestras, os pontos principaes, |  
 15 apoiado nos quaes ou segundo os quaes, |  
 {todos}, tudo mais é ordenado. Procurando nos |  
 evangelhos, as linhas mestras, os pontos es- |  
 senciaes da Igreja de Cristo, temos que {†}/>ano-\ |  
 tar os seguintes: |  
 20 1º Universalidade.: {Unidade de culto e de}/[↑]"Ide e pregae a todos os povos." |  
 2º {Unidade: de culto e de fé}/>Autoridade: "A\queles a quem perdoardes |  
 [↓os peccados, seraõ perdoados....] ..... |  
 3º Unida de culto e de Fé:..... |

Notas do editor:  
 1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.

37

Aí estão, meu amigo, as linhas mestras, os  
 pontos essenciaes da Igreja de Cristo.  
 É universal; tem um só rebanho,  
 uma só batismo, uma só fé;  
 tem autoridade para perdoar peccados,  
 etc. Qualquer igreja na qual  
 falte qualquer destes pontos, pode ser  
 tudo, menos a Igreja de Cristo.

[P 37] |

Aí estão, meu amigo, as linhas mestras, os |  
 pontos essenciaes da Igreja de Cristo: |

- 5 um{a} só batismo, uma só fé; |  
 tem autoridade para perdoar pecca- |  
 dos, etc. Qualquer igreja na qual |  
 falte qualquer destes pontos, pode ser |  
 tudo, menos a Igreja de Cristo. |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

a) (1) Voltamos ao começo: você diz que Cristo  
 prometeu ~~pel~~ salvação a quem crê. <sup>que Cristo</sup> ~~Vejamos.~~  
 Se todo o Novo Test. fosse só aquele versículo, <sup>depois</sup> ~~Maria~~  
 teria razão. Mas há outros, muitos outros. É preciso  
 ler a todos e sintetizá-los para poder se formar um juí-  
 zo de conjunto. De você fizesse assim compreenderia:  
 1º que Cristo prometeu a salvação ao que crê; 2º  
<sup>condicionou-a</sup> ~~Quando o moço rico perguntou~~  
 a Cristo que é que era preciso para se salvar, que  
 é que a Mestre respondeu? Que bastava ter fé?  
 Não! Respondeu que cumprisse os mandamen-  
 tos. É claro que, para o que não crê, os manda-  
 mentos não têm importância nenhuma. Logo é  
 necessário, antes de tudo, a fé, porque sem esta  
 não pode haver respeito aos mandamentos, e  
 sem cumprir os mandamentos não pode haver  
 salvação. Portanto a fé é condição primordial.  
 Portanto, <sup>primordial, sim. Única, não.</sup> ~~Maria~~ não basta ter fé. É preciso  
 cumprir os mandamentos. ~~Maria: fazer isto~~  
~~com obediência a Igreja. Quando os seus discípulos~~  
~~que eram, naqueles dias, toda a Igreja nacente (Igreja meo), disse-lhes: "O que a vós despresas,~~  
~~que a mim ou a vós despresas, a mim despresas; e quem me despresas,~~  
~~que a quem me despresas?"~~ <sup>Lucas X, 16</sup> ~~Lucas~~ <sup>que a vós despresas,</sup> ~~você está errado, não se pode~~  
~~falar de Cristianismo, compreendê-lo, ter certeza~~  
~~dele, com interpretação individuais de versi-~~  
~~culos isolados. É preciso lembrar de muitos,~~  
~~de todos, num esforço de síntese.~~

[P 38] a) [\***(35, L 7)** (1) ] Voltemos ao começo: você diz que Cristo |  
 prometeu {pel}/>a salvação a quem crê. [↑E que você crê, logo esta S.] Vejamos. |  
 Se todo o {E}/>N\ovo Test. fosse só aquele versículo, {vos}/>você\ |  
 teria razão. Mas há outros, muitos outros. E´ preciso |  
 5 ler a todos e sintetisa[1-][↑os] para poder se formar um jui- |  
 zo de conjunto. {V}/>S\e você fizesse assim compreenderia: |  
 1º que Cristo prometeu a salvação ao que crê; 2º |  
 [↑porem] Condicionou-a. Quando o moço rico perguntou |  
 a Cristo que é que era preciso para se salvar, que |  
 10 é que o Mestre respondeu? Que bastava ter fé? |  
 Não! Respondeu que cumprisse os mandamen- |  
 tos. E´ claro que, para o que não crê, os manda- |  
 mentos não têm importancia nenhuma. Logo, [↑pª S.] é |  
 necessário, antes de tudo, a fé, porque sem esta |  
 15 não pode haver respeito aos mandamentos, e |  
 sem cumprir os mandamentos não pode haver |  
 salvação. Portanto a fé é condição primordial. |  
 {Portanto,} {{meu amigo,}/>Mas\ não basta ter fé.}/[↑Primordial, sim. Única, não.]\ |  
 [\***(39, L 19)** (2) ] E´ preciso |  
 cumprir os mandamentos. {E {†}}/>Mais\: fazer isto |  
 20 com obediencia a Igreja. {porque mostro}/[↑Com efeito, falando aos seus dicipulos] |  
 {frente dos evangelhos Jesus diz:}/[↑que eram, naqueles dias, toda sua Igreja nacente  
 (clesiam meo), disse-lhes:]"O que a vó{z}/>s\ ouve [↓a mim ouve; o que a vós despresas,  
 a mim despresas; a quem me despresas, despresas. |  
 Aquele q. me enviou! [↓(Lucas X, 16)]. {(2) Como você está vendo, não se pode |  
 falar de Cristianismo, compreendel{o}/>-o, ter certeza |  
 25 dele, com interpretação individuais de versi- |  
 culos isolados. E´ preciso lembrar de muitos, |  
 de todos, num esforço de síntese. |

- Notas do editor:
1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
  2. Na linha 2, a abreviatura S. se desdobra como 'Salvo'.
  3. Na linha 3, a abreviatura Test. se desdobra como 'Testamento'.
  4. Na linha 13, as abreviaturas pª S. se desdobram como 'para Salvação'.
  5. Na linha 22, a abreviatura q. se desdobra como 'que'.

39

Mas agora permita que lhe pergunte: você  
 cumpre rigorosamente todos os mandamentos?  
 E faz isto obedecendo a Igreja de Cristo?  
 A experiência não lhe acusa de nenhuma fal-  
 ta? Não falta de humildade, nem de carida-  
 de, nem de obediência? E tem toda certeza que sua  
 opinião está certa? <sup>que não há</sup> Não haverá orgulho, falta  
 de humildade, arrogância, ou sua afirmação de  
 que está salvo? Você seria capaz de atirar  
 a primeira pedra? <sup>(1)</sup> Se depois de você me-  
 ditar sobre todas estas perguntas, em alguma  
 afirmar: "estou salvo", eu não sei o que devo  
 dizer-lhe: se o admiro e invejo ou se o  
 lastimo; porque estarei diante de um santo  
 perfeito, perfeitíssimo, <sup>cuja consciência não tem de que se acusar;</sup> ou diante de um  
 orgulhoso fanático e cego <sup>que</sup> poderá ser a  
 desgraça de uma alma e nunca <sup>verá</sup> a salvação.

(1) Ainda no Evangelho de S. Marcos, quem diz: "... se vos  
 não perdoardes (as ofensas de alguém), também vossa Pa, que  
 está no ceo, vos não perdoará vossos pecados". Está vendo,  
 meu amigo, você pode está cheio de fé, se não perdoar as  
 ofensas que lhe fizeram no terra, e em toda sua fé, direito  
 ao ceo. Porque? Porque não perdoando, desobedeceu o segundo  
 mandamento. Ao moço rico Jesus respondeu {que}/>vae\, para conseguir a Salvação...

[P 39] |

Mas agora permita {1}/>q\ue lhe pergunte: você |  
 cumpre rigorosamente todos os mandamentos? |  
 E faz isto obedecendo a Igreja de Cristo? |

- 5 A consciencia não lhe acusa de nenhuma fal- |  
 ta? Nem falta de humildade, nem de carida- |  
 de, nem [de] obediencia? E tem toda certeza que sua |  
 opiniaõ está certa? [<sup>↑</sup>Que sua ceita ou {Igreja} sua opiniaõ é a I. de C.?] Não haverá orgulho,  
 falta |  
 de humild[a]de, {t}/>p\resunçaõ, {su}/>na\ sua afirmaçaõ de |  
 10 que está salvo? Você seria capaz de atirar |  
 a primeira pedra? **[(40, L 1) (3)]** Se depois de você me- |  
 ditar sobre todas estas perguntas, continuar |  
 a afirmar q.: "est {ou}/>á\ salvo", eu não sei o que devo |  
 dizer-lhe: se o admiro {e o invejo} ou se o |  
 15 lastimo; porque estarei diante de um santo |  
 perfeito, perfeitissimo, [<sup>↑</sup>cuja consciencia não tem de que se acusar;] ou diante de um |  
 orgulho fanatico e cego [que] poderá ser a |  
 20 desgraça de uma alma e {não}/>nunca\ a [<sup>↑</sup>sua] salvaçaõ. |

- [(38, L 18) (2)]** Ainda no Evangelho de S. Marcos, quem diz: "... se vos |  
 não perdoardes (as ofensas de alguém), tambem vosso Pae, que |  
 20 está nos ceos, vos não perdoará vossos pecados". Está vendo, |  
 meu amigo, você pode está cheio de fé, se não perdoar as |  
 ofensas que lhe fizeram, não terá, com toda sua fé, direito |  
 ao ceo. Porque? Porque não perdoando, desobedeceu o segundo |  
 25 mandamento. Ao moço rico Jesus respondeu {que}/>vae\, para conseguir a Salvaçaõ... |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.
2. Na linha 8, as abreviaturas I. e C. se desdobram como 'Igreja' e 'Cristo'.
3. Na linha 13, a abreviatura q. se desdobra como 'que'.
4. Na linha 19, a abreviatura S. se desdobra como 'São'.

40  
 (3) Você que vê em cada batina um símbo-  
 lo do diabo, segundo as lições do seu Ernesto de  
 Oliveira, seria capaz de renunciar os preconceitos  
 diabolicos e amar o portador da batina? por  
~~terá santidade capaz de, renunciando, as sabedorias~~  
 das interpretações de Ernesto Oliveira, que julga  
 o Papa tachando-o de Anti-Cristo, amar o Pa-  
 pa? Amal-o realmente, verdadeiramente, de cora  
 ção? Não? Então faltaria com a caridade,  
 pecaria contra o 2º mandamento. E São  
 Paulo, que disse, "estando" justificadas pela  
 fé, tenhamos paz com Deus, por Nosso Senhor  
 Não? Então faltaria com a caridade. E  
 São Paulo, que fala em "justificação pela fé",  
 "justificat pelo sangue de Jesus, a pecadora,  
 "Se eu tiver uma fé capaz de transportar mon-  
 tanhas e não possuir a caridade, nada sou."  
 E S. Tiago, clarissimo: "Vêdes que o homem é justi-

[P 40] |

- [\*(39, L 11) (3) ] Você que vê em cada batina um símbo- |  
 lo do diabo, segundo as lições do seu Ernesto de |  
 Oliveira, seria capaz de renunciar os preconceitos |  
 5 diabolicos e amar o portador da batina? {F Você |  
 {Terá}/>Será\ {santidade} capaz de, renunciando{,} as sabedorias |  
 das interpretações de Ernesto Oliveira, que julga |  
 o Papa, tachando-o de Anti-Cristo, amar o Pa- |  
 pa? Amal-o realmente, verdadeiramente, de cora |  
 10 ção? Não? Então faltaria com a caridade, |  
 pecaria contra O 2º mandamento. E São |  
 Paulo, que disse, {"estando"} justificada[s] pela |  
 fé, tenhamos paz com Deus, por Nosso Senhor F} |  
 Não? Então faltaria com a caridade. E |  
 15 São Paulo, que fala em {"}justificação pela fé", |  
 "justificação pelo sangue de Jesus, afirmo, |  
 "Se eu tiver uma fé capaz de transportar mon- |  
 tanhas e não possuir a caridade, nada sou." |  
 E S. Tiago, clarissimo: "Vêdes que o homem é justi-

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Nas linhas 3 a 13, o fragmento de texto foi cancelado por riscos verticais com ondulações, feitos com tinta preta, apresentando um total de 6 riscos.
3. Na linha 19, a abreviatura S. se desdobra como 'São'.

## Rascunho de carta 5 - Eudaldo amigo: Saudações / Na minha primeira cronica sobre o livro do Snr. Basilio

p. 41

Eudaldo amigo: Snr. 41

Na minha primeira cronica sobre o livro do Sr. Basilio, a qual voce ainda não leu, [↑digo-lhe,] entre outras cousas, {lhe digo} o seguinte: - "Sempre que leio um destes livros, (protestantes), entristece-me a ausencia de serenidade e humildade cristãs, que aprendi a conhecer e amar nos livros catolicos. Não digo que não haja livros protestantes serenos e humildes. Posso lhe afirmar, entretanto, que nunca tive a sorte de os encontrar." Agora que acabo de ler o livro de Giovanni Rostagno, dou graças a Deus pela minha prudencia quando disse não afirmar {que não} {ex}/>a\ |

Porque este livro de Giovanni Rostagno, [meu] [↑amigo,] está todo cheio desta "serenidade e humildade [cristãs] que aprendi a conhecer e amar nos livros catolicos." Entre a remessa que você [me] [↑fez] do livro do Snr. Basilio e do livro de Giovanni, há apenas um espaço de 3 meses. Mas entre os dois livros, meu amigo, que distancia imensuravel! Que abismo! Naquele a vaedade, a presunção, [o] [↑pedantismo, a chacota] o odio, o orgulho, [↑{a chacota,}] a malicia, Lutero. Neste, Jesus! Aquele, é um pasquim; {de um} {fanatico vulgar}; este é uma prece; naquele, um fanatico vulgar; neste, um Cristão; naquele, minh'alma vio um inimigo; neste, encontrou um irmão.

- Eudaldo amigo: /\*Saudações/ [P 41] |  
 Na minha primeira cronica sobre o livro do |  
 Snr. Basilio, a qual você ainda não leu, [↑digo-lhe,] entre ou- |  
 tras cousas, {lhe digo} o seguinte: - "Sempre que leio |  
 5 um destes livros, (protestantes), entristece-me a ausencia |  
 de serenidade e humildade cristãs, que aprendi a |  
 conhecer e amar nos livros catolicos. Não digo que |  
 não haja livros protestantes serenos e humildes. Posso |  
 lhe afirmar, entretanto, que nunca tive a sorte de |  
 10 os encontrar." Agora que acabo de ler o livro de |  
 Giovanni Rostagno, dou graças a Deus pela minha |  
 prudencia quando disse não afirmar {que não} {ex}/>a\ |  
 inexistencia de livros protestantes serenos e humildes. |  
 Porque este livro de Giovanni Rostagno, [meu] [↑amigo,] está todo |  
 15 cheio desta "serenidade e humildade [cristãs] que aprendi a co- |  
 nhecer e amar nos livros catolicos." Entre a remes- |  
 sa que você [me] [↑fez] do livro do Snr. Basilio e do livro |  
 de Giovanni, há apenas um espaço de 3 meses. Mas |  
 entre os dois livros, meu amigo, que distancia |  
 20 imensuravel! Que abismo! Naquele a vaedade, |  
 a presunção, [o] [↑pedantismo, a chacota] o odio, o orgulho, [↑{a chacota,}] a malicia, Lutero. |  
 Neste, Jesus! Aquele, é um pasquim; {de um} |  
 {fanatico vulgar}; este é uma prece; naquele, um |  
 fanatico vulgar; neste, um Cristão; naquele |  
 25 minh'alma vio um inimigo; neste, encontrou um irmão. |

## Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.
2. Na linha 2, há uma rasura na letra "E" em Eudaldo, que parece o início de uma letra "A" maiúscula.
3. Na linha 24, a letra "f" de fanatico foi acesa com tinta preta.
4. Nas linhas 3 e 17, a abreviatura Snr. se desdobra como 'Senhor'.

42  
 naquella, um protestante; neste, um catolico.  
 Giovanni esta muitissimo mais proximo de Ro-  
 ma do que de Lutero. Pela serenidade de sua lin-  
 guagem; pela humildade de seu espirito e até,  
 pela doutrina que defende, <sup>de que se trata o meu proximo de Roma de</sup> defende doutrina <sup>genuinamente</sup> catolica. Um dos maiores absur-  
 dos do Protestantismo é, <sup>nao</sup> a doutrina da predes-  
 tinaçã. A Igreja Catolica afirma que Deus quer,  
 para a salvaçã de nossa alma, a nossa colabo-  
 raçã, a colaboraçã de nossa vontade. E é esta  
 doutrina que Giovanni defende, á pag. 56 do seu oti-  
 mo livrinho: — “Ele [Deus] quer que [a] alma se lho entre-  
 gue voluntariamente.” (O [grifo] [parenteses e o grifo] [é] saõ meus) **F** Muito bem! Es-  
 te sim, é um livro digno de [ser] lido e meditado. Mas,  
 o outro, meu {caro,} Euda [Ido,] que tristesa! |  
 Na minha estante e no meu coraçã, ha um lugar |  
 de {alto de} destaque para os bons livros catolicos. O livro- |  
 di Giovanni, meu amigo, será colocado entre estes. Repito-lhe, |  
 por isto, muito satisfeito, o muito obrigado, do |  
 seu |  
 [Eulalio.] |  
 18-11-941 F |  
 No capitulo VI, defende um principio catolico; o que |  
 a Igreja chama “Contriçã perfeita”, e aconselha como ne- |  
 cessario á salvaçã. A Igreja, que ensina a doutrina |  
 verdadeira {q} de que naõ basta a fé, prega a necessidade

pen  
 Eulalio  
 18-11-941

No capitulo VI, defende um principio catolico; e que  
 a Igreja chama “Contriçã perfeita”, e aconselha como ne-  
 cessario á salvaçã. A Igreja, que ensina a doutrina  
 verdadeira de que naõ basta a fé, prega a necessidade

[P 42] |

{naquella, um protestante; neste, um catolico.} |

Giovanni esta muitissimo mais proximo de Ro-  
ma do que de Lutero. Pela serenidade de sua lin-5 guagem; pela humildade de seu espirito e, até,  
pela doutrina que [ele] defende {./}/>, \ {Defende Doutrina}/[↑está muitissimo mais proximo de  
Roma] [↑↑do que de] Lutero. \ |{genuinamente catolica.} Um dos maiores absur-  
dos do Protestantismo é[,] [↑ao meu ver,] a doutrina da predes-10 tinaçã. A Igreja Catolica afirma que Deus quer,  
para a salvaçã de nossa alma, a nossa {cl}/>coo\pe-  
raçã, a colaboraçã de nossa vontade. E é esta |

Doutrina que Giovanni defende, á pag. 56 do seu oti-

mo livrinho: — “Ele [↑(Deus)] quer que [a] alma se lho entr-

15 gue voluntariamente.” (O {grifo}/[↑parenteses e o grifo] \ {é}/>saõ\ meus) {F Muito bem! Es-  
te, sim, é um livro digno de {↑}/>ser\ lido e meditado. Mas, |

o outro, meu {caro,}/&gt;Euda\ [↑Ido,] que tristesa! |

Na minha estante e no meu coraçã, ha um lugar |

de {alto de} destaque para os bons livros catolicos. O livro- |

20 di Giovanni, meu amigo, será colocado entre estes. Repito-lhe, |  
por isto, muito satisfeito, o muito obrigado, do |

seu |

[Eulalio.] |

18-11-941 F} |

No capitulo VI, defende um principio catolico; o que |

25 a Igreja chama “Contriçã perfeita”, e aconselha como ne- |  
cessario á salvaçã. A Igreja, que ensina a doutrina |  
verdadeira {q}/>d\ e que naõ basta a fé, prega a necessidade |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.

2. Nas linhas 6 e 7, o fragmento de texto foi cancelado por um risco horizontal (linha) feito com tinta preta.

3. Nas linhas 16 a 23, o fragmento de texto foi cancelado por riscos verticais com ondulações, feitos com tinta preta, apresentando um total de 9 riscos.

43

desta contrição. Giovanni que, em principio, é catolico, |  
 prega a mesma cousa F: – "Temos fé; mas não bastante" – {†}/>Diz\}:- |  
 tulo XLVI, pagina 99. Deviria ter dito: "Temos fé; mas não basta-  
 ter fé." Porque quem a tem bastante? Ninguém, ninguém, ninguém.  
 Por fé bastante ninguém chegaria ao ceo. O Novo Testamento  
 do nosso "Senhor Deus." É assim por deante.  
 Salvo algum lapso de leitura, creio que po-  
 deria afirmar não haver neste livro uma  
 unica pagina que ~~se~~ seja digna da as-  
 sinatura de um catolico. Não sei se você  
 já terá lido o celeberrimo livrinho do Padre  
 Thomaz de Kempis: "Imitação de Cristo." Eu não  
 conheço todos os livros do mundo. Nem eu nem  
 ninguém. Mas me parece que se algum ~~o~~ conhe-  
 cesse poderia dizer isto que eu tenho dito: Nunca  
 uma humana escreveu ~~livro~~ <sup>melhor</sup> do que  
 "Imitação de Cristo." <sup>o livro sagrado, é o maior livro do mundo</sup> O livrinho de Giovanni tem  
 traços do "Imitação." Gostaria que você lesse  
 este livro. Oportunamente lhe mandarei um;  
 mas a mando ~~de~~ porque se tenho um  
 exemplar e deste não me aparto porque é meu  
 livro predileto de <sup>leitura e</sup> meditações. {diarias.} Tenho toda  
 certeza de que você gostará imensamente des {s}/>t\ e li-  
 vrinho admiravel. Aguarde. |  
 Receba, com mais um muito obrigado, um abraço do |  
 25-11-941. [Eulalio.] |  
 Prof. Eulalio

[P 43] |

desta contrição. {F Giovanni, que, em principio, é catolico, |  
 prega a mesma cousa F}: – "Temos fé; mas não o bastante" – {†}/>Diz\}:- |  
 diz Giovanni, no capi- |

- 5 tulo XLVI, pagina 99. Deviria ter dito: "Temos fé; mas não basta { }" |  
 {ter fé.} {F Porque quem a tem bastante? Ninguém, ninguém, ninguém. |  
 Por fé bastante ninguém chegaria ao ceo. O Novo Testamento |  
 está cheio F} O Capitulo XVI é uma expressã |  
 do nosso "{N}/>S\enhora Deus". E assim por deante. |
- 10 Salvo algum lapso de leitura, creio que po- |  
 deria afirmar não haver neste livro uma |  
 unica pagina que {s}/>nao\ seja digna da as- |  
 sinatura de um catolico. Não sei se você |  
 já terá livro o celeberrimo livrinho do Padre |
- 15 Thomaz de Kempis: "Imitação de Cristo." Eu não |  
 conheço todos os livros do mundo. Nem eu nem |  
 ninguém. Mas me parece que se {os}/>al\guem os conhe- |  
 cesse poderia dizer isto que eu tenho dito: Nunca |  
 maõ humana escreveu {melhor}/>livro\ melhor do que |
- 20 "Imitação de Cristo." [↑Depois do livro sagrado, é o maior livro do mundo.] O livrinho de Giovanni  
 tem |  
 traços do "Imitação". Gostaria que você lesse |  
 este livro. Oportunamente lhe mandarei um; |  
 {s}/>nao\ o mando {dessa}/>logo\, porque só tenho um |  
 exemplar e deste não me aparto porque é meu |
- 25 livro predileto de [↑leitura e] meditações[.] {diarias.} Tenho toda |  
 certeza de que Você gostará imensamente des {s}/>t\ e li- |  
 vrinho admiravel. Aguarde. |  
 Receba, com mais um muito obrigado, um abraço do |  
 25-11-941. [Eulalio.] |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.
2. Nas linhas 2 e 3, o fragmento de texto foi cancelado por riscos horizontais (linhas) feitos com tinta preta.



3. Nas linhas 6 a 8, o fragmento de texto foi cancelado por riscos verticais com ondulações, feitos com tinta preta, apresentando um total de 8 riscos.
4. Na linha 9, na palavra “deante”, há uma rasura em cima da letra “e”.

Rascunho de carta 6 - Eudaldo amigo Salutem! / Ausente, em trabalhos na Fazenda

48 Eudaldo amigo  
Salutem!

Ausente, em trabalhos na Fazenda e em  
 viagem a "Miguel Calmon" encontroi, ao che-  
 gar, mais dois livros que me vêm de sua  
 lembrança amiga.

Apresso-me em lhe fazer esta, para receber  
 o recebimento dos mesmos e agradecer-lh'os, pre-  
 venindo-lhe, ao mesmo tempo, que demorei a  
 lê-los; porque estou, no momento, com leituras  
 que não podem ser interrompidas, e que serão  
 numerosas. É pena que você esteja fora do re-  
 banho; não fôra isto, nossos livros seriam  
 sempre os mesmos, nossas leituras coinci-  
 diriam sempre. Mas Deus escreve certo por li-  
 nhas tortas. Também eu vivi muito tempo  
 fora do rebanho, e muito mais longe  
 dele do que você, atualmente. E hoje vejo  
 que não foram inúteis os meus erros,  
 as minhas loucuras. Se eu não tivesse  
 vivido no mal, não poderia ter um  
 juízo sensato sobre o Bem. Estou sa-  
 tisfeito. Quase feliz. Não posso elimi-  
 nar este quase; porque minha fraque-  
 za humana é uma força contra mi-

[P 48] Eudaldo Amigo |

Salutem! |Ausente, em trabalhos na Fazenda e em |  
 viagem a "Miguel Calmon", encontroi, ao che- |  
 5 gar, mais dois livros que me vêm de sua |  
 lembrança amiga. |Apresso-me em lhe fazer esta, para acusar |  
 o recebimento dos mesmos e agradecer-lh'os, pre- |  
 venindo-lhe, ao mesmo tempo, que demorei a |  
 10 lê-los; porque estou, no momento, com leituras |  
 que não {s}/>d\evem ser interrompidas, e que serão |  
 demoradas. É pena que Você esteja fora do re- |  
 banho; não fôra isto, nossos livros seriam |  
 sempre os mesmos, nossas leituras coincidi- |  
 15 riam sempre. Mas Deus escreve certo por li- |  
 nhas tortas. Também eu vivi muito tempo |  
 fora do rebanho, e muito mais longe |  
 dele do que Você, atualmente. E hoje vejo |  
 que {f}/>não\ foram inúteis os meus erros, |  
 20 as minhas loucuras. Se eu não tivesse |  
 vivido no mal, não poderia ter um |  
 juízo sensato sobre o Bem. Estou sa- |  
 tisfeito. Quase feliz. Não posso elimi- |  
 nar este quase; porque minha fraque- |  
 25 za humana é uma força contra mi- |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.

49

outras boas intenções, contra o meu proposito de  
 não ofender a Deus; constantemente O ofendo,  
 porque constantemente peço. E cada um pe-  
 cado que cometo é uma bofetada que dou  
 na face d'Aquela que sofreu e morreu  
 por mim. Não cáio, porém,  
 em desespero porque conheço a misericórdia  
 divina. Deus está no mundo para me compreen-  
 der, perdoar, aconselhar e punsar as minhas feridas,  
 as feridas de minha alma, abertas em cada peca-  
 do. Sim, Deus está aqui no mundo, na sua Igreja,  
 por meio da qual me perdôa e me consola.  
 A aqueles a quem Ele entregou [↑a] sua Igreja, disse:  
 "Aqueles a quem perdoardes os pecados, serão perdoados;  
 aqueles a quem [↑os] retiverdes, serão retidos."  
 Nas minhas horas de tristeza, nos meus  
 momentos de treva, que são os dolorosos dias  
 de minhas quedas, Ela, sua Igreja, que é  
 Ele, mistico, me recebe e me perdôa, me  
 consola e me eleva. Quanto mais me  
 aproximo d'Elle, tanto mais amor sinto por  
 Elle. Porque ela me ensina a conhecê-lo cada  
 vez mais; e quanto mais o conheço, mais O ado-  
 ro.

[P 49]

nhas boas intenções, contra o meu proposito de |  
 não ofender a Deus; constantemente O ofendo, |  
 porque constantemente peço. E cada um pe- |  
 5 cado que cometo, é uma bofetada que dou |  
 na face d'Aquela que sofreu e morreu |  
 por {amor}/>{†}\ de mim. Não{,} cáio, porém, |  
 em desespero porque conheço a misericórdia |  
 divina. Deus está no mundo para me compreen- |  
 10 der, perdoar, aconselhar e punsar as minhas feridas, |  
 as feridas de minha alma, abertas em cada peca- |  
 do. Sim, Deus está aqui no mundo, na sua Igreja, |  
 por meio da qual me perdôa e me consola. |  
 A aqueles a quem {e}/>E\le entregou [↑a] sua Igreja, disse: |  
 15 "Aqueles a quem perdoardes os pecados, serão perdoados; |  
 aqueles a quem [↑os] retiverdes, serão retidos." |  
 Nas minhas horas de tristeza, nos meus |  
 momentos de treva, que são os dolorosos dias |  
 de minhas quedas, Ela, sua Igreja, que é |  
 20 Ele, mistico, me recebe e me perdôa, me |  
 consola e me eleva. Quanto mais me |  
 aproximo{e}/>o\ d'Elle, tanto mais amor sinto por |  
 Ele. Porque ela me ensina a conhecê-lo cada |  
 25 vez mais; e quanto mais o conheço, mais O ado- |  
 ro. |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

50

Ele disse que aqueles que não escutam  
~~sua~~ Igreja, sejam considerados pagãos.  
 É quanto mais escuto sua Igreja, mais  
 fico sem compreender como se possa  
 amar a Jesus odiando a "Igreja Católica".  
 Porque esta é a única Igreja que mem-  
 tui nas minhas leituras e meditações do  
 Novo Testamento. Leio-o sempre. É o meu  
 livro de cabeceira. É, quanto mais o  
 lio, mais me entusiasmo e me apaixo-  
 no pela Igreja Católica, Apostólica, Ro-  
 mana. Neste momento se pulso de amor  
 por minha Igreja; neste instante se har-  
 monias interiores, penso, às vezes, em você, e  
 me lembro de muitas pessoas amigas que  
 vivem fora da Igreja e, muitas vezes, con-  
 tra a Igreja. E sinto e lastimo a ausência  
 de vocês. Muitos, certamente, voltará ao a-  
 prisco. Mas é certo, também, que endureci-  
 dos no erro, muitos ficarão, obstinada-  
 mente, até à morte, fora da Igreja do Senhor.  
 Peço a Deus de todo coração, que entre aqueles,  
 e não entre estes, esteja Você.

Receba, meu caro, com mais um agradecimento,  
 mais um abraço de Eulálio Motta. 14-12-941.

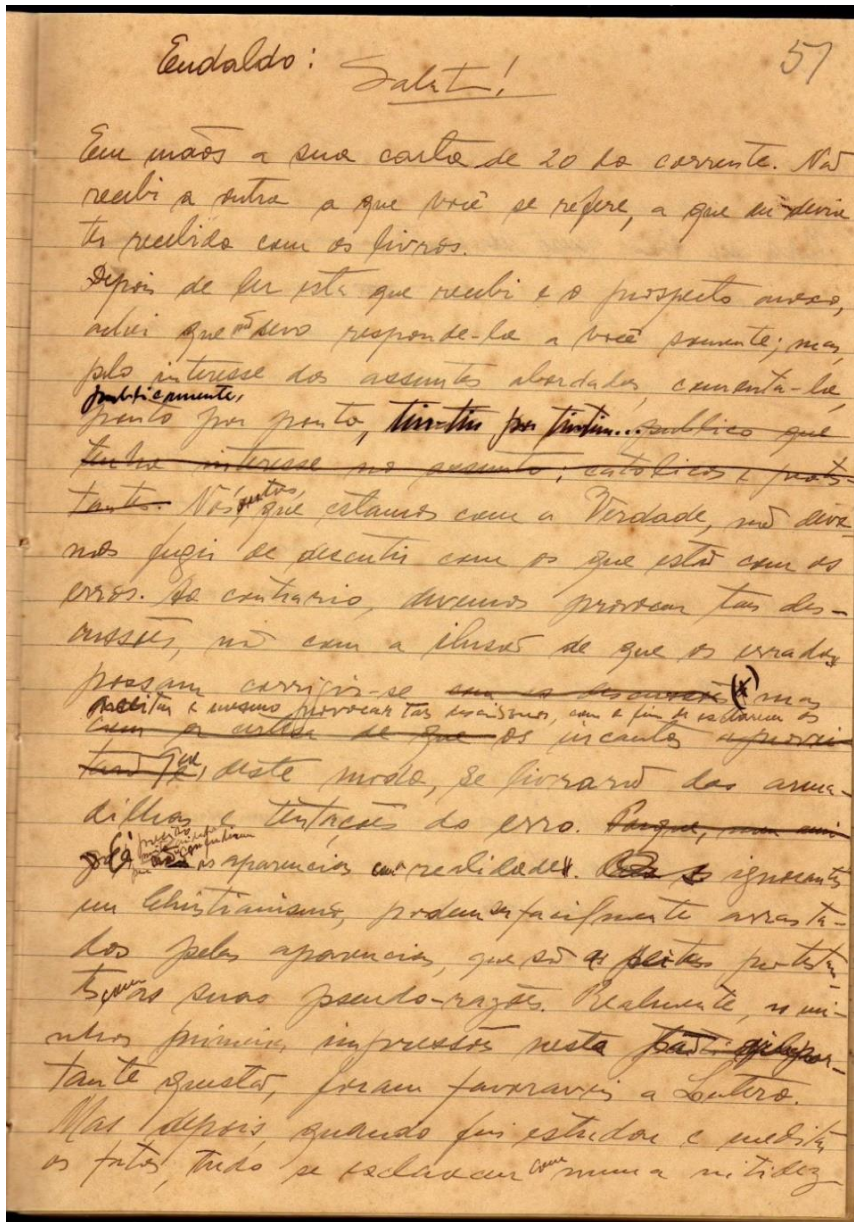
[P 50] |

Ele disse que aqueles que não escutam |  
 {{{}}/[↑sua] Igreja, sejam considerados pagãos. |  
 E quanto mais escuto sua Igreja, mais |  
 5 fico sem compreender como se pôssa |  
 amar a Jesus odiando a "Igreja Católica". |  
 Porque esta é a única Igreja que encon- |  
 trei nas minhas leituras e meditações do |  
 Novo Testamento. Leio-o sempre. É o meu |  
 10 livro de cabeceira. E, quanto mais o |  
 leio, mais me entusiasmo e me apaixo- |  
 no pela Igreja Católica, Apostólica, Ro- |  
 mana. Nestes momentos de enlevo, de amor |  
 por minha Igreja; neste instante de hor- |  
 15 monios interiores, penso, às vezes, em você, e |  
 me lembro de muitas pessoas amigas que |  
 vivem fora da Igreja, e, muitas vezes, con- |  
 tra a Igreja. E sinto e lastimo a ausencia |  
 de vocês. Muitos, certamente, voltará ao a- |  
 20 prisco. Mas é certo, também, que, endureci- |  
 dos no erro, muitos ficarão, obstinada- |  
 mente, até á morte, fora da Igreja do Senhor. |  
 Peço a Deus[↓,] de todo coração, que entre aqueles, |  
 e não entre estes, esteja Você. |  
 25 Receba, meu caro, com mais um agradecimento, |  
 mais um abraço do [Eulálio Motta.] |  
 14-12-941. |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Na linha 3, o cancelamento “{{{}}” foi feito com um borrão.

Rascunho de carta 7 - Eudaldo: Salutem! | Em mãos a sua carta de 20 do corrente



Eudaldo: [P 51] |  
Salutem! |  
 Em mãos a sua carta de 20 do corrente. Não |  
 recebi a outra a que você se refere, a que eu devia |  
 5 ter recebido com os livros. |  
 Depois de ler esta que recebi e o prospecto anexo, |  
 achei que [não] devo responde-la a você somente; mas |  
 pelo interesse dos assuntos abordados, comento-la, |  
 10 [ $\uparrow$ publicamente], ponto por ponto, { $\dagger$ }/>tin-tin por tin-tin... \ {F publico que |  
 tenha interesse no assunto; catolicos e protes- |  
 tantes. F} Nós, [ $\uparrow\{\dagger\}$ ]/>ou/tros,] que estamos com a Verdade, não deve- |  
 mos fugir de discutir com os que estão com os |  
 erros. Ao contrario, devemos provocar taes des- |  
 cussões, não com a ilusão de que os errados |  
 15 possam corrigir-se {com as discussões} [\***(52, L 17)** [ $\uparrow(x)$ ] ] mas |  
 {com a certeza de que} / [ $\uparrow\{\dagger\}$ ] />acei[ta]r e mesmo provocar taes discussões, com o fim de  
 esclarecer os] os incautos {provei-} |  
 {taraõ e} / [ $\uparrow$ que], deste modo, se livraraõ das arma- |  
 dilhas e tentações do erro. {Porque, meu ami-} |  
 {go} />E\ [ $\uparrow$ preciso] [ $\uparrow\uparrow$ muito cuidado] [ $\uparrow\uparrow$ para não se confundirem] {{ $\dagger$ }} as apparencias com  
 [a] realidade{s}. {Para os} />Os\ ignorantes |  
 20 em Christianismo, podem [ser] facilmente arrasta- |  
 dos pelas apparencias, que são {os protes} />as seitas\ protestan[ $\downarrow$ ] |  
 tes, [com] as suas pseudo-razões. Realmente, as mi- |  
 nhas primeiras impressões nest {a} />e\ {justi { $\dagger$ }} />tão impor- \ |  
 tante questaõ, foram favoraveis a Lutero. |  
 25 Mas depois, quando fui estudar e meditar |  
 os fatos, tudo se esclareceu [com] numa nitidez |

Notas do editor:  
 1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.  
 2. Há uma campanha de correção feita após o texto ser escrito, feita com uma tinta preta mais escura do que a utilizada inicialmente.

52

absoluta: e eu pude, graças a Deus, distin-  
guir as aparências da realidade.

Mas eu não quero que se interprete, porque o que  
quero dizer é apenas isto: - ~~que~~ sua carta será  
respondida, ponto por ponto, tin-tin por tin-tin.

Quanto à sua ironia sobre as minhas preten-  
sões materialistas do passado, não diga-me  
que você está chorando no molhado: porque  
eu mesmo as ridicularizo. Não precisa, portanto,  
que você se dê a este trabalho.

Receba, com mais um abraço, meus votos  
sinceros para que você tenha um belo Natal  
e um Ano Novo feliz.

Do seu amigo,  
Eulalio  
25-12-941.

+ (o erro <sup>luterano</sup> tapa os olhos, <sup>atrofia</sup> a int. e endureço o coração; é muitíssimo mais  
fácil evita-lo do que ~~participa-lo~~ <sup>participa-lo</sup>. Na minha luta de "Ação  
Católica" ~~nunca esqueço~~ <sup>sempre</sup> ter sempre presente esta ver-  
dade)

[P 52] |

absoluta: e eu pude, graças a Deus, distin-  
guir as aparências da realidade. |

{Quem se {†} nesta resposta}/>Mas eu não quero ser longo\ - {porque o que lhe} |

5 quero dizer é apenas isto: - {que} sua carta será |  
respondida, ponto por ponto, tin-tin por tin-tin. |

Quanto à sua ironia sobre as minhas preten-  
sões materialistas do passado, devo dizer-lhe |

que Você está chorando no molhado: porque |

10 eu mesmo as ridicularizo. Não precisa, portanto, |  
que Você se dê a este trabalho. |

Receba, com mais um abraço, {meu}/>os\, meus votos |  
sinceros para que Você tenha um belo Natal |  
e um Ano Novo feliz. |

15 Do seu |  
[Eulalio.] 25-12-941. |

[\*(51, L 15) X (o erro [↑luterano] tapa os olhos, [↑atrofia a int.] e endureço o coração; é  
muitíssimo mais |

facil evita-lo do que {†}/>ex\tirpa-lo. Na minha luta de "Ação |

20 Católica", {nunca es} que {cerei}/>ro\ ter sempre presente esta ver- |  
dade) \*(51, L 15)] |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Há uma campanha de correção feita após o texto ser escrito, feita com uma tinta preta mais escura do que a utilizada inicialmente.
3. Na linha 7, a abreviatura int. se desdobra como 'interpretação'.

## Rascunho de carta 8 - Eudaldo: Saludem | Em mãos a sua carta de 31 de dezembro

56 Eudaldo: Sal

Em mãos a sua carta de 31 de dezembro, em que  
 você, fazendo-se de psiquiatra, acusa-me de doente e faz  
 o diagnóstico; lastimo que você tenha esquecido de man-  
 dar-me a diagnóstico terapêutica.

Na carta em questão você se diz de sabio em Cristianis-  
 mo e me acusa de cego em tal assunto. Isto porque  
 frequentei um curso protestante de S. Paulo e em  
 S. Paulo quer contestar a sua afirmação quanto á minha  
 ignorancia, devo-lhe lembrar que S. Pedro, S. Paulo, S. João  
 Evangelista, S. Lucas, S. Jeronimo, Santo Inacio, S. Ambrosio,  
 S. Agostinho, etc., etc., etc., etc., etc., etc., tambem não frequen-  
 tarão o curso protestante de S. Paulo... "Aliás, meu  
 amigo, este presunço não é meu; é uma característica  
 de todo filho de Lutero. Tal arvore, tal fruto. E  
 Quem herda não furta. O mundo não conheceu ninguém  
 mais presunçoso e arrogante do que Lutero. Sua  
 carta está cheia deste espirito luterano: "Eu sei  
o assunto." Meu amigo: eu tenho, em minha  
 estante, escritores que sabem o assunto. Lendo  
 estes, e lendo a você, tenho a impressã  
 nitida de que leio os que sabem e o que  
pensa que sabe. A distancia daqueles para  
 você, a a mesma que deslumbro entre a

[P 56] Eu{1}/>d\aldo: Sal |

Em mãos a sua carta de 31 de dezembro, em que |  
 você, fazendo-se [de] psiquiatra, acusa-me de doente e faz |  
 o diagnóstico; lastimo que você tenha esquecido de man- |  
 5 dar-me {o}/>a\ {diagnostico.}/terapeutica.\ |

Na carta em questão você se diz de sabio em Cristianis- |  
 mo e me acusa de cego em tal assunto. Isto porque {V} |  
 frequentou um curso protestante de S. Paulo {de}/>e\ eu não. |

Sem querer contestar a sua afirmação quanto á minha |  
 10 ignorancia, devo-lhe lembrar que S. Pedro, S. Paulo, S. {Lu}/>Joaõ\{,} |  
 Evangelista, S. Lucas, S. Jeronimo, Santo Inacio, S. Ambrosio, |  
 S. Agostinho, etc., etc., etc., etc., etc., etc., tambem não frequen- |  
 tarão o curso protestante de S. Paulo...[\***(59, L 15)** [↑(1) ] Aliás, meu |

15 amigo, esta presunção não é sua; é uma característica |  
 de todo filho de Lutero. Tal arvore, tal fruto. {E} |  
 {q}/>Qquem herda não furta. O mundo não conheceu ninguém |  
 mais presunçoso e arrogante do que Lutero. Sua |  
 carta está cheia deste espirito luterano: "Eu sei |  
 20 o assunto." Meu amigo: eu tenho, em minha |  
 estante, escritores que sabem o assunto. Lendo |  
 estes, e lendo a você, tenho a impressã |  
 nitida de que{m} leio os que sabem e o que |  
pensa que sabe. {F A distancia daqueles para |  
 você {a}/>é\ a mesma que deslumbro entre a |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Na linha 1, a abreviatura Sal pode se desdobrar como 'Saludem' 'Saudação' ou 'Saudações'.
3. Na linha 7, a abreviatura V se desdobra como 'você'.
4. Nas linhas 8, 10, 11, e 13, as abreviaturas S. para: S. Pedro, S. Paulo, S. João Evangelista, S. Lucas, S. Jeronimo se desdobram como 'São'.
5. Nas linhas 11 e 12, as abreviaturas S. para: S. Ambrosio e S. Agostinho se desdobram como 'Santo'.
6. Na linha 23, o fragmento de texto foi cancelado por riscos horizontais (linhas) feitos com tinta preta. O cancelamento que se inicia nesta linha se encerra na linha 2 da página 57.

57

~~ciência e o charlatanismo. Leonel~~  
 Franca, [por] [↑ex.,] é um sabio {em}/>no {Cristianismo;}/[↑assunto;] {vo-}/>e |  
 {ce}/>você... Louvado seja Nosso Senhor Jesus  
 5 Christo!... Você é apenas alguém que se enche  
 de vento, bate nos peitos e arrôta: “Eu sei |  
o assunto!” Meu amigo: entre a sua sabedo- |  
 ria do assunto, e a sabedoria da Igreja Cato- |  
 10 lica sobre o mesmo assunto, escolhi a da  
 Igreja Católica. {Nela,}/>Na\ sabedoria da Igreja, |  
 {escuto}/>encontro a {lição}/[↑presença]\ serena de Jesus; na sua |  
 sabedoria, {escuto} a arrogancia presunço- |  
 sa de Lutero... Você é de minha idade; a |  
 15 Igreja Católica {é dos tempos dos apóstolos;}/[↑tem quase vinte seculos.]\ creio, |  
 pois, que tenho {mais} razão de confiar na sabe- |  
 doria d’Ela, {do que a sua} não tomando co- |  
 nhecimento da sua. Isto, meu amigo, não são palavras |  
 “xinga {to↑ta}/>torias\, catilnarias descabadas”{:}/>\ {isto é}/[↑São palavras de] sensatez. |  
 [↑de um ignorante que não se prega sabio] Você me aconselha aprender “da mansidaõ, da to- |  
 20 lerancia, do respeito ao pensamento alheio.” Tenho |  
 uma carta sua em que você fala sobre G. Barroso, |  
 com “u’a mansidaõ, uma tolerancia, um respeito,” bem |  
 interessantes... você está vendo cisco em meu olho |  
 e [se] esquecendo do seu... [Isto] {N}/>não é {de evangelico,}/>cristão,\ mas{...}/>\ [em] |  
 [↑compensa][↑çaõ] é |  
 25 [de um] luterano... |

Notas do editor:  
 1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.  
 2. Na linha 11, o risco na palavra “{lição}” e a palavra utilizada como elemento substituto na entrelinha superior “[↑presença]” foram feitas com lápis grafite.  
 3. Na linha 21, a abreviatura G. se desdobra como ‘Gustavo’, referente a Gustavo Barroso.



A não ser que você julgue xingatorias a  
 minha análise mostrando o farisismo |  
 de seu cristianismo. A constestação |  
 de {†} {†} |  
 5 fa {†} |  
 é fajutas. |  
 Se eu o chamasse de psico- |  
 pata com citação freudista, é |  
 quem estaria fazendo xingatorias. |  
 10 Mas não faço tal. |  
 [\***(59, L 18)** (2) ] [P 58] |  
 Você diz que não está disposto a “ler xingatorias”, sem |  
 revidar. Não tenha susto: {terei o cuidado de não}/[↑peço a Deus que não]\ |  
 me deix{ar}/>e\ levar para “xingatorias”; [↑{†,}/>presumo\ porque] quem tem a certe- |  
 15 sa de estar com a Verdade, não precisa lançar mão de |  
 tal expediente. {Nesta carta}/>Esta certesa\ eu a tenho; e porque a |  
 tenho, devo lhe dizer que a minha ignorancia |  
 não teme a sua sabedoria. Seus arrotados |  
 20 10 anos de estudos {sobre o assunto} não me |  
 amedrontam: tenho na minha estante muita |  
 gente com muito mais anos de estudos |  
 do que você. Mais anos de estudos, [↑{que}/>e\ muito] {mais} ta- |  
 lento [↑e coisa] [↑↑que não existe em você,] m{as}/>uit\ a humildade, e nada de presun- |  
 25 ção. Nenhum deles bate nos peitos e grita: |  
 “Eu sei o assunto.” Porque não são filho de |  
 {filhos} de Lutero, são dicipulos de Cristo; [↑os filhos]\ [↓de {C}/>L\utero {†}/>tem a |  
 preocupação de citar\ palavras evangelicas; os dicipulos de Cristo; sem preocupar em |  
 [↓vive-los] {F que |  
 ensinou a humildade e não a arrogancia. |  
 Vocês, protestantes, sitam muito as palavras |  
 de humild{e}/>a\ de F] [\***(61, L 5)** (3) ] |  
 30 Uma coisa que eu quero lhe dizer, {meu amigo:}/[↑antes de terminar:] na |  
 campanha religiosa a que quero dedicar-me |  
 não me preocupa a ideia de converter protestan- |  
 tes, mas, sim, a ideia de esclarecer catolicos. Eu |  
 considero {L}/>p\protestantismo uma psicose; a minha |

(2) 58

Você diz que não está disposto a “ler xingatorias”, sem  
 revidar. Não tenha susto: terei o cuidado de não peço a Deus que não  
 me deixe levar para “xingatorias”; presumo porque quem tem a certeza  
 de estar com a Verdade, não precisa lançar mão de tal expediente.  
 Nesta carta Esta certesa eu a tenho; e porque a tenho, devo lhe dizer  
 que a minha ignorancia não teme a sua sabedoria. Seus arrotados  
 10 anos de estudos sobre o assunto não me amedrontam: tenho na  
 minha estante muita gente com muito mais anos de estudos do que  
 você. Mais anos de estudos, mais tanto lento que não existe em  
 você, muita humildade, e nada de presunção. Nenhum deles bate nos  
 peitos e grita: “Eu sei o assunto.” Porque não são filhos de  
 filhos de Lutero, são dicipulos de Cristo. Os filhos de Lutero  
 preocupam-se em citar palavras evangelicas; os dicipulos de Cristo  
 preocupam-se em viver. Vocês, protestantes, citam muito as palavras  
 de humildade (3)

Uma coisa que eu quero lhe dizer, meu amigo: na campanha religiosa  
 a que quero dedicar-me não me preocupa a ideia de converter  
 protestantes, mas, sim, a ideia de esclarecer catolicos. Eu considero  
 o protestantismo uma psicose; a minha

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Nas linhas 1 a 10, o texto foi escrito na margem superior da página e marcado com um risco de divisão do texto que vai parte esquerda da margem superior da página até meados da parte direita e desce até o nível da 3ª linha da página do caderno.  
Nas linhas 1 a 6, o texto foi escrito na parte esquerda da margem superior da página.  
Nas linhas 7 a 10, o texto foi escrito na parte direita da margem superior da página.
3. Na linha 26, o fragmento de texto: “[↑os filhos] \ [↓de {C}/>L\utero {†}/>tem a preocupação de citar\ palavras evangelicas; os dicipulos de Cristo; sem preocupar em [↓↓vive-los]” aparece como substituto do fragmento de texto cancelado das linhas 26 a 29: “{F que | ensinam a humildade e não a arrogancia. | Vocês, protestantes, sitam muito as palavras | de humildade F}”.
4. Nas linhas 26 a 29, o fragmento de texto foi cancelado por riscos horizontais (linhas) feitos com tinta preta.

59

agora fui um partido de terapêutica preventiva  
 e não curativa. Para isto não preciso xingamentos  
 e agressões pessoais, coisas que não existem na carta  
 que lhe fiz, como, com a graça de Deus, não existiram  
 em nenhum dos trabalhos que <sup>pretendo</sup> escrever sobre o as-  
 sunto.

~~Você parece que está muito nervoso com um chá de  
 folhas de laranjas, meu amigo. Você me mandou  
 um diagnóstico e [↑eu] estou lhe passando uma re-  
 ceita. Retribuição de gentilezas.  
 É real, com a receita, o abraço amigo  
 do seu velho Zafiro.~~

11-1-942.

(1) Você se julga sabio porque frequentou tal curso;  
 em sua opinião que você é nulo no assunto, presi-  
 sumente por isto: porque frequentou tal curso.

(2) Você me julga "mal informado do Espírito Santo como  
 qualquer budista, etc." ~~Não lhe reconheço autoridade  
 para um julgamento desta natureza. A Deus e não  
 a você, cabe julgar-me. Você me julga [↑e me julga] destituído,  
 da caridade de Jesus", etc.; devagar, [↑moço, devagar!]  
 e nenhuma autoridade para me julgar;  
 deixe a Deus o que é de Deus.~~

[P 59] |

ação terá um sentido de terapêutica preventiva |  
 e não curativa. Para isto não preciso xingamentos |  
 e agressões pessoais, coisas que não existem na carta |  
 5 que lhe fiz, como, com a graça de Deus, não existiram |  
 em nenhum dos trabalhos que [pretendo] escrever sobre o as- |  
 sunto. |

{Você parece que está muito ner} Tome um chá de |  
 folhas de laranjas, meu amigo. Você me mandou |  
 10 um diagnóstico e [↑eu] estou lhe passando uma re- |  
 ceita. Retribuição de gentilezas. |

E receba, com a receita, o abraço amigo |  
 do seu velho |  
 [Eulalio.] 11-1-942. |

15 [\***(56, L 13)** (1) Você se julga sabio porque frequentou tal curso; |  
 {↑} parece que você é nulo no assunto, preci- |  
 samente por isto: porque frequentou tal curso. **\*(56, L 13)**] |

[\***(58, L 11)** (2) Você me julga "mal informado do Espírito Santo como |  
 qualquer budista, etc." {F Não lhe reconheço autoridade |

20 para um julgamento desta natureza. A Deus e não |  
 a você, cabe julgar-me. Você me julga F} / [↑e me julga] destituído, |  
 da caridade de Jesus", etc.; devagar, {não}/ [↑moço, devagar!] \ {F reconhe- |  
 ço nenhuma autoridade para me julgar; |  
 deixe a Deus o que é de Deus. F} **\*(58, L 11)**] |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.
2. Nas linhas 19 a 21 e 22 a 24, os fragmentos de texto foram cancelados por riscos horizontais (linhas) feitos com tinta preta.

60

...que você me chame de ignorante e arróte sua  
 sabedoria; que você me taxe de psicopata, para  
 mostrar que já leu Freud; que você me chame  
 a galo de briga, etc., va lá... tudo isto, mi-  
 nha ignorância, minha psicopatia, etc., tudo  
 isto não é de sua conta, mas, deixe que vá;  
 julgar, porém, a sua sabedoria, a sua capacidade  
 de julgar o meu grau de caridade, etc., é que  
 é de mais! Não lhe reconheço nenhuma auto-  
 ridade para tanto. Deixe a Deus o que é de  
 Deus. Só Ele pode fazer julgamento desta  
 natureza. Seu arrotado curso de 10 anos não pode  
 ter todo poder que só a Deus pertence. A Deus o  
 que é de Deus, a Eudaldo o que é de Eudaldo.  
 E você me pergunta: "Que entendo de Cri-  
 stianismo?" Eu lhe respondo: o suficiente  
 para compreender que carta como esta  
 sua, cheia de arrogância e presunção, não  
 tem nada de cristão. Leia a parábola do  
 publicano e fariseu... Se a cegueira do  
 orgulho luterano não o atrapalhasse,  
 você verificaria que o cristianismo  
 de sua carta é um cristianismo de fariseu...

[P 60] |

- ...que você me chame de ignorante e arróte sua |  
 sabedoria; que você me taxe de psicopata, para |  
 mostrar que já leu Freud, que você me {compare}/>chame |  
 5 a galo de briga, etc, va lá... {†}/>tudo\ isto, mi- |  
 nha ignorância, minha psicopatia, etc., tudo |  
 isto não é de sua conta, mas, {q}/>d\eixe que vá; |  
 {†}/>julgar\, porém, [a] sua sabedoria, {esta}/>com\ capacidade |  
 de julgar o meu grau de caridade, etc., é que |  
 10 é de mais! Não lhe reconheço nenhuma auto- |  
 ridade para tanto. Deixe a Deus o que é de |  
 Deus. Só {e}/>E\le pode {julgar}/>fazer\ julgamento desta |  
 natureza. Seu arrotado curso de 10 anos não [↑lhe] pode |  
 ter dado poderes que só a Deus pertence. A Deus o |  
 15 que é de Deus, a Eudaldo o que é de Eudaldo. |  
 E você me pergunta: "Que entendes de Cris- |  
 tianismo?" Eu lhe respondo: o suficiente |  
 para compreender que carta como esta |  
 sua, cheia de arrogância e presunção, não |  
 20 tem nada de crist{ã}/>ian\[ismo]. Leia a parábola do |  
 publicano e fariseu... Se a cegueira do |  
 orgulho luterano não o atrapalhasse, |  
 você verificaria que o cristianismo |  
 de sua carta é um cristianismo de fariseu.... |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. A partir da linha 16, a tinta preta fica mais intensa.

61

Tanta arrogancia, tanta <sup>acusação</sup> pedantismo, mascarado de citações evangelicas... cristianismo de fariseu.

(3) Você me cita como tecnico em Farmacia, e a si mesmo como tecnico em Cristianismo; não o considero. Cristianismo não é privilegio de quem cursaram os preconceitos luteranos da Escola de S. Paulo. Presunção e agua benta...

[P 61] |

Tanta arrogancia, [↑tanta acusação,] tanto pedantismo, mascarado de citações evangelicas... cristianismo de fariseu. |

- 5 [\***(58, L 29)** (3) Você me cita como tecnico em Farmácia, e a si mesm{†}/>o\ | como tecnico em Cristianismo; não o considero. Cristia- | n{†}/>is\mo não é privilegio dos que cursaram os preconceitos | luteranos d{o}/>e\ {Estado de São Paulo.} uma escola no E. de S. Paulo. | Presunção e agua benta... **\*(58, L 29)**] |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.
2. Na linha 8, as abreviaturas “E.” e “S.” em “E. de S. Paulo” se desdobram como ‘Estado de São Paulo’.

Rascunho de carta 9 - Eudaldo amigo: Saltem! | Por intermedio de um amigo Frei Felix

62 Eudaldo amigo: Saltem!

Por intermedio de meu amigo Frei Felix {lhes mandei} lhe mandei uma longa carta em resposta á sua de 31 de dezembro. Agora acabo de receber o prospecto "O papa e a Infalibilidade", e me apresso em lhe fazer esta copia afim de lhe remeter um muito obrigado de todo o coração. Creia sinceramente que porê, com seus cartas e livros, está me sendo util, fornecendo-me copioso material para o trabalho que tenho em vista realizar e que, com a graça de Deus, realizarei.

Por isto lhe envio, de todo o coração, o meu muito obrigado, fazendo votos para que nossas brigas não nos separem, e, deste modo, não se interrompa esta remessa de material que você me vem fazendo.

Receba um abraço aigo do seu  
Eulalio.

[P 62] Eudaldo amigo: Saltem! |

- Por intermedio de meu amigo Frei Felix {lhes mandei}/lhe mandei\ uma longa carta em resposta á sua de 31 de dezembro. Agora acabo de receber o prospecto "O papa- |
- 5 do e a Infalibilidade", e me apresso em lhe fazer esta |  
{copia} afim de lhe remeter um muito obrigado de todo |  
o coração. Creia sinceramente que você, com suas |  
cartas e livros, está me sendo util, fornecendo-me |  
copioso material para o trabalho que tenho em |
- 10 vista realizar e que, com a graça de Deus, reali- |  
sarei. |  
Por isto lhe envio, de todo o coração, o meu muito |  
obrigado, fazendo votos para que nossas brigas |  
naõ nos separem, e, deste modo, não se interrom- |
- 15 pa esta remessa de material que você me |  
vem fazendo. |  
Receba um abraço {†}/>ço\ amigo de seu |  
[Eulalio.] |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda. A numeração se encontra sublinhada também a lápis grafite.

Rascunho de carta 10 - Eudaldo amigo: Salutem! | Acabo de ler "O Papado e a Infallibilidade"

Eudaldo amigo: Salutem! 63

Acabo de ler "O Papado e a Infallibilidade", que  
 você me mandou com um cartaõ-desafio. Julguei  
 que encontrasse alguma novidade no prospecto.  
 Nada. Muda-se a vitrola, muda-se a agulha, mas  
 o disco é o mesmo. Se eu só fosse os protestantes,  
 dar-lhes-ia razão. Mas eu li, e leio, protestantes e  
 católicos. Esta questão da "Infallibilidade", como  
 "Culto das imagens", etc. foram por mim lidas  
 e meditadas, maduramente, em católicos e protes-  
 tantes. Sobre <sup>os pontos</sup> estes pontos, me achei na  
 presença de duas correntes de opiniões: a dos  
 católicos e a dos protestantes. Analisei, sem paixão,  
 sem ideia preconcebida, as razões de uns e de  
 outros. Fiquei com a católica. Você ficou com a  
 protestante. Somos diferentes...

Você me desafia para "refutar, pulverisar, aniquilar", e pros-  
 pecto em questão. Seria, meu amigo, descobrir a polvo-  
 ra. Porque os argumentos que encontrei neste prospecto  
 já os conhecia devidamente pulverizados por Leonel  
 Franca e Julio Maria. No meu trabalho de  
 Ação Católica, não farei mais do que {mostrar}/>levar\ |  
 {aos}/>o\ conhecimento{os}/>o\ dos católicos ao meu alcance, |  
 estas paginas admiraves de humildade e sabedo-  
 ria, escritas por aqueles grandes católicos. |

Eudaldo amigo: [P 63] |

Salutem! |

Acabo de ler "O Papado e a Infallibilidade", que |  
 você me mandou com um cartaõ-desafio. Julguei |

5 que encontrasse alguma novidade no prospecto. |

Nada. Muda-[se] a vitrola, muda-se a agulha, mas |

o disco é o mesmo. Se eu só lesse os protestantes, |

dar-lhes-ia razão. Mas eu li, e leio, protestantes e |

católicos. Esta questão do "Infallibilidade", {d}/>c\omo |

10 "Culto das imagens", etc. foram por mim lidas |

e meditadas, maduramente, em católicos e protes- |

tantes, [↑antes de minha volta á Igreja.] Sobre {pontos}/>{†}\ estes pontos, me achei em |

presença de duas correntes de opiniões: a {p}/>d\os |

católicos e a dos protestantes. Analisei, sem paixão, |

15 sem ideia preconcebida, as razões de uns e de |

outros. Fiquei com a católica. Você ficou com a |

protestante. Somos diferentes... |

Você me desafia para "refutar, pulverisar, aniquilar", o pros- |

pecto em questão. Seria, meu amigo, descobrir a polvo- |

20 ra. Porque os argumentos que encontrei nes{s}/>t\o prospecto{†}/>o\ |

já os conheço}/>c\i\ a devidamente pulverizados por Leonel |

Franca e Julio Maria. No meu trabalho de |

Ação Católica, não farei mais do que {mostrar}/>levar\ |

{aos}/>o\ conhecimento{os}/>o\ dos católicos ao meu alcance, |

25 estas paginas admiraves de humildade e sabedo- |

ria, escrita[s] por aqueles grandes católicos. |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

64  
 Receba, com os meus votos pela continui-  
 dade de nossa correspondencia, mais um  
 abraço do seu velho amigo *Eulalio*  
 14-1-942.

Na sua carta de 31 você me dá diversos conselhos  
 sobre como eu devo começar a minha Açaõ Catolica,  
 etc.; <sup>agradecendo</sup> ~~agradecendo~~ <sup>agradecendo</sup> estes conselhos que não lhe pedi,  
 devo-lhe dizer que tenho a quem os pedir, e gosto  
 de pedir a quem é capaz de dar. "Eu sou pequeno  
 mas só fito os Andes."  
 Não peço luz á sombra. Peço luz á Luz.  
 Disponha do *Eulalio*  
 14-1-942.

[P 64] |

{F Receba, com os meus votos pela continui-  
 dade de nossa correspondencia, mais um |  
 abraço do seu velho amigo |

5 [Eulalio.] 14-1-942. F |

Na sua carta de 31 você me dá diversos conselhos |  
 sobre como eu devo começar a minha Açaõ Catolica, |  
 etc.; [<sup>↑</sup>repete neste cartaõ;] agradecendo estes conselhos que não lhe pedi; |  
 devo-lhe dizer que tenho a quem os pedir, e gosto |

10 de pedir a quem é capaz de dar. "Eu sou pequeno |  
 mas só fito os Andes." |

Naõ peço luz á sombra. Peço luz á Luz. |

Disponha do |

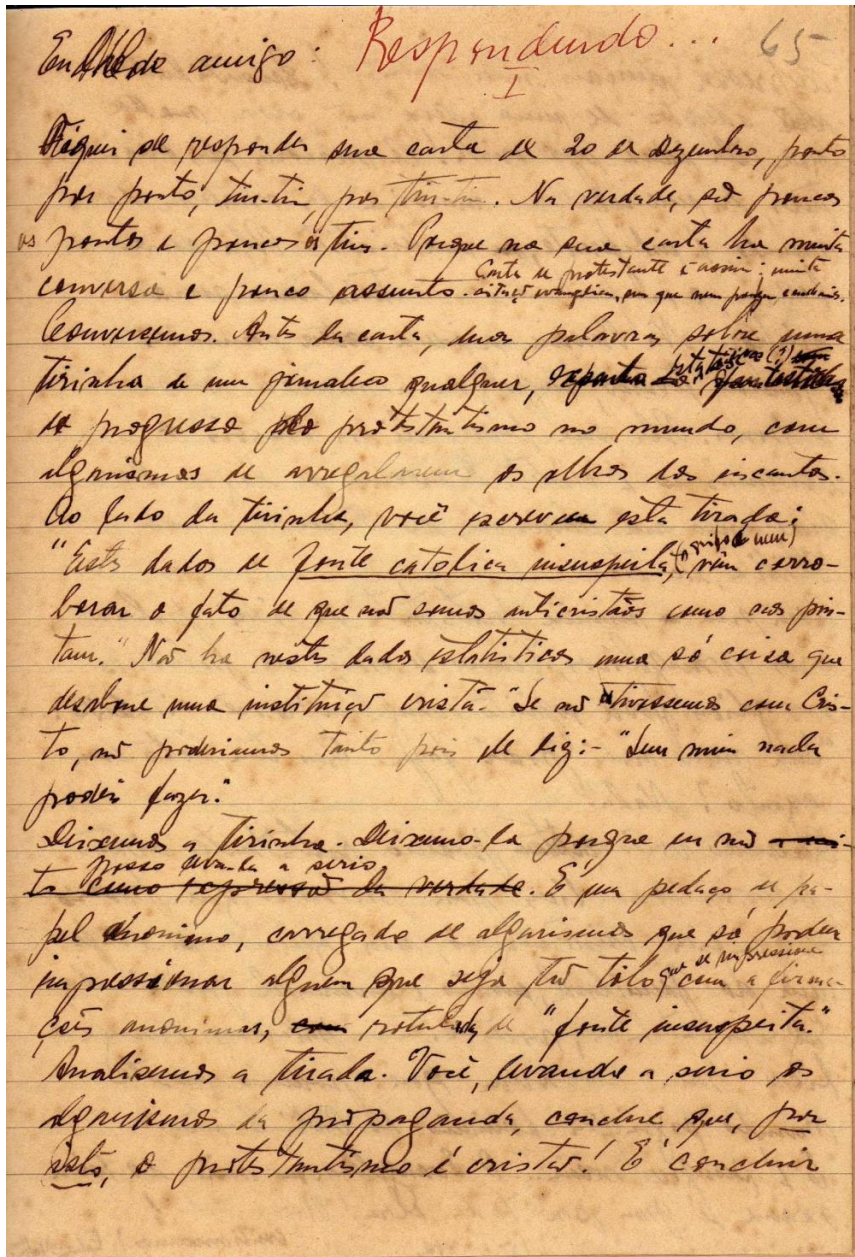
[Eulalio.] 14-1-942. |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda. A numeração se encontra sublinhada também a lápis grafite.
2. Nas linhas 6 a 8, o fragmento de texto foi cancelado por riscos com ondulações, na posição diagonal, iniciados na direção da esquerda para direita, feitos com tinta preta, apresentando um total de 5 riscos.



Rascunho de carta 11 - Eudaldo amigo: Respondendo... I



Eu {†}/>dal\do amigo: Respondendo... [P 65] |  
 I |  
 {Re}/>Fi\quei de responder sua carta de 20 de Dezembro, ponto |  
 por ponto, tin-tin, por tin-tin. Na verdade, são poucos |  
 5 [os] pontos e poucos [os] tins. Porque na sua carta ha muita |  
 conversa e pouco assunto. [[↑Carta de protestante é assim: muita] citação evangelica, sem  
 que nem porque, e nada mais.] |  
 Conversemos. Antes da carta, duas palavras sobre uma |  
 tirinha de um jornaleco qualquer, {espantado}/>conta\ [↑estatísticas {masc} (?) {com}]  
 {†}/>fantásticas\ |  
 d{e}/>o\ progresso {pro}/>do\ protestantismo no mundo, com |  
 10 algarismos de arregalarem os olhos dos incautos. |  
 Ao lado da tirinha, você escreve {†}/>u\ esta tirada: |  
 “Estes dados de fonte catolica insuspeita [↑(o grifo {†}/>é\ meu)] vêm corro- |  
 borar o fato de que não somos anticristãos como nos pin- |  
 15 desabone uma instituição cristã. “Se não [es]tivéssemos com Cris- |  
 to, não poderíamos tanto pois ele diz: – “Sem mim nada |  
 podeis fazer.” |  
 Deixemos a tirinha. Deixemo-la porque eu não {a acei-} |  
 {to como expressão da verdade }/[↑posso leva-la a serio]\. É um pedaço de pa- |  
 20 pel {†}/>a\anonimo, carregado de algarismos que só podem |  
 impress{o}/>i\onar alguém que seja tão tólo [↑que se impressiona] com afirma- |  
 ções anônimas, {com} rotul{o}/>a\ [das] de “fonte insuspeita.” |  
 Analisemos a tirad {†}/>a\. Você levando a serio os |  
 algarismos da propaganda, conclue que, por |  
isto, o protestantismo é cristão! É concluir |

Nota do editor:  
 1. Texto escrito com tinta preta, exceto pelos segmentos “Respondendo...”, na linha 1, e “I”, na linha 2, feitos com tinta vermelha, e pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.  
 2. O número romano I, que se encontra na linha 2, está disposto logo abaixo do segmento “Respondendo...”, na linha 1.

66  
 depressa demais, meu amigo! Quantidade  
 de adeptos de uma ideia, não prova nada  
 que esta ideia seja cristã! A maioria das crea-  
 turas, a inmensissima maioria das criaturas do  
 mundo, é indiferente, ou materialista. Pela sua  
 logica, o indiferentismo e o materialismo seriam  
 cristãos... Na Russia, a ideia {com}/>atea\-comunista  
 ganhou terreno, empolgou a massa, tomou  
 o poder. Pela sua logica ali na Russia o  
 comunismo é cristão. O mesmo se diga do  
 nazismo na Alemanha, do Fascismo na  
 Italia, etc., etc.  
 Com sua mania protestante de citar pala-  
 vras evangelicas, (como se citação de palavras  
 evangelicas fosse espirito evangelico) você cita Cristo:  
 "Sem mim nada podeis fazer." Que tem isto com  
 aquilo? Nada.  
 Quando vocês citam poderio protestante, citam  
 palavras evangelicas para provar que poderio  
 significa cristianismo; mas quando se refe-  
 rem ao formidavel, invicto e invencivel poderio da  
 Igreja Catolica, vocês citam palavras wange-  
 licas para provarem que poderio neste  
 mundo significa dominio do Anti-Cristo...  
 E é sempre assim... O Evangelho em mão do livre  
 exame é pau pra toda obra! Prova tudo!  
 15-1-942. (continuamos.) Eulalio Motta.

[P 66] |

depressa demais, meu amigo! Quantidade |  
 {não}/>de\ adeptos de uma ideia, não prova nada |  
 que esta ideia seja cristã! A maioria das crea- |  
 5 turas, a imensissima maioria das criaturas do |  
 mundo, é indiferente, {ou} materialista. Pela sua |  
 logica, o indiferentismo e o materialismo seriam |  
 cristãos... Na Russia, a ideia {com}/>atea\-comunista |  
 ganhou terreno, empolgou a massa, tomou |  
 10 o poder. Pela sua logica ali na Russia o |  
 comunismo é cristão. O mesmo se diga do |  
 nazismo na Alemanha, ao Fascismo na |  
 Italia, etc., etc. |  
 Com sua {a} mania protestante de citar pala- |  
 15 vras evangelicas, (como se citação de palavras |  
 evangelicas fosse espirito evangelico) você cita Cristo: |  
 "Sem mim nada podeis fazer." Que tem isto com |  
 aquilo? Nada. |  
 Quando vocês {citam}/>arrotam\ poderio protestante, citam |  
 20 palavras evangelicas para provar que poderio |  
 significa cristianismo; mas quando se refe- |  
 rem do formidavel, invicto e invencivel poderio da |  
 Igreja Catolica, vocês citam palavras evange- |  
 25 licas para provarem que poderio neste |  
 mundo significa dominio do Anti-Cristo... |  
 E é sempre assim... O Evangelho em mão do livre |  
 exame é pau pra toda obra! Prova tudo! |  
 15-01-942. (continuamos.) [Eulalio Motta.] |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda. A numeração se encontra sublinhada também a lápis grafite.
2. Na linha 1, há um pequeno risco feito com tinta vermelha, abaixo da palavra "Quantidade".

Rascunho de carta 12 - Respondendo II | Eudaldo: Há ou não há intermediário?

*Respondendo II*  
Há ou não há intermediário? 67  
 Eudaldo:

Dois dedinhos de prosa sobre dois trechos de sua carta de 20 de dezembro de 1941.

Logo nas primeiras linhas, você se diz "bispo de um rebanho que Cristo lhe confiou." Antes de tudo, não o considero como tal, é lógico. Para ser bispo, alguém que se dedique, como profissional, a trabalhar e pregar as opiniões que suscitam sobre a doutrina da igreja sagrada. Mas isto não vem ao caso. Voltamos à vaca fria: você, na primeira folha de sua carta, se diz de Bispo de um rebanho, isto é, intermediário entre Deus e um grupo de pessoas, que formam o rebanho, o tal que Cristo que lhe confiou, como você diz.

Pois bem. Na segunda folha desta mesmissima carta, você diz isto: - "Sacerdotes, medianeiros, breve na antiga dispensação, agora todos os crentes são sacerdotes, vão diretamente a Deus para dele receber o perdão sem a intervenção de parentes, amigos, e compadres."

Afinal, meu amigo, há medianeiros ou não há? Você é bispo mesmo ou é apelido que lhe botaram?

p. 67

Respondendo II |

Há ou não há intermediário? [P 67] |

Eudaldo: |

Dois dedinhos de prosa sobre {†}/&gt;d\ois trechos de sua |

5 carta de 20 de dezembro de 1941. |

Logo nas primeiras linhas{,}/&gt;d\ a [↑referida,] você diz "bis- |

po de um rebanho que Cristo lhe confiou." Antes |

de tudo, não o considero como tal, é lógico. {Eu}/&gt;Para\ |

{o considerado}/[↑mim você é]\ [↑apenas] alguém que {os com{†}}/&gt;escolheu\, como pro- |

10 fissaõ, {†}/&gt;o\ [↑tristi] trabalho de pregar as opiniões {que}/&gt;de\ |

{ensinou sobre} Lutero [e] [↑seus comparsas,] a cerca dos livros sagrados. |

Mas isto não vem ao caso. Voltemos à vaca fria: |

você{;}/&gt;, na primeira folha de sua carta, se diz de |

Bispo de um rebanho, isto é, {inter}median{eiros}/&gt;eiro\ |

15 entre Deus e um grupo de pessoas, que formam o |

[seu] rebanho, o tal que Cristo que lhe confiou, como |

você diz. |

Pois bem. Na segunda folha desta mesmissima |

carta, você diz isto: - "Sacerdotes, medianeiros, |

20 houve na antiga dispensação, agora todos os crentes |

são sacerdotes,{“} vão diretamente a Deus para dele {pa-} |

receber o perdão direto como Pai do prodigo o |

perdoou sem a intervenção de parentes, amigos e |

compadres.” |

25 Afinal, meu amigo, há medianeiro ou não há? Você |

é bispo mesmo ou é apelido que lhe botaram? |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita; do segmento na linha 1, “Respondendo II”, e do sublinhado na linha 2, que foram feitos com tinta vermelha.

68

Toda esta tirada com "compadres, parentes e amigos",  
 mas á tona pelo seguinte: lembrei-lhe que as  
 autoridades da verdadeira Igreja Cristã, têm poder  
 em de perdoar pecados, porque Jesus deu Cristo,  
 dizado-lhes: "Aqueles a quem perdoardes os pecca-  
 dos, serão perdoados; aqueles a quem os retiverdes  
 serão retidos." O meu amigo "bispo", para ta-  
~~lar esta verdadeira~~ ~~anular (?) esta verdade~~, sae  
 com esta i Igreja ~~anular (?) esta verdade~~, mas refra  
 todos os poderes... Logo, e lá vem, sem que  
 nem pra que, aquela tirada com "compadres, parentes,  
 e amigos." Embola tudo, faz citações evan-  
 gelicas, cae em contradicções, e quando a gente  
 vae apurar para ver o que é que o "bispo"  
 disse, o "bispo" não disse nada!  
 Meu amigo, venha cá: você é "bispo" mesmo ou  
 é apelido que lhe botaram?  
 Olhe, meu amigo, se você quer tirar das autoridades  
 da Igreja Verdadeira aquele poder de perdoar  
 pecados, que Cristo lhes deu, seja logo franco  
 e use dos seus poderes de "bispo" decretando a  
 anulação daquelas palavras de Cristo... Porque, afi-  
 nal de contas, você é "bispo" que está em desacordo  
 com aquele ato de Cristo. Portanto, decreto nêle...

[P 68] |

- Toda esta tirada com "compadres, parentes e amigos", |  
 veio á tona pelo seguinte: lembrei-lhe que as |  
 autoridades da verdadeira {i}/> Igreja Cristã, têm pode- |  
 5 res de perdoar pecados, porque lh'os deu Cristo, |  
 dizendo-lhes: "Aqueles a quem perdoardes os pecca- |  
 dos, serão perdoados; aqueles a quem os retiv {†}/>er- |  
 des serão retido[s]." O meu amigo "bispo", para {ta-} |  
 {par esta verdadeira} anular (?) esta verdade, sae |  
 10 com esta: Cristo [↑disse] {d}aquilo {aos sacerdotes}, mas agora |  
 todos são sacerdotes... Logo, [↑...] e lá vem, sem que |  
 nem pra que, aquela tirada com "{compadres}/>parentes, amigos, |  
 e compadres." Embola tudo, faz citações evan- |  
 gelicas, cae em contradicções, e quando a gente |  
 15 vae apurar para ver o que é que o "bispo" |  
 disse, o "bispo" não disse nada! |  
 Meu amigo, venha cá: você é "bispo" mesmo ou |  
 é apelido que lhe botaram? |  
 Olhe, meu amigo, se você quer tirar das autoridades |  
 20 da Igreja Verdadeira aquele poder de perdoar |  
 pecados, que Cristo lh{es}/>e\ deu, seja logo franco |  
 e use dos seus poderes de "bispo" decretando a |  
 anulação daquelas palavras de Cristo... Porque, afi- |  
 nal de contas, você é "bispo" {que}/>e\ está em desacordo |  
 25 com aquele ato de Cristo. {e}, {p}/>P\ortanto, decreto nêle... |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.

Mas você é "bispo" mesmo ou é apelido que lhe botaram? 69

### Respondendo...

Você escreve: "Como pastor de um rebanho devo procurar aquelas qualidades que honram os enviados de Deus a quem Ele colocou á testa de parte de seu grande rebanho e essas qualidades incluem a mansidão e a paz com todos." Você se diz bispo, se diz "enviado de Deus", francamente, você é gente muita mesma! Vamos ver esta paz e mansidão que você cita tanto. Vejamos se a mansidão em você sai da citação para a vida. Porque citar palavras evangelicas é uma coisa e viver vida evangelica é outra. Nesta mesma carta você escreve: - "Deus não é tão pobre que só tenha como seus súditos os crentes do Papa." Isto, meu amigo, não é mansidão, é vilhacaria. Porque você sabe que nós não somos "crentes do Papa", somos crentes de Deus e sua Igreja. Nós, católicos, e o Papa, católico, somos irmãos em Cristo, pertencemos ao Rebanho de Cristo que é um só universal, "e é um só, e tem uma só fé e uma só batismo"; a diferença entre um católico e o Papa é se pertencem à mesma família. Ele é chefe visível do rebanho, por isto obedecemos e

Mas você é "bispo" mesmo ou é apelido que lhe botaram? [P 69] |

Respondendo... |

5 III |

Você escreve: "Como pastor de um rebanho devo procurar aquelas qualidades que honram os enviados de Deus a quem Ele colocou á testa de parte de seu grande rebanho e essas qualidades incluem a mansidão e a paz com todos." {F Você se diz bispo, se

10 diz "enviado de Deus", francamente, você é gente muita | mesmo!" F} Vamos ver esta paz e mansidão que você | cita tanto. Vejamos se a mansidão em você sai | da citação para a vida. Porque citar palavras evan-

15 gelicas é uma coisa e viver vida evangelica é outra. Nesta mesma carta você escreve: - "Deus não é | tão pobre que só tenha como seus súditos os crentes | do Papa." Isto, meu amigo, não é mansidão, é ve-

20 lhacaria. Porque você sabe que nós não somos "crentes | do Papa.", somos crentes de Deus e sua Igreja. Nós | {†} católicos, e o Papa, católico, seus irmão[s] em Cristo, perten- | cemos ao Rebanho de Cristo que é um só universal, | "e é um só, e tem uma só fé e um só batismo;" |

25 a diferença entre um católico e o Papa é de ordem hierárquica. Ele é chefe visível do Rebanho, por isto obedecemos e |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita e pelos segmentos "Respondendo" e "III", nas linhas 4 e 5, respectivamente, que foram feitos com tinta vermelha.
2. Na linha 3, há uma laçada, como um redemoinho, que não foi possível reproduzir. Por conta disso, a linha fora contabilizada como linha escrita.
3. Nas linhas 10 a 12, o fragmento de texto foi cancelado por risco horizontal (linha) feito a lápis grafite.
4. O rascunho de carta *Respondendo II* | Eudaldo: Há ou não há intermediário?

## Rascunho de carta 13 - Respondendo... III

Mas você é "bispo" mesmo ou é ape-  
 lido que lhe botaram? 69

Respondendo...  
 III

Você escreve: "Como pastor de um rebanho devo pro-  
 curar aquelas qualidades que honram os enviados de  
 Deus a quem Ele colocou á testa de parte de seu  
 grande rebanho e essas qualidades incluem a mansi-  
 dão e a paz com todos." Você se diz bispo, se  
 diz "enviado de Deus", francamente, você é gente muita  
 mesmo! Vamos ver esta paz e mansidão que vocês  
 citam tanto. Vejamos se a mansidão em vocês sae  
 da citação para a vida. Porque citar palavras evan-  
 gelicas é uma coisa e viver vida evangelica é ou-  
 tra. Nesta mesma carta você escreve: - "Deus não é  
 tão pobre que só tenha como seus suditos os crentes  
 do Papa." Isto, meu amigo, não é mansidão, é ve-  
 lhacaria. Porque você sabe que nós não somos "crentes  
 do Papa", somos crentes de Deus e sua Igreja. Nós,  
 catolicos, e o Papa, catolicos, somos irmãos em Cristo, pertencemos  
 ao Rebanho de Cristo que é um só universal,  
 "e é um só, e tem uma só fé e um só batismo";  
 a diferença entre um catolico e o Papa é de ordem hierar-  
 quica. Ele é chefe visível do rebanho. [↑] Obdecemos e

Mas você é "bispo" mesmo ou é ape-  
 lido que lhe botaram? [P 69]

Respondendo... |

5 III |

Você escreve: "Como pastor de um rebanho devo pro-  
 curar aquelas qualidades que honram os enviados de |  
 Deus a quem Ele colocou á testa de parte de se {r}/>u |  
 grande rebanho e essas qualidades incluem a mansi- |

10

dão e a paz com todos." {F Você se diz bispo, se |  
 diz "enviado de Deus", francamente, você é gente muita |  
 mesmo!" {F} Vamos ver esta paz e mansidão que vocês |

15

citam tanto. Vejamos se a mansidão em vocês sae |  
 da citação para a vida. Porque citar palavras evan- |  
 gelicas é uma coisa e viver vida evangelica é ou- |  
 tra. Nesta mesma carta você escreve: - "Deus não é |  
 tão pobre que só tenha como seus suditos os crentes |  
 do Papa." Isto, meu amigo, não é mansidão, é ve- |

20

lhacaria. Porque você sabe que nós não somos "crentes |  
 do Papa.", somos crentes de Deus e {s}/>S\ua Igreja. Nós |  
 {†}/>c\atolicos, e o Papa, catolico, seus irmão[s] em Cristo, pertencemos  
 ao Rebanho de Cristo que é {um só} universal, |  
 "e é um só, e tem uma só fé e {s}/>u\m só batismo;" |

25

a diferença entre um catolico e o Papa é de ordem hiera- |  
 quica. Ele é chefe visível do Rebanho, {a {†}}/>por isto\ [↑] Obdecemos e |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita e pelos segmentos "Respondendo" e "III", nas linhas 4 e 5, respectivamente, que foram feitos com tinta vermelha.
2. Na linha 3, há uma laçada, como um redemoinho, que não foi possível reproduzir. Por conta disso, a linha fora contabilizada como linha escrita.
3. Nas linhas 10 a 12, o fragmento de texto foi cancelado por risco horizontal (linha) feito a lápis grafite.

70  
 e amamos... Cristo disse a Pedro: "...Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja...".  
 as chaves do reino dos Ceos. E tudo o que ligares na terra será ligado nos Ceos. E tudo o que desligares na terra será desligado também nos Ceos." Eu roguei por ti para que tua fé não desfaleça, e tu, uma vez convertido, confirma os teus irmãos.  
 As portas do inferno, por intermédio de Lutero e seus comparsas, têm lutado satanicamente contra esta verdade do primado de São Pedro. Mas está escrito que as portas do inferno não prevalecerão.  
 Passam Lutero e seus comparsas e a Igreja de Deus continua, continua firmemente edificada sobre Pedro. O Papa é Pedro foi o primeiro Papa e enquanto houver mundo haverá sucessores de Pedro. Porque as portas do inferno não prevalecerão.  
 Noutro trecho da mesma carta você escreve: "Como é diferente a santa tolerância do Cordeiro para o monarca que manda (o grifo é meu) queimar cristo porque não resou por sua cartilha!" Isto, meu amigo, não é mansidão e calúnia. Se você tivesse escrito mandou ainda se tolerava explicando que você estava dando crédito nos exageros <sup>calunias</sup> que os inimigos da Igreja têm escrito sobre abusos da Inquisição. Escrever, porém, o verbo no presente, quando o mundo inteiro sabe que tal desgraça não existe, e perder completamente a noção de respeito aos outros e a si mesmos! A mansidão do Cordeiro não aconselhou a ninguém que caluniasse. Eu penso que a gente deve se preocupar mais com viver o espírito do Evangelho de que com citar [suas] palavras. Não adianta ter Cristo na pena ou na boca, quando não

[P 70] |

[o] amam{os}/>os... Cristo disse a Pedro: ... "Tu és Pedro e | sobre esta pedra edificarei a minha Igreja{...}/>e as\ [↑portas do inf. não p{†}]. E eu te darei |

as chaves do reino dos Ceos. E tudo o que ligares na terra será |

5 ligado nos ceos e tudo o que desligares na terra será desligado tam- | bem nos Ceos." Eu roguei por ti para que tua fé não desfale- | ça, e tu, uma vez convertido, confirma os teus irmão." {As} |

As portas do inferno, por intermédio de {l}/>L\utero e seus comparsas, |

10 Pedro. Mas está escrito que as portas do inferno não prevalecerão. |

Passam Lutero e seus comparsas e a Igreja de Deus continua, conti- |

nua firmemente edificada Sobre Pedro. {O Papa é} Pedro foi o |

primeiro Papa e enquanto houver mundo haverá sucessores de |

Pedro. Porque as portas do inferno não prevalecerão. |

15 Noutro trecho da mesma carta você escreve: "Como é di- |

ferente a santa tolerância do Cordeiro para o mo- |

narca que manda (o grifo é meu) queimar cristo por- |

que não resou por sua cartilha!" Isto, meu amigo, |

nao é mansidão, é calúnia. Se você tivesse escrito |

20 mandou ainda se tolerava explicando que você estava |

{†}/>dando\ credito nos exageros [e] [↑calunias] que os inimigos da Igreja |

têm escrito sobre abusos da Inquisição. Escrever, po- |

rem, o verbo no presente, quando o mundo inteiro |

sabe que tal desgraça não existe, {†}/>é\ perder comple- |

25 tamente a noção de respeito aos outros e a si |

mesmo! A mansidão do Cordeiro não aconselhou |

a ninguém que calunia {†}/>sse\ {†}/>E\ u penso que a gente |

deve se preocupar mais {em}/>com\ viver o espírito do Evan- |

gelho de que com citar [suas] palavras. {do.} Não adianta |

30 ter Cristo na pena ou na boca, quando não |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.

2. Na linha 2, a abreviatura "inf." se desdobra como 'inferno'.

3. Da linha 3 a 14, o texto foi escrito com uma letra menor em relação ao restante da página do caderno.
4. Os textos das linhas 7 e 8 se encontram escritos no espaço de uma linha (pauta) do caderno (entrelinhamento sem ter sido acrescido). O escrevente dispôs o texto da linha 7 na parte superior e a linha 8 na parte inferior de um único espaço de linha (pauta) do caderno.
5. Os textos das linhas 10 e 11 se encontram escritos no espaço de uma linha (pauta) do caderno (entrelinhamento sem ter sido acrescido). O escrevente dispôs o texto da linha 10 na parte superior e a linha 11 na parte inferior de um único espaço de linha (pauta) do caderno.
6. Os textos das linhas 13 e 14 se encontram escritos no espaço de uma linha (pauta) do caderno (entrelinhamento sem ter sido acrescido). O escrevente dispôs o texto da linha 13 na parte superior e a linha 14 na parte inferior de um único espaço de linha (pauta) do caderno.



71

2 O ~~tem~~ no coração e na vida. Lutar palavras de  
humildade e mansidão do Evangelho, e escrever  
calúnias e perfidias, não é ser cristão, não é viver o Evangelho  
em "espírito e verdade"... Nas citações há mais preocupação  
em exibir leitura e mostrar sabença, do que de ensinar  
e viver Cristianismo.

Noutra carta, datada de 28-11-941... ~~pro~~ ~~seu~~ ~~de~~ ~~que~~ ~~em~~ ~~o~~ ~~"~~ ~~Protestantismo~~ ~~e~~ ~~o~~ ~~Brasil~~ ~~"~~ Leonel Franca "derrama o  
rescaldo de sua ira sobre nós, não só com descompos-  
turas como com calúnias clamorosas." Isto, meu  
amigo, não é mansidão, é outra coisa. Você a ~~dizer~~ ~~que~~ ~~um~~ ~~homem~~ ~~é~~ ~~autor~~ ~~de~~ ~~descomposturas~~ ~~e~~ ~~calúnias~~,  
sem provar nada disto, porque [↑não pode provar, uma vez que...] [...] no livro referido |  
15 não ha nenhuma descompostura e nenhuma calunia! Se |  
{não} você não me provar a existencia de taes des-  
composturas e taes calúnias, fica provado que o |  
caluniador não é Leonel Franca. |

Noutra carta sua, escrita de Campinas e datada  
de 20/5/937, você, se referindo ao Gastaõ de Oliveira,  
que deixava de ser pastor protestante para ser sim-  
ples <sup>luminoso</sup> soldado da Igreja Católica, {F tem as seguintes ex-  
pressões: F} afirma que Gastaõ é "um homem de cara-  
ter dobre, um mentecapto, idiota", que "saio das

[P 71]

[se] O {tenho}/>tem\ no coração e na vida. Citar a palavra de |  
humildade{e}/>es\ e mansidão do Evangelho, e escrever |  
calúnias e perfidias, não é ser cristão, não [é] viver o Evangelho |  
5 em "espírito e verdade"... Nas citações há mais preocupação |  
em exibir leitura {,}/>e\ {de}/>em\ mostrar sabença, do que de ensinar |  
e viver Cristianismo. |

Noutra carta, datada de {†}/>2\8-11-941 {você}/[↑você]\ {escreve} {isto}/>diz\ que em |  
o "Protestantismo e o Brasil" Leonel Franca "derrama o |  
10 rescaldo de sua ira sobre nós, não só com descomp{en}/>o\s- |  
turas como com calúnias clamorosas." Isto, meu |  
amigo, não é mansidão, é outra coisa. Você a {dizer}/>diz\ |  
{mas}/>que\ um homem [↑é] autor de descomposturas e calúnias, |  
sem provar nada disto, porque [↑não pode provar, uma vez que...] [...] no livro referido |  
15 não ha nenhuma descompostura e nenhuma calunia! Se |  
{não} você não me provar a existencia de taes des- |  
composturas e taes calúnias, fica provado que o |  
caluniador não é Leonel Franca. |

Noutra carta sua, escrita de Campinas e datada |  
20 de 20/5/937, você, se referindo ao Gastaõ de Oliveira, |  
que deixava de ser pastor protestante para ser sim- |  
ples [e] [↑humilde] soldado da Igreja Católica, {F tem as seguintes ex- |  
pressões: F} afirma que Gastaõ é "um homem de cara- |  
ter dobre, um mentecapto, idiota", que "saio das |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.
2. na linha 7, a data "{†}/>2\8-11-941" está sublinhada com pontilhados, somando um total de 12 pontos.
3. Na linha 9, o livro citado se chama "O Protestantismo no Brasil", de autoria do Pe. Leonel Franca.

72

fileiras daquelas que sustentam o ideal da família,  
para se mancomunar com os inimigos da família,  
os incentivadores da mancebia, da imoralidade e da  
prostituição ilícita (?), que amesquinha, avilta e de-  
grada a sociedade humana." "Admira-se - con-  
tinua você - que um homem que fala em espiritua-  
lismo, <sup>que se amana e impio, e materialismo, e de materialismo</sup> que se amana e impio, e materialismo, {com}/>{†}\ materialismo] grosseiro, superticioso, sinuoso e vil que tem |  
perme[i]jado a civilização da humanidade." Pouco mais |  
adeante, você afirma: "choca-se o espírito de bôa fé |  
que anseia pelos ideais da Patria, adere á opiniões pa- |  
trioticas, diante de attitude dum homem <sup>(G. Barroso)</sup> que prega |  
a Patria e se alia e apoia um desabono dos verdadeiros |  
patriotas e construtores da unidade espiritual de sua |  
terra, <sup>(!!!)</sup> áqueles que não têm patria nem pensam nessa |  
questão, aqueles cujo Deus é o ventre, cuja moral |  
é a imoralidade, cuja familia são as concu- |  
binas de contrabando {...}" {V} |  
Você, o homem que acusa, sem apresentar nenhu- |  
ma prova, a Leonel Franca, taxando-o de autor |  
de descomposturas e calunias, você, meu amigo, |  
é o autor destas palavras acima! Que distancia |  
enorme entre citar palavras evangelicas e viver |  
o espírito do Evangelho! [↑(Você diz que os construtores da unidade espiritual) do Brasil  
são os protestantes? Isto é serio ou é pi{†}/>{†}indo\?) |  
"Aprende de mim que sou manso e humilde de co-

[P 72]

- fileiras daquelas que sustentam o ideal da família, |  
para se mancomunar com os inimigos da família, |  
os incentivadores {,} da mancebia, da imoralidade e da |  
5 prostituição ilícita (?), que amesquinha, avilta e de- |  
grada a sociedade humana." "Admira-se - con- |  
tinua você - que um homem que fala de espiritua- |  
lismo, [↑apanique os /\*maiores/ e /\*impios do materialismo, {com}/>{†}\ materialismo] |  
grosseiro, superticioso, sinuoso e vil que tem |  
perme[i]jado a civilização da humanidade." Pouco mais |  
10 adeante, você afirma: "choca-se o espírito de bôa fé |  
que anseia pelos ide {†}/>ais\ da Patria, adere á opiniões pa- |  
trioticas, diante da attitude dum homem [↑(G. Barroso)] que prega |  
a Patria e se alia e apoia um desabono dos verdadeiros |  
patriotas e construtores da unidade espiritual de sua |  
15 terra, [↑(!!!)] áqueles que não têm patria nem pensam nessa |  
questão, aqueles cujo Deus é o ventre, cuja moral |  
é a imoralidade, cuja familia são as concu- |  
binas de contrabando {...}" {V} |  
Você, o homem que acusa, sem apresentar nenhu- |  
20 ma prova, a Leonel Franca, taxando-o de autor |  
de descomposturas e calunias, você, meu amigo, |  
é o autor destas palavras acima! Que distancia |  
enorme entre citar palavras evangelicas e viver |  
o espírito do Evangelho! [↑(Você diz que os construtores da unidade espiritual) do Brasil  
são os protestantes? Isto é serio ou é pi{†}/>{†}indo\?) |  
25 "Aprende de mim que sou manso e humilde de co-

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda. A numeração se encontra sublinhada também a lápis grafite.
2. Na linha 12, a abreviatura "G." se desdobra como Gustavo, em referência a Gustavo Barroso.

73

nação." Vocês gostam tanto de citar estas e muitas outras palavras evangelicas! Palavras de humildade, de tolerancia... Mas escrevem, sem pestanejar, estes horrores de odio e acusações sem provas. E vocês dizem: "como pastor de um rebanho devo procurar aquelas qualidades que honram os enviados de Deus, etc.". Parece que você esqueceu de procurar...

Você poderá dizer que tambem eu não sou nada manso e tolerante, nas minhas crônicas. Eu lhe respondo: não sou manso, mas tenho o cuidado de não fazer acusações sem provas. Tambem não sou tolerante porque não compreendo que um fanatico da Verdade possa ser tolerante com [a] mentira. Tambem não sou hipocrita, porque não compreendo que um fanatico da Verdade possa ser tolerante com a mentira. Tambem não sou hipocrita, porque cito manitas e escrevo descomposturas. Foi de chicote em punho que Cristo expulsou os vendedores do templo. E' de chicote em punho que eu quero lutar contra as mentiras de Lutero e seus comparsas. A caneta e minha pena na luta contra a mentira, não há de ser um todo adobado de agua de flores, deve ser uma chibata.

Você poderá dizer que tambem eu não sou nada manso e tolerante, nas minhas crônicas. Eu lhe respondo: não sou manso, mas tenho o cuidado de não fazer acusações sem provas. Tambem não sou tolerante porque não compreendo que um fanatico da Verdade possa ser tolerante com a mentira. Tambem não sou hipocrita, porque não compreendo que um fanatico da Verdade possa ser tolerante com a mentira. Tambem não sou hipocrita, porque cito manitas e escrevo descomposturas. Foi de chicote em punho que Cristo expulsou os vendedores do templo. E' de chicote em punho que eu quero lutar contra as mentiras de Lutero e seus comparsas. A caneta e minha pena na luta contra a mentira, não há de ser um todo adobado de agua de flores, deve ser uma chibata.

[P 73] |

ração." Vocês gostam [tanto] de citar estas {estas} e muitas |  
{†}/>ou\tras palavras evangelicas! Palavras de humildade, |  
de tolerancia... Mas escrevem, sem pestanejar, |

- 5 estes horrores de odio e acusações sem provas. |  
E {você}/>diz\ {diz}/>você: "como pastor de um rebanho devo |  
procurar aquelas qualidades que honram os enviados |  
dos de Deus, etc.". Parece que você esqueceu |  
de procurar... |
- 10 Você poderá dizer que tambem eu não sou nada |  
manso {é}/>e\ tolerante, nas minhas crônicas. Eu lhe res- |  
pondo: não sou manso, mas tenho o cuidado de não |  
fazer acusações sem provas. }/>ou\ [↑calunias.] Tambem não sou tolerante |  
porque não compreendo que um fanatico da Verdade |
- 15 possa ser tolerante com [a] {†}/>mentira\ Tambem não sou hipocrita, |  
{†}/>para citar mansidão e escrever descomposturas. Foi de |  
chicote em punho que Cristo expulsou os vendedores |  
do templo. E' de chicote em punho |  
que eu quero lutar contra as mentiras de Lutero |
- 20 ro [{e}] {d}/>e\ seus comparsas. A caneta de minha |  
pena na luta contra a mentira, não há de ser |  
um {tudo} {vidrinho}/>vidro\ de agua de flores, deve ser uma |  
chibata. |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

Rascunhos de carta 14 e 15 - Eudaldo amigo: Salutem! 5-2-942 e Eudaldo: Saudação / Em mãos a sua carta de 2 do corrente

74 Eudaldo amigo: Salutem! 5-2-942  
 Recebi, ha pouco, a sua carta de 2 do corrente.  
 Antes de tudo: hoje é a primeira sexta-feira  
 de Fevereiro. Isto significa que assisti missa  
 do Sagrado Coração de Jesus. Saí da Igreja Satis-  
 feita, com o coração leve e claredades de sol dentro  
 do plano. Foi assim o espírito no qual recebi mi-  
 nha correspondência e li a sua carta. Ha ponto  
 desta que merece uma explicação: - o fato de eu  
 ter remetido uma carta por intermedio de nosso a-  
 migo Frei Felix. <sup>copiada pelo Frei Felix</sup> Este foi pelo interesse do assunto,  
 e Frei Felix gostaria de le-la; pensei em tirar uma co-  
 pia e remeter-lhe (ao padre); depois resolvi eliminar  
 este trabalho mandando a mesma por interme-  
 dio dele, com a autorização para a ler e se  
 quiser, copiar. Eu sabia que ele é seu amigo e  
 não vi, por isto, nenhuma inconveniencia em fazel-o  
 intermedio de uma carta para você, com autorização de  
 l-a antes de a entregar. Foi, por um motivo de-  
 cente julgar que quiz fazer de Frei Felix "estafeta de  
 correio" que se pretendi ter "uma entragazinha".  
 Que Jesus seja testemunha de minha intenção,  
 e do seu julgamento.  
 Tambem você achou decente e conveniente me

- [P 74] Eudaldo amigo: |  
Salutem! 5-1/2-942 |  
 Recebi, ha pouco, a sua carta de 2 do corrente. |  
 Antes de tudo: hoje é a primeira sexta-feira |  
 5 de Fevereiro. Isto significa que assisti missa |  
 do Sagrado Coração de Jesus. Saí da Igreja Satis- |  
 feito, com o coração leve e claredades de sol dentro |  
 da alma. Foi {as}/>com\ [↑o] espirito assim que recebi mi- |  
 nha correspondência e li a sua carta. Ha [↑um] ponto |  
 10 desta que merece uma explicação: - o fato de eu |  
 [↑lhe] ter remetido uma carta por intermedio de nosso a- |  
 migo Frei Felix. [↑Fiz isto pelo seguinte:] Achei que, pelo interesse do assunto, |  
 o Frei Felix gostaria de le-la; pensei em tirar uma co- |  
 pia e remeter-lhe ({ao padre}/>a êle\); depois resolvi eliminar |  
 15 este trabalho mandando {†} a mesma por interme- |  
 dio dele, com a autorização para a ler e se |  
 qui {†}/>zesse\, [a] copia{-la}. Eu sabia que ele é seu amigo e |  
 não vi, por isto, nenhuma inconveniencia em fazel-o |  
 intermediario de [uma] carta para você, com autorização de |  
 20 lel-a antes de a entregar. Você, porem, achou de- |  
 cente julgar que [↑eu] quiz fazer de Frei Felix "estafeta de |  
 correio" e que {eu} pretendi tecer "uma entragazinha", |  
 Que Jesus seja testemunha de minha intenção |  
 e do seu julgamento. |  
 25 Tambem você achou decente e conveniente me |

## Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página na margem superior esquerda e pela data sublinhada 5-1/2-942, na linha 2, feitas a lápis grafite.

75

recebida a requisição de um exemplar da Gramática de Eduardo Carlos Pereira, <sup>lida a de um de</sup> ~~o melhor de nossas gramáticas.~~ Não recebo o conselho pelo seguinte: já possuo este livro. ~~Estou com este quando não tenho autoridade para dar~~ ~~meu + julgar~~ ~~em favor~~ ~~nossas melhores gramáticas.~~ É, entretanto, a de minha preferência. Neste ponto estamos de acordo.

Uma pergunta, meu amigo: Haverá prazer sádico em quem não é sádico? Haverá prazer morbido em quem não é morbido? Afirmando-se que alguém tem prazer sádico e morbido, ou se está afirmando que este alguém é sádico e morbido? Porque tem prazer sádico e morbido em quem não é sádico e morbido? Coisas da sabedoria {1}/L\uterana... em que você se diz técnico e eu que, graças ao meu bom Deus, sou ~~profundamente~~ ~~perfeitamente~~ ignorante!

"O padre, me dê um santo." Leia esta frase no Padre F<sup>co</sup> e, depois, no Sr. Basílio. E veja se não descobre diferença de sentidos. O Sr. Basílio tem um sentido de chacota. Veja se você a encerra na parte. (7)

A imparcialidade de "O Lidador" é contestável. Não menos que quiz publicar minha carta aberta

[P 75]

aconselhar a aquisição de um exemplar da Gramática de Eduardo Carlos Pereira{.}/>,\ [↑afirmando ser ela] [↓a melhor de nossas gramáticas.] Não aceito o

conselho, pelo seguinte: já possuo {†}/es\te livro. {Estou} |

5 {com você quando} Não tenho autoridade para {sa-} |

{ber e} julgar [↑o] s {er ela a}/>eu valor\ {nossa melhor gramática.} |

E', entretanto, a de minha preferência. Neste ponto estamos de acordo. |

Uma pergunta, meu {amigo}/>Eudaldo\: Haverá pra{s}/>z\er sádico {†}/>em\ |

10 quem não é sádico? Haverá prazer morbido em |

quem não é morbido? Afirmando-se que alguém |

tem pra{s}/>z\er sádico e morbido, não se está afir- |

mando que este é alguém é sádico e morbido? |

Porque trans{p}/>f\ormar esta clareza em questão gra- |

15 matical? Coisas da sabedoria {1}/L\uterana... em |

que você se diz técnico e eu que, graças ao |

meu bom Deus, sou {aprofund}/>perfeit\amente ignoran- |

te! |

20 "O padre, me dê um santo." Leia esta frase no |

Padre F<sup>co</sup> e, depois, no Sr. Basílio. E veja se |

não descobre diferença de sentidos. {No}/>Em\ Sr. Basílio |

ha um sentido de chacota. Veja se nota |

o mesmo no padre. [\* (79, L 1) (1) ] |

{F A imparcialidade de "O Lidador" é contestável. |

25 Pelo menos não quiz publicar minha carta aberta F} |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita. A numeração se encontra sublinhada também a lápis grafite.

2. Na linha 20, a abreviatura F<sup>co</sup> se desdobra como 'Francisco', referindo-se ao Padre Francisco de Sales Brasil.

3. Nas linhas 20 e 21, a abreviatura Snr. se desdobra como 'Senhor'.

4. Nas linhas 24 e 25, o fragmento de texto foi cancelado por riscos diagonais, iniciados na direção da esquerda para direita, feitos com tinta preta, apresentando um total de 6 riscos.

76

Não me arrependo do elogio que fiz ao livro protestante, a que você se refere. Foi um elogio merecido, tanto quanto a minha condenação ao livro do Sr. Basilio. Na prova que pretendo publicar, são as duas referencias: a frente aberta e o elogio. Você acha que estou com "coceira de publicidade", e se demora na análise da sua sabedoria e da minha ignorancia. Meu amigo: creio sinceramente que sou indiferente ao juizo que fazem de mim os protestantes e o mundo. Escrevo ~~isto~~ ajo com o pensamento no julgamento de Deus <sup>o</sup> unico <sup>que me intere-</sup> que. O julgamento <sup>da</sup> Igreja Catolica, que vem a ser a mesma coisa. (2)

O crime de padre Luiz Santiago - Infelizmente, meu amigo, não é o primeiro nem será o ultimo que comete <sup>tao</sup> infeliz ato <sup>tao</sup> infeliz. E' dos casos que devem ser motivos de compaixão e não de propaganda de seitas. Que a misericordia divina se compadeça [↑de] Luiz Santiago e de todos nós, peccadores. (xx)

[P 76] |

Não me arrependo do elogio que fiz ao livro {protestante,} a que você se refere. Foi um elogio merecido, tanto quanto a minha condenação ao livro do Sr. Basilio. No livro que / pretendo publicar, sairão as duas referencias: {a} {fiz}/>c\arta aberta e o elogio. Você acha que estou com "coceira de publicidade", e se demora na análise da sua sabedoria e da / minha ignorancia. Meu amigo: creio / sinceramente que sou indiferente ao juizo / que façam de mim os protestantes e o mundo. Escrevo {atúo}/[↑e] ajo com o pensamento no / julgamento de Deus, {o} unico [↑julgamento] que me in{t}/te\re- / ça. O julgamento [↑de Deus] e d{e}/>a\ Igreja Catolica, [o] que vem / a ser a mesma coisa. [\***(79, L 21)** (2) ] |

O crime d{i}/>o\ Padre Luiz Santiago - Infelizmente, meu / amigo, não é {a}/>o\ primeiro nem será {a}/>o\ ultimo que / comete {tao infeliz} ato tao infeliz. E' dos casos / que devem ser motivos de compaixão e não de pro- / paganda de seitas. Que a misericordia divina / se compadeça [↑de] Luiz Santiago e de todos nós, pe- / cadores. [\***(78, L 9)** (xx) ] |

Notas do editor:

1. Texto escrito, majoritariamente, com tinta preta. A numeração da página na margem superior esquerda; o risco na palavra 'protestante', na linha 3; a palavra 'julgamento', na linha 14 e o segmento '(2)', na linha 16, foram feitos a lápis grafite.
2. Na linha 5, a abreviatura Snr. se desdobra como 'Senhor'.

77

É preciso que eu não seja  
 Meu caro: Eudaldo: não quero ser muito longo.  
 Mesmo porque, poderia ofende-lo não lhe pode  
 interessa muito a conversa a minha conversa  
 sobre um assunto que não seja Farmac{eutica}/>ia.  
 No seu modo de ver, um farmaceutico só deve  
 falar e escrever sobre farmacia; ao parece, você }  
 acha que só pode ter {†} Naõ quero ser lon-  
 go, portanto. F} Naõ{, } posso, porem, terminar esta, sem  
 uma advertencia sobre um outro ponto de sua -  
 conta: quando eu que você diz que "ha bem  
 pouco tempo" eu "clamava pelo estabelecimento  
 do novo regime hitlerista no Brasil." Meu  
 amigo, esta afirmacão é, simplesmente, fantasti-  
 ca! Eu, clamando "pelo estabelecimento do  
 novo regime hitlerista no Brasil"? Quando,  
 e onde, Eudaldo? Eu, hitlerista?! [↑Louvado seja Deus!] Depois de  
 fazer uma afirmacão desta natureza, sua  
 conciencia ficará tranquila? Meu  
 amigo: hoje é dia do Sagrado Coraçã de  
 Jesus! Que {e}/>E\le se compadeça de você.  
 Que ele {senhor}/>tenha {/\*piedoso/}/>piedade\ de nós. Que o  
 Sagrado Coraçã de Jesus ponha doçura  
 nos nossos coraçõs; nas nossas intencões. Que  
 o nosso amor a Deus seja mais que as nossas

[P 77] |

Meu caro: {Eudaldo: não quero ser}/[↑E' preciso que eu não seja]\ muito longo. |

{F Mesmo porque, { poderia ofende-lo } não lhe pode |

interessar muito {a conversa} a minha conversa |

5 sobre um assunto que não seja Farmac{eutica}/>ia. |

No seu modo de ver, um farmaceutico só deve |

falar e escrever sobre farmacias {ao parece, você} |

{acha que só pode ter {†}} Naõ quero ser lon- |

go, portanto. F} Naõ{, } posso, porem, terminar esta, sem |

10 uma advertencia sobre um outro ponto de sua - |

carta: aquele em que você diz que "ha bem |

pouco tempo" eu "clamava pelo estabelecimento |

do novo regime hit[1]erista no Brasil." Meu |

amigo, {s}/>esta afirmacão é, simplesmente, fantasti- |

15 ca! Eu, clamando "pelo estabelecimento do |

novo regime hitlerista no Brasil"? Quando, |

e onde, Eudaldo? Eu, hitlerista?! [↑Louvado seja Deus!] Depois de |

fazer uma afirmacão desta natureza, sua |

conciencia ficará tranquila? Meu |

20 amigo: hoje é dia do Sagrado Coraçã de |

Jesus! Que {e}/>E\le se compadeça de você. |

Que ele {senhor}/>tenha {/\*piedoso/}/>piedade\ de nós. Que o |

Sagrado Coraçã de Jesus ponha doçura |

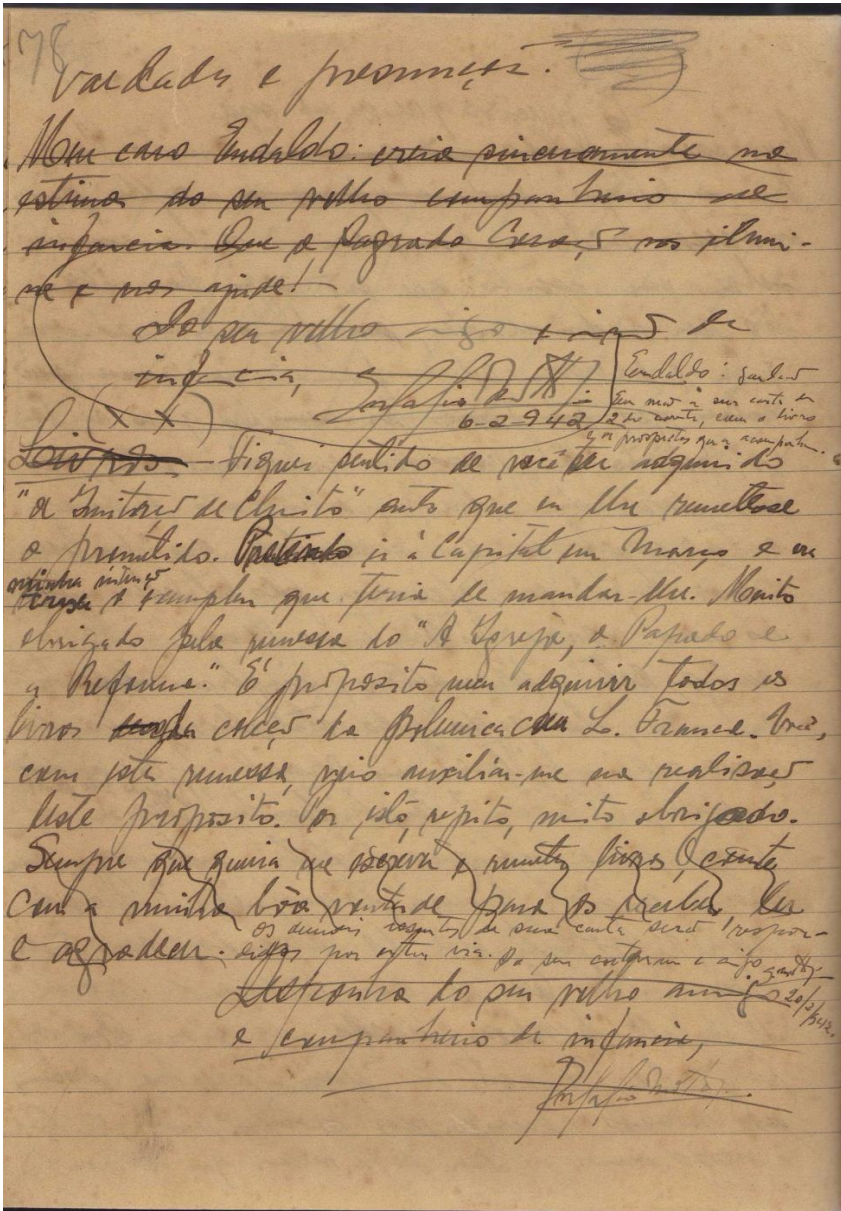
nos nossos coraçõs; nas nossas intencões. Que |

25 o nosso amor a Deus seja mais que as nossas |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

2. Nas linhas 3 a 11, o fragmento de texto foi cancelado por riscos diagonais, iniciados na direção da esquerda para direita, feitos com tinta preta, apresentando um total de 13 riscos.



[P 78]  
 verdades e presunções. **{(B 2 B)}** |  
 {F Meu caro Eudaldo: creia sinceramente na |  
 estima do seu velho companheiro de |  
 5 infancia. Que o Sagrado Coração nos ilumi- |  
 ne e nos ajude! |  
 Do seu velho amigo e irmão de |  
 infancia, [Eulalio Motta.] [↓6-2-942] F} Eudaldo: Saudação |  
 [\***(76, L 23)**] (xx) ] Em mão a sua carta de |  
 10 2 do corrente, com o livro [↓e os prospectos q a acompanham.] |  
 {Livros -} Fiquei sentido de você ter adquirido |  
 “a Imitação de Christo” antes que eu lhe remetesse |  
 o prometido. {†}/>Pretendo\ ir à Capital em Março e era |  
 {tra}/[↑minha intenção] >traser\ o exemplar que teria de mandar-lhe. Muito |  
 15 obrigado pela remessa do “A Igreja, o Papado e |  
 a Reforma”. E’ proposito meu adquirir todos os |  
 livros {daquela}/>da\ coleção da polemica com L. Franca. Você, |  
 com esta remessa, veio auxiliar-me na realização |  
 deste proposito. Por isto, repito, muito obrig{†}/>a\do. |  
 20 {F Sempre que queira me escreva e remeter livros, conte |  
 com a minha bôa vontade para os receber, ler |  
 e agradecer. F} [↑Os demais assuntos de sua carta serã respon-] didos por outra via. Do seu  
 conterraneo e amigo [↓ [Eulalio Motta.]] [↓↓20/2/942.] |  
 {F Desponha do seu velho amigo- |  
 e companheiro de infancia, |  
 25 [Eulalio Motta.] F} |

Notas do editor:

1. Texto escrito, majoritariamente, com tinta preta, exceto pela numeração da página na margem superior esquerda e o segmento “(2)” com o seu cancelamento em forma de redemoinho, na linha 2, que foram feitos a lápis grafite.
2. Na linha 17, a abreviatura L. se desdobra como ‘Leonel’, em referência a Leonel Franca.
3. Nas linhas 5 a 10, há um balão de divisão de página, feito com tinta preta, para separar os textos.
4. Nas linhas 3 a 8, fragmento de texto foi cancelado por riscos horizontais (linhas) feitos com tinta preta.



5. Nas linhas 20 a 22, o fragmento de texto foi cancelado por riscos diagonais com ondulações, na direção da esquerda para direita, feitos com tinta preta, apresentando um total de 9 riscos.
6. Nas linhas 23 a 25, o fragmento de texto foi cancelado por riscos horizontais (linhas) feitos com tinta preta.

(1) Você diz, com ares de ameaça, que eu me lembre que você tem uma carta que ministe em "elogios notáveis" a um livro protestante. Meu caro: subsecrevo tudo que escrevi na carta referida. Agora eu lhe pesso que lembre o seguinte: tenho uma carta sua em que você, depois de classificar o livro do padre F<sup>co</sup> de infame, [↑(linguagem luterana)] diz que o Snr. Basilio "respondeu na mesma moeda", quer dizer, portanto, que você classificou o livro do Snr. Basilio como infame e agora se levanta em defesa deste livro. Se você disser que isto é decente, é bonito, é cristão F |

Você diz que meu "cristianismo é raquitico". Eu não sei que nome {B {†} B} possa dar ao cristianismo de um individuo que {adqu} classifica um livro de infame e depois o defende. {Isto} {não é cristianismo, é luteranismo. [\* (84, L 13) 1' ]} F } [\* (75, L 23) (1) ] |

----- |

5

10

15

20

25

(2) - Você me manda um livro de polemica; recomendando que eu pare eu ler e meditar. Eu lhe respondo que, para meditar, tenho, "Novo Test.", "A Imitação de Cristo", etc. Agora você encolhe, e pressado que comprei um livro de polemica com um de {†} tica. {B {†} B} E faz um {B {†}... B} |

5

10

15

20

25

Notas do editor:

1. Texto escrito a lápis grafite, exceto pelo número '2', na linha 5; o segmento '(linguagem luterana)', na linha 8 e o sublinhado da palavra 'infame', na linha 8, que foram feitos com tinta preta.
2. Nas linhas 5 a 19, o fragmento de texto foi cancelado por riscos verticais, feitos a lápis grafite, apresentando um total de 8 riscos.
3. Nas linhas 8, 11 e 24, as abreviaturas se desdobram, respectivamente: F<sup>co</sup> como 'Francisco', referindo-se ao Padre Francisco de Sales Brasil; Snr. como 'Senhor' e Test. como 'Testamento'.

80  
 estardalhaço <sup>em tôrno</sup> de tal conclusãõ. Isto é  
 uma velha tecnica luterana já muito conhe-  
 cida: fazer afirmações fantasticas, dizer que suas  
 afirmações são do adversario, e depois cantam vitorias  
 sobre taes afirmações...  
 Nas suas cartas anteriores, parece se demorar na de-  
 monstraçãõ de sua competência, dizendo tanto de  
 anos de curso, e que é um tecnico em cristia-  
 nismo e que sabe o assunto, e mais isto e mais  
 aquilo, mostrando de foarismo a minha  
 ignorancia para demonstrar <sup>o chocante</sup> do contraste: da sua  
 grandeza com a minha pequenez. Nesta carta  
 você volta a falar, com insistencia, da sua  
 sabedoria e da minha ignorancia. Você  
 parece que vive absolutamente preocupado com <sup>(x)</sup>  
 a sua grandesa. Em Miguel Calmon um tabe-  
 reo protestante me disse que você é um genio.  
 Tome nota disto e fique contente. Que eu tam-  
 bem estou muito contente com a minha  
 ignorancia e pequenez. Nos Evangelhos  
 na [↑terra e] dous referencias aos pequenos e pobres  
de espirito. [\***(81, L 16)** (x) ]
 Vocês, protestantes, dizem: "Só a Biblia é autori-  
 dade em religião. Só nela devemos crer." **F** Todo

[P 80] |

estardalhaço [↑em tôrno] de tal conclusãõ. {E'}/≥\sto é |  
 uma velha tecnica luterana já muito conhe- |  
 cida: fazer afirmações fantasticas, dizer que taes |  
 5 afirmação são do adversario, e depois cantam vitorias |  
 sobre taes afirmação... |

N{a}/≥u\ [↑ma de] suas cartas anteriores, {f}/≥vo\cê se demorou na de- |  
 monstraçãõ de sua competencia {dez}/≥arro\ tanto dez |  
 anos de curso, e que é um tecnico em cristia- |

10 nismo, e que sabe o assunto, e mais isto e mais |  
 aquilo, {B {†} B}/≥naõ [↑se] esquecendo de fo\calisar a minha |  
 ignorancia para demonstrar [↑o chocante] {o}/≥do\ contraste: da sua |  
 grandeza com a minha pequenez. Nesta carta |  
 você volta a falar com insistencia, da sua |

15 sabedoria e da minha ignorancia. Você |  
 parece que vive absolutamente preocupado com [(x) |  
 a sua grandesa. Em Miguel Calmon um taba- |  
 reo protestante me disse que você é um genio. |  
 Tome nota disto e fique contente. Que eu tam- |

20 bem estou muito contente com a minha |  
 ignorancia e pequenez. Nos Evangelhos |  
 na [↑terra e] dous referencias aos pequenos e pobres |  
 de espirito. [\***(81, L 16)** (x) ] |

--- |  
 25 Vocês, protestantes, dizem: "Só a Biblia é autori- |  
 dade em religião. Só nela devemos crer." {F} Todo |

Notas do editor:

1. Texto escrito a lápis grafite, exceto pelo segmento 'o chocante do', na linha 12; o segmento '(x', na linha 16 e o segmento '(x)', na linha 23, que foram feitos com tinta preta.
2. Na linha 16, o segmento '(x' foi ocasionado por transferência de tinta do segmento '(x)' feito na linha 14 da página 81.



82  
aos Evangelhos  
e traz [↑à baila] as palavras de Jesus condemnando a  
hipocrisia farisaica. A Biblia me met  
do livro exame prova tudo, não digo, até  
o badiatismo e o assassinio. Um Snr. Basilio qual  
quer vomita expressões de odio e injurias contra  
alguem? O livre exame luterano corre em auxilio  
do "cujo" {B {†} B}/>e julga justificar as injurias citando  
10 palavras de Jesus. Na mão do livre exame de-  
Simpredo, a Biblia tem pano para todas as man-  
jas. Isto é um assunto que merece um comentario  
especial. Alias já exist{em}/>e muita coisa escrita  
sobre este particular. Meu trabalho é apenas fo-  
15 lhear estudos e expô-los. {aos meu} Não esquecerei |  
de faze-lo, oportunamente.
Você, se referindo ao Bispo [↑{de}] Dom Henrique Trindade, |  
entende de explicar porque "foi que ele não se fez |  
20 jesuita, fazendo julgamentos temerarios. E está es-  
crito: "Não julgueis." |  
----- |  
Com a sua [↑carta] me vieram tambem um livro e um |  
prospecto, alem dos recortes de jornal. No prospec- |  
25 to ha uma coisa {mu}/>que\ muito me interessou {;}/>-\ um |

Você, se referindo ao Bispo Dom Henrique Trindade,  
entende de explicar porque "foi que ele não se fez  
jesuita, fazendo julgamentos temerarios. E está es-  
crito: "Não julgueis."

Com a sua me vieram tambem um livro e um  
prospecto, alem dos recortes de jornal. No prospec-  
to ha uma coisa que muito me interessou e um

[P 82] |

aos Evangelhos |

e traz [↑à baila] as palavras de Jesus condemnando a |  
hipocrisia farisaica. A Biblia na mão |

- 5 do livro exame prova tudo, meu amigo, até |  
o badiatismo e o assassinio. Um Snr. Basilio qual- |  
quer vomita expressões {†}/>de\ odios e injurias contra |  
alguem? O livre exame luterano corre em auxilio |  
do "cujo" {B {†} B}/>e julga justificar as injurias citando |  
10 palavras de Jesus. {†} [↑ a S. Paulo.] Na mão do livre exame de- |  
senfreado, a Biblia tem pano para todas as man- |  
gas. Isto é um assunto que merece um comentario |  
especial. Alias já exist{em}/>e muita coisa escrita |  
sobre este particular. Meu trabalho é apenas fo- |  
15 lhear estudos e expô-los. {aos meu} Não esquecerei |  
de faze-lo, oportunamente. |

----- |

Você, se referindo ao Bispo [↑{de}] Dom Henrique Trindade, |  
entende de explicar porque "foi que ele não se fez |  
20 jesuita, fazendo julgamentos temerarios. E está es- |  
crito: "Não julgueis." |

----- |

- Com a sua [↑carta] me vieram tambem um livro e um |  
prospecto, alem dos recortes de jornal. No prospec- |  
25 to ha uma coisa {mu}/>que\ muito me interessou {;}/>-\ um |

Notas do editor:

1. Texto escrito a lápis grafite.

2. Nas linhas 6 e 10, as abreviaturas se desdobram, respectivamente: Snr. como 'Senhor'; S. como 'São'.

83

processo muito indelicado de propaganda de: lu-  
 teranos; protestantes escreveram {bobagens} {propa-}/>elogios\ |  
 {gada} {ou}/>ás\ suas seitas, {dizendo}/[↑mascarados] {-se}/>de\ catolicos, |  
 5 e ainda assinando com o pseudonimo de |  
 "Um catolico". Que explorem a sinceridade |  
 do Padre Rohden, vá lá. Que, {†}, se di- |  
 gam catolicos e assinem suas {bobagens}/>tiradas\ |  
 com o pseudonimo de "Um catolico", é |  
 10 que {os}/>é\ um abuso mais do que indecente, |  
 é cinico. Os catolicos {†}/>tomem\ nota de mais |  
 esta dos comparsas de Lutero. |

----- |  
 (4) Você deça ou não [↑deça] de sua torre de sabedoria, eu |  
 15 continuarei a cumprir o meu dever de falar e escrever |  
 em defesa de minha Igreja que é a de Cristo, contra |  
 a sua, que é a de Lutero. Já lhe disse e repito: |  
 minha ignorancia não tem medo de sua sabedoria. |  
 Você me aconselha mais prudencia {mais prudencia} |  
 20 e mais siso. Eu lhe devolvo o conselho. |  
 {B diz que estou me {†} palavra B} />-----\ |  
 Em suas cartas e cartões e você tem se |  
 metido a me dar conselhos {B que {†} lhe {†} B}/>sobre como devo\ |

Notas do editor:  
 1. Texto escrito a lápis grafite.  
 2. Na linha 14, a nota '(4)' não tem outra marca para indicar a remissão, porém o texto escrito se assemelha ao texto da página 81, linha 14, que se encontra sem final (interrompido).

Em suas cartas e cartões e você tem se  
 metido a me dar conselhos sobre como devo

[P 83] |

processo muito {†}/>indecente\ de propaganda: {lu- |  
 terana}: protestante[s] escreveram {bobagens} {propa-}/>elogios\ |  
 {gada} {ou}/>ás\ suas seitas, {dizendo}/[↑mascarados] {-se}/>de\ catolicos, |  
 5 e ainda assinando com o pseudonimo de |  
 "Um catolico". Que explorem a sinceridade |  
 do Padre Rohden, vá lá. Que, {†}, se di- |  
 gam catolicos e assinem suas {bobagens}/>tiradas\ |  
 com o pseudonimo de "Um catolico", é |  
 10 que {os}/>é\ um abuso mais do que indecente, |  
 é cinico. Os catolicos {†}/>tomem\ nota de mais |  
 esta dos comparsas de Lutero. |

----- |  
 (4) Você deça ou não [↑deça] de sua torre de sabedoria, eu |  
 15 continuarei a cumprir o meu dever de falar e escrever |  
 em defesa de minha Igreja que é a de Cristo, contra |  
 a sua, que é a de Lutero. Já lhe disse e repito: |  
 minha ignorancia não tem medo de sua sabedoria. |  
 Você me aconselha mais prudencia {mais prudencia} |  
 20 e mais siso. Eu lhe devolvo o conselho. |  
 {B diz que estou me {†} palavra B} />-----\ |  
 Em suas cartas e cartões e você tem se |  
 metido a me dar conselhos {B que {†} lhe {†} B}/>sobre como devo\ |

Notas do editor:

1. Texto escrito a lápis grafite.
2. Na linha 14, a nota '(4)' não tem outra marca para indicar a remissão, porém o texto escrito se assemelha ao texto da página 81, linha 14, que se encontra sem final (interrompido).

84

começar a minha ação católica, etc. Sinto  
 ter de lhe, de lhe que vou "fati" passan-  
 do o pé adiante da mão. Falta-lhe  
 autoridade intelectual e moral para  
 me dar conselhos. Não passo altura aos  
 vales. Não passo luz á sombra. "Eu sou  
 pequeno mas só fito os Andes." Nas  
 suas cartas vou insistido em frisar  
 a minha ignorancia. Devo-lhe dizer que  
 "eu sou pequeno mas só fito os Andes."

1 - Agora, meu amigo, sente: - Tenho á mão, uma  
 carta sua, datada de 28-11-941, na qual você  
 diz, de referencia ao livro do Padre F<sup>co</sup>, e sem  
 guinte: "acervo de mentiras e injurias" escrito em  
 "linguagem difamatoria". E depois afirma: {que}  
 sobre "O muito que, imparcialmente posso dizer  
 do livro do Basilio, é que pagou com a  
 mesma moeda (o grifo é meu).

[P 84] |

começar a minha ação católica, etc. Sinto |  
 ter de lhe, de {†} lhe que você "está passan- |  
 do o pé adiante da mão". Falta-lhe |

5 autoridade intelectual e moral para |  
 me dar conselhos. Não passo altura aos |  
 vales. Não passo luz á sombra. {"Eu sou} |  
 {pequeno mas só fito os Andes"}. Nas |  
 suas cartas você tem insistido em frisar |  
 10 a minha ignorancia. Devo-lhe dizer que |  
 "eu sou pequeno mas só fito os Andes." |

---- |

[\*(79, L 19) 1' – Agora, meu amigo, escute: – Tenho, á mão, uma |  
 carta sua, datada de 2{†}/>8\11-941, na qual você |  
 15 diz, {de referencia} {ao}/>que\ [†o] livro do Padre F<sup>co</sup>, {o se-}/>é um\ |  
 {guinte}: "acervo de mentiras e injurias" escrito em |  
 "linguagem difamatoria". E depois afirma: {que} |  
 {sobre} "O muito que, imparcialmente posso dizer |  
 do livro do Basilio, é que pagou com a |  
 20 mesma moeda (o grifo é meu). \*(79, L 19) 1'] |

Nota do editor:

1. Texto escrito a lápis grafite.

2. Na linha 15, a abreviatura F<sup>co</sup> se desdobra como 'Francisco', referindo-se ao Padre Francisco de Sales Brasil.

Rascunho de carta 16 - Eudaldo: Saudações / Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro

88 Eudaldo: Saudações

Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro, com um livro e a copia da carta de Frei Felix. Muito obrigado.

Ciente do que você diz sobre "Imitação de Cristo". Hei de mandar-lhe outro. Fico devendo.

Apresento a minha "Segunda carta aberta a um amigo", a qual seguirá mais duas publicações. Certamente você não gostará. Fui forçado a lhe responder, com justa indignação, ante acusações levianas, injustas e, as vezes, graves, que você faz contra mim. São as tais inconveniências inevitáveis das polemicas. Neste terreno, nossas vaidades, presunções, amor proprio, falam muito mais alto que o nosso amor ao Cristo. Em tais discussões, quase sempre acontece esta desgraça: nós falamos e Deus silencia.

Vou inscrever-me como socio do Pro-L {†}, de modo que adquirirei ali, com porcentagens especiaes, os livros a que me referi. Tenho o "Paulo de Tarso", de Rhoden, e mais, do mesmo autor, "Maravilhas do Universo" e "Problemas do Espirito."

Muito obrigado pelo seu interesse em me auxiliar na aquisição dos livros a que me referi.

Do contrraneo e amigo  
Eulalio Motta  
3-3-942.

[P 88] Eudaldo: Saudações |

Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro, com um |  
livro e a copia da carta de Frei Felix. Muito obri- |  
gado. |

- 5 Ciente do que você diz sobre "Imitação de Cristo". Hei de |  
mandar-lhe outro. Fico devendo. |  
Aguarde a minha "Segunda carta aberta a um a- |  
migo", ó qual seguirá mais duas publicações. Certamente |  
você não gostará. Fui forçado a lhe responder, com justa |  
10 indignação, certas acusações levianas, injustas e, as vezes, |  
graves, que você faz contra mim. São as taes incon- |  
veniências inevitáveis das polemicas. Neste terreno, nossas |  
vaidades, presunções, amor proprio, falam muito mais |  
15 alto que o nosso amor ao Cristo. Em taes discussões, |  
quase sempre acontece esta desgraça: nós falamos e |  
Deus silencia. |

- Vou inscrever-me como socio do Pro-L {†}, de modo |  
que adquirirei ali, com porcentagens especiaes, os livros |  
a que me referi. Tenho o "Paulo de Tarso", de Rhoden, |  
20 e mais, do mesmo autor, "Maravilhas do Universo" e "Pro- |  
blemas do Espirito." |

Muito obrigado pelo seu interesse em me auxiliar na |  
aquisição dos livros a que me referi. |

Do contrraneo e amigo |

- 25 [Eulalio Motta.] |  
3-3-942. |

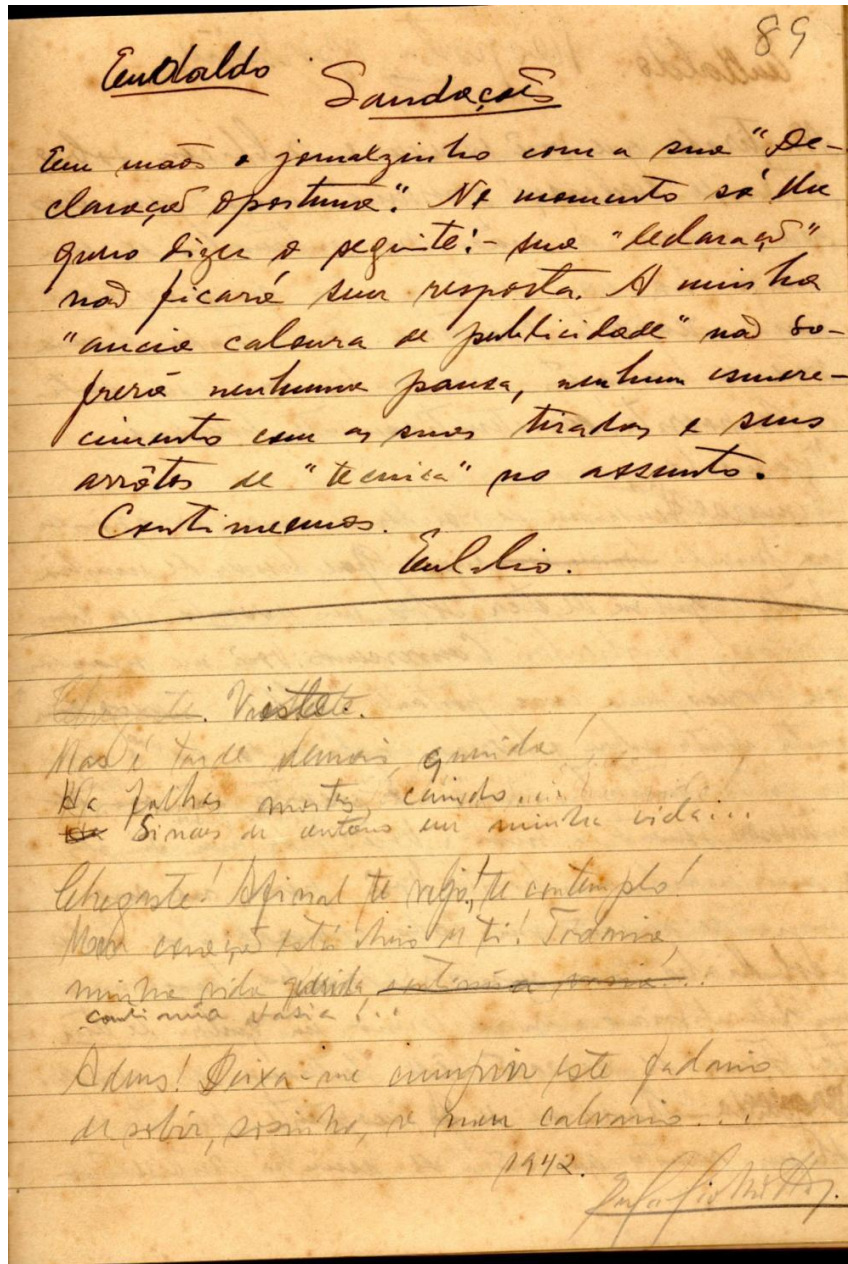
Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.



Rascunho de carta 17 - Eudaldo Saudações | Em mãos o jornalzinho com a sua “Declaração Oportuna”

p. 89



Eu{1}/&gt;d\aldo [P 89] |

Saudações |

Em mãos o jornalzinho com a sua “De-  
 claração Oportuna”. No momento só lhe |  
 quero dizer o seguinte: – sua “declaração” |  
 não ficará sem resposta. A minha |  
 “ância caloura de publicidade” não so- |  
 frerá nenhuma pausa, nenhum esmore- |  
 cimento com as suas tiradas e seus |  
 arrôtos de “tecnica” no assunto. |  
 Continuemos. |  
 [Eulálio.] |

{Chegaste}. Vi {nheste.}/&gt;este.\ |

15 Mas é tarde demais, {o}/>q\uerida! |  
 {Ha}/>Ha\ {B {†} B}/>folhas mortas, caindo...\ |  
 {Ha} {s}/>S\inaes de outono em minha vida... |

Chegaste! Afinal te ve[1]/>j\o {,} [≥!] te contemplo! |  
 Meu coração está cheio de ti! Todavia, |  
 20 minha vida, {†}/>querida\ {continúa vasia...} |  
 [↑continúa vasia...]

Adeus! Deixa-me cumprir este fadario |  
 descobrir, sosinho, o meu calvario... |  
 1942. |

25 [Eulálio Motta.] |

Notas do editor:

1. A enumeração da página foi feita com lápis grafite, na margem superior direita.
2. Da linha 1 a 12 o texto foi escrito com tinta preta.
3. Há uma divisão na página com um risco horizontal, de ponta a ponta da página, feita com lápis grafite.
4. A partir da linha 14, o texto foi escrito com lápis grafite.



91

arresta para competência, ~~mas~~ para "versar, confor-  
me a ontologia científica, assuntos relacionados com  
Biologia, História Eclesiástica, Hermeneutica, Filo-  
sofia e Teologia. Aqui o pernorticismo se tornou  
se revelou conto por conto... Todo luterano, pri-  
cipalmente os que se intitulam por profe-  
santes de pastores e ministros, é compene-  
tra de que está entupidinho de ciência  
divina e que o resto das criaturas, as que não  
curram em escolas de preceitos luteranos, são  
pobres pelos diabos nulos que nem merecem a aten-  
ção de uma resposta [↑pacífica...] Presunção e água benta...  
Meu amigo, escute: o farmacêutico Eulalio Mota  
sabe ler; e tem uma estante, na qual existem  
sobre o assunto - Cristianismo - muitos autores,  
verdadeiramente técnicos no assunto, que não  
se podem a não ser para fazer por comparação  
com você. Seria comparar o globo terrestre com  
um grão de areia. Estes autores têm qualidades  
que faltam totalmente ~~para~~ você: - Talento, cultu-  
ra e humildade. Eles não se dizem técnicos no  
assunto nem batem nos peitos gritando ar-  
rogantemente: "Eu sei o assunto!" Porque eles

[P 91] |

arrotava sua competência, {†} para “versar, confor-  
me a metodologia científica, assuntos relacionados com  
Teologia, História Eclesiástica, Hermeneutica, Filo-

5 sofia e Lógica. Aqui o pernorticismo luterano |  
se revelou conto por conto... Todo luterano, pri-  
cipalmente os que se intitulam pomposa-  
mente de pastores e ministros, é compene-  
tra {†}/>do\ de que está entupidinho de ciência |  
10 divina e que o resto das criaturas, {os}/>as\ que não |  
curram as escolas de preconceitos luteranos, são |  
{os}/>uns\ pobres diabos nulos que nem merecem a aten-  
ção de uma resposta [↑pacífica...] Presunção e água benta... |

[\*(94, L 23) x] [↑(Na sua lógica luterana, Pasteur nunca deveria ter se metido com Medi-  
[↓cina porq. não era médico...)] Meu amigo, escute: o farmacêutico Eulalio Mota |

15 sabe ler; e tem {†}/>uma\ estante, na qual existem, |  
sobre o assunto - Cristianismo - muitos autores, |  
verdadeiramente técnicos no assunto, {o}/>q\ue não |  
se podem, a não ser para fazer {†}/>r\ir, comparar |  
com você. Seria comparar o globo terre {†}/>stre\ com |  
20 um grão de areia. Estes autores têm qualidades |  
que faltam totalmente {a}/>em\ você: - Talento, cultu-  
ra {,}/>e\ humildade. Eles não se dizem técnicos {no} |  
{assunto} nem batem nos peitos gritando ar-  
rogantemente: “Eu sei o assunto!” Porque el {ls}/>es\ |

Notas do editor:

1. Texto majoritariamente escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita e do acréscimo por entrelinhamento (entre parênteses) nas linhas 14 e 15 que também foi escrito com lápis grafite.
2. Na linha 15, a abreviatura porq. se desdobra como ‘porque’.

92

são membros da Igreja de Cristo, que ensinam a humildade, e não das seitas protestantes de Lutero que ensinam a presunção, o pedantismo, o compenetrismo enfatuado dos [↑que] se intitulam de técnicos, conforme a metodologia científica, etc. e tal...

Quarta acusação - No tempo daquelas memoráveis agitações políticas, que sacudiram e abalararam a alma cabocla de meu Brasil brasileiro, um adversário político me acusou a vítima de um recalque... O camarada ficou lido Freud e ficou todo cheio de si, procurando em quem aplicar sua sabedoria psicanalítica... E eu fui a vítima: o camarada descobriu que eu sofria de um recalque amoroso que estava explodindo no sector político... E agora foi você. Naturalmente você leu Freud também e ficou vexadinho para aplicar sua sabedoria psicanalítica... Ainda uma vez, fui eu a vítima. O outro descobriu um recalque amoroso... explodindo no sector político! Você agora descobre um recalque político explodindo no sector religioso... Louvado seja Deus!

[P 92] |

são membros da Igreja de Cristo, que ensina | a humildade, e não das seitas {protestantes} de | Lutero que ensina[m] a presunção, o pedantis- | mo, o compenetrismo enfatuado dos [↑que] se intitulam | de técnicos, conforme a metodologia científica, etc. | e tal... |

- {Quinta}/>Quarta\ acusação – No tempo daquelas memoráveis | agitações políticas, que sacudiram e | vibraram a alma cabocla de meu Brasil | brasileiro, um adversário político me acusou | de vítima de um recalque... O camarada {†}/>havia\ | lido Freud e ficou todo cheio de si, procura- | rando em quem aplicar sua sabedoria pi{c}/>s\icoa- | nalítica... E eu fui a vítima: o camarada desco- | brio que eu sofria de um recalque amoroso | que estava explodindo no sector político... | E{´} agora foi você. Naturalmente {v} leu Freud | também e ficou vexadinho para aplicar sua | sabedoria psicanalítica... Ainda uma vez, fui eu | a vítima! O outro descobriu um recalque amoro- | so... explodindo no sector político! Você agora | descobre um recalque político explodindo | no sector religioso... Louvado seja Deus! |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.



94

Segunda acusação - Acusa de eu estar a-  
nunciando espetacularmente a "Segunda car-  
ta aberta". Isto é mentira! Vejamos: você  
5 respondeu a "Carta aberta", com uma carta par-  
ticular, cheia de presunção e acusações levianas,  
{na qual você} dizendo-me que esta carta seria  
lida aos seus correligionários. Deste modo,  
deixava de ser particular, dando-me, portanto,  
10 o direito de responde-la publicamente. Daí  
a "Segunda carta aberta". Comuniquei-lhe,  
então, em carta particular, que as acusações  
era injustas, era graves, todas levianas, e sua  
15 carta, seriam devidamente respondidas em uma  
"Segunda carta aberta". Você agora me apare-  
ce com essa novidade de que a "Segunda car-  
ta aberta" vem sendo anunciada espetacular-  
mente! Como se eu a estivesse anuncia-  
do na imprensa, na radio e em todos  
20 os cartazes de todas as cidades do Bra-  
sil! Espetacularmente? Mentira!

x Na sua "logica" luterana, Pasteur nunca deveria ter  
tratado de medicina, porque não tinha o curso  
e o diploma de medico! Só mesmo "logica" depro-  
vante!

[P 94] |

Segunda acusação - Acusa de eu estar a-  
nunciando espetacularmente a "Segunda car-  
ta aberta". Isto é mentira! Vejamos: você |  
5 respondeu a "Carta aberta", com uma carta par- |  
ticular cheia de presunção e acusações levianas, |  
{na qual você} dizendo-me que esta carta seria |  
lida aos seus correligionários. Deste modo, |  
deixava de ser particular, dando-me, portanto, |  
10 o direito de responde-la publicamente. Daí |  
a "Segunda carta aberta"[.]{,} Comuniquei-lhe, |  
então, em carta particular, que as acusações |  
ora injustas, ora graves, todas levianas, de sua |  
carta, seriam devidamente respondidas em uma |  
15 "Segunda carta aberta." Você agora me apare- |  
ce com essa novidade de que a "Segunda car- |  
ta aberta" vem sendo anunciada espetacular- |  
mente!, {c}/>C\omo se eu a estivesse anuncian- |  
do na imprensa, na radio e em todos |  
20 os cartazes de todas as cidades do Bra- |  
sil! Espetacularmente? Mentira! |

-----  
[\***(91, L 14)** x Na sua "logica" luterana, Pasteur nunca deveria ter |  
tratado de medicina, porque não tinha o curso |  
e o diploma de medico! Só mesmo {de} "logica" depro- |  
25 testante! **\*(91, L 14)**] |

Notas do editor:

1. Texto escrito majoritariamente com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda e pelo segmento "Segunda acusação", na primeira linha, também escrito com lápis grafite.

## Rascunho de carta 19 - Ponto final

104 Ponto final

Meu amigo:

Estive relendo nossa correspondencia, <sup>Relendo as</sup> cartas e as minhas. <sup>Relendo-as e meditando-as,</sup> <sup>Conto</sup> <sup>o espirito de</sup> quem faz um exame de consciencia. E cheguei á triste conclusãõ de que nossa correspondencia está horriavelmente vasia de Cristo. A vaedade, a orgulho, a presunção, o pedantismo, o odio, transbordam nas suas cartas; e as minhas tambem não podem receber melhor classificacão. Já lhe disse em carta particular e lhe repito: nestas discussões, nossa vaedade, nosso amor proprio, nossa presunção, falam muito mais alto que o nosso amor a Deus. Neste terreno acontece, quase sempre, esta desgraça: — nós falamos e Deus silencia.

Ponhamo-nos em presença de Deus. E compreendemos que os nossos discursos salpicados de odio são um desrespeito á sua presença.

Quando discutimos, descambando para o terreno das aggressões pessoais, esquecemos que Deus está presente!

"Bemaventurados os mansos..."

"Bemaventurados os pobres de espirito..."

p. 104

[P 104] Ponto final |

Meu amigo: |

Estive relendo nossa correspondencia, [↑sobre as nossas diver-][↑↑gencias religiosas.]  
Relendo suas |

- 5 cartas e as minhas. Relendo-as e meditando[-as]{C}/>c\om{o} |  
[↑o espirito de] quem, faz um exame de consciencia. E cheguei á |  
triste conclusãõ {q}/>d\e que nossa correspondencia |  
está horriavelmente vasia de Cristo. A vaedade, |  
o orgulho, a presunção, o pedantismo, o odio, |  
10 transbordam nas suas cartas; e as minhas |  
tambem não podem receber melhor classificacão. |  
[↑Daí o meu proposito de pôr um ponto final definitivo á nossa correspondencia.] Já lhe  
disse em carta particular e lhe repi- |  
to: nestas discussões, nossa vaedade, nosso amor |  
proprio, nossa presunção, falam muito mais |  
15 alto que o nosso amor a Deus. Neste terreno a- |  
contece, quase sempre, esta desgraça: — nós falamos |  
e Deus silencia. |  
Ponhamo-nos em presença de Deus. E compreende- |  
remos que as nossas discussões salpicadas de odio |  
20 são um desrespeito á sua presença. |  
Quando discutimos, descambando para o ter- |  
reno das aggressões pessoais, esquecemos que Deus |  
está presente! |  
"Bemaventurados os mansos..." |  
25 "Bemaventurados os pobres de espirito..." |

Notas do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior esquerda.
2. Há uma laçada, em forma de espiral, embaixo do título 'Ponto final', que não pôde ser reproduzida na transcrição. Por conta disso, a linha fora contada como linha escrita.
3. Nas linhas 20 e 21, há duas manchas no centro da página provocadas por borrões de tinta preta feitos na página 103 que passaram para a página 104.

105

Gostamos de citar palavras evangelicas. Mas  
 não adianta as palavras onde não ha o espi-  
 rito evangelico. Cristo não está em palavras  
esta na sua Igreja contra a qual as portas do inferno nunca prevaleceram e nunca prevalecerão.  
Deixemos o nosso orgulho, a nossa vaedade,  
 a nossa ceta "sabedoria", e nosso cabotinismo, a  
 nossa ruindade. Para combater e viver o Cristo, é  
 preciso que se seja doutor em cristianismo. É pre-  
 ciso que se seja humilde, que se seja simples, que  
 a gente se faça creança. Só assim poderemos co-  
 nhecer, saber, amar, viver o Cristo. Sejamos hu-  
 mildes. Sem humildade nosso cristianismo é  
 uma farça. Sem Cristo não ha salvaçã. E onde  
 não ha humildade não ha Cristo. Onde existe a ar-  
 rogancia a humildade não existe. É de arrogan-  
 cia e não de humildade que está cheia a nossa  
capacidade de amar.  
At. 10:19-20 Precisamos ser humildes. Precisamos  
 tomar juizo. Que o Sagrado Coraçã de Jesus  
 tenha piedade de nós!  
 Santa Maria, Mãe de Deus, rogae por nós, peccadores!  
 Março, 1942.

II [P 105] |  
 gostamos de citar palavras evangelicas. Mas |  
 não adiantam as palavras onde não ha o espi- |  
 rito evangelico. Cristo não está em palavras |  
 5 [que se] decor{adas}/>am\ {e}/>para\ cita{das}/>ções\ . Está no espirito vivido. |  
 [↑Está na sua Igreja contra a qual as portas do inferno nunca prevaleceram e nunca  
 prevalecerão.] Deixemos o nosso orgulho, a nossa vaedade, |  
 {o}/>a\ noss{o}/>a\ {caboti} "sabedoria", o nosso cabotinismo, a |  
 nossa ruindade. Para [↑se] conhecer{,} e viver o Cristo, não |  
 precisa que seja doutor em cristianismo. E pre- |  
 10 ciso que se seja humilde, que se seja simples, que |  
 a gente se faça creança. Só assim poderemos co- |  
 nhecer, saber, amar, viver o Cristo. Sejamos hu- |  
 mildes. Sem humildade nosso cristianismo é |  
 uma farça. Sem Christo não {†}/>h\ a salvaçã. E onde |  
 15 não ha humildade não ha Cristo. Onde existe a ar- |  
 rogancia a humildade não existe. E é de arrogan- |  
 cia e não de humildade que estão chei{as}/>a\ {as}/>a\ noss{as}/>a\ |  
 {discussões}/[↑correspondencia.]\ Precisamos ser humildes. Precisamos |  
 tomar juizo. Que o Sagrado Coraçã de Jesus |  
 20 tenha piedade de nós! |  
 Santa Maria, Mãe de Deus, rogae por nós peccadores! [Eulalio Motta.] |  
 Março, 1942. |

Notas do editor:  
 Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na  
 margem superior direita.



#### 4.4 FILOLOGIA E LINGUÍSTICA COMPUTACIONAL

A filologia e a linguística mantêm uma relação simbiótica, uma se beneficia dos estudos da outra. É importante pontuar que essas áreas de investigação precisam estabelecer uma relação interdisciplinar em virtude do desenvolvimento de boas pesquisas que promovam avanços e resultados satisfatórios para ambas áreas. A linguística se beneficia dos resultados investigativos da filologia, especialmente, para estudo histórico da língua, tendo em vista que os falantes de outros períodos não estão mais presentes e, por isso, faz-se necessário recorrer aos vestígios da língua registrados em documentos do passado. Porém, extrair os dados linguísticos de documentos requer um preparo filológico que possibilite a decodificação e interpretação correta dos dados, mediante o conhecimento das coordenadas materiais e dos aspectos sócio-históricos que perpassam determinado documento.

A problemática do tratamento dado a esses dados se agrava ainda mais caso não se utilize uma transcrição conservadora, a mais adequada para estudos linguísticos, uma vez que registra os dados de língua tais quais aparecem no documento. No âmbito da literatura, uma edição mal elaborada proporciona leituras completamente equivocadas de obras que, em muitos casos, os autores não estão mais presentes para refutá-las. Na linguística, edições que não prezam por trazer dados confiáveis podem levar a uma análise equivocada de fatos linguísticos que podem comprometer teorias e estudos da língua. Assim, é de fundamental importância que sejam preparadas transcrições confiáveis dos textos, seguindo critérios pré-estabelecidos, para que, a partir destas transcrições, sejam realizados estudos literários e linguísticos a partir de fontes confiáveis, ainda que, posteriormente, se estabeleçam outros tipos transcrições a fim de facilitar a leitura, como a interpretativa, por exemplo.

A filologia também se preocupa com a elucidação dos textos, explorando a sócio-história, a materialidade dos documentos – que nos diz muito sobre sua sociabilidade, dentre outras coisas – e também é de seu interesse trazer luz à aspectos de um momento histórico da língua, que pode ser feito por meio de análises dos diversos níveis da língua. De fato, há diversas possibilidades e exploração filológica dos documentos. Caso se pense em uma análise de práticas de escrita com ênfase paleográfica, pode-se considerar o suporte, instrumentos de escrita, características intrínsecas como modulação, abreviaturas etc., que servirão de ponto de partida para este tipo de trabalho. Caso se pense em investigar o documento seguindo uma abordagem da história cultural das práticas de escrita, terá como ênfase a sociabilidade deste documento, seus meios de produção circulação e recepção, que evidenciarão o sua condição sócio-histórica.

Assim, se a investigação for de caráter linguístico, há de se pensar que o elemento que terá maior evidência é o código alfanumérico, tendo transcrições conservadoras como uma questão basilar na pesquisa. Grande parte dos documentos editados por filólogos são de períodos distantes do nosso e a língua apresentada nos documentos refletem os usos destes períodos, além de também apresentar unidades lexicais e estruturas linguísticas total ou parcialmente restritas a determinados grupos sociais. Nesse sentido, a língua em uso nos documentos, em especial, o léxico, nem sempre é de fácil compreensão para todos os leitores, principalmente, os não especializados. Assim, é de interesse da filologia iluminar esses textos para facilitar sua compreensão e contextualizar a leitura, o que pode ser feito por meio da elaboração de obras lexicográficas como glossários ou vocabulários.

Pode-se considerar que o léxico de uma língua histórica nos apresenta vestígios das culturas de comunidades linguísticas que compõem essa língua e por meio dele podemos inferir aspectos sociais, ideológicos e práticas culturais destas comunidades. É importante considerar que a investigação lexical não abrange a complexidade das relações entre este nível linguístico e a cultura, visto que categorizações são muito limitantes, nos restando apenas realizar inferências a partir de dados de língua e desenvolver análises que sejam minimamente representativas de determinada comunidade de fala. As disciplinas da linguística que se debruçam sobre o estudo do léxico são a lexicologia e lexicografia, com objetivos e metodologias diferentes que buscam dar conta do estudo e estruturação léxico de uma língua histórica. Nesta seção, apresenta-se uma discussão entre filologia e linguística de corpus e a preparação de *corpora* para o estudo do vocabulário religioso deste *corpus*, que será realizado em outra oportunidade, utilizando o *software AntConc*.

A linguística de corpus, de acordo com Berber Sardinha (2004), se ocupa da coleta e exploração de *corpora*, ou seja, de conjuntos de dados linguísticos textuais, e esses *corpora* têm como propósito servir para a investigação de uma língua ou de variedades linguísticas, dedicando-se a exploração da linguagem por meio de evidências extraídas por computador. A linguística de corpus de base eletrônica, utilizando texto escrito, tem como marco inicial a composição do *Brown*, o primeiro *corpus* linguístico eletrônico, em 1964, contando com todas as adversidades que os tempos primórdios da informática poderiam oferecer. É claro que já havia constituição de *corpora* antes do computador e a mudança fundamental que veio junto ao surgimento da era digital é que, anterior a ela, o tratamento dado aos *corpora* era outro, o levantamento e análise de dados eram feitos manualmente e agora pode-se contar com computadores para realizar ou otimizar essa tarefa.

Berber Sardinha (2004) também enfatiza que os *corpora* atuais foram moldados conforme *corpora* não-computadorizados, como o *Survey of English Usage (SEU)* que serviu de base para a constituição do *Brown* e de muitos outros que vieram em seguida. Havia problemáticas ao se tentar processar manualmente *corpora* linguísticos muito grandes, como é o caso do *SEU*, pensando sobre o fato de que a falibilidade humana tornaria esses *corpora* muito passíveis de equívocos, portanto, pouco confiáveis. O uso de computadores calhou perfeitamente para otimizar e reduzir probabilidades de erros que possivelmente seriam cometidos por mãos humanas ao manipular *corpora* grandes e essa tecnologia passou a figurar fortemente nos ambientes de pesquisas linguísticas. Berber Sardinha (2004) afirma que, fora da esfera europeia, a linguística de corpus não se desenvolveu tanto e que, no Brasil, se encontra em estágio inicial, tendo a lexicografia como uma das áreas que mais realiza pesquisa em *corpus*, salientando o primeiro trabalho em estudos lexicais em perspectiva computacional no Brasil: *Análise Computacional de Fernando Pessoa (Ensaio de Estatística Léxica)* (1969), de Maria Tereza Biderman, que incentivou diversos outros trabalhos neste âmbito.

É importante pontuar que a linguística de corpus integra uma área maior, a linguística computacional. De acordo com Othero (2006, p. 342), a linguística computacional “[...] pode ser didaticamente dividida em duas subáreas: a Linguística de Corpus e o Processamento de Linguagem Natural (PLN)”. Considerando essa informação, cabe estabelecer a diferença entre a linguística de corpus e o PLN. Para Othero (2006), a linguística de corpus se preocupa com o trabalho a partir de *corpora* eletrônicos formados com base em amostras de linguagem natural e podem ser de diversas fontes, como, por exemplo, língua falada, escrita, textos literários, jornalísticos, entre outros. Othero (2006) também salienta que nem sempre os trabalhos em linguística de corpus objetivam a produção de *softwares* ou aplicativos e focam nos estudos de fenômenos linguísticos e suas ocorrências em grandes amostras de determinada língua ou de uma variedade, modalidade ou dialeto dela. Já o PLN se volta para o estudo da linguagem em busca do desenvolvimento de *softwares*, aplicativos, sistemas computacionais específicos, como tradutores e *parsers* (analisadores).

Cada vez mais buscam-se maneiras proveitosas para otimizar a atividade do pesquisador, como, por exemplo, o desenvolvimento de programas computacionais para levantamento, análises linguísticas (*parsers*) e até para a elaboração de obras lexicográficas. A linguística computacional tem se desenvolvido brilhantemente nesse aspecto, com a criação e constante atualização de programas que auxiliam os estudos linguísticos em vários níveis,

como o *E-Dictor*, a nível morfossintático, e outros como o *Antconc*, *FieldWorks Language Explorer (FLEx)*, *Unitex/GramLab*, *WordSmith Tools*, a nível lexical.

Além de fornecer programas para estudos linguísticos, a linguística computacional também vem buscando desenvolver programas que sirvam à filologia, realizando transcrições de textos. Editar um texto é uma tarefa que desafia qualquer pesquisador, pois ainda que experiente, ele precisará articular uma série de habilidades para executar a decodificação de um documento realizando sua transcrição, e assim, partir para a sua edição. A leitura de um texto envolve um conhecimento aprofundado da língua utilizada, considerando a ambientação temporal de sua escrita, além de mobilizar outras noções de paleografia, pois é preciso compreender a materialidade do texto para decifrá-lo. Outra questão importante é a sócio-história do texto, sendo necessário levar em conta aspectos que circundam o documento, como a sua produção, circulação e recepção, em busca de conhecer o máximo possível sobre o documento editado. Uma vez que o pesquisador tem consciência desses fatores, a transcrição e a edição do documento serão feitas com mais precisão.

Os aspectos positivos da linguística computacional na filologia são inúmeros, como indica Cambraia (2005):

Na *elaboração* do texto, a informática possibilitou uma grande flexibilidade, pois programas de edição de textos oferecem ao usuário uma constelação de recursos *ad libitum* para elaborar os textos: escreve-se, apaga-se, substitui-se, muda-se a ordem, altera-se a formatação (mancha, fonte, cor, etc.) - tudo com simples toques sobre um teclado ou sobre um *mouse* (CAMBRAIA, 2005, p. 176, grifo do autor).

Esta descrição feita por Cambraia (2005) nos remete a programas como o *Word*, com o qual vários filólogos realizam transcrições/edições dos documentos. Esse programa se enquadra na categoria dos não-automáticos, em que o processo depende totalmente do editor, mas já existem programas que fazem transcrições de forma automática ou semi-automática. Nesses casos, o editor atua estabelecendo critérios para um plano de revisão dessas transcrições e futuras edições. É importante dizer que nem sempre os programas possuem uma interface amigável, ou seja, são de fácil manipulação aos menos experientes com o meio digital, o que acaba requerendo do editor um certo conhecimento de linguagem computacional.

Nesse cenário, podem vir a questionar o papel do editor e sua importância nas transcrições de textos, visto que já existem programas que realizam essa tarefa. Apesar de serem muito úteis e facilitarem as transcrições esses programas estão longe de substituir o ofício do editor, uma vez que são muito passíveis de erros e não se aplicam a todos os tipos de

escrita, além de ser uma visão reducionista e equivocada do que é ser um filólogo e do papel que ele cumpre.

Pode-se tomar como exemplo as ferramentas de *Optical Character Recognition* (OCR), que existem em vários tipos de mecanismos, como apresenta Mendonça (2008), para tratamento de imagens, com caracteres padronizados (padrão ANSI), reconhecimento de números e até de escrita manuscrita. Mendonça (2008) propôs uma arquitetura de um sistema para tratamento e reconhecimento automático de documentos paleográficos por meio de OCR e realizou testes em dois mecanismos de OCR, o *Pytesser* e o *ABBYY Fine*, para o reconhecimento de diferentes escritas: padronizada (impressa), manuscrita moderna e paleográfica. Os sistemas de OCR cometeram um total de 11 erros para 11 caracteres, se apresentando como não satisfatórios para o uso. Nos outros tipos de escrita, eles se desempenharam melhor, o *Pytesser* obtendo 9 acertos de 11 em escrita manuscrita e 10 acertos de 11 em escrita padronizada; e o *ABBYY Fine* obteve 11 de 11 acertos nas escritas padronizada e manuscrita. Vale ressaltar que o *Pytesser* é um OCR gratuito e o *ABBYY Fine* é pago.

É importante salientar que Mendonça (2008) diz que os mecanismos de OCR para escrita manuscrita cursiva têm sido utilizados em situações em que as frases são curtas, de conteúdo controlado, em que haja a possibilidade de validar o resultado com outra informação do mesmo documento. Em textos com períodos extensos e rasuras, características próprias de rascunhos, que apresentam processos de escrita, como é o caso do *corpus* deste trabalho, essa dificuldade é aumentada, sendo inviável propor uma transcrição por OCR, revalidando, novamente, a natureza essencial de um editor.

A relação entre a filologia, a linguística geral e a linguística computacional são de grande importância, uma vez que textos transcritos com critérios filológicos se configuram como dados linguísticos confiáveis e a linguística de corpus se vale destes dados para realizar suas análises. Além disso, o PLN utiliza esses dados linguísticos para expandir o desenvolvimento de seus *softwares* e *parsers*, visto que ele se vale da linguística de corpus para elaborar esses programas. O PNL também pode contar com a avaliação de filólogos e linguistas para o *upgrade* de seus programas, pois, de certa forma, é o usuário quem consegue visualizar melhor as limitações. Por fim, todos esses dados linguísticos que a linguística computacional consegue levantar, analisar e armazenar irão contribuir para os estudos em linguística teórica e aplicada, e estes irão fornecer conhecimento de língua, seja ele histórico, social, intrassistêmico, que auxiliarão o filólogo em sua prática de transcrição, edição e estudo de textos.

#### 4.4.1 Adaptação do *corpus* para o processamento no *software AntConc*

O *AntConc* é um *software* de levantamento e análise de *corpus*, desenvolvido por Lawrence Anthony, pesquisador da Faculdade de Ciências e Engenharia da Universidade de Waseda, Japão. Lawrence também desenvolveu outros programas que buscam o processamento da linguagem natural. O *AntConc* é um *software* gratuito executável em *Windows*, *Macintosh* e *Linux*. Não se trata de um *parser* on-line, basta realizar o download uma única vez e ele será executado pelo computador, podendo, inclusive, ser executado por meio de pendrive em outros computadores.

O *AntConc* está em sua versão 3.5.9<sup>39</sup> e na própria página inicial do programa se encontra seu manual em diversas línguas. A versão do manual em português foi feita por Julia S. Borba Gonçalves, associada ao *Laboratory of New Technologies in International Relations* – LANTRI (Laboratório de Novas Tecnologias e Relações Internacionais). Além disso, Lawrence mantém um diálogo aberto com pesquisadores que utilizam seus *softwares* e enviam sugestões para melhorias. Desde 2019, já estão na página inicial do *AntConc* algumas melhorias agendadas, como a aceitação de outros formatos de texto pelo programa, como PDF, por exemplo; redesenhar a arquitetura do banco de dados para lidar com corpora massivo, entre outras.

Geralmente, para se inserir um texto em programas computacionais é preciso utilizar o formato TXT, por não carregar a formatação original do texto, apenas os caracteres, além de que esse formato é facilmente aberto e lido por qualquer programa que realiza leitura de textos, sendo considerado um formato universal. Por ora, como o programa ainda não aceita o formato PDF ou DOC, é preciso utilizar um *converter* para converter os formatos dos textos. Neste sentido, utilizou-se para esta pesquisa o *AntFileConverter*, do mesmo criador do *AntConc*, que se encontra disponível no mesmo site.

---

<sup>39</sup> Cf. Anthony (2020).

O programa foi utilizado no processo de elaboração do *Vocabulário de Eulálio Motta* por Barreiros, L. (2017), em sua tese de doutorado, e o mesmo modelo de vocabulário foi adotado pelo projeto de pesquisa *Estudos lexicais no acervo de Eulálio Motta*. Dentre as diversas vantagens oferecidas pelo *AntConc*, pode-se destacar algumas ferramentas, como apresenta Barreiros, L. (2017):

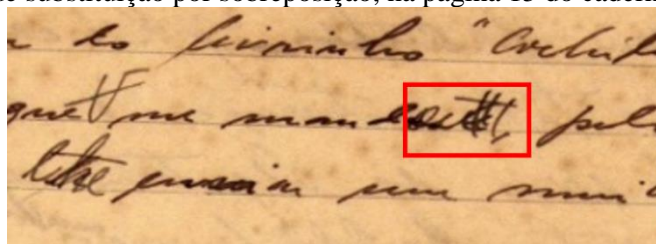
Sua praticidade de uso possibilita a extração de listas de palavras (*Word List*), listas de concordâncias (*Concordance*) e de palavras-chaves (*KeyWord*), além de gerar gráficos com os dados analisados. Estas ferramentas são de grande relevância para o linguista, em especial, para o lexicógrafo, pois fornece o conjunto das combinações e das colocações que a palavra pode ter em um determinado corpus (BARREIROS, L., 2017, p. 220).

Devido à grande quantidade de operadores genéticos que são utilizados nas transcrições, ela se enquadra no tipo de alto grau de interferência do editor, por buscar marcar o processo da gênese da escrita dentro do corpo do texto, contudo, a interferência no código alfanumérico é mínima. Considerando que o *corpus* deste trabalho é um rascunho de carta que conta com várias rasuras e apresenta grandes marcas de processo de escrita, a transcrição mais adequada a ser aplicada a ele foi a genética, pois ela busca marcar, por meio dos operadores genéticos já apresentados, os processos de escrita feitos pelo autor.

As alterações intravocabulares feitas pelo autor foram marcadas na transcrição, pois elas revelam o processo de escrita e escolhas linguísticas feitas por Eulálio Motta. Por conta disso, o processamento das transcrições no programa *AntConc* foi altamente comprometido, uma vez que ele não reconhece as unidades lexicais se estas estiverem com operadores genéticos dentro de sua estrutura, sendo necessária a adaptação destas transcrições para que o processamento se dê de forma que contabilize todas as lexias.

Como já foi dito, a transcrição genética é de alto grau de interferência do editor, por conta das marcações da gênese do texto de maneira integrada ao corpo do texto. Uma vez que o texto é transcrito nesse modelo, é necessário fazer adaptações na transcrição para que o texto seja processado de maneira adequada por *softwares*, visando contemplar todos os dados linguísticos encontrados nele. Um exemplo de como essa leitura seria comprometida é o caso das unidades lexicais ‘mandaste’ e ‘mandou’, que se encontram na linha 4 da página 15 (cf. figura 48). No texto, há uma rasura de substituição por sobreposição e, na transcrição, esta rasura é marcada dentro da estrutura da unidade, visto que ela não foi totalmente substituída, apenas a parte final de sua estrutura foi rasurada, resultando nesta forma editada: mand{aste}/ou\.

Figura 48 - Rasura de substituição por sobreposição, na página 15 do caderno *Farmácia São José*

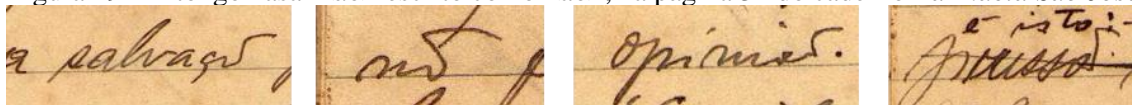


Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Ao pensar que ambas as formas do verbo foram utilizadas pelo escrevente e ambas configuram como dado linguístico válido, é preciso que as duas formas sejam lidas e reconhecidas pelo programa de levantamento e análise lexical. Pensando nisso, foi feito um teste para observar como o *AntConc* realizaria a leitura desta unidade. Num primeiro momento, foram feitas as limpezas, procedimento praxe da linguística de corpus, como o apagamento da enumeração da página, das linhas e das notas do editor, além de unir as separações silábicas feitas por quebra de linha e separar palavras unidas. Então, converteu-se o texto para o formato TXT via *AntFileConverter* e inseriu-se no *AntConc*. Ao se realizar a busca pela forma verbal ‘mandou’, o programa não reconheceu a unidade (cf. figura 50), pois estava com interferência dos operadores genéticos em sua estrutura, reconhecendo apenas a forma ‘mand’, que é até onde havia a preservação da estrutura da unidade. Quando isso ocorre, compromete a estatística léxica, além de comprometer o levantamento das lexias, individualmente.

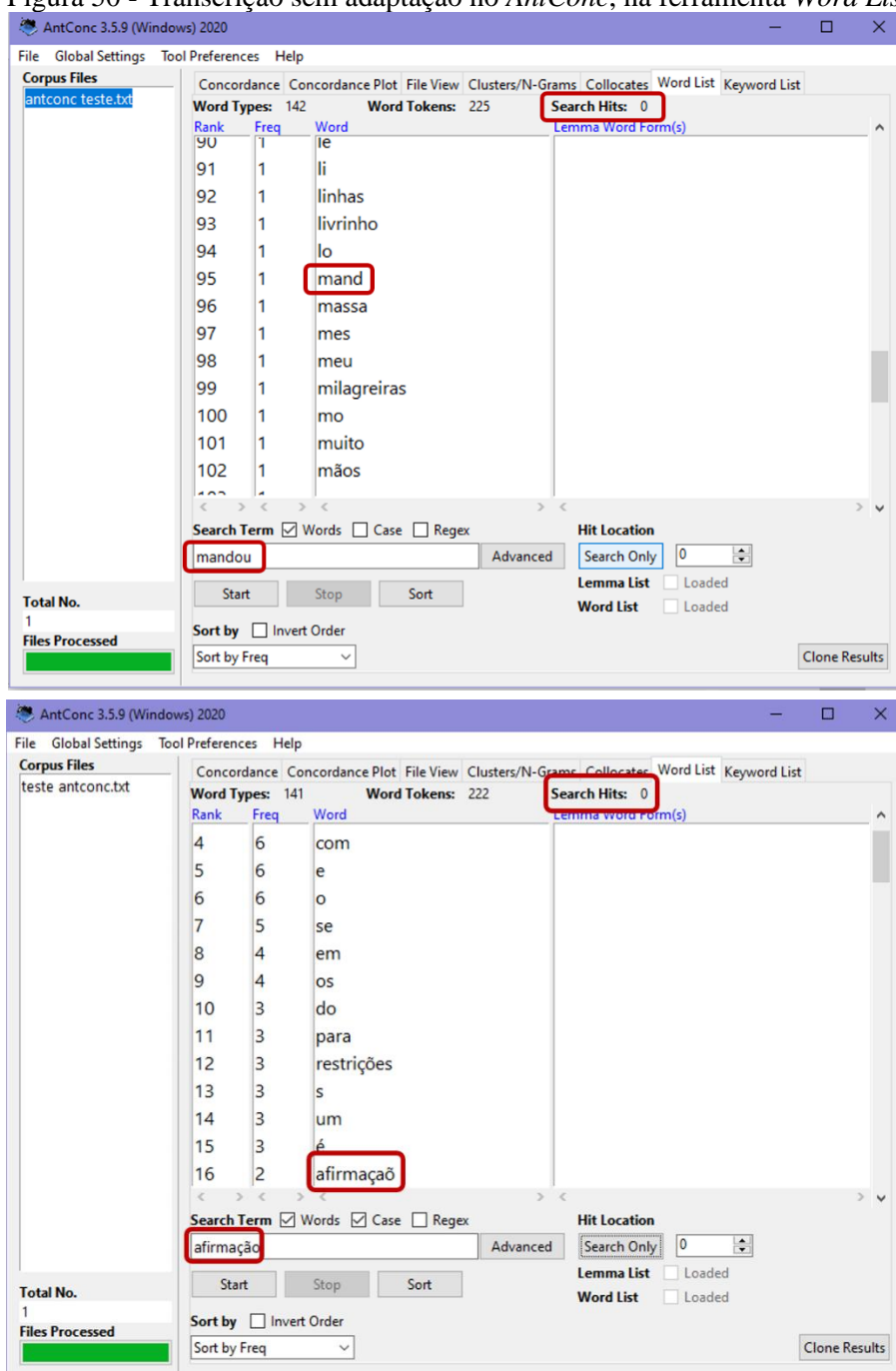
Outro exemplo que ocorre no *corpus* e que pode dificultar o levantamento das unidades lexicais é que os ditongos nasais <ão> que são transcritos com o acento na letra <õ>, pois a grafia do escrevente revela um *ductus* que o diacrítico de nasalidade, o til (~), começa na ascendência final da letra <o>, ocasionando em <aõ> (cf. figura 49). Como tal fenômeno diz respeito ao movimento de escrita, que deve ser preservada na transcrição, e não sendo considerado uma a variação gráfica, decidiu-se adaptar o ditongo nasal de <aõ> para <ão> na preparação de *corpora* para que, ao buscar uma unidade com esse morfema, ela seja localizada e contabilizada.

Figura 49 - Ditongo nasal <ão> escrito como <aõ>, na página 34 do caderno *Farmácia São José*



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.



Figura 50 - Transcrição sem adaptação no *AntConc*, na ferramenta *Word List*

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Portanto, diante do exposto, foi feita a adaptação da transcrição do *corpus* para realizar o processo novamente. Para essa adaptação foram adotados os seguintes critérios:

- 1) Retiram-se as enumerações de páginas do caderno, feitas pelo escrevente, e a numeração da página feita pelo editor;
- 2) Retiram-se as notas do editor;
- 3) Retiram-se os operadores genéticos nos critérios e utilizados na transcrição do texto. Esta medida é tomada para facilitar a visualização do texto dentro do programa;

- 4) As formas do ditongo <ão> que ocorrem na transcrição são padronizadas para <ã> na adaptação para que as unidades lexicais que contenham este ditongo nasal sejam lidas pelo programa;
- 5) Não são feitas atualizações ou padronizações ortográficas no texto, visto que é de interesse de pesquisa as variantes gráficas empregadas pelo escrevente;
- 6) As conjecturas, a depender do seu grau, podem ser eliminadas ou apresentadas. Caso não seja possível desvendar a conjectura pelo contexto, ela não deve ser contabilizada como parte do vocabulário do autor;
- 7) Os sinais de pontuação ou de acentuação que aparecem no meio da forma de unidades lexicais (separando-a) são retirados. E.g.: parti,cular (caderno *Farmácia São José*, p. 16, linha 24);
- 8) As abreviaturas são desdobradas ao lado de suas formas como aparecem no texto e são apresentadas entre colchetes [ ];
- 9) Adota-se o sinal { } para as versões anteriores no processo da escrita, tanto para unidades lexicais, quanto para sentenças inteiras, limitando-se ao espaço da linha;
- 10) Transcreve-se a forma da unidade lexical na íntegra dentro das chaves { } para que seja lida e contabilizada pelo programa.

Para ilustrar, apresenta-se a transcrição genética e a versão adaptada da transcrição do rascunho de carta *Meu caro Eudaldo: Saudações* (p. 15):

p. 15

Meu caro Eudaldo: [P 15] |  
Saudações |  
 Em mãos o exemplar do livrinho “Cochilos |  
 de um sonhador”, que [V] me mand{aste}/>ou\, pelo |  
 5 que me apresso em {te}/>lhe\ en{†}/>v\iar um muito |  
 obrigado, de coração. |  
 Depois de le-lo, não deixarei de {te}/>lhe\ fazer |  
 algumas linhas, dizendo algo sobre o mes- |  
 mo e sobre o assunto. Por enquanto, só li |  
 10 as palavras do Dr. Getulio Vargas, que precedem |  
 o “Prefacio”. Que a “alta sociedade” adota um |  
Catolicismo cetico e elegante, estou de acordo, |  
 com restrições. Que a “Massa ignara está na fase |  
fetichista de adoração dos santos com varias especialida- |  
 15 des milagreiras”, tambem aceito, com restrições. Que |  
 “uma pessoa, para ser catolica, é preciso que a- |  
 ceite todos os seus dogmas, {e pratique”,} de acor- |  
 do, sem restrições. [↑Quanto a afirmação de que,] Para que uma pessoa se |  
 diga catolica, é preciso que conheça a Doutrina[↓,] |  
 20 aqui é que estou em desacordo...[\***(14, L 2)** [↑1(] ]. {o}/>O\ autor |  
 de tal afirmação, se [↑fosse] chamado a prova-la |  
 com [↑os fatos, com] a Historia, [↑de ontem e de hoje,] {sem} ver{ia}/se-[↑ia]\ em apuros que |  
 nunca conheceu nas tertulias politicas... |  
 {F Com conhecimentos politicos, não se pode |  
 25 acertar afirmações religiosas. {As}/>Os\ {afirmações}/[↑apresento]\ nes{s}/>t{e F} |  
 {†}/>Reljaõ e {s}/>a\ssunto seri{am}/>o\ demais para se{rem}/>r\ resolvid{os}/>o\ |

Nota do editor:

1. Texto escrito com tinta preta, exceto pela numeração da página, feita a lápis grafite, na margem superior direita.

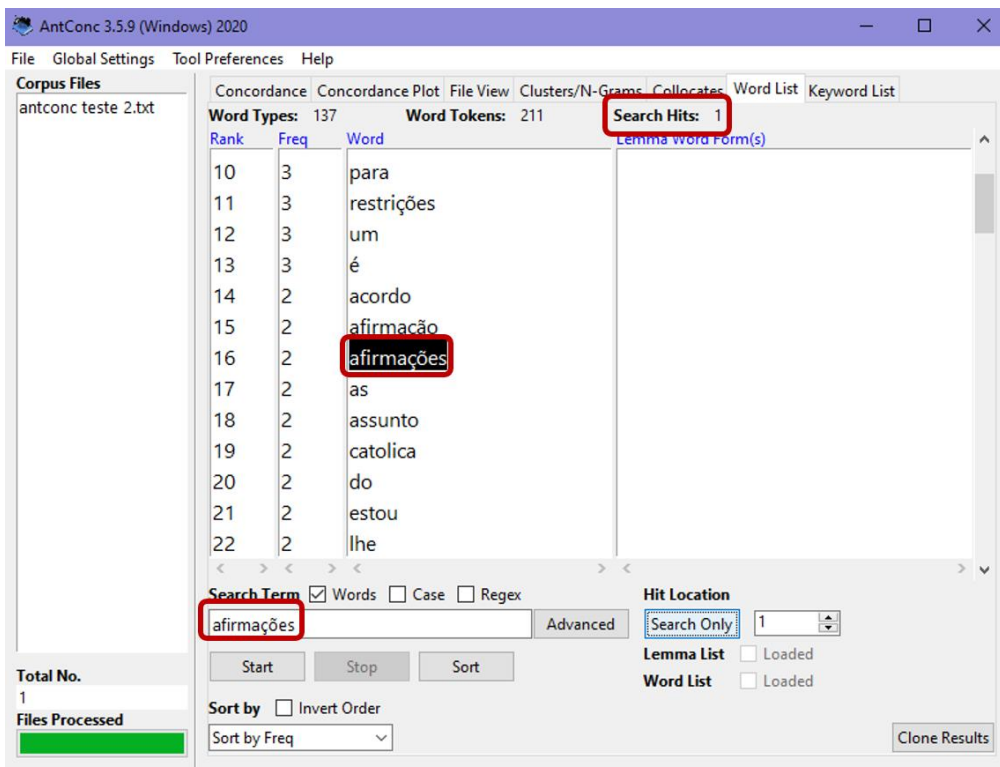
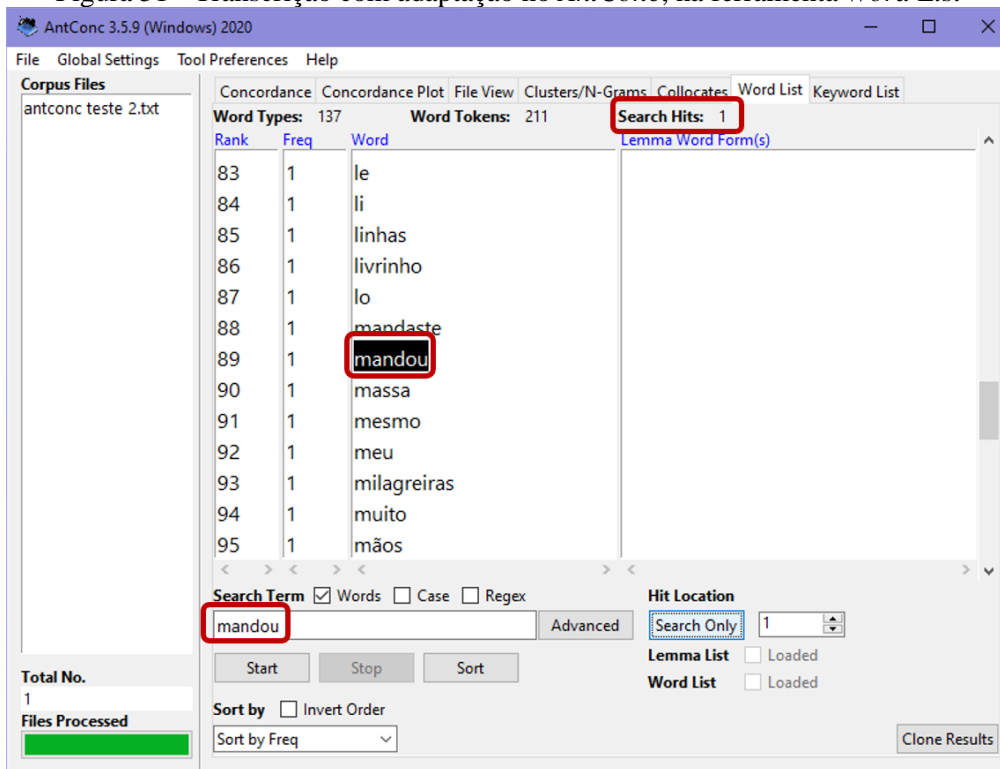
2. Na linha 10, a abreviatura Dr. se desdobra como ‘Doutor’.
3. Na linha 20, o escrevente marcou um traço de lápis de cor vermelho abaixo do número ‘1(’, referente à parte do texto localizada na página 14.
4. Nas linhas 24 e 25, o fragmento de texto foi cancelado por riscos horizontais (linhas) feitos com tinta preta.

### **Adaptação do rascunho de carta - *Meu caro Eudaldo: Saudações***

Meu caro Eudaldo: |  
 Saudações |  
 Em mãos o exemplar do livrinho “Cochilos |  
 de um sonhador”, que {V} [você] me {mandaste} mandou, pelo |  
 que me apresso em {te} lhe enviar um muito |  
 obrigado, de coração. |  
 Depois de le-lo, não deixarei de {te} lhe fazer |  
 algumas linhas, dizendo algo sobre o mesmo |  
 e sobre o assunto. Por enquanto, só li |  
 as palavras do Dr. [Doutor] Getulio Vargas, que precedem |  
 o “Prefacio”. Que a “alta sociedade” adota um |  
 Catolicismo cetico e elegante, estou de acordo, |  
 com restrições. Que a “Massa ignara está na fase |  
 fetichista de adoração dos santos com varias especialidades |  
 milagreiras”, tambem aceito, com restrições. Que |  
 “uma pessoa, para ser catolica, é preciso que aceite |  
 todos os seus dogmas, {e pratique”}, de acordo, |  
 sem restrições. Quanto a afirmação de que, Para que uma pessoa se |  
 diga catolica, é preciso que conheça a Doutrina, |  
 aqui é que estou em desacordo... 1(. {o} O autor |  
 de tal afirmação, se fosse chamado a prova-la |  
 com os fatos, com a Historia, de ontem e de hoje, {sem} {veria} ver-se-ia em apuros que |  
 nunca conheceu nas tertulias politicas... |  
 Com conhecimentos politicos, não se pode |  
 acertar afirmações religiosas. {As} Os {afirmações} apresento {nesse} neste |  
 Reljão [Religião] e assunto {seriam} serio demais para {serem} ser {resolvidos} resolvido |

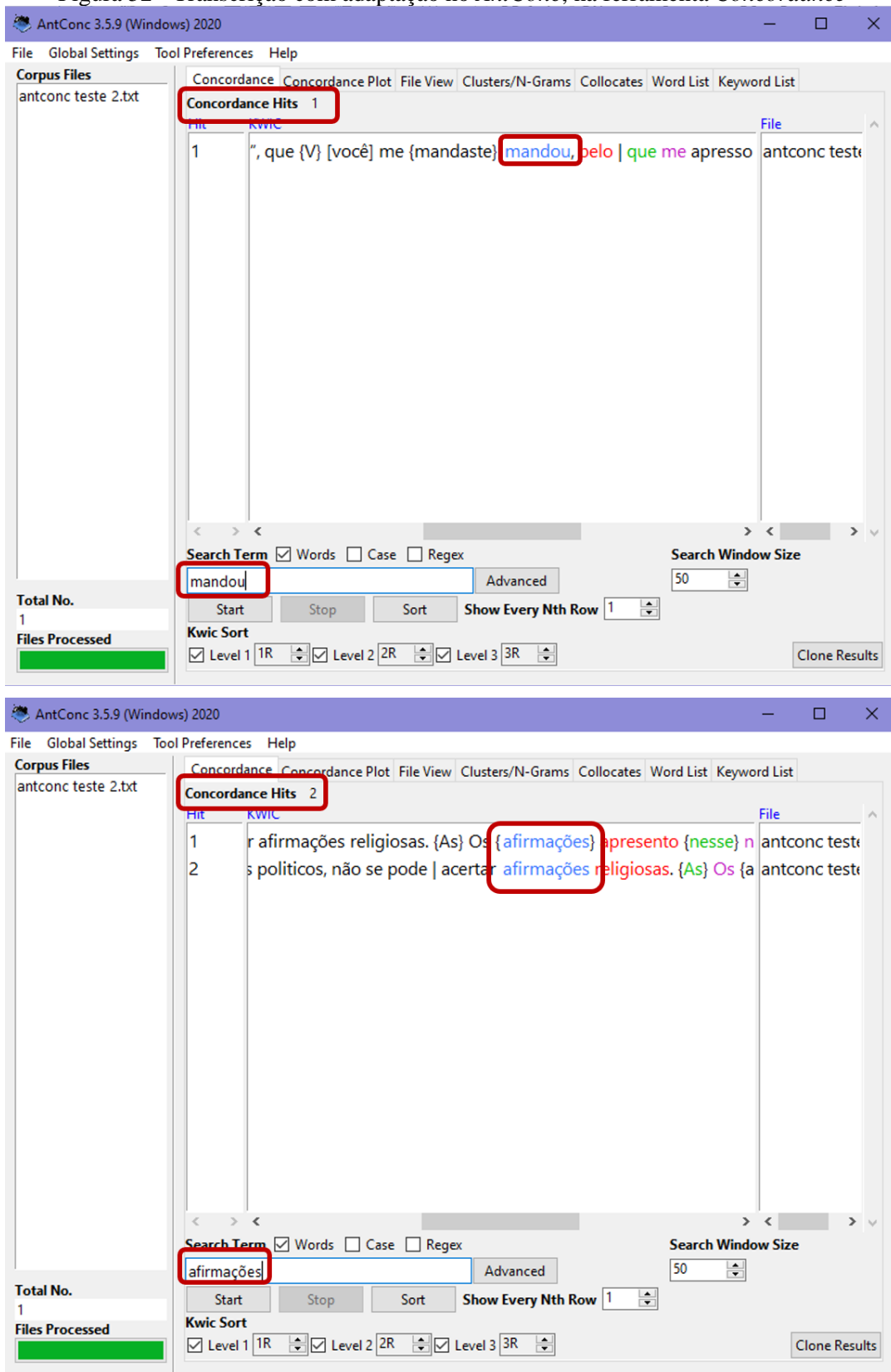
Dessa maneira, ao inserir o texto no *AntConc*, o programa conseguiu realizar a leitura de todas as unidades. Tomando por base o exemplo anterior, ao buscar pela unidade ‘mandou’ e ‘mandaste’ (cf. figura 51), ambas foram indicadas pelo programa, não desprezando nenhum dado linguístico, acontecendo o mesmo com as unidades que apresentam o ditongo nasal <ão> em sua forma (cf. figura 51). Além disso, por meio do sinal crítico { } ainda é possível compreender a cronologia do texto ao fazer a busca pelo contexto da unidade com a ferramenta *Concordance* (cf. figura 52):

Figura 51 - Transcrição com adaptação no AntConc, na ferramenta Word List



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Figura 52 - Transcrição com adaptação no *AntConc*, na ferramenta *Concordance*



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

É importante considerar que essas necessidades dizem respeito ao tipo de *corpus* utilizado para a pesquisa, uma vez que o rascunho apresenta processos de escrita. Caso se estabelecesse primeiro uma edição crítica do *corpus*, seriam perdidos dados linguísticos, pois as unidades eleitas para comporem a versão final da edição seriam apenas as que fossem consideradas como a ‘última vontade do autor’ ou as selecionadas mediante os critérios de estabelecimento do texto crítico decididos pelo editor, excluindo as outras unidades que ocorreram anteriores a elas, como, por exemplo, na versão final de uma edição crítica desse *corpus*, a unidade representativa seria ‘mandou’, enquanto ‘mandaste’ teria sua ocorrência desprezada.

Em busca de contemplar a natureza do texto que foi transcrito, em sua condição de rascunho, e contemplar também todas as unidades lexicais presentes nele, estabeleceu-se a versão adaptada para que a leitura no programa fosse realizada satisfatoriamente e a lógica textual, sua cronologia, fosse preservada. Esse modelo de adaptação será empregado nos demais textos do caderno *Farmácia São José* que apresentarem as mesmas necessidades, em virtude da elaboração de um vocabulário religioso. Caso seja necessário, ao manipular os outros rascunhos do caderno e surgirem novas questões, pode haver a expansão ou modificação dos critérios utilizados para a adaptação apresentada neste trabalho. A seguir, apresentam-se as transcrições adaptadas do *corpus* deste trabalho que serão utilizadas, posteriormente, para a estruturação do vocabulário religioso dos textos em prosa do caderno *Farmácia São José*.

### **Adaptação do rascunho de carta 1 - *Meu caro Eudaldo: Saudações***

(1 Uma criança de dias, batisada na Igreja Católica, ou um |  
analfabeto que cumpre, com humildade, os mandamentos católicos, |  
são católicos quanto são aqueles que o são e sabem |  
a Doutrina, e muito mais do que muitos que saibam a |  
Doutrina e não a seguem... O autor da afirmação |  
foi, convenhamos, precipitado... As coisas não são tão |  
simples como, á primeira vista, podem parecer... |

Meu caro Eudaldo: |  
Saudações |  
Em mãos o exemplar do livrinho “Cochilos |  
de um sonhador”, que {V} [você] me {mandaste} mandou, pelo |  
que me apresso em {te} lhe enviar um muito |  
obrigado, de coração. |  
Depois de le-lo, não deixarei de {te} lhe fazer |  
algumas linhas, dizendo algo sobre o mesmo |  
e sobre o assunto. Por enquanto, só li |  
as palavras do Dr. [Doutor] Getúlio Vargas, que precedem |

o “Prefacio”. Que a “alta sociedade” adota um |  
 Catolicismo cetico e elegante, estou de acordo, |  
 com restrições. Que a “Massa ignara está na fase |  
 fetichista de adoração dos santos com varias especialidades |  
 milagreiras”, tambem aceito, com restrições. Que |  
 “uma pessoa, para ser catolica, é preciso que aceite |  
 todos os seus dogmas, {e pratique”}, de acordo, |  
 sem restrições. Quanto a afirmação de que, Para que uma pessoa se |  
 diga catolica, é preciso que conheça a Doutrina, |  
 aqui é que estou em desacordo... 1(. {o} O autor |  
 de tal afirmação, se fosse chamado a prova-la |  
 com os fatos, com a Historia, de ontem e de hoje, {sem} {veria} ver-se-ia em apuros que |  
 nunca conheceu nas tertulias politicas... |  
 Com conhecimentos politicos, não se pode |  
 acertar afirmações religiosas. {As} Os {afirmações} apresento {nesse} neste |  
 Reljão [Religião] e assunto {seriam} serio demais para {serem} ser {resolvidos} resolvido |

com {discuções} fraseados de politicos. Com afirmações |  
 de tal natureza, o autor cometeu aquele |  
 erro do sapateiro que passou do sapato, |  
 dando lugar a frase-conselho, que ficou na historia: |  
 “ Sapateiro não passe do sapato...” |  
 Se ele (o autor de taes afirmações), tivesse na memoria esse pedacinho da |  
 historia no momento {de} em que {escrever} escreveu {aquela} aquelas afirmações |  
 precipitadas, cheirando a Augusto Comte... |  
 Fiquemos por aqui, para não transpor muito os limites |  
 desta carta que {escrevo} somente para isto: {lhe} |  
 dizer-{te}lhe que recebi o livrinho supra-citado, e pedir-lhe |  
 que acredite na sinceridade da minha |  
 gratidão. |  
 Receba um abraço do seu velho amigo |  
 Eulalio Motta. |  
 22-8-141. |

**Adaptação do rascunho de carta 2 - Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica  
 do Snr. Basílio Castro)**

Carta Aberta a um amigo |  
 (Sobre um livro de polemicas do Snr. [Senhor] Basilio Castro) |  
 Meu amigo: Na carta particular que lhe fiz com data de 22-8-941, |  
 prometi que, terminada a leitura do livro que você me mandara, |  
 escrever-lhe-ia, dizendo algo sobre o mesmo. |  
 Considerando que o assunto não interessa somente a mim e |  
 a você, mas a um grande nº de pessoas, catolicas e protestantes, |  
 resolvi, envez de uma carta particular, fazer-lhe esta carta aberta. |  
 sobre o livreto |

Meu caro Eudaldo. |  
 Saudações |  
 Na minha carta de 22-8-941, lhe prometi |  
 voltar ao assunto, para lhe dizer algo sobre |  
 o livrinho do Snr. [Senhor] Basilio Catalá Castro, que você me mandou. |  
 Antes de tudo, devo-lhe dizer, ao terminar |

a leitura do livrinho em questão, que não tenho |  
 muita sorte com a leitura de livros protestantes. Sempre |  
 que leio um desses livros, entristese-me a |  
 ausencia de serenidade e {humildades} humildade cristãs, tão |  
 fecundas, e que aprendi a conhecer e a amar nos |  
 livros dos escritores catolicos. {Acredito} Não afirmo que haja |  
 livros protestantes serenos e humildes. Posso, afirmar, {portanto} entretanto, |  
 que nunca tive a sorte de os encontrar. |  
 Tenha paciencia e me acompanhe nas citações |  
 destes trechos que colhi do livrinho {em questão} {citado} do Snr. [Senhor] Basilio, |  
 para lhe mandar como prova da minha falta |  
 de sorte em taes leituras. |  
 A citação é longa, massante, mas já lhe pedi |  
 que tenha paciencia. Vejamos: |  
 – “O P. Fco [Padre Francisco], que se a apresenta na bombastica dedicatoria |  
 do seu livro, todo blandicios, “etc.”, tem garras |  
 de felino; (Pagina 9) |  
 – {Negamos-o} Negamos-lhe o direito de usar armas proibidas pelo decoro |  
 e pela decencia como a calunia, a inverdade, a |  
 insinuação malevola; (Pag. 10) |

“Sagacidade jesuitica”, “explora inescrupulosamente”, |  
 “com improbidade cientifica,” “ferindo |  
 para armar efeito”, “armadilha artificiosa |  
 do padre” – (são expressões da pag. 13); |  
 “Baralha astutamente” “sob bases falsas e sagazmente |  
 escondida a aleivosa insinuação”; |  
 “é manhoso no arranjo de um ardil” (P. 15) |  
 “E porque não se coibe esta “mistura de feitiçaria |  
 e paganismo” de que fala o P. Fco [Padre Francisco]? Para nós |  
 é um misterio. Será que rende, que tine? (Pag. 17. |  
 (Depois de se ler a acusação de “aleivosa insinuação”, é chocante, |  
 e encontrar esta pergunta: “Será que rende, que tine?”) |  
 “V. Rev. [Vossa Reverendíssima] manipulou perfidamente (Pag. 17) |  
 “Malevolamente insinúa (Pag. 18) |  
 “O que estava na mente e no desejo de P. Fco [Padre Francisco] foi |  
 o proposito de fazer intriga pequena, baixa, |  
 etc.) (Pag. 30) |  
 “Este velho “conto do vigario” visa nos intrigar, etc |  
 (Pag. 32) |  
 “O paralelo”, etc. “foi arranjado arteiramente.) (Pag. 35) |  
 “Seu ataque neste ponto, sobre ser vil é maligno” |  
 (Pag. 37) |  
 “V. Revma. [Vossa Reverendíssima] sabe tudo isso mas faz que não sabe |

para entorpecer leitores inermes e difamar impunemente” |  
 (Pag. 41) |  
 “Seu sistema é de restrições mentaes, quando quer |  
 iludir” (Pag. 44) |  
 “Clamar contra o casamento civil é o prazer |  
 maligno de muitos missionarios.” (Pag. 45) |  
 “Em todo o seu livro ha a preocupação maligna” |  
 (Pag. 54); odio, odio, odio. Todo o livro do Snr. [Senhor] Basilio é somente isto: ódio. |  
 Gastão de Oliveira, o protestante convertido ao |  
 Catholicismo, é na pena do Snr. [Senhor] Basilio, “um falsificador”, (Pag. 32); é |



“o informante facil, que mentio sem escrupulo |  
nem decoro” (Pag. 31) é “uma quista calunista que sofre enfermidade moral e interesses  
inconfessaveis.” (Pag. 51) |

Leonel Franca, esse admiravel Leonel |  
Franca, cultissimo, modestissimo, honestissimo, |  
que nunca fez afirmações sem provas irrefutaveis, é, na |  
pena do Snr. [Senhor] Basilio, “Sadico e morbido,” “tecnico |  
arteiro,” que tem “o fito diabolico de transformar |  
gracejos imprudentes em imoralidades”; |  
e teu o “gesto mais maligno” e “o mister ignobil” de |  
exumar mortos para dissecar sua vida moral e.” |  
(Pag. 38) |

“E’ dever comesinho, diz o Snr. [Senhor] Basilio, de qualquer |  
escritor ser imparcial e literariamente proba |  
sem se exacerbar nas estúas da paixão fanatica |

(2) Seria muita imprudencia de minha parte substitui-los |  
pelo livro de Basilio!. |  
natica”. Depois de escrever tantas expressões |  
amargas de odio, o Snr. [Senhor] Basilio faz tal confissão de |  
“dever comesinho;” e diz á pagina 57, que “não é de semear odio”. Imagine se {quisesse} fosse hora!  
(3) |

Meu {caro Eudaldo} amigo, tenha paciencia, tolere a |  
minha pergunta; este livro do Snr. [Senhor] Basilio é |  
cristão? Não acha que ele esteja em desacordo |  
com o espirito de Cristo que diz: “Amae-vos uns |  
aos outros?” {Essas} Estas expressões que transcrevi para |  
lhe mandar revelarão amor ao próximo? (1) |  
Quando cala o odio, na pena do Snr. [Senhor] Basilio, fala {o espirito galho furo,} a chacota, a  
chalaça, |

o espirito de vaia. incompativeis com a seriedade do assunto. O seu ódio contra nós é |  
anti-cristão e despeitado, sem duvida porque não |  
andamos atraz de V. Revma. [Vossa Reverendissima], pedindo: “ô padre |  
me dê um santo.” (Pag. 19) E na pag. 23, escreve: |  
“Muito bem! Nós vamos com prazer atraz servindo-lhe |  
de Sancho Pança e dizendo: – Bravo heroi!” |  
{Repito}, Tenha paciencia repito: {este livro do Snr. [Senhor] Basi [Basilio]} isto é Cristianismo? |  
Meu caro: – Na sua delicada dedicatoria com que {do} me enviou o livrinho em |  
questão, você diz que m'o queria “para ler |  
e meditar.” |  
Compreendo a sua boa intenção e agradeço, |  
sinceramente, a gentileza de seu coração irmão |  
e amigo. Mas sou forçado a lhe dizer, sem |

(1) Aqui na minha rua, numa casa proxima {ao norte} a esta de onde |  
escrevo, ha 1 grupo de cantando e tocando; e, {exatamente} precisamente neste |  
momento, estão cantando uma canção com este: “Quem ama não faz assim,” |  
achei interessante a coincidencia e escrevi este entre parenthesis.) |  
nenhuma intenção de lhe {magoar} magoal-o, pois seria |  
retribuir uma gentileza com uma grosseria |  
sou forçado a lhe dizer, meu amigo, |  
que este livro do Snr. [Senhor] Basilio é improprio |  
para {a} meditações. {Este} Tenho aqui no |  
meu quarto de solteiro catolico e amigo |  
da solidão, um “Novo Testamento”, “A Imitação |

de Cristo”, um crifixio, um terço, a imagem |  
do “{Divino} Sagrado Coração de Jesus” e minha estante |  
de escritores catolicos de minha predileção |  
São estes os objetos de minhas leituras |  
e meditações. Encontro neles tanto amor |  
{de} a Deus e tanto amor de Deus! (2) Lastimo que você, O Snr. [Senhor] Basilio |  
e tantas outras almas irmãs não bebam nesta |  
mesma fonte em que minha’ alma bebe e se |  
alimenta e se ilumina, graças a Deus! |  
Oportunamente, voltarei a lhe escrever sobre |  
os assuntos abordados pelo Snr. [Senhor] Basilio. |  
Não o faria se não fosse o receio de você |  
imaginar que fugi do assunto. Nós, catolicos, |  
não tememos discutir com quem ama a Verdade. {Nós} |  
que nós a amamos. E estamos absolutamente |  
convictos de que estamos com ela. |  
Receba, mais uma vez, um abraço do velho amigo |  
22-8-941. Eulalio Motta. |

{3} 2) Neles é que busco e encontro consolação para minha |  
alma quando se fere, nas quedas da minha fraquesa |  
humana. Porque neles é que encontro o Cristo. Por meio deles é que converso com o C. [Cristo] Neles  
é que encontrei resposta para |  
as perguntas e duvidas que enchem de angustia o meu mundo |  
interior. Somente na Igreja Catolica é que encontrei |  
a {alegria e a paz} Verdade que eu não conhecia (4) Somente nela é que |  
encontrei o Cristo. Eudaldo, a Igreja Catolica |  
é Mãe! Não é a madrasta que vocês imaginam! |  
Ha muito desconhecimento e crueldade na pena dos que a combatem |  
e {odeia} odeiam! Contemplem-na com boa vontade! |  
Olhem-na com amor que ela é mãe de |  
todos nós! Ela ilumina e eleva! Perdôa e |  
consola! Ela é Mãe! {Eu amo-a} Ame-mo-la com amor |  
filial! Que Deus dêça ao coração de |  
vocês todos, para que a luz deste amor |  
os ilumine! |  
Estes, {meus} meu caro, são os desejos do coração de |  
seu velho companheiro de infancia e ami- |  
go de sempre. |  
EulalioMotta. |  
24-8-941. |

(3) Na pagina {18} ele fala na “insigne Primaz do Brasil”; e, na |  
pagina 19, fala em “um educador ilustre, dedicado e delicado |  
membro do clero bahiano.” Estes 2 torrõezinhos de gelo assucarado |  
de elogios pessoais em meio de tanto fel, são tão destoantes que provocam |  
risos. |  
(Ver pagina seguinte) |

4: – Se vocês podessem ou quizessem estudar a historia |  
e a doutrina da Igreja Catolica sem rancor, |  
sem ideias preconcebidas, com simplicidade, |  
com humildade, de coração puro e olhos limpos, |  
{talvez podessem} certamente poderia vel-a como realmente |  
ela é, e não como vocês a imaginam. “Bemaventurados |  
os limpos de coração; porque eles verão a |

Deus.” Aproximem-se da Igreja com os corações limpos |  
 de odio, sem expressões de rancor e de chacotas, sem orgulho, |  
 humildemente, e vel-a-ão. E compreenderão |  
 que ela é mãe e não madrasta. E notarão que ha |  
 muito desconhecimento, e muita agonia e crueldade na alma |  
 dos que a combatem e odeiam. Procurem vel-a com |  
 bôa vontade: Não a julguem sem a conhecer. Se vocês |  
 a conhecessem, {amal-a-iam} certamente lhe teriam amor. Porque ela |  
 é mãe. Ilumina e eleva. Perdôa e consola. Merece |  
 o nosso respeito e o nosso amor filial. Ela |  
 é mãe de nossos avós, de nossos paes, de todos |  
 nós (5) Amemo-la! Que Deus dêça aos corações |  
 de vocês, para que a luz deste amor os ilumine. |  
 São estes, meu amigo, os desejos do coração de |  
 seu velho companheiro de infancia e amigo de |  
 sempre. Eulalio Motta |  
 31-8-941. |

Na pagina 18, o Snr. [Senhor] Basilio escreve:.... “insigne |  
 Primaz do Brasil”; na pagina seguinte, |  
 fala de “um educador ilustre, dedicado e delicado |  
 membro do clero Bahiano.” Estes torrõesinhos |  
 de gelo assucarado em meio de tanto |  
 fel, são tão destoantes que provocaram risos. |  
 Meu amigo, tenha paciencia, tolere uma pergunta: |  
 – Este livro do Snr. [Senhor] Basilio é Cristão? |  
 Não acha você que {está} este livro está em desacordo |  
 com o espirito do “amae-vos uns |  
 aos outros”? “...Todo aquele que se irar |  
 contra seu irmão será reo em juizo.” |  
 O Snr. [Senhor] Basilio acha que nós, catolicos, somos |  
 seus inimigos,? Ainda assim: |  
 – Amae os vossos inimigos, fazei bem |  
 aos que vos têm odio.” |  
 Este livro do Snr. [Senhor] Basilio é cristão? |  
 Prestar-se-a para meditações? |  
 mim. |

(5) Ela veio do Coração de Jesus. Do Seu pensamento. |  
 Do seu sofrimento. Do Seu Amor por nós. Saindo |  
 nós e querendo ficar conosco, {ficou na} fundou a |  
 sua Igreja. E ficou conosco na sua Igreja. Amemol-a, pois. |

### **Adaptação do rascunho de carta 3 - a) Meu amigo: / Você, protestante convicto**

a) Meu amigo: |  
 Você, protestante convicto, afirma de com |  
 força: “Estou salvo porque tenho fé em |  
 Christo e Ele prometeu a salvação para |  
 os que têm fé. E as promessas de Christo |  
 não falham. ”Com efeito, Cristo disse: “Aquele que crer e for batisado será salvo: o que porem não  
 crer será condenado.”; |  
 Conversemos sobre o assunto. {A minha impressão} O que acontece |  
 {é que} é isto: — Você isola um trecho do Novo |

Testamento, um versiculo, {sem olha} e agarra-se |  
 a ele sem um olhar de conjunto para |  
 tudo mais que diz no N. T. [Novo Testamento] E' preciso um olhar de conjunto. Outro se {agarra}  
 agarraria o outro trecho |  
 do Novo Testamento, e faria outra afirmação, |  
 tambem de Biblia em punho, completamente diferente |  
 de sua opinião. Ex.: poderá qualquer |  
 um afirmar: 'Eu estou salvou porque me |  
 comungo. {Porque} Uma vez que Cristo disse: "Quem não comer a |  
 minha carne e não beber o meu sangue, não |  
 terá a vida eterna". Ora, eu como Sua carne |  
 e bebo o Seu sangue, na sagrada eucaristia. Logo |  
 tenho a vida eterna, estou salvo." |  
 Outro, se agarrando {o} a outro trecho do |  
 N. T. [Novo Testamento], {poder-se-} poderia julgar-se salvo sem a fé, |  
 porque Cristo disse: "Cada um será julgado de |  
 acordo com as suas obras". Ora, eu faço |  
 boas obras, e só boas obras, portanto |

estou garantido. Estou salvo. "Ep. [Epístola] de S. [São] Paulo a Fé M{†}, IV, 14. |  
 E um outro se agarraria a um outro |  
 trecho e lá se ia por aí a fora, cada qual |  
 com uma fé, cada qual com um cristianismo, |  
 formando varios cristianismos diferentes entre si e {muitissimo} muito diferentes do |  
 de Cristo. Cada um, com sua interpretação, com sua opinião, com seu modo ver, de interpretar, é uma  
 unidade, uma pedrinha, na formação de novas Torres de Babel que {são} é o que existem fora da  
 Igreja de Deus. |  
 Concluamos: com interpretações individuais do N. T. [Novo Testamento]; (1) com os |  
 livros sagrados integros ao livre exame, não |  
 se pode a conhecer o Cristianismo, o ver |  
 dadeiro, o unico, o fundado por Nosso Senhor Jesus Cristo. |  
 O caminho mais pratico e mais facil de |  
 se conhecer a Cristo, é ouvir a sua Igreja, que |  
 é a Catolica, Apostolica, Romana. Se não se |  
 quer admitir esta verdade, ou se se quer visifica-la, |  
 não é com interpretações mutiladas, |  
 com trechos isolados da Biblia que havemos |  
 de o conseguir. E' preciso um olhar de |  
 conjunto, do todo. Só com uma ideia |  
 clara sobre o essencial, poderemos |  
 comentar e compreender o secundario. |  
 Sobre este assunto voltarei a conversar |  
 com você na minha proxima |  
 carta. Vamos {devagar} devagarzinho. Para |  
 não cansar. |  
 9-11-941. |

a) (1) Voltemos ao começo: você diz que Cristo |  
 prometeu {pel [pela]} a salvação a quem crê. E que você crê, logo esta S. [Salvo] Vejamos. |  
 Se todo o Novo Test. [Testamento] fosse só aquele versiculo, {vos} você |  
 teria razão. Mas ha outros, muitos outros. E' preciso |  
 ler a todos e sintetisal-os para poder se formar um juizo |  
 de conjunto. {V [você]} Se você fizesse assim compreenderia: |  
 1º que Cristo prometeu a salvação ao que crer; 2º |  
 porem Condicionou-a. Quando o moço rico perguntou |

a Cristo que é que era preciso para se salvar, que |  
 é que o Mestre respondeu? Que bastava ter fé? |  
 Não! Respondeu que cumprisse os mandamentos. |  
 E' claro que, para o que não crê, os mandamentos |  
 não têm importância nenhuma. Logo, p<sup>a</sup> S. [para Salvação] é |  
 necessário, antes de tudo, a fé, porque sem esta |  
 não pode haver respeito aos mandamentos, e |  
 sem cumprir os mandamentos não pode haver |  
 salvação. Portanto a fé é condição primordial. |  
 Portanto, meu amigo, Mas não basta ter fé. Primordial, sim. Única, não. (2 E' preciso |  
 cumprir os mandamentos. E Mais: fazer isto |  
 com obediência a Igreja. porque mostro Com efeito, falando aos seus discípulos |  
 frente dos evangelhos Jesus diz: que eram, naqueles dias, toda sua Igreja nascente (clesiam meo), disse-  
 lhes: “O que a {vóz} vós ouve a mim ouve; o que a vós despresa, a mim despresa; a quem me  
 despresa, despresa. |  
 Aquele q. me enviou! (Lucas X, 16). (2 Como você está vendo, não se pode |  
 falar de Cristianismo, compreendê-lo, ter certeza |  
 dele, com interpretação individuais de versículos |  
 isolados. E' preciso lembrar de muitos, |  
 de todos, num esforço de síntese. |

Mas agora permita que lhe pergunte: você |  
 cumpre rigorosamente todos os mandamentos? |  
 E faz isto obedecendo a Igreja de Cristo? |  
 A consciência não lhe acusa de nenhuma falta? |  
 Nem falta de humildade, nem de caridade |  
 nem de obediência? E tem toda certeza que sua |  
 opinião está certa? Que sua ceita ou Igreja sua opinião é a I. [Igreja] de C. [Cristo]? Não haverá  
 orgulho, falta |  
 de humildade, presunção, na sua afirmação de |  
 que está salvo? Você seria capaz de atirar |  
 a primeira pedra? (3) Se depois de você meditar |  
 sobre todas estas perguntas, continuar |  
 a afirmar q. [que]: “{estou} está salvo”, eu não sei o que devo |  
 dizer-lhe: se o admiro e o invejo ou se o |  
 lastimo; porque estarei diante de um santo |  
 perfeito, perfeitíssimo, cuja consciência não tem de que se acusar; ou diante de um |  
 orgulho fanático e cego que poderá ser a |  
 desgraça de uma alma e {não} nunca a sua salvação. |  
 (2) Ainda no Evangelho de S. [São] Marcos, quem diz: “... se vos |  
 não perdoardes (as ofensas de alguém), também vosso Pai, que |  
 está nos céus, vos não perdoará vossos pecados”. Está vendo, |  
 meu amigo, você pode estar cheio de fé, se não perdoar as |  
 ofensas que lhe fizeram, não terá, com toda sua fé, direito |  
 ao céu. Porque? Porque não perdoando, desobedeceu o segundo |  
 mandamento. Ao moço rico Jesus respondeu {que} vai, para conseguir a Salvação... |

(3) Você que vê em cada batina um símbolo |  
 do diabo, segundo as lições do seu Ernesto de |  
 Oliveira, seria capaz de renunciar os preconceitos |  
 diabólicos e amar o portador da batina? Você |  
 {Terá santidade} Será capaz de, renunciando, as sabedorias |  
 das interpretações de Ernesto Oliveira, que julga |  
 o Papa, tachando-o de Anti-Cristo, amar o Papa? |  
 Amal-o realmente, verdadeiramente, de coração? |

Não? Então faltaria com a caridade, |  
 pecaria contra O 2º mandamento. E São |  
 Paulo, que disse, “estando” {justificadas} justificadas pela |  
 fé, tenhamos paz com Deus, por Nosso Senhor |  
 Não? Então faltaria com a caridade. E |  
 São Paulo, que fala em “justificação pela fé”, |  
 “justificação pelo sangue de Jesus, afirmo, |  
 “Se eu tiver uma fé capaz de transportar montanhas |  
 e não possuir a caridade, nada sou.” |  
 E S. [São] Tiago, clarissimo: "Vêdes que o homem é justi- [justificado] |

#### **Adaptação do rascunho de carta 4 - Meu amigo: / Promessa é dívida**

Meu amigo: |  
 Promessa é dívida. Na minha carta |  
 anterior, fiquei lhe devendo uma outra |  
 carta para tratar {do} dos assunto de nosso interesse: |  
 – a Igreja de Cristo. Vamos a ele. |  
 {que} Falei-lhe que é preciso um olhar de |  
 conjunto para compreendermos o essencial, |  
 sem o que não é possível comentarmos |  
 e compreendermos o secundario. |  
 Na construção de toda a obra; em toda |  
 construção de ordem material, intelectual |  
 ou espiritual, ha as grandes linhas, as |  
 linhas mestras, os pontos principaes, |  
 apoiado nos quaes ou segundo os quaes, |  
 {todos}, tudo mais é ordenado. Procurando nos |  
 evangelhos, as linhas mestras, os pontos essenciaes |  
 da Igreja de Cristo, temos que anotar |  
 os segintes: |  
 1º Universalidade.: {Unidade de culto e de} ”Ide e pregae a todos os povos.” |  
 2º {Unidade: de culto e de fé} Autoridade: “Aqueles a quem perdoardes |  
 os pecados, serão perdoados.... ..... |  
 3º Unidade de culto e de Fé:..... |

Aí estão, meu amigo, as linhas mestras, os |  
 pontos essenciaes da Igreja de Cristo: |  
 E´ universal; tem um só rebanho, |  
 {uma} um só batismo, uma só fé; |  
 tem autoridade para perdoar pecados, |  
 etc. Qualquer igreja na qual |  
 falte qualquer destes pontos, pode ser |  
 tudo, menos a Igreja de Cristo. |

#### **Adaptação do rascunho de carta 5 - Eudaldo amigo: Saudações / Na minha primeira cronica sobre o livro do Snr. Basilio**

Eudaldo amigo: |  
 Na minha primeira cronica sobre o livro do |  
 Snr. [Senhor] Basilio, a qual você ainda não leu, digo-lhe, entre outras |  
 cousas, lhe digo o seguinte: – "Sempre que leio |  
 um destes livros, (protestantes), entristece-me a ausencia |

de serenidade e humildade cristãs, que aprendi a |  
 conhecer e amar nos livros catolicos. Não digo que |  
 não haja livros protestantes serenos e humildes. Posso |  
 lhe afirmar, entretanto, que nunca tive a sorte de |  
 os encontrar." Agora que acabo de ler o livro de |  
 Giovani Rostagno, dou graças a Deus pela minha |  
 prudencia quando disse não afirmar {que não ex [existe]} a |  
 inexistencia de livros protestantes serenos e humildes. |  
 Porque este livro de Giovani Rostagno, meu amigo, está todo |  
 cheio desta "serenidade e humildade cristãs que aprendi a conhecer |  
 e amar nos livros catolicos." Entre a remessa |  
 que você me fez do livro do Snr. [Senhor] Basilio e do livro |  
 de Giovani, há apenas um espaço de 3 meses. Mas |  
 entre os dois livros, meu amigo, que distancia |  
 imensuravel! Que abismo! Naquele a vaedade, |  
 a presunção, o pedantismo, a chacota o odio, o orgulho, {a chacota,} a malicia, Lutero. |  
 Neste, Jesus! Aquele, é um pasquim; {de um} |  
 {fanatico vulgar}; este é uma prece; naquele, um |  
 fanatico vulgar; neste, um Cristão; naquele |  
 minh'alma vio um inimigo; neste, encontrou um irmão. |

naquele, um protestante; neste, um catolico. |  
 Giovani esta muitissimo mais proximo de Roma |  
 do que de Lutero. Pela serenidade de sua linguagem; |  
 pela humildade de seu espirito e, até, |  
 pela doutrina que ele defende, {Defende Doutrina genuinamente catolica.} está muitissimo mais  
 proximo de Roma do que de Lutero. |  
 Um dos maiores absurdos |  
 do Protestantismo é, ao meu ver, a doutrina da predestinação. |  
 A Igreja Catolica afirma que Deus quer, |  
 para a salvação de nossa alma, a nossa cooperação, |  
 a colaboração de nossa vontade. E é esta |  
 Doutrina que Giovani defende, á pag. 56 do seu otimo |  
 livrinho: - "Ele (Deus) quer que a alma se lho entregue |  
 voluntariamente:" (O {grifo} parenteses e o grifo {é} são meus) Muito bem! Este, |  
 sim, é um livro digno de ser lido e meditado. Mas, |  
 o outro, meu caro, Eudaldo, que tristesa! |  
 Na minha estante e no meu coração, ha um lugar |  
 de {alto de} destaque para os bons livros catolicos. O livro- |  
 di Giovani, meu amigo, será colocado entre estes. Repito-lhe, |  
 por isto, muito satisfeito, o muito obrigado, do |  
 seu |

Eulalio. |

18-11-941 |

No capitulo VI, defende um principio catolico; o que |  
 a Igreja chama "Contrição perfeita", e aconselha como necessario |  
 á salvação. A Igreja, que ensina a doutrina |  
 verdadeira {q [que]} de que não basta a fé, prega a necessidade |

desta contrição. Giovani, que, em principio, é catolico, |  
 prega a mesma cousa: - "Temos fé; mas não o bastante" - Diz: - |  
 diz Giovani, no capitulo |  
 XLVI, pagina 99. Deviria ter dito: "Temos fé; mas não basta" |  
 {ter fé.} Porque quem a tem bastante? Ninguem, ninguem, ninguem. |  
 Por fé bastante ninguem chegaria ao ceo. O Novo Testamento |

está cheio O Capítulo XVI é uma expressão |  
do nosso “Senhor Deus”. E assim por diante. |  
Salvo algum lapso de leitura, creio que poderia |  
afirmar não haver neste livro uma |  
única página que não seja digna da assinatura |  
de um católico. Não sei se você |  
já terá livro o celebríssimo livrinho do Padre |  
Thomaz de Kempis: “Imitação de Cristo.” Eu não |  
conheço todos os livros do mundo. Nem eu nem |  
ninguém. Mas me parece que se {os} alguém os conhecesse |  
poderia dizer isto que eu tenho dito: Nunca |  
mão humana escreveu {melhor} livro melhor do que |  
“Imitação de Cristo.” Depois do livro sagrado, é o maior livro do mundo. O livrinho de Giovanni tem |  
traços do “Imitação”. Gostaria que você lesse |  
este livro. Oportunamente lhe mandarei um; |  
{s [só]} não o mando {dessa} logo, porque só tenho um |  
exemplar e deste não me aparto porque é meu |  
livro predileto de leitura e meditações. diárias. Tenho toda |  
certeza que Você gostará imensamente {desse} deste livrinho |  
admirável. Aguarde. |  
Receba, com mais um muito obrigado, um abraço do |  
25-11-941. Eulalio. |

**Adaptação do rascunho de carta 6 - Eudaldo amigo Salutem! / Ausente, em trabalhos na Fazenda**

Eudaldo Amigo |  
Salutem! |  
Ausente, em trabalhos na Fazenda e em |  
viagem a “Miguel Calmon”, encontrei, ao chegar, |  
mais dois livros que me vêm de sua |  
lembrança amiga. |  
Apresso-me em lhe fazer esta, para acusar |  
o recebimento dos mesmos e agradecer-lh’os, prevenindo-lhe, |  
ao mesmo tempo, que demorei a |  
lê-los; porque estou, no momento, com leituras |  
que não devem ser interrompidas, e que serão |  
demoradas. É pena que Você esteja fora do rebanho; |  
não fôra isto, nossos livros seriam |  
sempre os mesmos, nossas leituras coincidiriam |  
sempre. Mas Deus escreve certo por linhas |  
tortas. Também eu vivi muito tempo |  
fora do rebanho, e muito mais longe |  
dele do que Você, atualmente. E hoje vejo |  
que não foram inúteis os meus erros, |  
as minhas loucuras. Se eu não tivesse |  
vivido no mal, não poderia ter um |  
juízo sensato sobre o Bem. Estou satisfeito. |  
Quase feliz. Não posso eliminar |  
este quase; porque minha fraqueza |  
humana é uma força contra minhas |

bôas intenções, contra o meu propósito de |  
não ofender a Deus; constantemente O ofendo, |



porque constantemente péco. E cada um pecado |  
 que comêto, é uma bofetada que dou |  
 na face d'Aquele que sofreu e morreu |  
 por amor de mim. Não, cáio, porem, |  
 em desespero porque conheço a misericórdia |  
 divina. Deus está no mundo para me compreender, |  
 perdoar, aconselhar e punsar as minhas feridas, |  
 as feridas de minha alma, abertas em cada pecado. |  
 Sim, Deus está aqui no mundo, na sua Igreja, |  
 por meio da qual me perdôa e me consola. |  
 A aqueles a quem Ele entregou a sua Igreja, disse: |  
 "Aqueles a quem perdoardes os pecados, serão perdoados; |  
 aqueles a quem os retiverdes, serão retidos." |  
 Nas minhas horas de tristesa, nos meus |  
 momentos de treva, que são os dolorosos dias |  
 de minhas quedas, Ela, sua Igreja, que é |  
 Ele, mistico, me recebe e me perdôa, me |  
 consola e me eleva. Quanto mais me |  
 {aproxime} aproximo d'Ela, tanto mais amor sinto por |  
 Ele. Porque ela me ensina a conhecel-o cada |  
 vez mais; e quanto mais o conheço, mais O adoro. |

Ele disse que aqueles que não escutam |  
 sua Igreja, sejam considerados pagãos. |  
 E quanto mais escuto sua Igreja, mais |  
 fico sem compreender como se póssa |  
 amar a Jesus odiando a "Igreja Católica". |  
 Porque esta é a unica Igreja que encontrei |  
 nas minhas leituras e meditações do |  
 Novo Testamento. Leio-o sempre. E´ o meu |  
 livro de cabeceira. E, quanto mais o |  
 leio, mais me entusiasmo e me apaixono |  
 pela Igreja Católica, Apostolica, Romana. |  
 Nestes momentos de enlevo, de amor |  
 por minha Igreja; neste instante de harmonios |  
 interiores, penso, ás vezes, em você, e |  
 me lembro de muitas pessôas amigas que |  
 vivem fora da Igreja, e, muitas vezes, contra |  
 a Igreja. E sinto e lastimo a ausencia |  
 de vocês. Muitos, certamente, voltarão ao aprisco. |  
 Mas é certo, tambem, que, endurecidos |  
 no erro, muitos ficarão, obstinadamente, |  
 até á morte, fora da Igreja do Senhor. |  
 Peço a Deus, de todo coração, que entre aqueles, |  
 e não entre estes, esteja Você. |  
 Receba, meu caro, com mais um agradecimento, |  
 mais um abraço do Eulalio Motta. |  
 14-12-941. |

**Adaptação do rascunho de carta 7 - Eudaldo: *Salutem!* / Em mãos a sua carta de 20 do corrente**

Eudaldo: |  
 Salutem! |

Em mãos a sua carta de 20 do corrente. Não |  
 recebi a outra a que você se refere, a que eu devia |  
 ter recebido com os livros. |  
 Depois de ler esta que recebi e o prospecto anexo, |  
 achei que não devo responde-la a você somente; mas |  
 pelo interesse dos assuntos abordados, comenta-la, |  
 publicamente, ponto por ponto, tin-tin por tin-tin... publico que |  
 tenha interesse no assunto; catolicos e protestantes. |  
 Nós, {outros,} que estamos com a Verdade, não devemos |  
 fugir de discutir com os que estão com os |  
 erros. Ao contrario, devemos provocar taes discussões |  
 não com a ilusão de que os errados |  
 possam corrigir-se com as discussões (x) mas |  
 com a certeza de que aceitar e mesmo provocar taes discussões, com o fim de esclarecer os os  
 incautos aproveitarão |  
 e que, deste modo, se livrarão das armadilhas |  
 e tentações do erro. Porque, meu amigo |  
 E´ preciso muito cuidado para não se confundirem as aparencias com a {realidade} realidades. Para os  
 Os ignorantes |  
 em Christianismo, podem ser facilmente arrastados |  
 pelas aparencias, que são {os protes [protestantes]} as seitas protestantes, |  
 com as suas pseudo-razões. Realmente, as minhas |  
 primeiras impressões {nesta} neste tão importante |  
 questão, foram favoraveis a Lutero. |  
 Mas depois, quando fui estudar e meditar |  
 os fatos, tudo se esclareceu com numa nitidez |

absoluta: e eu pude, graças a Deus, distinguir |  
 as aparencias da realidade. |  
 Quem se nesta resposta Mas eu não quero ser longo: – porque o que lhe |  
 quero dizer é apenas isto: – que sua carta será |  
 respondida, ponto por ponto, tin-tin por tin-tin. |  
 Quanto à sua ironia sobre as minhas pretensões |  
 materialistas do passado, devo dizer-lhe |  
 que Você está chovendo no molhado: porque |  
 eu mesmo as ridiculariso. Não precisa, portanto, |  
 que Você se dê a este trabalho. |  
 Receba, com mais um abraço, {meu} os, meus votos |  
 sinceros para que Você tenha um belo Natal |  
 e um Ano Novo feliz. |  
 Do seu |  
 Eulalio. 25-12-941. |  
 X (o erro luterano tapa os olhos, atrofia a int. [interpretação] e endureço o coração; é muitissimo mais |  
 facil evita-lo do que extirpa-lo. Na minha luta de “Ação |  
 Catolica”, {nunca esquecerei} quero ter sempre presente esta verdade) |

### **Adaptação do rascunho de carta 8 - Eudaldo: Saludem / Em mãos a sua carta de 31 de dezembro**

Eudaldo: |  
 Em mãos a sua carta de 31 de dezembro, em que |  
 você, fazendo-se de psiquiatra, acusa-me de doente e faz |  
 o diagnostico; lastimo que você tenha esquecido de mandar-me |  
 {o diagnostico.} a terapeutica. |

Na carta em questão você se diz de sabio em Cristianismo |  
 e me acusa de cego em tal assunto. Isto porque V [você] |  
 frequentou um curso protestante de S. [São] Paulo {de} e eu não. |  
 Sem querer contestar a sua afirmação quanto á minha |  
 ignorancia, devo-lhe lembrar que S. [São] Pedro, S. [São] Paulo, S. [São] {Lu [Lucas,]} João |  
 Evangelista, S. [São] Lucas, S. [São] Jeronimo, Santo Inacio, S. [Santo] Ambrosio, |  
 S. [Santo] Agostinho, etc., etc., etc., etc., etc., etc., tambem não frequentaram |  
 o curso protestante de S. [São] Paulo... (1) Alias, meu |  
 amigo, esta presunção não é sua; é uma caracteristica |  
 de todo filho de Lutero. Tal arvore, tal fruto. E |  
 Quem herda não furta. O mundo não conheceu ninguem |  
 mais presunçoso e arrogante do que Lutero. Sua |  
 carta está cheia deste espirito luterano: “Eu sei |  
 o assunto.” Meu amigo: eu tenho, em minha |  
 estante, escritores que sabem o assunto. Lendo |  
 estes, e lendo a você, tenho a impressão |  
 nitida de {quem} que leio os que sabem e o que |  
 pensa que sabe. A distancia daqueles para |  
 você {a} é a mesma que deslumbro entre a |

Ciencia e o charlatanismo. Leonel |  
 Franca, por ex., é um sabio {em Cristianismo} no assunto; {voce} |  
 você... Louvado seja Nosso Senhor Jesus |  
 Christo!.. você é apenas alguem que se enche |  
 de vento, bate nos peitos e arróta: “Eu sei |  
 o assunto!” Meu amigo: entre a sua sabedoria |  
 do assunto, e a sabedoria da Igreja Catolica |  
 sobre o mesmo assunto, escolhi a da |  
 Igreja Catolica. {Nela,} Na sabedoria da Igreja, |  
 {escuto} encontro a {lição} presença serena de Jesus; na sua |  
 sabedoria, escuto a arrogancia presunçosa |  
 de Lutero... Você é de minha idade; a |  
 Igreja Catolica é dos tempos dos apóstolos; tem quase vinte seculos. creio, |  
 pois, que tenho mais razão de confiar na sabedoria |  
 d’Ela, {do que a sua} não tomando conhecimento |  
 da sua. Isto, meu amigo, não são palavras |  
 “xingatorias, catilnarias descabaladas”; isto é São palavras de sensatez. |  
 de um ignorante que não se prega sabio Você me aconselha aprender “da mansidão, da tolerancia, |  
 do respeito ao pensamento alheio.” Tenho |  
 uma carta sua em que você fala sobre G. [Gustavo] Barroso, |  
 com “u’a [uma] mansidão, uma tolerancia, um respeito,” bem |  
 interessantes... você está vendo cisco em meu olho |  
 e se esquecendo do seu... Isto não é {de evangelico,} cristão, mas, em compensação é |  
 de um luterano... |

A não ser que você julgue xingatorias a |  
 minha analise mostrando o farisaismo |  
 de seu cristianismo. A constestação de |  
 é fajutas. |  
 Se eu o chamasse de psicopata |  
 com citação freudista, é |  
 quem estaria fazendo xingatorias. |  
 Mas não faço tal. (2) |  
 Você diz que não está disposto a “ler xingatorias”, sem |  
 revidar. Não tenha susto: {terei o cuidado de não} peço a Deus que não |

me {deixar} deixe levar para “xingatorias”; presumo porque quem tem a certeza |  
 de estar com a Verdade, não precisa lançar mão de |  
 tal expediente. {Nesta carta} Esta certeza eu a tenho; e porque a |  
 tenho, devo lhe dizer que a minha ignorância |  
 não teme a sua sabedoria. Seus arrotados |  
 10 anos de estudos sobre o assunto não me |  
 amedrontam: tenho na minha estante muita |  
 gente com muito mais anos de estudos |  
 do que você. Mais anos de estudos, {que} e muito mais talento |  
 e coisa que não existe em você, {mas} muita humildade, e nada de presunção. |  
 Nenhum deles bate nos peitos e grita: |  
 “Eu sei o assunto.” Porque não são filho de |  
 {filhos} de Lutero, são discípulos de Cristo; os filhos de Lutero tem a preocupação de citar palavras  
 evangelicas; os discípulos de Cristo; sem preocupar em vive-los que |  
 ensinou a humildade e não a arrogancia. |  
 Vocês, protestantes, sitam muito as palavras |  
 de {humilde} humildade (3) |  
 Uma coisa que eu quero lhe dizer, meu amigo: antes de terminar: na |  
 campanha religiosa a que quero dedicar-me |  
 não me preocupa a ideia de converter protestantes, |  
 mas, sim, a ideia, de esclarecer catolicos. Eu |  
 considero protestantismo uma psicose; a minha |

ação terá um sentido de terapeutica preventiva |  
 e não curativa. Para isto não preciso xingamentos |  
 e agressões pessoas, coisas que não existem na carta |  
 que lhe fiz, como, com a graça de Deus, não existirão |  
 em nenhum dos trabalhos que pretendo escrever sobre o assunto. |  
 Você parece que está muito ner [nervoso] Tome um chá de |  
 folhas de laranjas, meu amigo. Você me mandou |  
 um diagnostico e eu estou lhe passando uma receita. |  
 Retribuição de gentilezas. |  
 E receba, com a receita, o abraço amigo |  
 do seu velho |  
 Eulalio. 11-1-942. |

(1) Você se julga sabio porque frequentou tal curso; |  
 parece que você é nulo no assunto, precisamente |  
 por isto: porque frequentou tal curso. |  
 (2) Você me julga “mal informado do Espirito Santo como |  
 qualquer budista, etc.” Não lhe reconheço autoridade |  
 para um julgamento desta natureza. A Deus e não |  
 a você, cabe julgar-me. Você me julga e me julga destituído, |  
 da caridade de Jesus”, etc.; devagar, não moço, devagar! reconheço |  
 nenhuma autoridade para me julgar; |  
 deixe a Deus o que é de Deus. |

...que você me chame de ignorante e arróte sua |  
 sabedoria; que você me taxe de psicopata, para |  
 mostrar que já leu Freud, que você me {compare} chame |  
 a galo de briga, etc, va lá... tudo isto, minha |  
 ignorancia, minha psicopatia, etc., tudo |  
 isto não é de sua conta, mas, deixe que vá; |  
 julgar, porem, a sua sabedoria, esta com capacidade |  
 de julgar o meu grao de caridade, etc., é que |  
 é de mais! Não lhe reconheço nenhuma autoridade |

para tanto. Deixe a Deus o que é de |  
 Deus. Só Ele pode {julgar} fazer julgamento desta |  
 natureza. Seu arrotado curso de 10 anos não lhe pode |  
 ter dado poderes que só a Deus pertence. A Deus o |  
 que é de Deus, a Eudaldo o que é de Eudaldo. |  
 E você me pergunta: “Que entendes de cristianismo?” |  
 Eu lhe respondo: o suficiente |  
 para compreender que carta como esta |  
 sua, cheia de arrogancia e presunção, não |  
 tem nada de {cristã} cristianismo. Releia a parábola do |  
 publicano e fariseu... Se a cegueira do |  
 orgulho luterano não o atrapalhasse, |  
 você verificaria que o cristianismo |  
 de sua carta é um cristianismo de fariseu.... |

Tanta arrogancia, tanta acusação, tanto pedantismo, mascarado de |  
 citações evangelicas... cristianismo de fariseu. |

(3) Você me cita como tecnico em Farmácia, e a si mesmo |  
 como tecnico em Cristianismo; não o considero. Cristianismo |  
 não é privilegio dos que cursaram os preconceitos |  
 luteranos {do} de {Estado de São Paulo.} uma escola no E. [Estado] de S. [São] Paulo. |  
 Presunção e agua benta... |

### **Adaptação do rascunho de carta 9 - Eudaldo amigo: *Salutem!* | Por intermedio de um amigo Frei Felix**

Eudaldo amigo: Salutem! |  
 Por intermedio de meu amigo Frei Felix {lhes mandei} lhe |  
 mandei uma longa carta em resposta á sua de 31 de |  
 dezembro. Agora acabo de receber o prospecto “O papado |  
 e a Infalibilidade”, e me apresso em lhe fazer esta |  
 copia afim de lhe remeter um muito obrigado de todo |  
 o coração. Creia sinceramente que você, com suas |  
 cartas e livros, está me sendo util, fornecendo-me |  
 copioso material para o trabalho que tenho em |  
 vista realizar e que, com a graça de Deus, realizarei. |  
 Por isto lhe envio, de todo o coração, o meu muito |  
 obrigado, fazendo votos para que nossas brigas |  
 não nos separem, e, deste modo, não se interrompa |  
 esta remessa de material que você me |  
 vem fazendo. |  
 Receba um abraço amigo de seu |  
 Eulalio. |

### **Adaptação do rascunho de carta 10 - Eudaldo amigo: *Salutem!* | Acabo de ler “O Papado e a Infalibilidade”**

Eudaldo amigo: |  
 Salutem! |  
 Acabo de ler “O Papado e a Infalibilidade”, que |  
 você me mandou com um cartão-desafio. Julguei |  
 que encontrasse alguma novidade no {prospectos} prospecto. |

Nada. {Muda} Muda-se a vitrola, muda-se a agulha, mas |  
o disco é o mesmo. Se eu só lesse os protestantes, |  
dar-lhes-ia razão. Mas eu li, e leio, protestantes e |  
catolicos. Esta questão do “Infalibilidade”, como |  
“Culto das imagens”, etc. foram por mim lidas |  
e meditadas, maduramente, em catolicos e protestantes, |  
antes de minha volta á Igreja. Sobre {pontos} estes pontos, me achei em |  
presença de duas correntes de opiniões: a dos |  
catolicos e a dos protestantes. Analisei, sem paixão, |  
sem ideia preconcebida, as razões de uns e de |  
outros. Fiquei com a catolica. Você ficou com a |  
protestante. Somos diferentes... |  
Você me desafia para “refutar, pulverisar, aniquilar”, o prospecto |  
em questão. Seria, meu amigo, descobrir a polvora. |  
Porque os argumentos que encontrei {nesse} neste prospecto |  
já os. {conheço} conhecia devidamente pulverizados por Leonel |  
Franca e Julio Maria. No meu trabalho de |  
Ação Catolica, não farei mais do que {mostrar aos} levar |  
o {conhecimentos} conhecimento dos catolicos ao meu alcance, |  
estas paginas admiraves de humildade e sabedoria, |  
escritas por aqueles grandes catolicos. |

Receba, com os meus votos pela continuidade |  
de nossa correspondência, mais um |  
abraço do seu velho amigo |  
Eulalio. 14-1-942. |  
Na sua carta de 31 você me dá diversos conselhos |  
sobre como eu devo começar a minha Ação Catolica, |  
etc.; repete neste cartão; agradecendo estes conselhos que não lhe pedi; |  
devo-lhe dizer que tenho a quem os pedir, e gosto |  
de pedir a quem é capaz de dar. “Eu sou pequeno |  
mas só fito os Andes.” |  
Não peço luz á sombra. Peço luz á Luz. |  
Disponha do |  
Eulalio. 14-1-942. |

### **Adaptação do rascunho de carta 11 - Eudaldo amigo: Respondendo... I**

Eudaldo amigo: Respondendo... I |  
Fiquei de responder sua carta de 20 de Dezembro, ponto |  
por ponto, tin-tin, por tin-tin. Na verdade, são poucos |  
os pontos e poucos os tins. Porque na sua carta ha muita |  
conversa e pouco assunto. Carta de protestante é assim: muita citação evangelica, sem que nem  
porque, e nada mais. |  
Conversemos. Antes da carta, duas palavras sobre uma |  
tirinha de um jornaleco qualquer, {espantado} conta estatisticas (?) {masc [mascaradas] com}  
fantasticas |  
{de} do progresso do protestantismo no mundo, com |  
algarismos de arregalarem os olhos dos incautos. |  
Ao lado da tirinha, você escreveu esta tirada: |  
“Estes dados de fonte catolica insuspeita (o grifo é meu) vêm corroborar |  
o fato de que não somos anticristãos como nos pintam.” |  
Não ha nestes dados estatisticos uma só coisa que |

desabone uma instituição cristã. “Se não {tivessemos} estivessemos com Cristo, |  
 não poderíamos tanto pois ele diz: – “Sem mim nada |  
 podeis fazer.” |

Deixemos a tirinha. Deixemo-la porque eu não a aceito |  
 como expressão da verdade posso leva-la a serio. E´ um pedaço de papel |  
 anonimo, carregado de algarismos que só podem |  
 impressionar alguém que seja tão tólo que se impressiona com afirmações |  
 anonimas, {com rotulo} rotuladas de “fonte insuspeita.” |  
 Analisemos a tirada. Você levando a serio os |  
 algarismos da propaganda, conclue que, por |  
 isto, o protestantismo é cristão! E´ concluir |

depressa demais, meu amigo! Quantidade |  
 {não} de adeptos de uma ideia, não prova nada |  
 que esta ideia seja cristã! A maioria das criaturas, |  
 a imensissima maioria das criaturas do |  
 mundo, é indiferente, {ou} materialista. Pela sua |  
 logica, o indiferentismo e o materialismo seriam |  
 cristãos... Na Russia, a ideia atea-comunista |  
 ganhou terreno, empolgou a massa, tomou |  
 o poder. Pela sua logica ali na Russia o |  
 comunismo é cristão. O mesmo se diga do |  
 nazismo na Alemanha, ao Fascismo na |  
 Italia, etc., etc. |

Com sua {a} mania protestante de citar palavras |  
 evangelicas, (como se citação de palavras |  
 evangelicas fosse espirito evangelico) você cita Cristo: |  
 “Sem mim nada podeis fazer.” Que tem isto com |  
 aquilo? Nada. |

Quando vocês {citam} arrotam poderio protestante, citam |  
 palavras evangelicas para provar que poderio |  
 significa cristianismo; mas quando se referem |  
 o formidavel, invicto e invencivel poderio da |  
 Igreja Catolica, vocês citam palavras evangelicas |  
 para provarem que poderio neste |  
 mundo significa dominio do Anti-Cristo... |  
 E é sempre assim... O Evangelho em mão do livre |  
 exame é pau pra toda obra! Prova tudo! |  
 15-01-942. (continuamos.) Eulalio Motta. |

### **Adaptação do rascunho de carta 12 - Respondendo II | Eudaldo: Há ou não há intermediario?**

Respondendo II |

Ha ou não ha intermediario? |

Eudaldo: |

Dois dedinhos de prosa sobre dois trechos de sua |  
 carta de 20 de dezembro de 1941. |

Logo nas primeiras linhas, da referida, você diz “bispo |  
 de um rebanho que Cristo lhe confiou.” Antes |  
 de tudo, não o considero como tal, é logico. {Eu o considerado} Para |  
 mim você é apenas alguém que {os} escolheu, como profissão, |  
 o triste trabalho de pregar as opiniões {que ensinou sobre} de |  
 Lutero e seus comparsas, a cerca dos livros sagrados. |

Mas isto não vem ao caso. Voltemos à vaca fria: |  
 você, na primeira folha de sua carta, se diz de |  
 Bispo de um rebanho, isto é, {intermediários} medianeiro |  
 entre Deus e um grupo de pessoas, que formam o |  
 seu rebanho, o tal que Cristo lhe confiou, como |  
 você diz. |

Pois bem. Na segunda folha desta mesmissima |  
 carta, você diz isto: – “Sacerdotes, medianeiros, |  
 houve na antiga dispensação, agora todos os crentes |  
 são sacerdotes, vão diretamente a Deus para dele |  
 receber o perdão direto como Pai do prodigo o |  
 perdoou sem a intervenção de parentes, amigos e |  
 compadres.” |

Afinal, meu amigo, ha medianeiro ou não ha? Você |  
 é bispo mesmo ou é apelido que lhe botaram? |

Toda esta tirada com “compadres, parentes e amigos”, |  
 veio á tona pelo seguinte: lembrei-lhe que as |  
 autoridades da verdadeira Igreja Cristã, têm poderes |  
 de perdoar pecados, porque lh’os deu Cristo, |  
 dizendo-lhes: “Aqueles a quem perdoardes os pecados, |  
 serão perdoados; aqueles a quem os retiverdes |  
 serão {retido} retidos.” O meu amigo “bispo”, para {tapar} |  
 {esta verdadeira} anular (?) esta verdade, sae |  
 com esta: Cristo disse {daquilo} aquilo aos sacerdotes, mas agora |  
 todos são sacerdotes... Logo... e lá vem, sem que |  
 nem pra que, aquela tirada com “{compadres} parentes, amigos, |  
 e compadres.” Embola tudo, faz citações evangelicas, |  
 cae em contradições, e quando a gente |  
 vae apurar para ver o que é que o “bispo” |  
 disse, o “bispo” não disse nada! |  
 Meu amigo, venha cá: você é “bispo” mesmo ou |  
 é apelido que lhe botaram? |  
 Olhe, meu amigo, se você quer tirar das autoridades |  
 da Igreja Verdadeira aquele poder de perdoar |  
 pecados, que Cristo {lhes} lhe deu, seja logo franco |  
 e use dos seus poderes de “bispo” decretando a |  
 anulação daquelas palavras de Cristo... Porque, afinal |  
 de contas, você é “bispo” {que} e está em desacordo |  
 com aquele ato de Cristo. {e}, Portanto, decreto nêle... |

Mas você é “bispo” mesmo ou é apelido |  
 que lhe botaram? |

### **Adaptação de rascunho de carta 13 - Respondendo... III**

Respondendo... |

III |

Você escreve: “Como pastor de um rebanho devo procurar |  
 {aqueles} aquelas qualidades que honram os enviados de |  
 Deus a quem Ele colocou á testa de parte de {ser} seu |  
 grande rebanho e essas qualidades incluem a mansidão |  
 e a paz com todos.” Você se diz bispo, se |



diz “enviado de Deus”, francamente, você é gente muita |  
 mesmo!” Vamos ver esta paz e mansidão que vocês |  
 citam tanto. Vejamos se a mansidão em vocês sae |  
 da citação para a vida. Porque citar palavras evangelicas |  
 é uma coisa e viver vida evangelica é outra. |  
 Nesta mesma carta você escreve: – “Deus não é |  
 tão pobre que só tenha como seus suditos os crentes |  
 do Papa.” Isto, meu amigo, não é mansidão, é velhacaria. |  
 Porque você sabe que nós não somos “crentes |  
 do Papa.”, somos crentes de Deus e Sua Igreja. Nós |  
 catolicos, e o Papa, catolico, seus {irmão} irmãos em Cristo, pertencemos |  
 ao Rebanho de Cristo que é um só universal, |  
 “e é um só, e tem uma só fé e um só batismo;” |  
 a diferença entre um catolico e o Papa é de ordem hieraquica. |  
 Ele é chefe visivel do Rebanho, a por isto lhe obedecemos e |

o amamos... Cristo disse a Pedro: ..."Tu és Pedro e |  
 sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inf. [inferno] não. E eu te darei |  
 as chaves do reino dos Ceos. E tudo o que ligares na terra será |  
 ligado nos ceos e tudo o que desligares na terra será desligado tambem |  
 nos Ceos.” Eu roguei por ti para que tua fé não desfaleça, |  
 e tu, uma vez convertido, confirma os teus irmão.” {As} |  
 As portas do inferno, por intermedio de Lutero e seus comparsas, |  
 tem lutado satanicamente contra esta verdade do primado de São |  
 Pedro. Mas está escrito que as portas do inferno não prevalecerão. |  
 Passam Lutero e seus comparsas e a Igreja de Deus continúa, continúa |  
 firmemente edificada Sobre Pedro. {O Papa é} Pedro foi o |  
 primeiro Papa e enquanto houver mundo haverá sucessores de |  
 Pedro. Porque as portas do inferno não prevalecerão. |  
 Noutra trecho da mesma carta você escreve: “Como é diferente |  
 a santa tolerância do Cordeiro para o monarca |  
 que manda (o grifo é meu) queimar cristão porque |  
 não resou por sua cartilha!” Isto, meu amigo, |  
 não é mansidão, é calunia. Se você tivesse escrito |  
 mandou ainda se tolerava esplicando que você estava |  
 dando credito nos exageros e calunias que os inimigos da Igreja |  
 têm escrito sobre abusos da Inquisição. Escrever, porem, |  
 o verbo no presente, quando o mundo inteiro |  
 sabe que tal desgraça não existe, é perder completamente |  
 a noção de respeito aos outros e a si |  
 mesmo! A mansidão do Cordeiro não aconselhou |  
 a ninguem que caluniasse. Eu penso que a gente |  
 deve se preocupar mais {em} com viver o espirito do Evangelho |  
 de que com citar suas palavras. {do.} Não adianta |  
 ter Cristo na pena ou na boca, quando não |

se O {tenho} tem no coração e na vida. Citar a palavra de |  
 {humildades} humildades e mansidão do Evangelho, e escrever |  
 calunias e perfidias, não é ser cristão, não é viver o Evangelho |  
 em “espirito e verdade”... Nas citações ha mais preocupação |  
 em exhibir leitura e {de} em mostrar sabença, do que de ensinar |  
 e viver Cristianismo. |  
 Noutra carta, datada de 28-11-941 {você escreve isto} você diz: que em |  
 o “Protestantismo e o Brasil” Leonel Franca “derrama o |  
 rescaldo de sua ira sobre nós, não só com descomposturas |

como com calúnias clamorosas.” Isto, meu |  
 amigo, não é mansidão, é outra coisa. Você a {dizer} diz |  
 {mas} que um homem é autor de descomposturas e calúnias, |  
 sem provar nada disto, porque não pode provar, uma vez que... no livro referido |  
 não ha nenhuma descompostura e nenhuma calunia! Se |  
 {não} você não me provar a existencia de taes descomposturas |  
 e taes calúnias, fica provado que o |  
 caluniador não é Leonel Franca. |  
 Noutra carta sua, escrita de Campinas e datada |  
 de 20/5/937, você, se referindo ao Gastão de Oliveira, |  
 que deixava de ser pastor protestante para ser simples |  
 e humilde soldado da Igreja Catolica, tem as seguintes expressões: |  
 afirma que Gastão é “um homem de carater |  
 dobre, um mentecapto, idiota”, que “saíó das |

fileiras daqueles que sustentam o ideal da familia, |  
 para se mancumunar com os inimigos da familia, |  
 os incentivadores da mancebia, da imoralidade e da |  
 prostituição ilícita (?), que amesquinha, avilta e degrada |  
 a sociedade humana.” “Admira-se – continua |  
 você – que um homem que fala de espiritualismo, |  
 apanique os e do materialismo, com materialismo grosseiro, superticioso, sinuoso e vil que tem |  
 permeiado a civilização da humanidade.” Pouco mais |  
 adeante, você afirma: “choca-se o espirito de bôa fé |  
 que anseia pelos ideais da Patria, adere á opiniões patrioticas, |  
 diante da atitude dum homem (G. [Gustavo] Barroso) que prega |  
 a Patria e se alia e apoia um desabono dos verdadeiros |  
 patriotas e construtores da unidade espiritual de sua |  
 terra, (!!!) áqueles que não têm patria nem pensam nessa |  
 questão, aqueles cujo Deus é o ventre, cuja moral |  
 é a imoralidade, cuja familia são as concubinas |  
 de contrabando” |  
 Você, o homem que acusa, sem apresentar nenhuma |  
 prova, a Leonel Franca, taxando-o de autor |  
 de descomposturas e calúnias, você, meu amigo, |  
 é o autor destas palavras acima! Que distancia |  
 enorme entre citar palavras evangelicas e viver |  
 o espirito do Evangelho! (Você diz que os construtores da unidade espiritual do Brasil são os |  
 protestantes? Isto é serio ou é ?) |  
 “Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração.” |

Vocês gostam tanto de citar estas {estas} e muitas |  
 outras palavras evangelicas! Palavras de humildade, |  
 de tolerancia... Mas escrevem, sem pestanejar, |  
 estes horrores de odio e {acusações} acusação sem provas. |  
 E {você diz} diz você: “como pastor de um rebanho devo |  
 procurar aquelas qualidades que honram os enviados |  
 de Deus, etc.”. Parece que você esqueceu |  
 de procurar... |  
 Você poderá dizer que tambem eu não sou nada |  
 manso {é} e tolerante, nas minhas cronicas. Eu lhe respondo: |  
 não sou manso, mas tenho o cuidado de não |  
 fazer acusações sem provas ou calúnias. Tambem não sou tolerante |  
 porque não compreendo que um fanatico da Verdade |  
 possa ser tolerante com a mentira Tambem não sou hipocrita, |

para citar mansidão e escrever descomposturas. Foi de |  
 chicote em punho que Cristo expulsou os vendilhões |  
 {dos} do templo. E' de chicote em punho |  
 que eu quero lutar contra as mentiras de Lutero |  
 {e} e seus comparsas. A caneta de minha |  
 pena na luta contra a mentira, não há de ser |  
 um {tudo} {vidrinho} vidro de agua de flores, deve ser uma |  
 chibata. |

### **Adaptação de rascunho de carta 14 - Eudaldo amigo: Salutem! 5-2-942**

Eudaldo amigo: |  
 Salutem! 5-2-942 |  
 Recebi, ha pouco, a sua carta de 2 do corrente. |  
 Antes de tudo: hoje é a primeira sexta-feira |  
 de Fevereiro. Isto significa que assisti missa |  
 do Sagrado Coração de Jesus. Saí da Igreja Satisfeito, |  
 com o coração leve e claredades de sol dentro |  
 da alma. Foi {as} com o espirito assim que recebi minha |  
 correspondencia e li a sua carta. Ha um ponto |  
 dsta [desta] que merece uma explicação: – o fato de eu |  
 lhe ter remetido uma carta por intermedio de nosso amigo |  
 Frei Felix. Fiz isto pelo seguinte: Achei que, pelo interesse do assunto, |  
 o Frei Felix gostaria de le-la; pensei em tirar uma copia |  
 e remeter-lhe ({ao padre} a êle); depois resolvi eliminar |  
 este trabalho mandando a mesma por intermedio |  
 dele, com a autorização para a ler e se |  
 quizesse, {copia-la} a copia. Eu sabia que ele é seu amigo e |  
 não vi, por isto, nenhuma inconveniencia em fazel-o |  
 intermediario de uma carta para você, com autorização de |  
 lel-a antes de a entregar. Você, porem, achou decente |  
 julgar que eu quiz fazer de Frei Felix “estafeta de |  
 correio” e que eu pretendi tecer “uma entrigazinha”, |  
 Que Jesus seja testemunha de minha intenção |  
 e do seu julgamento. |  
 Tambem você achou decente e conveniente me |

aconselhar a aquisição de um exemplar da |  
 Gramatica de Eduardo Carlos Pereira, afirmando ser ela a melhor de nossas gramaticas. Não aceito o |  
 conselho, pelo seguinte: já possuió este livro. {Estou com você quando} |  
 Não tenho autoridade para {saber e ser ela a nossa melhor gramatica.} |  
 julgar o seu valor |  
 E', entretanto, a de minha preferencia. Neste ponto estamos |  
 de acordo. |  
 Uma pergunta, meu {amigo} Eudaldo: Haverá {praser} prazer sadico em |  
 quem não é sadico? Haverá prazer morbido em |  
 quem não é morbido? Afirmando-se que alguem |  
 tem {praser} prazer sadico e morbido, não se está afirmando |  
 que este é alguem é sadico e morbido? |  
 Porque transformar esta claresa em questão gramatical? |  
 Coisas da sabedoria Luterana... em |  
 que você se diz tecnico e eu que, graças ao |  
 meu bom Deus, sou {aprofundamente} perfeitamente ignorante! |

“Ô padre, me dê um santo.” Releia esta frase no |  
 Padre Fco e, depois, no Snr. [Senhor] Basilio. E veja se |  
 não descobre diferença de sentidos. {No} Em Snr. [Senhor] Basilio |  
 ha um sentido de chacota. Veja se nota |  
 o mesmo no padre. (1) |  
 A imparcialidade de “O Lidador” é contestavel. |  
 Pelo menos não quiz publicar minha carta aberta |

Não me arrependo do elogio que fiz ao livro |  
 protestante, a que você se refere. Foi um elogio |  
 merecido, tanto quanto a minha condenação |  
 ao livro do Snr. [Senhor] Basilio. No livro que |  
 pretendo publicar, sairão as duas referencias: {a fiz} |  
 carta aberta e o elogio. Você acha que |  
 estou com “coceira de publicidade”, e se demora |  
 na análise da sua sabedoria e da |  
 minha ignorancia. Meu amigo: creio |  
 sinceramente que sou indiferente ao juizo |  
 que façam de mim os protestantes e o mundo. |  
 Escrevo {atúo} e ajo com o pensamento no |  
 julgamento de Deus, o unico julgamento que me intereça. |  
 O julgamento de Deus e {de} da Igreja Catolica, o que vem |  
 a ser a mesma cousa. (2) |  
 O crime {dí} do Padre Luiz Santiago – Infelizmente, meu |  
 amigo, não é {a} o primeiro nem será {a} o ultimo que |  
 comete {tão infeliz} ato tão infeliz. E´ dos casos |  
 que devem ser motivos de compaixão e não de propaganda |  
 de seitas. Que a misericordia divina |  
 se compadeça de Luiz Santiago e de todos nós, pecadores. (xx) |

Meu caro: {Eudaldo: não quero ser} E´ preciso que eu não seja muito longo. |  
 Mesmo porque, {poderia ofende-lo} não lhe pode |  
 interessar muito {a conversa} a minha conversa |  
 sobre um assunto que não seja {Farmaceutica} Farmacia. |  
 No seu modo de ver, um farmaceutico só deve |  
 falar e escrever sobre farmacias {ao parece, você acha que só pode ter} |  
 Não quero ser longo, |  
 portanto. Não posso, porem, terminar esta, sem |  
 uma advertencia sobre um outro ponto de sua |  
 carta: aquele em que você diz que “ha bem |  
 pouco tempo” eu “clamava pelo estabelecimento |  
 do novo regime hitlerista no Brasil.” Meu |  
 amigo, esta afirmação é, simplesmente, fantastica! |  
 Eu, clamando “pelo estabelecimento do |  
 novo regime hitlerista no Brasil”? Quando, |  
 e onde, Eudaldo? Eu, hitlerista?! Louvado seja Deus! Depois de |  
 fazer uma afirmação desta natureza, sua |  
 consciencia ficará tranquila? Meu |  
 amigo: hoje é dia do Sagrado Coração de |  
 Jesus! Que Ele se compadeça de você. |  
 Que ele {senhor} tenha piedade de nós. Que o |  
 Sagrado Coração de Jesus ponha doçura |  
 nos nossos corações; nas nossas intenções. Que |  
 o nosso amor a Deus seja mais que as nossas |

verdades e presunções. 2 |  
 Meu caro Eudaldo: creia sinceramente na |  
 estima do seu velho companheiro de |  
 infância. Que o Sagrado Coração nos ilumine |  
 e nos ajude! |  
 Do seu velho amigo e irmão de |  
 infância, Eulalio Motta. 6-2-942 |

(1) Você diz, com ares de ameaça, que |  
 eu me lembre que você tem uma carta |  
 minha com “elogios notáveis” a um livro |  
 protestante. Meu caro: subsecrevo tudo que escrevi |  
 na carta referida. 2 Agora eu lhe pesso |  
 que lembre o seguinte: tenho uma carta sua |  
 em que você, depois de classificar o livro |  
 do padre Fco [Francisco] de infame, (linguagem luterana) diz que o Snr. [Senhor] |  
 Basilio “respondeu na mesma moeda”, |  
 quer dizer, portanto, que você classificou |  
 o livro do Snr. [Senhor] Basilio como infame e agora |  
 se levanta em defesa {do} deste livro. por |  
 você classificado de infame. Se você me |  
 disser que isto é decente, é bonito, é cristão |  
 Você diz que meu “cristianismo é raquitico”. |  
 Eu não sei que nome possa dar ao cristianismo |  
 de um individuo que classifica um |  
 livro de infame e depois o defende. |  
 Isto não é cristianismo, é luteranismo. 1’ |  
 (2) – Você me manda um livro de polemica; |  
 {dizendo} recomendando que era para eu ler e meditar. |  
 Eu lhe respondo que, para meditar, |  
 eu tenho o “Novo Test. [Testamento]”, “A Imitação de Cristo”, etc. Agora |  
 você conclúe, empossado, que comparei um livro |  
 da polemica com um de. E faz um |

estardalhaço em tôrno de tal conclusão. {E’} Isto é |  
 uma velha tecnica luterana já muito conhecida: |  
 fazer afirmações fantasticas, dizer que taes |  
 afirmação são do adversario, e depois cantam vitorias |  
 sobre taes afirmação... |  
 {Na} Numa de suas cartas anteriores, você se demorou na demonstração |  
 de sua competencia {dez} arrotando dez |  
 anos de curso, e que é um tecnico em cristianismo, |  
 e que sabe o assunto, e mais isto e mais |  
 aquilo, não se esquecendo de focalisar a minha |  
 ignorancia para demonstrar o chocante {o} do contraste: da sua |  
 grandeza com a minha pequenez. Nesta carta |  
 você volta a falar com insistencia, da sua |  
 sabedoria e da minha ignorancia. Você |  
 parece que vive absolutamente preocupado com |  
 a sua grandesa. Em Miguel Calmon um tabareo |  
 protestante me disse que você é um genio. |  
 Tome nota disto e fique contente. Que eu tambem |  
 estou muito contente com a minha |  
 ignorancia e pequenez. Nos Evangelhos |  
 na terra e dous referencias aos pequenos e pobres |

de espirito. (x) |

Vocês, protestantes, dizem: “Só a Bíblia é autoridade |  
em religião. Só nela devemos crer.” Todo |

ensino que\ nos vem dos homem, si não é o |  
texto da Bíblia, é usurpação e mentira.” E |  
agora { V [você] } me diz que não tenho autoridade para |  
falar de protestantismo uma vez que confesso não |  
conhecer os autores protestantes. Autores protestantes? |  
Pra que? Eu tenho a Bíblia. E |  
foi a leitura desta que mais concorreu para |  
me levar á Igreja de Jesus e me afastar |  
das de Lutero e seus comparsas. Os livros dos protestantes, meu |  
amigo, não interessam a quem quer conhecer Cristo. |  
Eu tenho a Bíblia e a Igreja. |

(x) Você diz que não responde de publico as |  
minhas { cartas abertas } carta aberta, porque eu sou pequeno |  
demais para se discutir com você que |  
é tão grande! Confere... Uma coisa eu lhe |  
afirmo: você deça ou não de sua torre da sabedoria eu continuaria a mim dever de falar e escrever em  
defesa da Igreja de |

Odio cristão – Aceito o que você diz sobre |  
este ponto. Afinal, sua carta não vem totalmente |  
vasia... Meus parabens. |

Você, para justificar as expressões amargas |  
de odio e de injurias do Snr. Basilio, vae |

aos Evangelhos |  
e traz à baila as palavras de Jesus condenando a |  
hipocrisia farisaica. A Bíblia na mão |  
do livro exame prova tudo, meu amigo, até |  
o baditismo e o assassinio. Um Snr. Basilio qualquer |  
vomita expressões de odios e injurias contra |  
alguem? O livre exame luterano corre em auxílio |  
do “cujo” e julga justificar as injurias citando |  
palavras { do } de Jesus a S. [São] Paulo. Na mão do livre exame desenfreado, |  
a Bíblia tem pano para todas as mangas. |

Isto é um assunto que merece um comentario |  
especial. Aliaz já { existem } existe muita coisa escrita |  
sobre este particular. Meu trabalho é apenas folhear |  
estudos e expô-los. { aos meu } Não esquecerei |  
de faze-lo, oportunamente. |

Você, se referindo ao Bispo { de } Dom Henrique Trindade, |  
entende de explicar porque “foi que ele não se fez |  
jesuita, fazendo julgamentos temerarios. E está escrito: |  
“Não julgueis.” |

Com a sua carta me vieram tambem um livro e um |  
prospecto, alem dos recortes de jornal. No prospecto |  
ha uma cousa que muito me interessou – um |

processo muito indecente de propaganda: { luterana } |  
{ protestante } protestantes escreveram { bobagens propagada ou } elogios |  
ás suas seitas, { dizendo-se } mascarados de catolicos, |  
e ainda assinando com o pseudonimo de |  
“Um catolico”. Que explorem a sinceridade |

do Padre Rohden, vá lá. Que, se digam |  
 catolicos e assinem suas {bobagens} tiradas |  
 com o pseudonimo de “Um catolico”, é |  
 que {os} é um abuso mais do que indecente, |  
 é cinico. Os catolicos tomem nota de mais |  
 esta dos comparsas de Lutero. |  
 (4) Você deça ou não deça de sua torre de sabedoria, eu |  
 continuarei a cumprir o meu dever de falar e escrever |  
 em defesa de minha Igreja que é a de Cristo, contra |  
 a sua, que é a de Lutero. Já lhe disse e repito: |  
 minha ignorancia não tem medo de sua sabedoria. |  
 Você me aconselha mais prudencia {mais prudencia} |  
 e mais siso. Eu lhe devolvo o conselho. |  
 diz que estou me palavra |  
 Em suas cartas e cartões e você tem se |  
 metido a me dar conselhos que lhe sobre como devo |

começar a minha ação catolica, etc. Sinto |  
 ter de lhe, lhe que você “está passando |  
 o pé adiante da mão”. Falta-lhe |  
 autoridade intelectual e moral para |  
 me dar conselhos. Não passo altura aos |  
 vales. Não passo luz á sombra. “Eu sou |  
 pequeno mas só fito os Andes”. Nas |  
 suas cartas você tem insistido em frisar |  
 a minha ignorancia. Devo-lhe dizer que |  
 “eu sou pequeno mas só fito os Andes.” |  
 1’ – Agora, meu amigo, escute: – Tenho, á mão, uma |  
 carta sua, datada de 28-11-941, na qual você |  
 diz, de referencia ao que o livro do Padre Fco [Francisco], {o seguinte} é um: |  
 “acervo de mentiras e injurias” escrito em |  
 “linguagem difamatoria”. E depois afirma: {que sobre} |  
 “O muito que, imparcialmente posso dizer |  
 do livro do Basilio, é que pagou com a |  
 mesma moeda (o grifo é meu). |

**Adaptação de rascunho de carta 15 - Eudaldo: Saudação / Em mãos a sua carta de 2 do corrente**

Eudaldo: Saudação |  
 Em mão a sua carta de |  
 2 do corrente, com o livro e os prospectos q a acompanham. |  
 Livros – Fiquei sentido de você ter adquirido |  
 “a Imitação de Christo” antes que eu lhe remetesse |  
 o prometido. Pretendo ir à Capital em Março e era |  
 minha intenção traser o exemplar que teria de mandar-lhe. Muito |  
 obrigado pela remessa do “A Igreja, o Papado e |  
 a Reforma”. E’ proposito meu adquirir todos os |  
 livros {daquela} da coleção da polemica com L. [Leonel] Franca. Você, |  
 com esta remessa, veio auxiliar-me na realização |  
 deste proposito. Por isto, repito, muito obrigado. |  
 Sempre que queira me escreva e remeter livros, conte |

com a minha boa vontade para os receber, ler |  
 e agradecer. Os demais assuntos de sua carta serão respondidos por outra via. Do seu conterrâneo e  
 amigo Eulalio Motta. 20/2/942. |  
 Disponha do seu velho amigo |  
 e companheiro de infância, |  
 Eulalio Motta. |

**Adaptação de rascunho de carta 16 - Eudaldo: Saudações / Em mãos a sua carta de 27 de  
 fevereiro**

Eudaldo: Saudações |  
 Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro, com um |  
 livro e a cópia da carta de Frei Felix. Muito obrigado |  
 Ciente do que você diz sobre “Imitação de Cristo”. Hei de |  
 mandar-lhe outro. Fico devendo. |  
 Aguarde a minha “Segunda carta aberta a um amigo”, |  
 ó qual seguirão mais duas publicações. Certamente |  
 você não gostará. Fui forçado a lhe responder, com justa |  
 indignação, certas acusações levianas, injustas e, as vezes, |  
 graves, que você faz contra mim. São as tais inconveniências |  
 inevitáveis das polemias. Neste terreno, nossas |  
 vaidades, presunções, amor próprio, falam muito mais |  
 alto que o nosso amor ao Cristo. Em tais discussões, |  
 quase sempre acontece esta desgraça: nós falamos e |  
 Deus silencia. |  
 Vou inscrever-me como sócio do, de modo |  
 que adquirirei ali, com porcentagens especiais, os livros |  
 a que me referi. Tenho o “Paulo de Tarso”, de Rhoden, |  
 e mais, do mesmo autor, “Maravilhas do Universo” e “Problemas |  
 do Espírito.” |  
 Muito obrigado pelo seu interesse em me auxiliar na |  
 aquisição dos livros a que me referi. |  
 Do conterrâneo e amigo |  
 Eulalio Motta. |  
 3-3-942. |

**Adaptação de rascunho de carta 17 - Eudaldo Saudações / Em mãos o jornalzinho com a  
 sua “Declaração Oportuna”**

Eudaldo |  
 Saudações |  
 Em mãos o jornalzinho com a sua “Declaração |  
 Oportuna”. No momento só lhe |  
 quero dizer o seguinte: – sua “declaração” |  
 não ficará sem resposta. A minha |  
 “ância caloura de publicidade” não sofrerá |  
 nenhuma pausa, nenhum esmorecimento |  
 com as suas tiradas e seus |  
 arrôtos de “técnica” no assunto. |  
 Continuemos. |  
 Eulalio. |



### Adaptação de rascunho de carta 18 - Eudaldo: Resposta oportuna

Eudaldo: Resposta oportuna |

Na tirada que você escreveu e publicou sob o |  
título de “Declaração oportuna”, num jornaleco |  
que me veio às mãos por intermedio de um |  
amigo, ha uns tantos pontos que merecem |  
uma resposta oportuna. Sua tirada é uma |  
serie de acusações, mascaradas com esta santice |  
hipocrita, caracteristicamente luterana. |  
Vejamolas. |

Primeira acusação Acusa-me de violador de uma corresponsencia |  
privada, {trazendo-os} dizendo que houve de minha |  
parte “quebra de etica sobre um assunto, por bons |  
motivos, particular.” Conversemos: você me mandou |  
um livreco; uma coisa portanto, publica; escrevo uma |  
carta aberta sobre o livreco, explicando que não o fazia |  
em carta particular, porque o assunto não {era de interesse} |  
interessava somente a mim e a você, era de interesse publico. Nada mais simples, |  
{e} mais natural, mais honesto. Você, porem, na sua |  
ancia de acusação, vem, todo apressadinho, todo |  
{afobado} afobadinho, todo sensibilisadosinho, transformar |  
um fato naturalissimo e trivialissimo, em quebra de etica, |  
etc. Fome de acusação. Sêde luterana de agredir. |  
{Segunda} Terceira acusação... –Acusa-me de incompetente para tratar |  
de um assunto que não é de minha profissão; e |

arrota sua competencia, para “versar, conforme |  
a metodologia cientifica, assuntos relacionados com |  
Teologia, Historia Ecclesiastica, Hermeneutica, Filosofia |  
e Logica. Aqui o pernorticismo luterano |  
se revelou conto por conto... Todo luterano, pricipalmente [principalmente] |  
os que se intitulam pomposamente |  
de pastores e ministros, é compenetrado |  
de que está entupidinho de ciencia |  
divina e que o resto das creaturas, {os} as que não |  
cursaram as escolas de preconceitos luteranos, são |  
{os} uns pobres diabos nulos que nem merecem a atenção |  
de uma resposta pacifica... Presunção e agua benta... |  
x (Na sua logica luterana, Pasteur nunca deveria ter se metido com Medicina porq. [porque] não era  
medico...) Meu amigo, escute: o farmaceutico Eulalio Mota |  
sabe ler; e tem uma estante, no qual existem, |  
sobre o assunto – Cristianismo – muitos autores, |  
verdadeiramente tecnicos no assunto, {o} que não |  
se podem, a não ser para fazer rir, comparar |  
com você. Seria comparar o globo terrestre com |  
um grão de areia. Estes autores têm qualidades |  
que faltam totalmente {a} em você: – Talento, cultura |  
e humildade. Eles não se dizem tecnicos no assunto |  
nem batem nos peitos gritanto arrogantemente: |  
“Eu sei o assunto!” Porque eles |

são membros da Igreja de Cristo, que ensina |  
 a humildade, e não das seitas protestantes de |  
 Lutero que {ensina} ensinam a presunção, o pedantismo, |  
 o compenetrismo enfatuatedos que se intitulam |  
 de técnicos, conforme a metodologia científica, etc. |  
 e tal... |  
 {Quinta} Quarta acusação – No tempo daquelas memoráveis |  
 agitações políticas, que sacudiram e |  
 vibraram a alma cabocla de meu Brasil |  
 brasileiro, um adversário político me acusou |  
 de vítima de um recalque... O camarada havia |  
 lido Freud e ficou todo cheio de si, procurando |  
 em quem aplicar sua sabedoria psicanalítica [psicoanalítica]... |  
 E eu fui a vítima: o camarada descobriu |  
 que eu sofria de um recalque amoroso |  
 que estava explodindo no setor político... |  
 E{´} agora foi você. Naturalmente {V [você]} leu Freud |  
 também e ficou vexadinho para aplicar sua |  
 sabedoria psicanalítica... Ainda uma vez, fui eu |  
 a vítima! O outro descobriu um recalque amoroso... |  
 explodindo no setor político! Você agora |  
 descobre um recalque político explodindo |  
 no setor religioso... Louvado seja Deus! |

Com que facilidade leviana! Com que |  
 serena estupidez essa gente se lança á |  
 temeridade de julgar os dramas de uma |  
 alma! razão teve Otavio de Faria |  
 quando afirmou que o mal do Brasil |  
 não é o analfabetismo e sim o semi-analfabetismo |  
 e {o} a pseudo-ciência pernóstica |  
 dos semi-letrados que se arrogam a {pastores} diretores |  
 de coletividades. {Louvado seja Deus!} Otavio de Faria tem razão! |  
 Terminando – Finalizando a sua tirada, você |  
 vem, todo blandício, evocando a memória |  
 daquele santo que foi meu Pae e seu Padrinho. |  
 Era o sôpro... depois da dentada. Você começou |  
 sua tirada me mordendo, precisava terminar me soprando... |  
 Processo-morcêgo. Processo luterano... |  
 Somos diferentes, meu amigo. Esta diferença, |  
 aliás, não é de hoje... Basta um olhar |  
 evocativo sobre a infância... Toda vida |  
 fomos diferentes... Pensando na sua infância, |  
 {[Eulalio Motta]} |  
 acho lógico que você tivesse achado sendo um pastor protestante |  
 pastor protestante... Confere... |

Segunda acusação – Acusa de eu estar anunciando |  
 espetacularmente a “Segunda carta |  
 aberta”. Isto é mentira! Vejamos: você |  
 respondeu a “Carta aberta”, com uma carta particular |  
 cheia de presunção e acusações levianas, |  
 {na qual você} dizendo-me que esta carta seria |  
 lida aos seus correligionários. Deste modo, |  
 deixava de ser particular, dando-me, portanto, |

o direito de responde-la publicamente. Daí |  
 `a “Segunda carta aberta”. Comuniquei-lhe, |  
 então, em carta particular, que as acusações |  
 ora injustas, ora graves, todas levianas, de sua |  
 carta, seriam devidamente respondidas em uma |  
 “Segunda carta aberta.” Você agora me aparece |  
 com essa novidade de que a “Segunda carta |  
 aberta” vem sendo anunciada espetacularmente” |  
 mente!, Como se eu a estivesse anunciando |  
 na imprensa, na radio e em todos |  
 os cartazes de todas as cidades do Brasil! |  
 Espetacularmente? Mentira! |  
 x Na sua “logica” luterana, Pasteur nunca deveria ter |  
 tratado de medicina, porque não tinha o curso |  
 e o diploma de medico! Só mesmo {de} “logica” de protestante! |

### **Adaptação de rascunho de carta 19 - Ponto final**

Ponto final |  
 Meu amigo: |  
 Estive relendo nossa correspondencia, sobre as nossas divergencias religiosas. Relendo suas |  
 cartas e as minhas. Relendo-as e {meditando} meditando-as com {o} |  
 o espirito de quem, faz um exame de consciencia. E cheguei á |  
 triste conclusão de que nossa correspondencia |  
 está horrivelmente vasia de Cristo. A vaedade, |  
 o orgulho, a presunção, o pedantismo, o odio, |  
 transbordam nas suas cartas; e as minhas |  
 tambem não podem receber melhor classificação. |  
 Daí o meu proposito de pôr um ponto final definitivo á nossa correspondencia. Já lhe disse em carta  
 particular e lhe repito: |  
 nestas discussões, nossa vaedade, nosso amor |  
 proprio, nossa presunção, falam muito mais |  
 alto que o nosso amor a Deus. Neste terreno acontece, |  
 quase sempre, esta desgraça: – nós falamos |  
 e Deus silencia. |  
 Ponhamo-nos em presença de Deus. E compreenderemos |  
 que as nossas discussões salpicadas de odio |  
 são um desrespeito á sua presença. |  
 Quando discutimos, descambando para o terreno |  
 das agressões pessoaes, esquecemos que Deus |  
 está presente! |  
 “Bemaventurados os mansos...” |  
 “Bemaventurados os pobres de espirito...” |

II |  
 gostamos de citar palavras evangelicas. Mas |  
 não adeantam as palavras onde não ha o espi- |  
 rito evangelico. Cristo não está em palavras |  
 que se {decoradas e citadas} decoram para citações. Está no espirito vivido. |  
 Está na sua Igreja contra a qual as portas do inferno nunca prevaleceram e nunca prevalecerão.  
 Deixemos o nosso orgulho, a nossa vaedade, |  
 {o nosso caboti [cabotinismo]} a nossa “sabedoria”, o nosso cabotinismo, a |  
 nossa ruindade. Para se conhecer e viver o Cristo, não |

precisa que seja doutor em cristianismo. É preciso |  
que se seja humilde, que se seja simples, que |  
a gente se faça criança. Só assim poderemos conhecer, |  
saber, amar, viver o Cristo. Sejam humildes. |  
Sem humildade nosso cristianismo é |  
uma farça. Sem Christo não ha salvação. E onde |  
não ha humildade não ha Cristo. Onde existe a arrogancia |  
a humildade não existe. E é de arrogancia |  
e não de humildade que estão {cheias as nossas discussões} cheia a nossa |  
correspondencia. Precisamos ser humildes. Precisamos |  
tomar juizo. Que o Sagrado Coração de Jesus |  
tenha piedade de nós! |  
Santa Maria, Mãe de Deus, rogae por nós pecadores! Eulalio Motta. |  
Março, 1942. |

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filólogo, ao exercer a sua atividade, encontra vários desafios que precisa enfrentar em virtude de elaborar uma edição que contemple as potencialidades dos documentos e as necessidades de seu público alvo. Ao assumir a responsabilidade de investigar documentos em suas diversas formas de comunicar, sejam elas verbais ou não verbais, e transcrevê-los, com o intuito de preservá-las, o filólogo também assume um compromisso com a confiabilidade de seu trabalho, que consiste em constituir um produto editorial representativo de um documento ou de toda uma tradição.

Cumprir o compromisso com a confiabilidade é uma tarefa árdua, demanda grande concentração e empenho do editor, que, sendo humano, por vezes, falha. No entanto, considera-se que a atividade filológica é colaborativa, o que facilita o desenvolvimento do trabalho e, no caso de acervos que são base de muitas pesquisas, sempre é possível contar com o auxílio dos colegas editores. Uma das maiores dificuldades que se enfrenta ao lidar com os documentos do acervo de Eulálio Motta é o fato de ele conter inúmeros rascunhos, um hábito de escrita de Motta, fazendo jus à metáfora de “oficina do escritor”. Esses documentos contêm camadas que cabe ao editor desvendar e revelar ao público, para que eles possam acessar, da forma mais inteira possível, o que nele consta.

Ao levar em conta que os rascunhos de Motta, em sua maioria, apresentam marcas físicas de manipulação empregadas por ele, coube pensar uma transcrição que pudesse representar as características deles em sua composição, o que foi feito por Barreiros (2013; 2015), ao propor operadores genéticos para realizar transcrições e aqui, nesta dissertação (cf. seção 2), ao discutir a natureza do rascunho e a transcrição genética, a que se acredita ser uma das possibilidades editoriais mais representativas, capaz de proporcionar ao leitor uma verdadeira amostra dos processos de escrita registrados no manuscrito. Houve também a adaptação e ampliação dos critérios e dos operadores genéticos para as transcrições propostos por Barreiros (2013; 2015) considerando as necessidades do *corpus*, necessidades estas que foram evidenciadas a partir das leituras de crítica genética acerca dos tipos de rasura.

Mais do que apresentar uma transcrição, a edição precisa responder a outras questões referentes aos documentos editados, como aspectos relacionados ao gênero ao qual o texto pertence – aqui, o epistolar – e, caso se tenha acesso a outros documentos do mesmo gênero escritos pelo mesmo escrevente, observar aspectos de seu manuseio, quais as características que este gênero revela, para quê, quem, onde, como e quando esse escrevente o produzia. No caso dos rascunhos de cartas, buscou-se explorar algumas questões como as características

deste gênero e os de sua forma como rascunho; a existência de algum indício pelo qual seja possível determinar se houve ou não envio de alguma carta e quais as repercussões geradas a partir disso; se os rascunhos de cartas apresentam características semelhantes; se há outros textos, de outro gênero, que revelem algo sobre o manuseio de cartas. Algumas dessas questões foram respondidas nesta dissertação (cf. seção 3) e podem vir a auxiliar o desenvolvimento de outros estudos similares no acervo do escritor Eulálio Motta.

Como respostas, sabe-se que, de acordo com Barreiros (2018), cerca de 30% dos rascunhos de cartas tiveram uma versão passada a limpo e enviadas e que todos os rascunhos destinados a Eudaldo Lima que se encontram no caderno FSJ passaram por esse processo de envio, o que é confirmado nesta dissertação. Observou-se que Motta realizava mais processos com rasuras quando o conteúdo do rascunho de carta era de caráter mais formal e apresentava debates intelectuais do que quando escrevia os rascunhos para amigos e familiares com assuntos cotidianos. Também foram encontradas anotações acerca do envio e recebimento de cartas, tanto no caderno *Anotações* (em maior quantidade) quanto no caderno *Farmácia São José*, e algumas informações foram importantes para tentar responder questões já levantadas em trabalhos realizados no acervo do escritor, como a existência da musa Edy.

Além disso, a edição também precisa dar conta de questões relacionadas à materialidade do documento por completo, tanto o suporte maior – caderno *Farmácia São José* – quanto o suporte menor – folha de caderno. Esses aspectos foram explorados nesta dissertação (cf. seção 4), bem como a estruturação da escrita do caderno, empreendida por Motta, e a descrição de todos os textos contidos no caderno. Para mais, também foi explorado o contexto de escrita do *corpus* editado, os dezenove rascunhos de cartas destinados a Eudaldo Silva Lima, que se encontram no caderno FSJ, buscando investigar seu contexto de escrita e sua sociabilidade – Quem produziu? Como era o envio? Quem leu? Por onde circulou? Como foi recebido? Qual o intuito da produção desse texto? Por quanto tempo ficou em evidência? Quais as consequências de sua leitura, recebimento ou publicação?

Como respostas, sabe-se, a partir da documentação, que Motta escreveu os rascunhos de cartas, as passou a limpo – não se sabe se foi da mesma forma como constam nos rascunhos ou se gerou uma versão diferente – e as enviou para Eudaldo, que respondia prontamente, de acordo com citações de Motta nos rascunhos que revelam vestígios dos escritos de Eudaldo. O envio poderia ser parte por meio de correios, mas sabe-se, de acordo com os rascunhos, que Motta enviava cartas por um intermediário, Frei Felix, amigo em comum dele e de Eudaldo. Os rascunhos também revelam que Motta autorizou Frei Felix a ler e a copiar uma correspondência destinada a Eudaldo, mas não se sabe se esta carta foi copiada

e se circulou. Sabe-se, além disso, que Motta mudou uma carta privada para aberta (pública) nos rascunhos, motivada pelo fato de Eudaldo ter exposto uma carta privada anteriormente, o que fez com que Motta se sentisse no direito de responder publicando uma carta aberta em avulso (panfleto). A recepção, por parte de Eudaldo, das cartas que foram enviadas por Motta não foi amigável e isso fica claro pelos vestígios das respostas apresentadas por meio de citações e comentários de Motta nos rascunhos de resposta.

O intuito da escrita desses textos foi a promoção de um debate religioso entre protestantismo e catolicismo, visando realizar comentários de textos literários religiosos e, por parte de Motta, para gerar conteúdos que pudessem ser fontes de escrita no seu movimento de Ação Católica. As respostas dessas questões são importantes para o entendimento da existência desse volume de rascunhos de cartas, bem como para compreender parte dos usos que Motta fez do gênero carta e entender um pouco sobre a construção do pensamento religioso do autor – no contexto do caderno FSJ, seus questionamentos e aspirações, além de seus relacionamentos interpessoais com seu amigo de infância, destinatário dos rascunhos de cartas. Editar rascunhos, em geral, é uma tarefa desafiadora, devido aos diversos elementos materiais e processuais que dificultam a leitura do documento. Os rascunhos de cartas, além dessa dificuldade, exigem uma leitura que dialogue com outros rascunhos de cartas para se pensar em narrar uma concatenação em virtude do entendimento do seu contexto, o que demanda grande atenção e tempo para ser realizado. Assim, é possível que este trabalho venha a contribuir, futuramente, para o delineamento de uma filologia do rascunho que busque explorar as inúmeras possibilidades que este objeto proporciona ao editor e que não é amplamente investigado no âmbito da filologia.

Por fim, buscando estabelecer um diálogo entre a filologia e a linguística computacional, foi feita a discussão sobre a adaptação da transcrição genética, realizada a partir do *corpus*, em virtude de seu processamento no *software AntConc* voltado para análise estatística e levantamento lexical. Essa etapa foi importante, pois será elaborado, posteriormente, o vocabulário religioso dos textos em prosa do caderno *Farmácia São José*. A metodologia empregada na adaptação, aqui apresentada (cf. seção 4), será utilizada na adaptação das transcrições genéticas dos demais textos a serem editados, no futuro. Essa discussão se apresenta relevante, tendo em vista que outros trabalhos desta natureza poderão ser realizados com textos que contam com o mesmo tipo de transcrição, não só de Eulálio Motta, mas também de outros escritores, podendo se beneficiar da discussão e da metodologia proposta nesta dissertação para a realização de suas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Solange Dias de Santana. **A Igreja Católica na Bahia: fé e política**. 2003. 216f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- ANTHONY, Laurence. **AntConc** (Versão 3.5.8) [*Software* de Computador]. Tóquio, Japão: Universidade de Waseda. 2014. Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA. **Dep. Basílio Catalá**. Disponível em: <https://www.al.ba.gov.br/deputados/ex-deputado-estadual/5000095>. Acesso em: 12 jul. 2020.
- AZORÍN FERNÁNDEZ, Dolores. La lexicografía como disciplina lingüística. In: MEDINA GUERRA, A. M. (coord.) **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003, p. 31-52.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria. (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001, p. 23-45.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: SIMPÓSIO LATINO AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 2, 1990. **Anais...** Brasília, 1990.
- BARREIROS, Liliane L. S. **Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta**. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016.
- BARREIROS, Liliane L. S. **Vocabulário de Eulálio Motta**. 360f. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2017.
- BARREIROS, Patrício Nunes. **Cantos tristes, no cemitério da ilusão: edição dos sonetos de Eulálio de Miranda Motta**. 2007. 346f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) - Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2007.
- BARREIROS, Patrício Nunes. **Edição Digital da correspondência de Eulálio Motta**. 2018. 48f. Relatório (Estágio de Pós-Doutorado) - Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018, (acesso restrito).
- BARREIROS, Patrício Nunes. Imagens de Eulálio Motta: comemoração dos 20 anos de pesquisa no acervo do escritor. **Léngua & Meia**, Brasil, n. 9, v. 1, p. 123-145, 2019.
- BARREIROS, Patrício Nunes. **O Pasquineiro da Roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2015.
- BARREIROS, Patrício Nunes. **O Pasquineiro da Roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta**. 2013. 666f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.



BARREIROS, Patrício Nunes. **Sonetos de Eulálio Motta**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

BARREIROS, Patrício Nunes. Por uma abordagem da História Cultural das práticas de escrita na edição de textos. **Alea: Estudos Neolatinos**. Brasil, vol. 19, n. 2, p. 389-414, 2017.

BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

BIASI, Pierre-Marc. **A genética dos textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BIDERMAN, Maria Tereza C. **Análise Computacional de Fernando Pessoa** (Ensaio de Estatística Léxica). Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 1969.

BOAVENTURA, Tainá Matos Lima Alves. **Edição do livro inédito Flôres e Espinhos, de Eulálio Motta**. 2018. 216f. Orientador: Patrício Nunes Barreiros. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) - Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

BORGES, Rosa. Edição Crítica em perspectiva genética. In: BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de; MATOS, Eduardo Silva Dantas de; ALMEIDA, Isabela Santos de. **Edição de Texto e Crítica Filológica**. Salvador: Quarteto, 2012, p. 60 -105.

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de; MATOS, Eduardo Silva Dantas de; ALMEIDA, Isabela Santos de (Org.). **Edição de Texto e Crítica Filológica**. Salvador: Quarteto, 2012.

BORGES; Rosa; SOUZA; Rosa e Arivaldo Sacramento de. Filologia e edição de texto. In: BORGES, Rosa et al. **Edição de Texto e Crítica Filológica**. Salvador: Quarteto, 2012, p. 15 a 59.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CERQUIGLINI, Bernard. Une nouvelle philologie. In: **Philologie a l'ere de l'internet**, 2000, Budapeste. Disponível em: <http://magyar-irodalom.elte.hu/colloquia/000601/cerq.htm>. Acesso em: 15 de jun. 2020.

CINTRA, Pâmella Araújo da Silva. **Edição dos poemas do livro Luzes do Crepúsculo**. 2019. 301f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) - Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

DESIDÉRIO, Maria Rosane Vale Noronha. **Edição da poesia avulsa de Eulálio Motta**. 2019. 514f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) - Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

DIAZ, Brigitte. **O Gênero Epistolar ou o Pensamento Nômade: Formas e Funções da Correspondência em Alguns Percursos de Escritores no Século XIX**. Traduzido por: Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

DUARTE, Luiz Fagundes. **Glossário de Crítica Textual**. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, [1997-]. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm>. Acesso em: 23 de fev. de 2020.

FARIA, Maria Isabel Ribeiro de; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro electrónico**. Coimbra: Edições Almedina, SA, 2008.

HAY, Louis. **Literatura dos escritores: questões de crítica genética**. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007 [2002].

HAYFORD, Harrison; SEALTS JR., Merton M. (Orgs.). **Billy Budd, Sailor: an inside narrative**. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

HINOLOGIA CRISTÃ. **Eudaldo Silva Lima**. [2018-] Disponível em: <http://www.hinologia.org/eudaldo-silva-lima/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

KLING, Mary-Jo. **A guide to documentary editing**. 2 ed. London: The Johns Hopkins Press Ltd., 1998.

LIMA, Dante de. **Mundo Novo, Nossa Terra, Nossa Gente**. 4ª ed. Salvador: Contemp, [1998] 2016.

LIMA, Eudaldo Silva. Declaração oportuna. **O Lidador**, Jacobina, ano IX, n. 384, p. 4, 08 mar. 1942.

LIMA, Eudaldo Silva. **Romeiros de meu caminho**. Brasília: Itamarati, 1981.

LOIS, Élida. **Génesis de escritura y estudios culturales: introducción a la crítica genética**. Edicial S.A., Buenos Aires, ed.1, 2001.

MARQUILHAS, Rita. Filologia. In: CEIA, Carlos. (Org.). **E-Dicionário de Termos Literários**. 26 de dezembro de 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/filologia/>. Acesso em 20 abr. de 2020.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografía y sociología de los textos**. Madrid: Akal, 2005.  
MORAES, Marcos Antonio de (Org.). **Correspondência Mario de Andrade e Manuel Bandeira**. São Paulo: Edusp/IEB, 2001.

MENDONÇA, Fábio Lúcio Lopes de. **Proposta de arquitetura de um sistema com base em OCR neuronal para resgate e indexação de escritas paleográficas do sec. XVI ao XIX**. 2008. 118 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Elétrica) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MILEVISKI, Robert J. **Manual de pequenos reparos em livros**. 2.ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001.

MOREIRA, Marcello. **Crítica Textualis in caelum revocata?: uma proposta de edição e estudo da tradição de Gregório de Matos e Guerra**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. a) Meu amigo: | Você, protestante convicto. [S.l.]. [1941c]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro). [S.l.]. [1941b]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo amigo Salutem! | Ausente, em trabalhos na Fazenda. [S.l.]. [1941f]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo amigo: Respondendo... I. [S.l.]. [1942d]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo amigo: Salutem! | Por intermedio de um amigo Frei Felix. [S.l.]. [1942b]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo amigo: Salutem! | Acabo de ler “O Papado e a Infallibilidade”. [S.l.]. [1942c]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo amigo: Salutem! 5-2-942. [S.l.]. [1942g]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo amigo: Saudações | Na minha primeira cronica sobre o livro do Snr. Basilio. [S.l.]. [1941e]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo Saudações | Em mãos o jornalzinho com a sua “Declaração Oportuna”. [S.l.]. [1942j]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo: Resposta oportuna. [S.l.]. [1942i]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo: Salutem | Em mãos a sua carta de 31 de dezembro. [S.l.]. [1942a]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago.

In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo: Salutem! | Em mãos a sua carta de 20 do corrente. [S.l.]. [1941g]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo: Saudação | Em mãos a sua carta de 2 do corrente. [S.l.]. [1942h]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Eudaldo: Saudações | Em mãos a sua carta de 27 de fevereiro. [S.l.]. [1942i]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Meu amigo: | Promessa é dívida. [S.l.]. [1941d]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Meu caro Eudaldo: Saudações. [S.l.]. [1941a]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Ponto final. [S.l.]. [1942m]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Respondendo II | Eudaldo: Há ou não há intermediário?. [S.l.]. [1942e]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. [**Correspondência**]. Respondendo... III. [S.l.]. [1942f]. Carta pessoal. Editado por Stephanie da Cruz Santiago. In: MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Farmácia São José**. 1940 a 1945. EA2.3.CV1.03.001.

MOTTA, Eulálio de Miranda. **Evocações, Eureka**. Mundo Novo: Avante, 1942.

MOTTA, Eulálio. Caderno **Farmácia São José**. EA2.3.CV1.03.001, [S.l.], [entre 1940 e 1945].

MOTTA, Eulálio. Espiritismo. **Mundo Novo**, Mundo Novo, ano XI, n. 199, p.6, 25 dez. 1931.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. Apresentação. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998, v. 1, p. 7-9.

OTHERO, Gabriel. **A Linguística Computacional**: uma breve introdução. Letras de Hoje (PUCRS), Porto Alegre, v. 41, n. 2, 2006, 341-351.

PAGLIONE, Camila Zanon. **Glossário Visual de Conservação**: Um Guia de Danos Comuns em Papéis e Livros. São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2017.

PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel. **La edición de textos**. 2 ed. Madrid: Editorial Síntesis S. A., 2011.

PINO, Claudia Amigo. ZULAR, Roberto. **Escrever sobre escrever**: Uma introdução crítica à crítica genética. Ed. 1, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2007.

PINTO, Patricia Silva. **Eulálio Motta**: o poeta da saudade. 2020. 110f. Orientador: Adeílto Manoel Pinho. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) - Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020.

ROCHA, Juliana Pereira. **Edição de Trovas de Eulálio Motta**. 2018. 376f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) - Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

RUBIA. **Ceguei!**. Panfleto, [S.l.], [198-].

SANTIAGO, Iago Gusmão; SANTIAGO, Stephanie da Cruz; BARREIROS, Liliane Lemos Santana; BARREIROS, Patrício Nunes. O acervo do escritor e sua conectividade rizomática. **Léngua & Meia**, Brasil, n. 9, v. 1, p. 101-122, 2019.

SANTIAGO, Iago Gusmão. SANTIAGO, Stephanie da Cruz; BARREIROS, Patrício Nunes. **A interface rizomática do acervo**: construção do dossiê arquivístico para elaboração de edições digitais. *A Cor das Letras (UEFS)*, Feira de Santana: v. 18, n. 2, p. 45-67, 2017.

SANTOS, Fernando Santana de Oliveira. **Intelectual de(a) Ação**: a militância integralista de Eulálio de Miranda Motta no interior da Bahia (Mundo Novo, 1932-1947). 2018. 219f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2018.

SANTOS, Sheila Cardoso dos. **A poesia amorosa de Eulálio Motta**. 2020. 142f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) - Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020.

SANTOS, Taylane Vieira dos. **Edição de Canções de meu caminho de Eulálio Motta**. 2017. 366f. Orientador: Patrício Nunes Barreiros. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) - Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.

SHILLINGSBURG, Peter L. **Scholarly editing in the computer age**: theory and practice. 3. ed. Michigan: University Michigan, 2004.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal**: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. 2002. 209f. Tese

(Doutorado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

SILVA, Sabrina de Santana Silva. **Edição dos rascunhos de cartas de Eulálio Motta no caderno Monitor**. 2020. 202f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) - Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da crítica textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. 1994. **Introdução à edótica: crítica textual**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poética/EDUSP, 1994.

TELLES, Célia Marques. Textos escritos por mãos inábeis, sua importância para o estudo da fonologia. **Calidoscópico**, Brasil, n. 1, v. 6, p. 28-36, 2008.

TELLES, Célia Marques. Léxico e edição semidiplomática. *In*: SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina; BIDARRA, Jorge (org.). **Pesquisas sobre léxico: reflexões teóricas e aplicação**. Campinas (SP); Cascavel (PR): Pontes; EDUNIOESTE, 2012, p. 137-158.

TRINDADE, Joilma Maria de Freitas. **Estudo toponímico nos panfletos de Eulálio Motta**. 2020. 151f. Orientadora: Liliane Lemos Santana Barreiros. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020.

UEFS/CONSEPE. Resolução CONSEPE No 070/2016. Aprova o Projeto de Pesquisa **Edição das Obras Inéditas de Eulálio de Miranda Motta** (IV Etapa), sob a coordenação do Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade, financiado pela FAPESB. Feira de Santana-BA: D.O.E., 2 set. 2016.

UEFS/CONSEPE. Resolução CONSEPE No 128/2008. Aprova o Projeto de **Pesquisa Edição das Obras Literárias Inéditas de Eulálio de Miranda Motta**, sob a coordenação do Prof. Patrício Nunes Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade. Feira de Santana-BA: D.O.E., 27 ago. 2008.

UEFS/CONSEPE. Resolução CONSEPE Nº 137/2017. Aprova o Projeto de Pesquisa **Estudos lexicais no acervo de Eulálio Motta**, sob a coordenação da Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade. Feira de Santana-BA: D.O.E., 12 dez. 2017.

WILLIAMS, William P.; ABBOTT, Craig S. **A introduction to bibliographical and textual studies**. 3 ed. New York: The Modern Language Association of America, 1999.